



W. SOMERSET MAUGHAM

O fio da navalha

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

W. Somerset Maugham nasceu em Paris, em 1874. Foi o sexto e mais novo filho do procurador da embaixada britânica e a primeira língua que aprendeu foi francês. Ficou órfão aos dez anos, quando foi mandado para a Inglaterra para viver com seu tio, o vigário de Whitestable. Formou-se médico em 1897. Abandonou a medicina após o sucesso de seus primeiros romances e peças de teatro.

Viveu em Paris por dez anos como escritor. Seu primeiro romance, *O pecado de Liza*, foi lançado em 1897 e sua primeira peça, *A Man of Honour*, foi produzida em 1903. O sucesso literário veio com *Servidão humana*, de 1915, que é considerada sua obra-prima. Autor de uma extensa obra, que inclui contos, novelas, romances, peças teatrais, ensaios e narrativas de viagens, Maugham é considerado um mestre da narrativa curta e da comédia de costumes. Sua habilidade técnica para construir enredos foi comparada à de Guy de Maupassant, pois, tal como o grande escritor francês, era capaz de tornar aceitável ao leitor o tema mais sórdido.

Disfarçado como repórter, Maugham trabalhou para a Inteligência Britânica na Rússia durante a Revolução Russa de 1917, mas sua saúde precária abreviou-lhe a carreira de detetive. Várias outras obras de Maugham foram levadas para o cinema – como, por exemplo, *O agente secreto*, que em 1936 foi filmado por Alfred Hitchcock, e *O fio da navalha*, estrelado por Tyrone Power, em 1946, e por Bill Murray, em 1984.

Depois dos anos 1930, a reputação de Maugham no exterior era maior que na Inglaterra. Mas, apesar de sua popularidade, ele nunca obteve o reconhecimento da crítica. Em 1927 mudou-se para Mauresque, uma *villa* na Riviera Francesa. Morreu aos 91 anos, em dezembro de 1965.

W. SOMERSET MAUGHAM

O fio da navalha

Tradução de Lino Vallandro e Vidal Serrano

GLOBOLIVROS

Copyright © by The Royal Literary Fund

Copyright da tradução © 2009 by Editora Globo s.a.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo no 54, de 1995).

Título original: *The razor's edge*

Revisão: Valquíria Della Pozza e Otacílio Nunes

Projeto gráfico de miolo: Marina Mayumi Watanabe

Suplemento de leitura: Ricardo Lísias

Edição de imagem e arte-final de capa:
Andrea Vilela de Almeida

Produção e diagramação: S2 books

1ª edição, 1945 [8 impressões]; 2ª edição, 1974 [5 impressões]; 3ª edição, 2002.

1ª edição, Globo de Bolso, 2009

Dados Internacionais da Catalogação na
Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro,
SP, Brasil)

Maugham, W. Somerset, 1874-1965.

O fio da navalha / W. Somerset Maugham; tradução de Lino Vallandro e Vidal Serrano. – São Paulo: Globo, 2009. – (Coleção Globo de bolso)

Título original: The razor's edge. isbn 978-85-250-4773-1

isbn 978-85-250-53466

517kb; ePUB

1. Romance inglês i. Título. ii. Série.

09-10094

cdd-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura inglesa

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos
por Editora Globo s.a.

Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo –
spwww.globolivros.com.br

Sumário

Capa

Sobre o Autor

Folha de Rosto

Créditos

Um

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Dois

1

2

3

4

5

6

7

Três

1
2
3
4
5

Quatro

1
2
3
4
5
6
7
8
9

Cinco

1
2
3
4
5
6
7
8
9

Seis

1

2

3

4

5

6

7

8

Sete

1

2

3

4

5

6

Suplemento de leitura

Um

1

Nunca senti maior apreensão ao começar um romance. E se digo romance é por não saber de que outra maneira chamá-lo. Não tem grande enredo, não acaba com morte nem com casamento. A morte põe termo a todas as coisas e é, portanto, fim lógico para uma história; mas também o casamento é solução muito correta e os *blasés* fariam mal em escarnecer daquilo que comumente se diz que "acabou bem". O instinto popular anda acertado ao afirmar que, com isto, tudo o que devia ser dito foi dito. Quando, depois de inúmeras vicissitudes, macho e fêmea finalmente se reúnem, sua função biológica foi cumprida e o interesse passa à geração vindoura. Mas estou deixando o meu leitor no escuro. Este livro consiste nas recordações que tenho de um homem com quem, em épocas muito espaçadas, tive íntimo contato; mas pouco sei do que lhe aconteceu nos intervalos. Creio que, recorrendo à imaginação, eu poderia preencher plausivelmente as lacunas e tornar mais coerente a minha narrativa; mas a tal não me sinto atraído. Quero unicamente relatar fatos de que tenho conhecimento.

Há anos escrevi um romance intitulado *Um gosto e seis vinténs*. Nele, destaquei um famoso pintor, Paul Gauguin, e, valendo-me do privilégio do romancista, imaginei vários incidentes, no intuito de ilustrar o tipo que eu criara inspirado nos escassos fatos que conhecia da vida do artista francês. Na obra atual nada tentei de semelhante. Não inventei coisa alguma. Para poupar constrangimento a pessoas que ainda vivem, dei aos personagens desta história nomes fictícios e procurei, por outros meios, evitar que sejam reconhecidos. O homem sobre quem escrevo não é célebre; talvez nunca chegue a sê-lo. É possível que, ao atingir o fim da vida, não deixe, de sua passagem pela terra, vestígio maior que aquele que a pedra, atirada ao rio, deixa na superfície das águas. Neste caso, se o meu livro for lido, sê-lo-á exclusivamente

pelo interesse intrínseco que possa ter. Mas é possível que o gênero de vida que esse homem escolheu para si próprio e a singular força e doçura do seu caráter tenham uma influência sempre crescente sobre seus semelhantes, de modo que, mesmo muito tempo depois de sua morte, talvez se compreenda que nesta época viveu uma criatura extraordinária. Ficaré, então, claro sobre quem escrevi neste livro, e aqueles que desejarem conhecer alguma coisa dos primeiros anos da existência desse homem talvez aqui encontrem algo que lhes satisfaça. Creio que o meu livro, dentro de suas possibilidades, que reconheço limitadas, será uma útil fonte de informações para os biógrafos do meu amigo.

Não é minha intenção fazer crer que as conversas foram registradas literalmente. Não tomei nota sobre o que foi dito nesta ou naquela ocasião, mas tenho boa memória quanto ao que me diz respeito e creio que, embora expressas em minhas próprias palavras, essas conversas representam fielmente o que foi dito. Há pouco declarei nada ter inventado; quero agora modificar essa asserção. Tomei a liberdade, que desde o tempo de Heródoto os historiadores têm tomado, de pôr nos lábios dos meus personagens palavras que eu, pessoalmente, não poderia ter ouvido. Agi pela mesma razão que os fez agir; para dar vida e verossimilhança a cenas que teriam sido incolores se apenas relatadas. Quero ser lido, e creio estar no meu direito quando faço o possível para tornar agradável a leitura do meu livro. O leitor inteligente facilmente perceberá em que ocasiões me vali deste artifício e tem toda a liberdade de rejeitá-lo.

Outro motivo que me fez iniciar esta obra com apreensão foi o fato de eu aqui lidar a maior parte do tempo com americanos. É difícil a gente compreender bem as criaturas e não creio que possamos conhecer ninguém a fundo, a não ser os nossos próprios compatriotas. Pois os homens não são somente eles; são também a região onde nasceram, a fazenda ou o apartamento da cidade onde aprenderam a andar, os brinquedos com que brincaram quando crianças, as lendas que ouviram dos mais velhos, a comida de que se alimentaram, as escolas que

frequentaram, os esportes em que se exercitaram, os poetas que leram e o Deus em que acreditaram. Todas essas coisas fizeram deles o que são, e essas coisas ninguém pode conhecê-las somente por ouvir dizer, e sim se as tiver sentido. Só pode conhecê-las quem é parte delas. E, por não se poder conhecer as pessoas de um país estrangeiro a não ser por observação, é difícil torná-las reais nas páginas de um livro. Mesmo um observador sutil e cuidadoso como Henry James, embora tivesse vivido quarenta anos na Inglaterra, jamais conseguiu criar um inglês que fosse cem por cento inglês. Quanto a mim, a não ser em alguns contos, nunca tentei manejar a não ser os meus próprios compatriotas; e se nas histórias curtas me aventurei à exceção, foi porque nelas o escritor pode tratar os tipos mais sumariamente. Dá ao leitor indicações gerais e deixa por conta dele os detalhes. Possivelmente perguntarão por que motivo, já que transformei Paul Gauguin em inglês, não pude fazer o mesmo com os personagens deste livro. A resposta é simples: não pude. Eles não teriam sido quem são. Não quero dizer que sejam americanos como os americanos veem a si mesmos; são americanos, sob o ponto de vista inglês. Não tentei reproduzir as singularidades do seu modo de falar. A barafunda que fazem os escritores ingleses quando se atiram à empreitada só pode ser comparada à confusão que fazem os escritores americanos quando tentam reproduzir o idioma inglês como é falado na Inglaterra. A gíria é a grande arapuca. Nos seus contos ingleses, Henry James sempre fez uso dela, mas nunca da mesma maneira que os ingleses; assim sendo, em vez de conseguir o desejado efeito coloquial, a maior parte das vezes dá ao leitor inglês um desagradável sobressalto.

2

Aconteceu-me estar em Chicago em 1919, a caminho do Extremo Oriente, pretendendo, por motivos que nada têm com esta história, ali me demorar durante duas ou três semanas. Pouco tempo antes eu publicara um romance que obtivera sucesso; estando, portanto, em evidência, fui entrevistado assim que desembarquei.

No dia seguinte meu telefone tocou. Atendi.

– Quem fala aqui é Elliott Templeton.

– Elliott? Pensei que você estivesse em Paris.

– Não; vim visitar minha irmã. Queremos que você venha almoçar conosco.

– Com muito prazer.

Ele indicou a hora e o endereço.

Meu conhecimento com Elliott datava de quinze anos. Na ocasião em que me telefonou ele devia estar perto dos sessenta anos, homem alto e elegante, de traços agradáveis e espessos cabelos escuros e ondulados, com a nota grisalha apenas suficiente para acentuar a distinção de sua aparência. Ele comprava os acessórios de toalete em Charvet, mas seus ternos, chapéus e sapatos eram de Londres. Tinha em Paris um apartamento na Rive Gauche da elegante Rue St. Guillaume. As pessoas que não o apreciavam diziam que ele era negociante, acusação que o indignava. Elliott tinha gosto e entendia de arte, não se importando de confessar que, em anos idos, quando pela primeira vez se instalara em Paris, dera a ricos colecionadores o favor de sua opinião; e, quando devido às suas relações sociais ouvia falar de algum fidalgo arruinado, inglês ou francês, que estava disposto a vender um bom quadro, ficava satisfeito de poder pô-lo em contato com os diretores de museus americanos que, acontecia ele saber, estavam à procura de uma obra-prima de tal ou tal mestre. Havia na França e na Inglaterra muitas famílias

antigas cujas circunstâncias as obrigavam a dispor de uma peça assinada, de Buhl, ou de uma escrivaninha feita pelo próprio Chippendale, se o negócio pudesse ser feito sem alarde, e que gostavam de conhecer um homem de grande cultura e finas maneiras que saberia tratar discretamente do assunto. Supunha-se, naturalmente, que Elliott lucrava com essas transações, mas a boa educação não deixava que se tecessem comentários a respeito. Pessoas pouco generosas afirmavam que em seu apartamento tudo estava à venda e que, depois de ter oferecido a milionários americanos um ótimo almoço, com vinhos velhos, uma ou duas de suas valiosas telas desapareceriam, ou uma cômoda de madeira entalhada seria substituída por uma outra, laqueada. Quando lhe perguntavam por que razão sumira determinada peça, ele muito logicamente explicava que não a achara bem à sua altura e resolvera, portanto, substituí-la por outra de superior qualidade. Acrescentava que era enfadonho estar sempre a ver as mesmas coisas.

– *Nous autres américains*, nós, americanos, gostamos e variar – dizia ele. – É, ao mesmo tempo, a nossa fraqueza e a nossa força.

Algumas das senhoras americanas residentes em Paris, que se gabavam de saber tudo a respeito de Elliott, diziam que sua família era muito pobre e que, se ele conseguia manter-se no padrão em que vivia, era por ter sido muito hábil. Não sei a quanto montava a sua fortuna, mas o duque de quem era inquilino certamente o fazia pagar muito pelo apartamento que, além do mais, era mobiliado com peças de valor. Havia, nas paredes, desenhos dos grandes mestres franceses, Watteau, Fragonard, Claude Lorraine e outros; tapetes Savonnerie e Aubusson exibiam sua beleza em soalhos de parquet; e na sala de visitas havia um conjunto Luís xv, em *petit paint*, de tal elegância que poderia ter pertencido, como afirmava ele, a madame Pompadour. Em todo caso, Elliott possuía bastante para viver no estilo que considerava correto para um cavalheiro, sem precisar para isso ganhar dinheiro, e o método que no passado usara para consegui-lo era assunto que, a não ser

que se quisesse romper relações com ele, era conveniente evitar. Liberto assim de preocupações materiais, ele se dedicou à paixão máxima de sua vida – relações sociais. Suas transações comerciais com os fidalgos empobrecidos, tanto na França como na Inglaterra, consolidaram a posição que ele conseguira ao chegar à Europa, moço, com cartas de apresentação a pessoas importantes. Sua origem o favorecia aos olhos das titulares americanas a quem vinha recomendado, pois ele pertencia à antiga família da Virgínia, e do lado materno podia reclamar parentesco direto com um dos signatários da Declaração da Independência. Tinha boa aparência, era vivo, dançava bem, atirava regularmente e sobressaía no tênis. Era elemento que valia a pena ter-se em qualquer festa. Ninguém mais pródigo, em se tratando de flores e caixas de bombons. Embora recebesse pouco, quando o fazia era com originalidade que agradava; aquelas ricas achavam divertido ser convidadas a restaurantes boêmios no Soho ou bistrôs no Quartier Latin. Ele estava sempre pronto a servir e não havia favor, por maçante que fosse, que se lhe pedisse que ele não fizesse com prazer. Esforçava-se bastante por ser agradável a senhoras maduras, e rapidamente se tornava o *ami de la maison*, o queridinho de muita mansão imponente. Era extrema a sua gentileza; nunca se ofendia por ser convidado à última hora, quando alguém deixava a dona da casa em apuros, e a gente podia colocá-lo ao lado de uma velhota enfadonha, tendo certeza de que seria espirituoso e amável como só ele sabia ser.

Dentro de dois anos, tanto em Londres – para onde ia durante a última parte da temporada, e no princípio do outono para fazer algumas visitas a casas de campo – como em Paris, onde se instalara definitivamente, Elliott conhecia todas as pessoas que era possível a um jovem americano conhecer. As senhoras que o tinham introduzido na sociedade surpreenderam-se ao verificar como se alargara o seu círculo de relações. Os sentimentos dessas senhoras eram confusos. Por um lado, ficaram satisfeitas com o sucesso do seu *protégé*, e por outro, um tanto despeitadas ao vê-lo em tais termos de intimidade com pessoas com quem elas

continuavam a manter relações de absoluta cerimônia. Embora Elliott continuasse a ser obsequioso e serviçal, elas tinham a desagradável impressão de que ele as usara como escada para o seu avanço social.

Desconfiavam que ele fosse esnobe. Claro que o era. Incrivelmente esnobe. Um esnobe sem a menor vergonha. Ele engoliria qualquer afronta, ignoraria qualquer desfeita, toleraria qualquer descortesia para ser convidado a uma festa a que desejasse ir ou para conseguir aproximar-se de alguma rabugenta duquesa-mãe. Neste particular era incansável. Quando fixava o olhar na presa, perseguia-a com a tenacidade do botânico que, para conseguir uma orquídea rara, desafia enchentes, terremotos, febres e nativos hostis. A guerra de 1914 deu-lhe a sua oportunidade decisiva. Logo no início, entrou para o Corpo de Saúde e serviu, primeiro em Flandres, depois em Argonne; voltou ao fim de um ano com uma fita vermelha na lapela e conseguiu um posto na Cruz Vermelha de Paris. Nessa época, já estava em ótima situação financeira e contribuiu generosamente para obras de caridade patrocinadas por pessoas importantes. Com seu fino gosto e dom de organização, estava sempre pronto a trabalhar para qualquer festa de caridade que fosse amplamente anunciada. Ficou sócio de dois dos mais seletos clubes de Paris. Era *ce cher Elliott* para as maiores damas da França. Finalmente vencera.

3

Quando conheci Elliott, eu era um jovem autor como qualquer outro e ele não me deu a mínima atenção. Ótimo fisionomista, quando nos encontrávamos por acaso aqui ou acolá sempre me apertava cordialmente a mão, sem no entanto manifestar desejo de estreitar relações; e quando eu o via na Ópera, digamos, com uma pessoa da alta-roda, ele dava um jeitinho de não me ver. Mas aconteceu que, pouco depois, tive inesperado sucesso como dramaturgo e não tardei a perceber que Elliott me olhava com mais entusiasmo. Certo dia recebi dele um bilhete, convidando-me para almoçar no Claridge, onde se hospedava quando em Londres. Fui. Grupo pequeno e pouco elegante; pareceu-me que Elliott estava a experimentar-me. Mas dali por diante, já que o meu sucesso me valera muitos amigos novos, comecei a vê-lo mais assiduamente. Pouco depois, no outono, fui passar algumas semanas em Paris e encontrei-o na casa de um amigo comum. Perguntou-me onde eu estava hospedado e dali a dois ou três dias recebi novo convite para almoçar, dessa vez no apartamento; quando cheguei, fiquei surpreendido ao verificar que era reunião muito seleta. Ri intimamente. Percebi que, com o seu perfeito discernimento de coisas sociais, ele compreendera que na sociedade inglesa, como escritor, eu não era pessoa importante, mas que na França, onde um autor tem prestígio só pelo fato de ser autor, o caso mudava de figura. Nos anos seguintes nossas relações se estreitaram, sem no entanto tomar o cunho da amizade. Duvido que Elliott Templeton jamais tenha sido amigo de alguém. Não se interessava pelas pessoas a não ser pela sua posição social. Quando acontecia estar eu em Paris, ou ele em Londres, continuava a chamar-me às suas reuniões, sempre que precisava de um avulso, ou quando era obrigado a convidar americanos em viagem. Alguns destes eram, creio eu, velhos fregueses; outros, desconhecidos que o procuravam com cartas de

apresentação. Eram a cruz de sua vida. Elliott achava que devia fazer alguma coisa por eles, não desejando, no entanto, pô-los em contato com seus amigos elegantes. A melhor maneira de se livrar deles era oferecer-lhes um jantar e levá-los depois ao teatro; mas mesmo isso às vezes se tornava difícil, pelo fato de Elliott ter compromissos para todas as noites, num espaço de três semanas, e também por achar que isso não iria satisfazê-los. Já que eu era escritor e, portanto, pessoa sem muita importância, ele não se incomodava de me fazer confidências a respeito.

– O pessoal na América tem tão pouca consideração quando se trata de cartas de apresentação! Não que eu não tenha muito prazer em receber os que me procuram, mas não vejo razão para impingi-los aos meus amigos.

Procurava reparar, mandando-lhes belas cestas de flores e enormes caixas de bombons, mas às vezes isso não bastava. Foi aí que, um tanto ingenuamente, em vista do que me contara, ele me convidou a uma festa que estava organizando.

“Eles desejam imensamente conhecê-lo”, escreveu-me Elliott, para me lisonjear. “A Sra. Fulana de Tal é muito culta e leu todas as suas obras.”

A Sra. Fulana de Tal me diria então que apreciara muitíssimo o meu livro *Mr. Perrin e Mr. Trail*, felicitando-me pela minha peça *The Mollusc*. A primeira destas obras foi escrita por Hugh Walpole e a segunda por Hubert Henry Davies.

4

Se dei ao leitor a impressão de que Elliott Templeton era um tipo desprezível, cometi uma injustiça.

Ele era, em primeiro lugar, aquilo que os franceses chamam de *serviable*, palavra para a qual, pelo que me consta, não existe equivalente na língua inglesa. O dicionário me ensina que *serviceable*, no sentido de prestadio, obsequioso e amável, é arcaico. Elliott era justamente isto. Generoso, também; embora no princípio de sua carreira provavelmente houvesse cumulado seus conhecidos de flores, doces e presentes movido pelo interesse, continuava a agir da mesma forma quando isso já não era necessário. Sentia prazer em dar. Hospitaleiro, também. Seu cozinheiro não tinha em Paris quem o superasse, e todos podiam estar certos de encontrar à mesa de Elliott as coisas raras de princípio de estação. Seus vinhos indicavam a excelência do seu critério. É verdade que os convidados eram escolhidos mais pela posição social do que pelo encanto pessoal que pudessem ter, mas ele se dava ao trabalho de convidar duas ou três pessoas somente por serem boa companhia, e desta forma suas reuniões eram quase sempre divertidas. Muitos se riam dele pelas costas, chamando-o de esnobe indecente, mas apesar disso aceitavam alegremente os seus convites. O francês de Elliott era correto e fluente, a pronúncia impecável. Esforçara-se ele grandemente para adotar a maneira de falar dos ingleses, e somente uma pessoa de ouvido muito fino perceberia de vez em quando uma entonação americana. Era um conversador agradável, contanto que a gente o mantivesse afastado do assunto de duques e duquesas; mas, mesmo a respeito deles, agora que sua posição era inexpugnável, ele se permitia, principalmente quando a sós com a gente, uma observação espirituosa. Tinha uma língua agradavelmente maliciosa e não havia escândalo sobre esses altos personagens que não lhe chegasse aos ouvidos. Por ele, vim a saber quem era

o pai do último filho da princesa X e quem era a amante do marquês de Y. Creio que nem mesmo Marcel Proust conhecia melhor do que Elliott Templeton a vida íntima da aristocracia.

Quando eu estava em Paris, constantemente almoçávamos juntos, às vezes no seu apartamento, outras num restaurante. Gosto de vaguear pelas lojas de antiguidades, ocasionalmente para comprar alguma coisa, mas mais frequentemente só para espiar, e Elliott sempre sentia prazer em acompanhar-me. Era conhecedor e tinha verdadeiro amor aos objetos de arte.

Creio que não havia em Paris, no gênero, loja que ele não conhecesse, parecendo sempre íntimo do proprietário. Adorava pechinchar; quando saíamos, ele me dizia:

– Se quiser comprar alguma coisa, não faça você o negócio. Dê-me uma indicação e deixe o resto por minha conta.

Ficava encantado quando, pela metade do preço, conseguia para mim alguma coisa que me despertara o interesse. Era um gozo vê-lo pechinchar. Discutiria, adularia, perderia a calma, apelaria para os bons sentimentos do vendedor, ridicularizaria-o, apontaria os defeitos do objeto em questão, ameaçaria nunca mais pôr os pés naquela casa, suspiraria, encolheria os ombros, advertiria, ganharia colericamente a porta e finalmente, ao conseguir o desejado, sacudiria a cabeça tristemente, como se aceitasse a derrota com resignação. Depois me diria baixinho, em inglês:

– Leve-o. Pelo dobro do preço ainda seria barato.

Elliott era católico fervoroso. Algum tempo depois de estar vivendo em Paris, ficou conhecendo um padre célebre pelo seu sucesso em atrair ao rebanho hereges e infiéis. O padre gostava muito de jantar fora e era conhecido pela sua vivacidade. Reservava seu consolo espiritual para os ricos e aristocratas. Inevitável, portanto, que Elliott se sentisse atraído por um homem que, embora de origem humilde, era bem-vindo nos lares mais fechados; assim sendo, confessou a uma rica senhora americana, uma das recentes convertidas do padre, que, embora sua família sempre tivesse pertencido à seita episcopal, ele pessoalmente

havia muito estava interessado na religião católica. Essa senhora um dia convidou Elliott para jantar em sua casa, só os três, e o sacerdote brilhou como nunca. A dona da casa puxou a conversa para o catolicismo e o padre exprimiu-se com fervor, mas sem pedantismo, como homem vivido, embora sacerdote, dirigindo-se a outro homem vivido. Elliott ficou lisonjeado ao ver que o padre sabia tudo a seu respeito.

– A duquesa de Vendôme estava falando do senhor, no outro dia. Disse que o acha sumamente inteligente.

Elliott enrubesceu de prazer. Fora apresentado à Sua Alteza Real, mas nunca lhe ocorrera que ela o tivesse notado. O padre discursou sobre a fé, com sabedoria e benevolência; tinha ideias largas, moderno ponto de vista e era tolerante. Fez Elliott sentir que, mais do que qualquer outra coisa, a Igreja era um clube seletivo a que um homem fino tinha obrigação de pertencer. Seis meses mais tarde Elliott abraçava a nova fé. Sua conversão, aliada à generosidade de que deu provas em contribuições para obras de caridade católicas, abriu-lhe várias portas que até então lhe tinham estado fechadas.

É possível que fossem confusas as razões que o fizeram abandonar a fé dos seus antepassados, mas não houve dúvida quanto à sua devoção, uma vez que se decidiu àquele passo. Assistia à missa todos os domingos, na igreja frequentada pelo pessoal mais fino, confessava-se regularmente e fazia periódicas visitas a Roma. Com tempo, essa piedade foi recompensada pela sua nomeação para camareiro da corte pontifícia, e a assiduidade com que cumpriu os deveres do ofício mereceu-lhe, creio, a honra de pertencer à Ordem do Santo Sepulcro. Em resumo, sua carreira como católico não foi menos brilhante que sua carreira como *homme du monde*.

Muitas vezes fiquei cogitando na causa do esnobismo que obcecava aquele homem tão inteligente, tão bom e tão culto. Ele não era nenhum adventício. Seu pai fora presidente de uma das universidades do Sul e seu avô um teólogo de certa importância. Elliott era inteligente demais para não perceber que muitas das

peessoas que lhe aceitavam os convites o faziam para ter uma refeição grátis, e que algumas eram tolas e outras completamente sem valor. O fulgor dos títulos sonoros cegava-o aos defeitos daquela gente. Só o que me ocorre é que o fato de estar em termos de intimidade com aqueles cavalheiros de alta linhagem, e de ser o fiel servo de suas damas, lhe dava uma sensação de triunfo nunca diminuída; e creio que atrás de tudo isso havia um incurável romantismo que o fazia ver, no raquítico duquezinho francês, o cruzado que acompanhara S. Luís à Terra Santa; e no fanfarrão conde inglês que ia à caça de raposas, o antepassado que acompanhara Henrique VIII à entrevista no Campo do Pano de Ouro. Em companhia de tais pessoas, tinha a impressão de estar vivendo num passado de galanteria e esplendor. Creio que, quando virava as páginas do *Almanach de Gotha*, seu coração batia tumultuoso, à medida que os nomes sucessivos lhe traziam recordações de antigas pelejas, cercos históricos e duelos célebres, intrigas diplomáticas e amores de reis. Em todo caso, assim era Elliott Templeton.

5

Eu estava me preparando para ir ao almoço a que Elliott me convidara quando da portaria telefonaram que ele me esperava embaixo. Admirei-me, mas desci assim que fiquei pronto.

– Achei mais seguro vir buscá-lo – disse ele ao apertar-me a mão. – Não sei se você conhece bem Chicago.

Tinha a mesma ideia que observei em outros americanos que durante muito tempo residiram fora do seu país, de achar que a América é um lugar difícil e mesmo perigoso, onde o europeu não pode, sem risco, locomover-se sozinho.

– Ainda é cedo; podemos andar parte do caminho – sugeriu ele. O ar estava levemente abafadiço, mas no céu não havia uma única nuvem; era agradável poder espichar as pernas.

– Achei preferível falar-lhe de minha irmã, antes que você lhe seja apresentado – disse-me Elliott enquanto caminhávamos. – Ela hospedou-se comigo uma ou duas vezes em Paris, mas não creio que você estivesse lá na ocasião. Não é uma reunião grande, você sabe. Apenas minha irmã, sua filha Isabel e Gregory Brabazon.

– O decorador? – perguntei.

– Ele mesmo. A casa de minha irmã é pavorosa e Isabel e eu queremos que ela a reforme. Por acaso cheguei a saber, que Gregory se achava em Chicago e fiz com que Louisa o convidasse para almoçar. Ele não é exatamente um cavalheiro, é claro, mas tem gosto. Foi quem decorou o Castelo Raney para Mary Olifant, e St. Clement Talbot para os St. Erth. A duquesa ficou encantada com ele. Você vai ver com seus próprios olhos a casa de Louisa. Não compreendo como pôde ali viver durante todos estes anos! Para ser franco, jamais compreenderei como é que ela pode mesmo viver em Chicago.

Vim a saber que mrs. Bradley era viúva, com três filhos, dois rapazes e uma menina; mas os rapazes eram muito mais velhos e já estavam casados. Um ocupava um posto oficial nas Filipinas e o

outro, que a exemplo do pai seguira a carreira diplomática, morava em Buenos Aires. O marido de mrs. Bradley ocupara postos em várias partes do mundo e, depois de ter sido durante alguns anos primeiro-secretário em Roma, fora nomeado ministro para uma das repúblicas da costa ocidental da América do Sul, onde viera a falecer.

– Eu quis então que Louisa vendesse a casa de Chicago – continuou Elliott. – Mas ela não concordou, por razões sentimentais. Há muitos anos que pertence à família Bradley, que é uma das mais antigas de Illinois. Eles vieram da Virgínia em 1839, instalando-se mais ou menos a sessenta milhas do que é hoje Chicago. Ainda são deles, as terras. – Elliott hesitou ligeiramente e olhou-me para ver como eu iria receber suas palavras. – O Bradley que aqui se fixou era o que você com certeza chamaria de fazendeiro. Talvez você não saiba, mas em meados do século passado, quando o Oeste Central começou a ser desvendado, muitos habitantes da Virgínia, filhos mais novos de boas famílias, deixaram seus lares, sucumbindo à atração do desconhecido. O pai do meu cunhado, Chester Bradley, viu que aqui em Chicago havia futuro e entrou para um escritório de advocacia. Em todo caso, ganhou bastante para deixar o filho garantido.

Mais que as palavras de Elliott, sua maneira de falar indicava que talvez não fosse exatamente de bom-tom o falecido Chester Bradley ter abandonado a imponente mansão, e as vastas terras que herdara, para entrar num escritório de advocacia, mas que o fato de ter acumulado grande fortuna era, em parte, uma compensação. Também não ficou lá muito satisfeito quando, em outra ocasião, mrs. Bradley me mostrou alguns instantâneos do que ele chamava a sua “propriedade” no campo e vi uma modesta casa de madeira, com um bonito jardimzinho, mas com celeiro, curral e chiqueiro bem à vista, cercados por áridas planícies. Não pude deixar de refletir que mr. Bradley sabia o que estava fazendo, quando abandonara aquilo para ir ganhar a vida na cidade.

Dali a pouco fizemos sinal a um táxi. Este nos deixou diante de uma casa de pedra marrom, estreita e muito alta; da numa fileira de outras casas, numa rua que saía de Lake Shore Drive, e, mesmo naquela bela manhã de outono, sua aparência era tão insípida que a gente se admirava de que alguém pudesse ter sentimentalismos a seu respeito. A porta foi aberta por um negro alto e forte, de cabelos brancos, que nos fez entrar na sala de visitas. Mrs. Bradley ergueu-se ao ver-nos e Elliott me apresentou a ela. Devia ter sido bonita quando jovem, pois seus traços, embora graúdos, eram benfeitos, e seus olhos, bonitos. Mas o rosto pálido, quase que acintosamente desprovido de pintura, tinha linhas caídas, e evidentemente ela desistira de lutar contra a corpulência da idade madura. Pareceu-me que aceitara de má vontade a derrota, pois se sentava muito tesa na cadeira de espaldar reto, onde, devido à cruel armadura do colete, provavelmente se sentia melhor do que numa cadeira estofada. Usava um vestido azul, com pesados alamares, e a gola alta mantinha-se firme à custa de barbatanas. Bela cabeça; cabelos brancos ondulados a ferro, num penteado muito complicado. O outro convidado ainda não chegara e, enquanto esperávamos, falamos de uma coisa e outra.

– Elliott me contou que o senhor veio pelo Sul – disse Mrs. Bradley. – Parou em Roma?

– Sim, passei lá uma semana.

– E como vai indo a boa rainha Margherita?

Um tanto surpreso com a pergunta, respondi que não sabia.

– Oh! não foi vê-la, então? É muito simpática. Foi tão amável conosco quando estivemos em Roma! Mr. Bradley era primeiro-secretário. Por que não foi visitá-la? O senhor não é como Elliott, tão vil que não pode ir ao Quirinal?

– Absolutamente – respondi sorrindo. – A questão é que não a conheço.

– Não conhece? – exclamou Mrs. Bradley como se não acreditasse nos seus ouvidos. – Por que não?

– Para lhe falar com franqueza, geralmente os escritores não convivem com reis e rainhas.

– Mas ela é uma mulher tão simpática – disse mrs. Bradley em tom de censura, como se fosse muito malfeito da minha parte não conhecer a augusta personagem. – Tenho certeza que o senhor iria gostar dela.

Neste momento a porta abriu-se e o criado introduziu Gregory Brabazon.

Apesar do seu nome, Gregory Brabazon não era um sujeito romântico. Baixo, muito gordo, completamente calvo, a não ser por um círculo de ondulados cabelos negros na nuca e à volta das orelhas, rosto vermelho, nu, dando a impressão de que a qualquer momento iria cobrir-se de violento suor, vivos olhos cinzentos, lábios sensuais e maxilar pesado. Era inglês, e eu já o vira em festas boêmias, em Londres. Tinha uma voz barulhenta, mãos pequenas e gordas, extraordinariamente expressivas. Com gestos eficazes e uma torrente de palavras animadas ele conseguia excitar a imaginação do freguês hesitante, a ponto de tornar impossível a desistência da encomenda que ele parecia fazer favor em aceitar.

O criado entrou novamente, com uma bandeja de aperitivos.

– Não vamos esperar por Isabel – disse mrs. Bradley, servindo-se de um.

– Onde está ela? – perguntou Elliott.

– Foi jogar golfe com Larry. Preveniu que talvez chegasse atrasada.

Elliott virou-se para mim e explicou:

– Larry é Laurence Darrell. Parece que ele e Isabel estão noivos.

– Não pensei que você tomasse coquetéis, Elliott – comentei.

– Não tomo – disse ele lugubrememente, bebericando o que tinha em mão. – Mas, nesta bárbara terra de proibição, que é que se pode fazer? – Suspirou e prosseguiu: – Estão começando a servi-los em algumas casas em Paris. As más relações corrompem as boas maneiras.

– Tolice! – exclamou mrs. Bradley.

Disse isso bastante afavelmente, mas com uma firmeza que indicava uma mulher de opinião e, pelo olhar divertido, mas sagaz, que atirou a Elliott, percebi que não tinha grandes ilusões a seu respeito. Que iria ela pensar de Gregory Brabazon? Eu notara o olhar profissional que o decorador lançara à sala, ao entrar, assim como o involuntário arquear das espessas sobancelhas. Era realmente uma sala extraordinária. O papel das paredes, o cretone das cortinas e o estofamento da mobília tinham o mesmo desenho; nas paredes, em pesadas molduras douradas, dependuravam-se quadros a óleo, provavelmente trazidos de Roma pelos Bradley. Virgens da escola de Rafael, virgens da escola de Guido Reni, paisagens da escola de Zuccarelli, ruínas da escola de Pannini. Havia troféus da permanência deles em Pequim, mesas de ébano excessivamente entalhadas, enormes vasos *cloisonné* e também lembranças do Chile e do Peru, obesas figuras de granito e vasos de barro. Vi uma escrivaninha Chippendale e uma vitrina entalhada. Os abajures eram de seda branca e neles algum artista mal inspirado pintara pastores e pastoras em trajes de Watteau. Sala pavorosa e, no entanto, não sei dizer por quê, agradável. Tinha um ar familiar, caseiro; a gente sentia que a incrível mixórdia tinha significação. Todos aqueles incongruentes objetos combinavam uns com os outros porque faziam parte da vida de mrs. Bradley.

Tínhamos acabado nossos aperitivos quando a porta se abriu e entrou uma moça, seguida por um rapaz.

– Estamos atrasados? – perguntou ela. – Trouxe Larry comigo. Há alguma coisa para ele comer?

– Creio que sim – sorriu mrs. Bradley. – Toque a campainha e diga a Eugene que ponha mais um lugar à mesa.

– Já disse a ele. Foi ele quem nos abriu a porta.

– Esta é a minha filha Isabel – apresentou mrs. Bradley, virando-se para mim. – E aqui, Laurence Darrell.

Isabel apertou-me rapidamente a mão e virou-se impulsivamente para Gregory Brabazon.

– O senhor é que é mr. Brabazon? Estava louca por conhecê-lo. Fiquei encantada com o que o senhor fez para Clementine Dormer. Não acha esta sala horrível? Há anos procuro convencer mamãe a reformá-la e agora que o senhor está em Chicago não há melhor oportunidade. Diga-me sinceramente a sua opinião.

Eu sabia que isto seria a última coisa que Brabazon faria. Ele atirou um rápido olhar a mrs. Bradley, mas o rosto impassível nada lhe contou. Viu que Isabel era a pessoa que contava e soltou uma ruidosa gargalhada.

– Não duvido que seja muito confortável e essa história toda – disse ele. – Mas, se quer que eu fale com franqueza, pois bem, acho-a pavorosa.

Isabel era uma moça alta, de rosto oval, nariz reto, olhos bonitos e lábios carnudos, traço este que parecia característico da família. Era bonita, se bem que ligeiramente inclinada à obesidade, o que se podia atribuir à idade; achei que afinaria quando ficasse mais velha. Tinha mãos boas, fortes, embora um pouco gordas; as pernas, que a saia curta deixava bem à mostra, eram também um pouco grossas. Tinha boa pele e o corado natural provavelmente estava agora acentuado pelo exercício e pela viagem de volta, em carro aberto. Era animada e viva. Sua exuberância, sua risonha alegria, o gosto pela vida, a felicidade que havia nela causavam prazer à gente. Sua naturalidade era tão grande que fazia com que Elliott, malgrado a sua elegância, parecesse espalhafatoso. Era tal a sua frescura que a seu lado mrs. Bradley, de rosto enrugado e pálido, parecia velha e cansada.

Descemos para o almoço. Gregory Brabazon piscou os olhos quando viu a sala de jantar. Paredes cobertas por um papel vermelho-escuro, imitando tecido, onde se viam retratos muito pouco artísticos, de mulheres e homens de rosto sombrio e azedo, os antepassados próximos do falecido mr. Bradley. Lá estava ele, também, com um vasto bigode, muito teso, de fraque e colarinho engomado; mrs. Bradley, pintada por um artista francês do fim do século xix, estava dependurada sobre a lareira, num vestido comprido de cetim azul-claro, com um colar de pérolas à volta do

pescoço e uma estrela de brilhantes nos cabelos. Com a mão cheia de anéis ela acariciava uma echarpe de renda, tão cuidadosamente pintada que se lhe poderia contar os pontos; com a outra segurava despreocupadamente um leque de penas de avestruz. A mobília, de carvalho preto, era pesada e opressiva,— Que acha o senhor? — perguntou Isabel a Gregory Brabazon, quando nos sentamos.

— Não duvido que tenha custado um dinheirão — respondeu ele.

— E custou mesmo — declarou Mrs. Bradley. — Foi-nos dada, como presente de casamento, pelo pai de meu marido. Tem nos acompanhado pelo mundo inteiro. Lisboa, Pequim, Quito, Roma. A boa rainha Margherita admirava-a muito.

— Que faria o senhor com ela, se fosse sua? — perguntou Isabel a Brabazon.

Elliott antecipou-o na resposta.

— Queimava-a.

Começaram os três a discutir a reforma da sala. Elliott inclinava-se para o estilo Luís xv, mas Isabel preferia uma mesa de refeitório com cadeiras italianas. Brabazon achava que Chippendale estava mais de acordo com a personalidade de Mrs. Bradley.— Sempre achei isto muito importante — disse ele. — A personalidade de uma pessoa. — E virando-se para Elliott: — O senhor, naturalmente, conhece a duquesa de Olifant?

— Mary? É uma de minhas maiores amigas.

— Ela queria que eu decorasse a sua sala de jantar e, assim que vi a duquesa, declarei: George ii.

— E como acertou! Notei a sala, da última vez que lá jantei. É de um gosto impecável.

E assim continuou a conversa. Mrs. Bradley ouvia, mas não se podia dizer qual a sua opinião. Eu pouco falei; quanto ao namorado de Isabel, Larry — no momento não me lembrei do sobrenome —, não disse nada. Estava sentado do outro lado da mesa, entre Brabazon e Elliott; de vez em quando eu o olhava de relance. Parecia muito moço. Era aproximadamente da altura de

Elliott, devendo ter pouco menos de dois metros; magro e despreocupado. Simpático; nem bonito nem feio; um tanto tímido e em nada extraordinário. Despertou o meu interesse porque, embora não tivesse pronunciado meia dúzia de palavras desde que entrara, parecia perfeitamente à vontade e, estranhamente, dava a impressão de participar da conversa mesmo sem abrir a boca. Notei-lhe as mãos. Longas, mas não grandes demais para o seu tamanho, de belo formato e ao mesmo tempo fortes. Ocorreu-me que um artista teria prazer em pintá-las. Era miúdo, sem parecer frágil; pelo contrário, eu antes o diria vigoroso e resistente. Seu rosto, grave quando em repouso, estava bem queimado; a não ser por isso, quase não tinha cor; suas feições, embora regulares, não chamavam atenção. Maços do rosto salientes, têmperas entradas. Cabelos de um castanhoescuro levemente ondulados. Os olhos pareciam maiores do que realmente eram, por estarem plantados profundamente nas órbitas; pestanas grossas e longas. Olhos singulares, não do castanho rico que era o tom dos de Isabel, de sua mãe e de Elliott, mas tão escuros que a íris se confundia com a pupila, dando-lhes estranha penetração. Larry tinha uma graça natural, muito atraente, e achei compreensível Isabel estar caída por ele. De vez em quando o olhar dela pousava no rapaz por um momento e julguei nele distinguir não somente amor, mas afeição.

Os olhos de ambos se encontraram e havia nos de Larry uma ternura bela de se ver. Nada mais comovente que o espetáculo de um amor moço, e eu, homem de meiaidade naquele tempo, invejei-os, mas, ao mesmo tempo, não sei por quê, não pude deixar de ter pena deles. Tolice da minha parte, pois, ao que me parecia, não havia empecilho à sua felicidade; as circunstâncias eram favoráveis e não existia razão para que não se casassem e vivessem felizes dali por diante.

Isabel, Elliott e Gregory Brabazon continuavam falando da redecação da casa, procurando forçar mrs. Bradley a, pelo menos, reconhecer que se devia fazer alguma coisa; mas esta apenas sorria amavelmente.

– Não procurem me afobar. Quero ter tempo para refletir. – E virando-se para o rapaz: – Que acha você de tudo isso, Larry?

Ele passeou um olhar sorridente pela mesa e disse:

– Creio que tanto faz de um jeito ou de outro.

– Oh! Larry, “sua” peste! – exclamou Isabel. – Depois de eu tanto lhe ter recomendado que nos apoiasse!

– Se a tia Louisa está satisfeita com o que tem, para que fazer modificações?

A observação era tão lógica e sensata que desatei a rir. Ele olhou-me e sorriu.

– E não sorria deste jeito só porque fez uma observação idiota – disse Isabel.

Mas ele apenas alargou o sorriso e notei então que seus dentes eram pequenos, brancos e regulares. Qualquer coisa no olhar que ele lançou a Isabel fez com que ela enrubescesse e ficasse de respiração suspensa. A não ser que eu me enganasse redondamente, ela estava loucamente apaixonada por ele; mas, não sei por quê, tive a impressão de que no seu amor havia também algo de maternal. Estranhável, em criatura tão moça. Com um sorriso doce nos lábios ela dedicou de novo sua atenção a Gregory Brabazon.

– Não dê confiança a Larry. É muito tolo e completamente ignorante. Não entende de coisa alguma, a não ser de aviação.

– Aviação? – perguntei.

– Ele foi aviador na guerra.

– Pensei que fosse muito moço para ter estado na guerra.

– E era. Moço demais. Ele comportou-se muito mal. Fugiu da escola e foi para o Canadá. Mentindo a torto e a direito, conseguiu convencê-los de que tinha dezoito anos e entrou para a aviação. Estava lutando na França na ocasião do armistício.

– Você está chateando os convidados de sua mãe, Isabel – disse Larry.

– Conheço-o desde menino; quando voltou, estava um amor de farda, com todas aquelas fitas bonitas na túnica, de modo que fiquei plantada à soleira de sua porta – em sentido figurado – até

que, para ter um pouco de sossego, ele concordou em casar comigo! A concorrência era enorme.

– Francamente, Isabel – admoestou sua mãe. Larry inclinou-se para mim.

– Espero que não acredite em uma palavra do que ela diz. Isabel não é má pessoa, mas é mentirosa.

Terminou-se o almoço e logo depois Elliott e eu saímos. Eu lhe contara que ia ver os quadros no museu e ele disse que me levaria. Ir a museus acompanhado é coisa que não me agrada, mas eu não podia dizer que preferia *ir* sozinho e, portanto, aceitei-lhe o oferecimento. No caminho falamos de Isabel e Larry.

– É um prazer a gente ver duas criaturas tão jovens assim apaixonadas uma pela outra – disse eu.

– São moços demais para se casar.

– Por quê? É tão divertido ser moço, amar e casar.

– Não seja ridículo. Ela tem dezenove anos e Larry apenas vinte. Ele está desempregado. Tem uma rendazinha, só três mil dólares anuais, a julgar pelo que me contou Louisa, e Louisa não é nenhuma milionária. Precisa do que tem para viver.

– Bom, ele pode arranjar emprego.

– É justamente essa a questão. Ele não se esforça. Parece muito satisfeito de não fazer nada.

– Provavelmente passou uma temporada dura na guerra. Talvez queira descansar.

– Há um ano que está descansando. É mais do que suficiente.

– Pareceu-me um bom rapaz.

– Oh! nada tenho contra ele. É de muito boa família, e essa história toda. Seu pai era de Baltimore. Foi, em Yale, assistente de professor de línguas neolatinas, ou coisa que o valha. Sua mãe era de Filadélfia, da velha raça dos Quaker.

– Você fala deles no passado. Morreram?

– Sim; a mãe morreu de parto e o pai há mais ou menos doze anos. Larry foi educado por um velho colega do pai, um médico de Marvin. Foi assim que Louisa e Isabel o conheceram.

– Onde fica Marvin?

– É onde os Bradley têm a sua propriedade. Louisa costuma ali passar o verão. Ela ficou com pena do menino. O dr. Nelson é solteiro e não entendia patavina da educação de uma criança. Foi Louisa quem insistiu para que Larry fosse mandado para St. Paul, e sempre o convidou à sua casa para as férias de Natal. – Elliott encolheu os ombros em gesto bem gaulês e continuou: – Ela devia ter previsto o inevitável resultado.

Tínhamos chegado ao museu e concentramos nossa atenção nos quadros. Mais uma vez fiquei impressionado com o conhecimento e bom gosto de Elliott. Conduzia-me pelas salas como se eu fosse um grupo de turistas, e nenhum professor de arte teria sabido instruir melhor do que ele. Conformei-me, tomando a resolução de voltar sozinho quando pudesse andar a esmo e distrair-me à vontade; depois de algum tempo ele consultou o relógio.

– Vamos indo – disse-me. – Nunca passo mais de uma hora numa galeria de arte; é o máximo a que resiste o nosso poder de apreciação. Voltaremos um outro dia.

Agradei-lhe calorosamente quando nos separamos. Segui o meu caminho, indubitavelmente mais esclarecido, mas de humor bem mais azedo.

Ao despedir-se de mim, mrs. Bradley me dissera que no dia seguinte Isabel receberia alguns amiguinhos para jantar, pois iriam todos a uma festa; se eu quisesse vir também, depois que eles partissem Elliott e eu poderíamos conversar à vontade.– É um favor que o senhor lhe faz – acrescentou ela. – Elliott viveu fora tanto tempo, que se sente um pouco desambientado aqui. Parece que não encontra ninguém com quem tenha afinidade.

Aceitei e, antes de nos despedirmos nos degraus do museu, Elliott me disse que isso lhe causara prazer.

– Sou uma alma perdida nesta vasta cidade – declarou. – Prometi a Louisa que passaria seis semanas com ela, pois não nos víamos desde 1912, mas estou contando os dias até a minha volta para Paris. É o único lugar do mundo onde um homem civilizado

pode viver. Caro amigo, sabe como me olham nestas bandas?
Consideram-me uma aberração. Selvagens!

Ri-me e deixei-o.

6

Na noite seguinte, tendo recusado o oferecimento de Elliott de vir buscar-me, cheguei sem risco à casa de mrs. Bradley. Eu fora detido por uma pessoa que viera ver-me e cheguei um pouco atrasado. Quando subi a escada, ouvi tanto barulho vindo da sala de visitas que julguei tratar-se de uma reunião importante; admirei-me ao verificar que éramos, eu inclusive, apenas doze pessoas. Mrs. Bradley estava muito imponente, de vestido de cetim verde e colar de aljôfares em volta do pescoço; e Elliott, no seu bem talhado *dinner jacket*, apresentava-se elegante como só ele sabia ser. Quando me apertou a mão, todos os perfumes da Arábia penetraram-me pelas narinas. Fui apresentado a um homem troncado e alto, de rosto vermelho, que não parecia muito à vontade em traje de rigor. Era um tal dr. Nelson, mas naquele momento o nome não me disse nada. O resto do grupo compunha-se de amigos de Isabel, mas os nomes me escaparam assim que os ouvi. As mulheres eram moças e bonitas, os homens, moços e simpáticos. Nenhum deles me impressionou, a não ser talvez um rapaz – e isso por ser ele muito alto e maciço. Devia ter mais de dois metros de altura; ombros largos e fortes. Isabel estava muito bonita, com um vestido de seda branca, de saia comprida que lhe escondia as pernas gordas: o talho do vestido deixava adivinhar que tinha seios bem desenvolvidos; os braços talvez fossem um pouco rechonchudos, mas o pescoço era lindo. Estava animada e de olhos luzentes. Não havia dúvida: era uma rapariga muito bonita e desejável, mas, se não abrisse os olhos, acabaria adquirindo uma corpulência pouco atraente.

À mesa do jantar vi-me entre mrs. Bradley e uma mocinha desenxabida e tímida, que parecia ainda mais jovem do que as outras. Quando tomamos os nossos lugares, para facilitar a conversa mrs. Bradley explicou-me que os avós da minha vizinha moravam em Marvin, e que ela e Isabel haviam sido colegas de

escola. Seu nome, o único que guardei, era Sophie. Durante o jantar houve muita brincadeira de um lado ao outro da mesa; todos falavam alto e riam à toa. Pareciam íntimos. Quando minha atenção não estava voltada para a dona da casa, procurei puxar prosa com a minha vizinha, embora sem grande resultado. Era mais quieta que os outros. Não se podia dizer que fosse bonita, mas tinha um rosto engraçado, de narizinho arrebitado, boca larga e olhos de um azul-esverdeado; seu cabelo, penteado com simplicidade, era de um castanho-pálido. Muito magra, com peito quase tão chato como o de um rapaz. Ria das brincadeiras que iam pela mesa, mas de maneira um pouco forçada, como se não achasse tanta graça como queria dar a entender. Pareceu-me que estava fazendo um esforço para se mostrar boa companheira. Não consegui descobrir se era um pouco tola ou apenas muito tímida e, depois de ter tentado inutilmente vários tópicos, por falta de coisa melhor pedi-lhe que me explicasse quem eram os outros convidados.

– Pois bem, o dr. Nelson o senhor conhece – disse-me, indicando o homem maduro que estava à minha frente, do outro lado de Mrs. Bradley. – É tutor de Larry e nosso médico em Marvin. Muito inteligente; inventa bugigangas para aviões, de que ninguém quer saber; e, quando não está assim ocupado, bebe.

Ao dizer isso, havia nos seus olhos pálidos um brilho que me fez supor que eu me enganara a seu respeito. Continuou a dizer-me os nomes de toda aquela mocidade, quem eram seus pais e, no caso dos rapazes, que colégio haviam frequentado e em que negócio trabalhavam. Nada de muito esclarecedor.

“Ela é um amor”; ou então, “Ele joga muito bem golfe”.

– E quem é aquele grandalhão de sobrelhas cerradas?

– Quem?... Oh! aquele é Gray Maturin. Seu pai tem uma casa enorme em Marvin, à beira do rio. É o nosso milionário. Temos muito orgulho dele; dá-nos importância. Maturin, Hobbes, Rayner e Smith. É um dos homens mais ricos de Chicago e Gray é seu único filho.

A lista de nomes fora recitada com tão agradável ironia que lancei a Sophie um olhar indagador. Ela notou-o e corou.

– Conte-me mais alguma coisa de mr. Maturin – pedi.

– Não há nada para contar. É rico. Muito respeitado. Deu a Marvin uma nova igreja, e um milhão de dólares à Universidade de Chicago.

– O filho é um rapagão bonito.

– É correto. Ninguém havia de pensar que seu avô foi um irlandês sem eira nem beira, e sua avó uma garçonete sueca num restaurante qualquer.

Gray Maturin era mais vistoso do que bonito. Tinha um ar rude, inacabado; nariz curto e chato, boca sensual e a pele corada dos irlandeses; grande quantidade de cabelos negros, bem lisos, olhos muito azuis sob as cerradas sobrancelhas. Embora de compleição tão robusta, era muito bem proporcionado e, nu, devia ser um belo tipo de homem. Parecia ter muita força. Sua virilidade era impressionante. Fazia com que Larry, que estava sentado ao seu lado e tinha somente oito ou dez centímetros menos que ele, parecesse insignificante.

– Gray é muito apreciado – disse a minha tímida vizinha. – Conheço várias moças que dariam a vida para agarrá-lo. Mas não têm a mínima probabilidade.

– Por que não?

– O senhor não sabe nada, sabe?

– Como poderia eu saber?

– Ele está cego de paixão por Isabel, e Isabel gosta de Larry.

– Por que é que ele não tenta suplantar o rival?

– Larry é o seu maior amigo.

– Creio que isto complica o caso.

– Sim, quando se têm os elevados princípios de Gray.

Não sei se ela disse isto seriamente, ou se havia na sua voz uma nota de zombaria. Na sua atitude nada havia de impertinente, confiado ou petulante, e, no entanto, tive impressão de que não lhe faltavam nem espírito nem perspicácia. Em que estaria pensando enquanto conversava comigo? Bom, isto eu nunca

chegaria a saber. Não havia dúvida de que ela não era senhora de si e ocorreu-me que devia ser filha única, tendo levado vida isolada, em companhia de pessoas muito mais velhas. Havia nela uma modéstia, uma discrição que achei encantadoras; mas, se eu acertara ao imaginar que vivera sozinha, então achei que devia ter tranquilamente observado as pessoas com quem convivia, formando opinião categórica a respeito delas. Nós, de idade madura, raramente suspeitamos com que crueldade, e ao mesmo tempo com que clarividência, os muito moços nos julgam. Olhei de novo dentro daqueles olhos esverdeados.

– Que idade tem você? – perguntei.

– Dezesete.

– Lê muito? – indaguei ao acaso.

Mas, antes que ela me respondesse, mrs. Bradley atraiu minha atenção com uma observação qualquer; logo depois terminou o jantar. Os moços saíram imediatamente para onde tinham que ir; quanto a nós, os quatro restantes, subimos para a sala de visitas.

Fiquei admirado de ter sido convidado para aquela reunião, ao ver que após alguma conversa fiada eles encetaram um assunto que, imaginei, haviam de preferir discutir sozinhos. Fiquei sem saber se seria mais discreto levantar-me e sair ou se, como ouvinte desinteressado, eu lhes seria útil. O ponto discutido era a estranha má vontade de Larry em começar a trabalhar, e que agora vinha à baila devido a um emprego que mr. Maturin, pai do rapaz que eu conhecera ao jantar, lhe oferecera em seu escritório. Era uma bela oportunidade. Com habilidade e perseverança Larry poderia, com o tempo, vir a ganhar muito dinheiro. O jovem Gray Maturin desejava ardentemente que ele aceitasse.

Não me recordo de tudo o que foi dito, mas minha memória reteve o essencial. Quando Larry voltara da França, o dr. Nelson, seu tutor, sugerira que ele fosse para a escola; mas o rapaz recusara. Era natural que desejasse ficar na ociosidade durante algum tempo; passara uma temporada dura, na guerra, e duas vezes recebera ferimentos, embora sem gravidade. O dr. Nelson achava que ele ainda estava sofrendo as consequências do

choque, e o descanso parecia indicado até ele ficar completamente restabelecido. Mas as semanas se converteram em meses; já fazia agora mais de um ano que ele despira a farda. Fiquei sabendo que sobressaíra na aviação, tendo ficado em evidência ao voltar para Chicago; assim sendo, vários chefes de firmas lhe tinham oferecido emprego. Larry agradecera, mas recusara. Não deu desculpa, a não ser que ainda não sabia o que queria fazer. Pouco depois ficava noivo de Isabel. Isto não causou surpresa a mrs. Bradley, pois os dois tinham sido inseparáveis durante anos e ela sabia da paixão da filha por Larry. Gostava do rapaz e achava que ele poderia fazer Isabel feliz.

– O caráter dela é mais forte que o dele. Isabel lhe dará exatamente aquilo que lhe falta.

Embora fossem tão moços, mrs. Bradley não se opunha a um casamento imediato, contanto que Larry começasse a trabalhar. Ele tinha um dinheirinho seu; mas, mesmo que tivesse dez vezes mais, ela não cederia nesse ponto. Pelo que pude perceber, ela e Elliott desejavam saber do dr. Nelson quais as intenções de Larry. Queriam que ele usasse sua influência para obrigá-lo a aceitar o emprego que mr. Maturin lhe oferecia.

– Vocês sabem que nunca tive muita autoridade sobre Larry – alegou o médico. – Mesmo quando criança ele sempre fez o que quis.

– Sei disso. Você lhe deu liberdade demais. É um milagre ele ter saído tão bom como é – disse mrs. Bradley.

O dr. Nelson, que estivera bebendo sem cessar, olhou-a com azedume. Seu rosto tornou-se ainda mais rubro.

– Eu era muito ocupado; tinha que cuidar dos meus interesses. Recebi-o porque ele não tinha para onde ir e seu pai era meu amigo. Não era fácil lidar com ele.

– Não sei como você pode dizer isso – replicou secamente mrs. Bradley. – Larry tem um gênio ótimo.

– Que é que a gente pode fazer com um menino que nunca discute, mas faz exatamente o que quer e, quando é repreendido, apenas diz que “sente muito” e deixa que a gente esbraveje à

vontade? Se fosse meu filho, eu poderia ter-lhe batido. Mas eu não podia dar num menino que não tinha um único parente no mundo e cujo pai o deixara a meus cuidados por achar que eu seria bom para ele.

– Isto não vem ao caso – disse Elliott um tanto irritado. – A questão é esta: ele já vadiou bastante; agora lhe aparece um bom emprego, onde terá oportunidade de ganhar muito dinheiro; se quiser casar-se com Isabel, terá que aceitá-lo.

– Larry precisa ver que, no estado do mundo atual, um homem tem que trabalhar – interveio mrs. Bradley.

– Ele está agora em perfeitas condições físicas. Todos nós sabemos que, terminada a guerra entre os estados, muitos homens nunca mais trabalharam depois que voltaram para casa. Eram um fardo para a família e inúteis à comunidade.

Neste momento entrei na conversa.

– Mas que razão apresenta ele para recusar as várias ofertas que lhe têm sido feitas?

– Nenhuma; a não ser que não lhe agradam.

– Mas ele não quer fazer nada?

– É o que parece.

O dr. Nelson serviu-se de outro uísque. Tomou um longo trago e depois olhou para os seus dois amigos.

– Querem saber qual a minha impressão? Não digo que eu seja grande conhecedor da natureza humana, mas, em todo caso, depois de ter clinicado durante trinta anos, creio entender um pouco do assunto. A guerra teve um efeito qualquer sobre Larry. Ele não voltou o mesmo. Não que esteja somente mais velho; aconteceu alguma coisa que modificou a sua personalidade.

– Que espécie de coisa? – indaguei.

– Não sei dizer. Ele é muito reservado quanto às suas peripécias na guerra. – O dr. Nelson virou-se para mrs. Bradley e perguntou: – Falou alguma vez sobre isso com você, Louisa?

Ela sacudiu a cabeça.

– Não. Logo que chegou, tentamos ver se nos descrevia algumas das suas aventuras, mas ele apenas riu daquele seu jeito

e disse que nada tinha para contar. Não falou sobre isso nem mesmo com Isabel. Ela tentou várias vezes, mas não lhe arrancou palavra.

A conversa continuou desta maneira pouco satisfatória e dali a pouco, consultando o seu relógio, o dr. Nelson declarou que tinha que ir embora. Fiz menção de sair com ele, mas Elliott insistiu para que eu ficasse. Depois que o importunado com seus negócios particulares, dizendo que receava que eu estivesse me chateando.

– Mas o senhor compreende que isto me preocupa enormemente – terminou ela.

– Mr. Maugham é muito discreto, Louisa; você não precisa ter medo de confiar nele. Não creio que Bob Nelson e Larry sejam muito íntimos, e há certas coisas que Louisa e eu achamos preferível não falar na presença dele.

– Elliott!

– Você já lhe contou tanta coisa que é melhor contar-lhe o resto. – E virando-se para mim: – Não sei se você notou Gray Maturin ao jantar?

– É tão grande que não pode passar despercebido – respondi.

– É um dos apaixonados de Isabel. Cumulou-a de atenções durante toda a ausência de Larry. Ela gosta dele e, se a guerra se tivesse prolongado, é bem provável que acabassem noivos. Gray pediu-a em casamento. Isabel não aceitou, nem recusou. Louisa desconfiou que ela não queria decidir-se antes da volta de Larry.

– Como é que ele não foi para a guerra? – perguntei.

– Ele forçou o coração jogando futebol. Nada de sério, mas não foi aceito. Em todo caso, depois que Larry voltou, não houve mais esperanças para ele. Isabel deu-lhe um fora definitivo.

Eu não sabia que comentário esperavam que eu fizesse e, portanto, preferi calar-me. Elliott continuou a falar. Com sua distinta aparência e pronúncia oxfordiana, ele mais parecia um alto funcionário do Ministério da Guerra.

– Claro que Larry é um ótimo rapaz, e foi muito correto da sua parte fazer tanto empenho em se alistar, mas sou profundo conhecedor do gênero humano... – Aqui Elliott teve um sorrizinho

astuto e ousou a única referência que jamais lhe ouvi ao fato de ter feito fortuna negociando com objetos de arte. – Do contrário eu não teria hoje uma boa quantiazinha em ações do governo. E minha opinião é que Larry nunca chegará a ser alguém. Não tem dinheiro, por assim dizer, nem posição. Agora, com Gray Maturin o caso é outro. Ele tem um bom e antigo nome irlandês. Houve um bispo na família, um dramaturgo, vários militares que se distinguiram e alguns intelectuais.

– Como é que você chegou a saber de tudo isto? – perguntei.

– São coisas que a gente fica sabendo – respondeu ele em tom despreocupado. – Para ser exato, estive dando uma olhada no *Dictionary of National Biography*, um dia desses, no clube, e dei com o nome por acaso.

Achei que não era da minha conta repetir o que a minha vizinha, ao jantar, me contara do irlandês sem eira nem beira e da garçonne sueca que tinham sido avós de Gray. Elliott prosseguiu:

– Há anos que conhecemos Henry Maturin. É um homem muito direito e muito rico. Gray vai herdar o melhor escritório de corretagens de Chicago. Tem o mundo a seus pés. Quer casar-se com Isabel e não se pode negar que, para ela, seria um ótimo casamento. Sou francamente favorável a ele, e Louisa concorda comigo.

– Você esteve tanto tempo fora da América, Elliott, que se esqueceu de que neste país as moças não se casam só para satisfazer suas mães e tios – disse mrs. Bradley com um sorriso árido.

– Isto não é motivo de orgulho, Louisa – replicou Elliott bruscamente. – Graças a uma experiência de trinta anos, posso asseverar-lhe que o casamento que é considerado sob o ponto de vista de posição, fortuna e igualdade de meio leva vantagem sobre o casamento de amor. Na França, que afinal de contas é o único país civilizado do mundo, Isabel não hesitaria em casar-se com Gray; ao fim de um ou dois anos, se a tal se sentisse inclinada, tornar-se-ia amante de Larry; Gray instalaria uma atriz de fama num luxuoso apartamento, e todos ficariam satisfeitos.

Mrs. Bradley não era nenhuma tola. Fitou o irmão com ar de brejeira ironia e replicou:

– A questão, Elliott, é que, como as companhias teatrais de Nova York só ficam aqui durante certo tempo, Gray não poderia conservar as inquilinas do seu luxuoso apartamento a não ser por prazo limitado. Isto seria, certamente, um inconveniente para todos os interessados.

Elliott sorriu.

– Gray poderia comprar uma cadeira na Bolsa de Nova York. Afinal de contas, se uma pessoa tem que viver na América, não vejo razão para viver noutro lugar a não ser em Nova York.

Saí logo depois; mas antes, não sei por que cargas-d'água, Elliott me perguntou se eu queria almoçar com ele para ficar conhecendo os Maturin, pai e filho. – Henry é o melhor tipo do negociante americano

– disse ele. – Você precisa conhecê-lo. É quem há anos aplica o nosso dinheiro.

Eu não tinha muita vontade de aceitar, mas, faltando-me motivo para a recusa, respondi que iria com prazer.

7

Eu fora admitido, pela minha permanência em Chicago, como sócio temporário de um clube que contava com uma boa biblioteca; na manhã seguinte fui até lá dar uma espiada numa ou duas revistas universitárias, que quem não é assinante sempre tem dificuldade em obter. Era cedo e lá só havia mais uma pessoa, sentada numa vasta poltrona de couro e parecendo absorta na leitura. Foi com surpresa que reconheci Larry. Era a última pessoa que eu esperaria encontrar em tal lugar. Ergueu os olhos quando passei por ele, reconheceu-me e fez menção de se levantar.

– Não se incomode – disse eu. E depois, quase que automaticamente: – Que está lendo?

– Um livro – replicou ele, mas com um sorriso tão simpático que a secura da resposta não podia absolutamente melindrar.

Fechou o livro e, fitando-me com aqueles seus olhos singularmente opacos, segurou-o de modo a não me deixar ver o título.

– Divertiu-se ontem à noite? – perguntei.

– Muitíssimo. Cheguei em casa às cinco da manhã.

– É uma façanha estar aqui tão cedo.

– Venho muito aqui. Em geral a esta hora tenho a sala à minha disposição.

– Eu não o incomodarei.

– O senhor não me está incomodando – disse ele, sorrindo de novo; ocorreu-me então que o seu sorriso era de uma extraordinária doçura. Não animado, nem vivo; era um sorriso que parecia iluminar-lhe o rosto com alguma luz interior. Ele estava sentado numa alcova formada por prateleiras salientes. Apoiou a mão no braço da poltrona a seu lado e prosseguiu: – Não quer sentar-se um pouco?

– Está certo.

Larry entregou-me o livro que segurava.

– Era isto que eu estava lendo.

Vi que se tratava de *Principles of Psychology*, de William James. É, naturalmente, uma obra clássica, e importante na história da ciência de que se ocupa; de agradável leitura, além do mais, mas não era absolutamente o tipo de livro que eu esperaria ver nas mãos de pessoa tão jovem, um aviador, que estivera dançando até as cinco da manhã.

– Por que está lendo isto? – perguntei.

– Sou muito ignorante.

– É também muito moço – repliquei sorrindo.

Larry ficou calado durante tanto tempo que comecei a achar o silêncio constrangedor e estive a ponto de me levantar para ir à procura das revistas que tinham me levado ali. Mas dominava-me a impressão de que ele queria dizer alguma coisa. Tinha o olhar perdido no espaço, seu rosto era grave e atento e ele parecia meditar. Esperei. Estava curioso por saber do que se tratava. Quando ele falou, foi como se continuasse a conversa, não parecendo ter notado o prolongado silêncio.

– Quando voltei da França, queriam todos que eu fosse para o colégio. Impossível. Depois de tudo por que passei, compreendi que não poderia voltar para a escola. Além do mais, eu pouco aprendera na escola preparatória. Senti que não me convinha a vida de calouro. Eles não teriam gostado de mim. Eu não queria fingir aquilo que não sentia. E não achei que os professores pudessem ensinar-me as coisas que eu desejava conhecer.

– Naturalmente reconheço que isto não é de minha conta, mas não sei se você teve razão – disse eu. – Creio que compreendo o que quer dizer e acho que, depois de dois anos de guerra, teria realmente sido aborrecido voltar a ser pouco mais que um colegial, pois todo primeiro e segundanista não passa disto. Não posso acreditar que eles não teriam gostado de você. Não conheço bem as universidades daqui, mas duvido que os estudantes americanos sejam muito diferentes dos ingleses; talvez um pouco mais barulhentos e mais brincalhões, mas no fundo muito corretos e sensatos; e ouvi dizer que, se um colega não quer levar a vida

deles, estão plenamente de acordo, se esse colega tiver um pouco de tato, em deixá-lo seguir seu caminho. Não estive em Cambridge, como meus irmãos. Tive essa oportunidade, mas desprezei-a; eu queria correr mundo. Até hoje me arrependo. Creio que isso me teria evitado muitos erros. A gente aprende mais depressa sob a orientação de professores experientes. Perdemos muito tempo enveredando por becos sem saída, quando não temos ninguém que nos conduza.

– Talvez o senhor tenha razão. Mas não me importo de errar. É possível que num desses becos sem saída eu encontre alguma coisa do que procuro.

– O que é que você procura?

Ele hesitou durante alguns segundos.

– Aí está. Ainda não sei ao certo.

Fiquei em silêncio, pois não parecia haver resposta para isso.

Eu, que desde muito cedo sempre soube o que quis, senti-me ligeiramente impacientado. Mas dominei-me, pois, devido ao que só posso chamar de intuição, senti que na alma daquele rapaz se travava uma luta obscura – não sei se de pensamentos mal esboçados ou emoções confusamente sentidas – que determinava uma inquietação que o impelia nem ele mesmo sabia para onde. Senti-me estranhamente condoído dele. Nunca o ouvira falar muito, e só agora notava como a sua voz era melodiosa. Muito convincente. Como se fosse um bálsamo. Ao considerar essa sua qualidade, o sorriso simpático e os expressivos olhos negros, achei perfeitamente compreensível que Isabel o amasse. Havia realmente nele qualquer coisa que atraía. Larry virou a cabeça e olhou-me sem constrangimento, mas com expressão ao mesmo tempo perscrutadora e divertida.

– Será que tenho razão ao imaginar que ontem, depois que saímos para a festa, ficaram falando de mim?

– Durante algum tempo.

– Achei que foi por isso que insistiram tanto para que o tio Bob fosse jantar. Ele detesta sair de casa.

– Ouvi dizer que você teve oferta de um bom emprego.

- Ótimo.
- Vai aceitá-lo?
- Acho que não.
- Por quê?
- Não tenho vontade.

Eu estava me metendo no que não era da minha conta, mas tive a impressão de que, justamente pelo fato de eu ser um desconhecido, e de um país estrangeiro, Larry não tinha má vontade em discutir o caso comigo.

– Bom, você sabe que, quando uma pessoa não consegue fazer nada, vira escritor – disse eu com uma risadinha.

- Não tenho talento.
- Mas, então, que pretende fazer?

Ele me atirou um dos seus sorrisos radiosos, fascinantes.

– Vadiar – respondeu. Não pude deixar de rir.

– Não me consta que Chicago seja o melhor lugar para isso – repliquei. – Em todo caso, deixo-o à sua leitura. Quero dar uma olhada na *Yale Quarterly*.

Levantei-me. Quando saí da biblioteca, Larry ainda estava absorto no livro de William James. Almocei sozinho no clube e, como a biblioteca era lugar sossegado, fui para lá fumar o meu charuto e distrair-me por uma ou duas horas, lendo e escrevendo cartas. Fiquei admirado por ver Larry ainda mergulhado na leitura. Pareceu-me que não se movera desde que eu o deixara. Quando saí, às quatro horas, ainda lá estava. Fiquei impressionado com o seu poder de concentração. Ele não me vira entrar ou sair. Tendo muito que fazer durante a tarde, não voltei ao Blackstone senão à hora de me vestir para ir a um jantar a que fora convidado. No caminho tive um acesso de curiosidade. Entrei de novo no clube e fui até a biblioteca. Havia ali, agora, muita gente, lendo jornais e outras coisas. Larry continuava na mesma cadeira, atento no mesmo livro. Esquisito!

8

No dia seguinte Elliott me convidou para almoçar no Palmer House, para encontrar-me com o velho Maturin e seu filho. Éramos somente quatro. Henry Maturin era um homem quase tão grande como seu filho, com um carnudo rosto vermelho e maxilar pesado; tinha o mesmo nariz chato, agressivo, mas seus olhos eram menores que os de Gray, não tão azuis, e extraordinariamente sagazes. Embora não pudesse ter mais de cinquenta anos, parecia ter dez anos mais; seus cabelos, que rapidamente se aproximavam da calvície, eram brancos como a neve. À primeira vista não era simpático. Dava a impressão de ter durante anos vivido bem demais, e pareceu-me um sujeito brutal, inteligente e competente e que, pelo menos em matéria de negócios, devia ser implacável.

A princípio ele pouco falou e ocorreu-me que estava tomando o meu pulso. Não pude deixar de perceber que não levava Elliott muito a sério. Gray, amável e delicado, ficou quase que em completo silêncio e a reunião teria sido um fracasso se, com seu incomparável tato social, Elliott não tivesse mantido uma conversa fácil e agradável. Achei que, em outros tempos, ele devia ter adquirido certa experiência lidando com negociantes do Oeste Central, que necessitavam de persuasão para pagar um preço exorbitante por alguma obra de arte. Dali a pouco mr. Maturin começou a sentir-se mais à vontade, tendo feito uma ou duas observações que indicavam que ele era mais vivo do que parecia e tinha mesmo um árido senso do humor. Durante algum tempo a conversa girou sobre títulos e ações. Eu teria ficado admirado por ver como Elliott entendia do assunto, se há muito já não tivesse percebido que, apesar de todas as suas bobices, ele não era nenhum tolo. Foi aí que mr. Maturin observou:

- Recebi hoje uma carta do amigo de Gray, Larry Darrell.
- Você não me contou nada, papai – disse Gray. Mr. Maturin voltou-se para mim.

– O senhor conhece Larry, não conhece? – Inclinei a cabeça e ele continuou: – Gray convenceu-me a convidá-lo para trabalhar conosco. São muito amigos. Gray tem dele uma opinião muito elevada.

– O que foi que ele disse, papai?

– Agradeceu-me. Declarou que sabia que não podia haver melhor oportunidade para um rapaz e que refletira seriamente sobre o assunto, chegando à conclusão de que iria decepcionar-me e que era preferível recusar.

– É uma grande tolice da parte dele – disse Elliott.

– De fato – concordou mr. Maturin.

– Sinto muito, papai – disse Gray. – Teria sido ótimo trabalharmos juntos.

– A gente pode conduzir um cavalo ao rio, mas não pode obrigá-lo a beber.

Ao dizer isto, mr. Maturin olhou para o filho e a expressão dos seus olhos suavizou-se. Vi que havia outra faceta no caráter daquele duro negociante; ele adorava aquele seu filhão desajeitado. Virou-se de novo para mim:

– Sabe de uma coisa, no domingo este rapaz deu a volta em dois abaixo do par. Ele me bateu sete e seis. Tive vontade de abrir-lhe a cabeça com o meu taco. E pensar que fui eu que lhe ensinei golfe!

O homem não cabia em si de orgulho. Comecei a gostar dele.

– Tive muita sorte, papai.

– Absolutamente. Acha então que é sorte sair da banca e colocar a bola a seis polegadas da bandeira? No mínimo trinta e oito jardas, aquela batida. Quero que no próximo ano ele tome parte no campeonato de amadores.

– Não vou ter tempo para isso.

– Sou eu o seu patrão, não sou?

– Se é!... O barulho que você faz quando chego um minuto atrasado no escritório!

Mr. Maturin deu uma risadinha e virou-se para mim.

– Ele está querendo me fazer de tirano. Não acredite. O meu negócio sou eu, pois meus sócios não prestam para nada, e tenho muito orgulho do meu negócio. Fiz este meu filho começar de baixo, e espero que ele vá subindo por merecimento, como qualquer outro empregado, de momento oportuno. Um escritório como o nosso é uma grande responsabilidade. Há trinta anos que cuido do emprego de capital de alguns dos meus clientes e eles têm confiança em mim. Para falar com franqueza, prefiro perder o meu dinheiro a vê-los perder o seu.

Gray deu uma risada.

– Um destes dias, quando uma velhota veio procurá-lo para empregar mil dólares num projeto fantástico que o seu pastor lhe recomendara, ele se recusou a aceitar a incumbência; e, quando a mulher insistiu, passou-lhe uma tal descompostura que ela foi embora chorando. Depois ele chamou o pastor e passou-lhe também um sabão.

– Falam muito mal da nossa classe, mas há corretores e corretores – disse mr. Maturin. – Não quero que meus clientes tenham prejuízo; quero que tenham lucro, mas, pela atitude de muitos, a gente pensaria que estão loucos para se ver livres do último centavo que possuem!

– Então, que tal é ele? – perguntou-me Elliott enquanto caminhávamos, depois que os Maturin nos deixaram para voltar ao escritório.

– Sempre tenho prazer em conhecer tipos novos. Achei enternecedora a mútua afeição entre pai e filho. Não creio que isto seja muito comum na Inglaterra.

– Ele adora aquele rapaz. É um sujeito esquisito. Saiba que é verdade o que disse a respeito dos seus clientes.

Toma conta das economias de centenas de velhas, militares aposentados e pastores. Na minha opinião isso dá mais trabalho do que lucro, mas Maturin se orgulha da confiança que depositam nele. Mas, quando se trata de um negócio de vulto e ele tem que lutar contra poderosos interesses, não há homem mais duro.

Inexorável. Piedade é palavra que então desconhece. Quer o seu lucro, e não há obstáculo que o detenha. Se uma pessoa pisar nos seus calos, não somente ele a arruinará, mas ainda achará graça à situação.

Ao chegar em casa Elliott contou a mrs. Bradley que Larry recusara a oferta de Henry Maturin. Isabel fora almoçar com algumas amiguinhas e chegou quando ainda discutiam o assunto. Deram-lhe a notícia. Pelo que Elliott me repetiu da cena, cheguei à conclusão de que ele se exprimira com grande eloquência. Embora tivesse vivido na ociosidade naqueles últimos dez anos, não tendo o seu trabalho anterior, que lhe valera a fortuna, sido dos mais árduos, Elliott era de opinião que, para o bem da humanidade, o trabalho era essencial. Larry era um rapazinho como qualquer outro, sem nenhuma importância social, e não havia absolutamente razão para que não se conformasse com aquele louvável hábito do seu país. Era evidente, para um homem de visão como Elliott, que a América entrava numa época de prosperidade como jamais conhecera. Larry tinha a oportunidade de participar dessa prosperidade e, se fosse perseverante, quando chegasse aos quarenta anos, poderia ser muitas vezes milionário. Se aí então quisesse aposentar-se e viver como um cavalheiro, digamos em Paris, com um apartamento na Avenue du Bois e um castelo em Touraine, ele (Elliott) nada teria a dizer. Mas Louisa Bradley foi mais concisa e mais categórica. Disse:

– Se ele gosta de você, deve estar disposto a trabalhar para você.

Não sei que resposta Isabel deu a isso, mas teve o bom senso de reconhecer que os mais velhos estavam com a razão. Todos os rapazes de sua roda estavam estudando para uma profissão ou trabalhando em algum escritório. Larry não podia pretender passar a vida inteira dormindo sobre suas glórias de aviador. A guerra acabara, estavam todos fartos dela e aflitos por esquecê-la. A conversa teve como resultado a promessa de Isabel de discutir o assunto com Larry de uma vez por todas. Mrs. Bradley sugeriu que ela pedisse ao rapaz que a levasse de carro até Marvin. Pretendia

encomendar cortinas novas para a sala de visitas e perdera as dimensões, querendo portanto que Isabel as tomasse novamente.

– Vocês podem almoçar na casa de Bob Nelson – concluiu.

– Tenho ideia melhor – disse Elliott. – Ponha no carro uma cesta de piquenique; eles poderão comer na varanda e conversar depois do almoço.

– Seria divertido – disse Isabel.

– Há poucas coisas no mundo tão agradáveis como um almoço de piquenique saboreado com todo conforto – declarou Elliott sentenciosamente. – A velha duquesa d’Uzès costumava dizer que, em tais circunstâncias, o macho mais recalcitrante se torna sugestionável. Que é que você pretende dar-lhes para o almoço?

– Ovos cozidos e sanduíches de galinha.

– Absurdo. Ninguém pode fazer um piquenique sem *pâté de foie gras*. Eles precisam levar, em primeiro lugar, camarões com caril; peito de galinha em gelatina, com uma salada de alfaces tenras, que eu mesmo prepararei; e depois do *pâté*, se você quiser, como concessão ao hábito nacional, uma torta de maçã.

– Eles levarão ovos cozidos e sanduíches de galinha, Elliott – declarou Mrs. Bradley em tom decidido.

– Pois bem, tome nota do que digo: vai ser um fracasso e a culpa será sua.

– Larry come muito pouco, tio Elliott – interveio Isabel. – E creio que nem nota o que come.

– Espero que você não considere isto uma qualidade, minha pobre menina – replicou ele.

Mas aquilo que Mrs. Bradley dissera que os dois levariam foi exatamente o que levaram. Ao contar-me o resultado da excursão, Elliott encolheu os ombros em gesto muito francês.

– Bem que as preveni de que seria um fracasso. Supliquei a Louisa que enfiasse na cesta uma garrafa de Montrachet, que eu lhe enviara pouco antes da guerra, mas ela não me deu ouvidos. Levaram uma garrafa térmica com café, e nada mais. Que se poderia então esperar?

Parece que Louisa Bradley e Elliott estavam sozinhos na sala quando ouviram o carro parar à porta e Isabel entrar em casa. Caíra a tarde e as cortinas estavam descidas. Elliott estava à vontade numa poltrona, lendo um romance, e mrs. Bradley trabalhava numa tapeçaria que ia servir de biombo para a lareira. Isabel subira diretamente para o quarto. Elliott fitara a irmã por cima dos óculos.

– Com certeza ela foi tirar o chapéu – disse mrs. Bradley. – Daqui a pouco vai descer.

Mas passaram-se vários minutos sem que Isabel viesse.

– Talvez ela esteja cansada; com certeza deitou-se por um pouco.

– Não acha que seria mais natural Larry ter entrado?

– Não seja irritante, Elliott.

– Bom, isso não é comigo, é com você.

Elliott voltou à sua leitura. Mrs. Bradley recomeçou a bordar.

Mas depois de se ter passado meia hora ela se levantou bruscamente.

– Acho melhor eu subir para ver se ela está bem. Se estiver descansando, não a incomodarei.

Saiu da sala, mas voltou logo em seguida.

– Ela esteve chorando. Larry vai para Paris; pretende ficar ausente dois anos. Isabel prometeu esperar por ele.

– Por que motivo deseja ele ir para Paris?

– Não adianta fazer-me perguntas, Elliott. Não sei. Isabel não me quis contar nada. Diz que compreende e que não quer ser um estorvo para ele. Eu disse: “Se Larry está disposto a deixá-la por dois anos, Isabel, então seu amor não pode ser muito forte”. E ela respondeu: “Paciência. O essencial é que *eu* o amo muito”. “Mesmo depois do que aconteceu hoje?”, perguntei. “O dia de hoje fez com que eu o amasse mais ainda. E ele também me ama, mamãe; tenho certeza disso.”

Elliott refletiu durante alguns instantes.

– E que vai acontecer depois desses dois anos?

– Já lhe disse que não sei, Elliott.

– Não acha o arranjo pouco satisfatório?

– Acho.

– Só resta um consolo: é que são ambos muito moços. Não lhes fará mal esperar dois anos, e nesse espaço de tempo muita coisa pode acontecer.

Concordaram em que seria preferível deixar Isabel em paz, pois iam jantar fora aquela noite.

– Não quero perturbá-la – disse mrs. Bradley. – Todo mundo ficaria fazendo conjeturas se ela aparecesse de olhos inchados.

Mas no dia seguinte, ao almoço, que foi tomado na intimidade, de novo mrs. Bradley tocou no assunto. Mas pouco arrancou de Isabel.

– Não há realmente quase mais nada para contar além do que lhe contei ontem à noite, mamãe – disse ela.

– Mas que é que Larry pretende fazer em Paris? Isabel sorriu, pois sabia quanto a resposta ia parecer absurda à sua mãe.

– Vadiar.

– Vadiar? Que quer você dizer com isso?

– Foi o que ele me disse.

– Francamente, você me faz perder a paciência. Se tivesse um pouco de energia, teria desmanchado o noivado ali na hora. Ele está brincando com você.

Isabel olhou para o anel que trazia na mão esquerda.

– Que hei de fazer? Eu o amo.

Neste momento Elliott entrou na conversa. Discutiu o assunto com o seu tato habitual. “Não como um tio, meu caro amigo, mas como um homem vivido que se dirigisse a uma donzela inexperiente.” Mas não obteve melhores resultados. A impressão que tive foi que, delicadamente mas com firmeza, Isabel lhe dissera que não se metesse no que não era da sua conta. Elliott me repetiu tudo isto no mesmo dia, um pouco mais tarde, quando estávamos ambos na saleta que eu tinha no Blackstone.

– Claro que Louisa tem razão – disse ele. – É muito pouco satisfatório, mas é o que acontece quando deixam que os moços resolvam um casamento que só tem por base uma afeição mútua.

Eu disse a Louisa que não se preocupe; creio que as coisas se resolverão melhor do que ela espera. Com Larry no estrangeiro e o jovem Maturin sempre presente... Bom, se é que entendo alguma coisa da psicologia humana, não é difícil prever-se o resultado. Aos dezoito anos nossas emoções são violentas, mas pouco duradouras.

– Você hoje está filósofo, Elliott – comentei sorrindo.

– Não foi à toa que li o meu La Rochefoucauld. Você conhece Chicago; eles se encontrarão constantemente. Uma moça fica lisonjeada por ter alguém que lhe faça a corte o tempo todo e, quando ela sabe que não há uma de suas amigas que não ficaria radiante de poder casar-se com ele... Pois bem, diga-me lá: acha natural que resista à tentação de suplantar todas as outras? Explico-me melhor: é o mesmo que você ir a uma festa, sabendo que vai se aborrecer à grande e que lá só servirão limonada e biscoitos; mas você vai porque sabe que seus amigos dariam a vida por ir, e no entanto não foram convidados.

– Quando é que Larry pretende partir?

– Não sei. Creio que ainda não foi resolvido. – Elliott sacou do bolso uma cigareira de ouro e platina e tirou de dentro um cigarro egípcio. Nada de Fátimas, para ele, ou Chesterfields ou Camels, ou Lucky Strikes. Fitou-me com um sorriso repleto de insinuações e continuou:

– Claro que eu não diria isso a Louisa, mas a você não me importo de confessar que no fundo compreendo o ponto de vista do rapazinho. Parece que ele tomou um gostinho de Paris durante a guerra, e não o censuro por se sentir atraído pela única cidade do mundo onde um homem civilizado pode viver. É moço e com certeza quer divertir-se um pouco, antes de se assentar na vida de casado. Muito natural e muito certo. Olharei por ele. Apresentá-lo-ei na boa sociedade; ele tem maneiras finas e, com uma ou duas indiretas que eu lhe der, ficará mais apresentável; garanto que posso mostrar-lhe um aspecto da vida na França que a bem poucos americanos é dado conhecer. Creia-me, caro amigo, é mais fácil ao tipo comum de americano entrar no reino dos céus do que

no Boulevard St. Germain. Larry tem vinte anos e é simpático. Não será difícil arranjar-lhe uma ligação com uma mulher mais velha. Isto o formaria. Sempre achei que não há melhor educação para um rapaz do que se tornar amante de uma mulher de certa idade e, naturalmente, se ela for do tipo de mulher que tenho em vista, uma *femme du monde*, você compreende, isto imediatamente lhe daria uma posição em Paris.

– Você disse isso a mrs. Bradley? – perguntei sorrindo. Elliott deu uma risadinha.

– Meu caro amigo, se há uma coisa de que me orgulho neste mundo é do meu tato. Não lhe disse absolutamente nada. Ela não entenderia, a coitadinha. Está aí uma coisa que jamais compreendi em Louisa; embora tenha passado metade de sua vida na diplomacia, residindo em inúmeras capitais do mundo, ela se conservou irremediavelmente americana.

9

Aquela noite fui jantar em Lake Shore Drive, numa enorme casa de pedra que dava a impressão de que o arquiteto iniciara a construção de um castelo medieval e depois, mudando repentinamente de ideia, resolvera transformá-lo em chalé suíço. Era uma reunião grande e, quando entrei na vasta e suntuosa sala de visitas, cheia de estátuas, palmeiras, candelabros, quadros célebres e pesadíssima mobília, fiquei satisfeito por ver que pelo menos algumas das pessoas presentes eu conhecia. Henry Maturin apresentou-me à sua magra, pouco interessante e frágil esposa. Cumprimentei mrs. Bradley e sua filha. Isabel estava muito bonita, com um vestido de seda vermelha que dava realce aos seus cabelos escuros e olhos castanhos. Parecia muito animada e ninguém diria que acabara de ter um grande aborrecimento. Conversava alegremente com dois ou três rapazes, Gray entre eles, que a cercavam. Ao jantar sentou-se a outra mesa e não pude vê-la; mas mais tarde, quando nós, homens, depois de termos nos eternizado nos nossos cafés, licores e cigarros, voltamos para a sala de visitas e tive oportunidade de falar-lhe. Eu a conhecia muito pouco para tocar diretamente no assunto a que Elliott se referira, mas tinha alguma coisa para contar-lhe, que, achei, iria causar-lhe prazer.

– Vi o seu namorado no clube, há poucos dias – disse eu despreocupadamente.

– Ah! viu?...

Seu tom era tão despreocupado quanto o meu, mas percebi que ela ficara imediatamente alerta. Seus olhos adquiriram uma expressão vigilante e creio ter notado neles a sombra da apreensão.

– Ele estava lendo na biblioteca. Fiquei impressionadíssimo com o seu poder de concentração. Lia quando cheguei, pouco depois das dez, lia quando apareci depois do almoço, e ainda

estava lendo quando lá voltei à hora do jantar. Não creio que tenha se levantado da cadeira durante a maior parte de um espaço de dez horas.

– O que ele estava lendo?

– *Principles of Psychology* de William James.

Isabel baixou os olhos para que eu não pudesse ver a impressão que isso lhe causara, mas pareceu-me que ela ficara ao mesmo tempo perplexa e aliviada. Neste momento o dono da casa veio chamar-me para o bridge; quando o jogo acabou, Isabel e sua mãe já tinham ido para casa.

10

Dois dias mais tarde fui despedir-me de mrs. Bradley e Elliott. Encontrei-os tomando chá. Logo depois Isabel apareceu. Falamos da minha próxima viagem, agradeci-lhes as gentilezas que me tinham dispensado durante minha permanência em Chicago, e depois de um prazo regular levantei-me para partir.

– Vou com o senhor até a *drugstore* – disse Isabel. – Lembrei-me agora que tenho uma compra a fazer.

As últimas palavras que mrs. Bradley me disse foram: “O senhor dará lembranças minhas à querida rainha Margherita, não é?”.

Eu desistira de procurar convencê-la de que não conhecia aquela augusta personagem, e mais que depressa respondi que lhe faria a vontade.

Quando ganhamos a rua, Isabel lançou-me de soslaio um olhar sorridente.

– O senhor acha que poderia tomar um *ice-cream-soda*? – perguntou-me.

– Só experimentando – respondi prudentemente. Isabel não falou até chegarmos à *drugstore* e eu, por nada ter a dizer, também fiquei em silêncio. Entramos e tomamos uma mesa, sentando-nos em cadeiras com encosto de ferro forjado e pés no mesmo estilo. Muito pouco confortáveis. Encomendei dois *ice-cream-soda*. Algumas pessoas faziam compras diante dos balcões; dois ou três casais, sentados a outras mesas, só pareciam atentos aos seus interesses; estávamos, pois, por assim dizer, sozinhos. Acendi um cigarro e esperei, observando Isabel que, com aparente satisfação, chupava o seu refresco por meio de uma longa palhinha. Pareceu-me nervosa.

– Eu queria falar com o senhor – disse-me bruscamente.

– Foi o que me pareceu – respondi sorrindo.

Ela me fitou, pensativa, durante um ou dois minutos.

– Por que motivo me disse aquilo de Larry a noite retrasada na casa dos Satterthwaites?

– Achei que lhe ia interessar. Ocorreu-me que talvez você não soubesse o que ele queria dizer com “vadiar”.

– Tio Elliott é um linguarudo. Quando me disse que ia ao Blackstone dar uma perobinha com o senhor, logo vi que ia contar-lhe tudo.

– Eu o conheço há muitos anos, sabe. Ele tem prazer em comentar a vida alheia.

– É verdade – disse ela, com um sorriso apenas esboçado. Fitou-me atentamente, com expressão séria no olhar. – Que é que acha de Larry?

– Só o vi três vezes. Parece-me muito bom rapaz.

– Só isso?

Havia uma nota de tristeza na voz dela.

– Não; não é. Fica difícil eu dar opinião; você vê, conheço-o há muito pouco tempo. Claro que é simpático. Há nele qualquer coisa de modesto, amável e suave, que é deveras atraente. E é muito senhor de si, considerando-se a sua mocidade. Não se parece com nenhum dos rapazes que fiquei conhecendo aqui.

Enquanto eu assim desajeitadamente procurava dar forma a uma impressão ainda confusa no meu pensamento, Isabel me fitava atentamente. Quando terminei, ela soltou um suspirozinho, como que aliviada, e lançou-me um sorriso encantador, meio maroto.

– O tio Elliott diz que muitas vezes tem ficado admirado do seu dom de observação, mr. Maugham. Diz que pouca coisa lhe escapa, mas que a sua maior qualidade como escritor é o seu bom senso.

– Conheço uma qualidade mais apreciável – repliquei secamente. – Talento, por exemplo.

– Sabe, não tenho ninguém com quem discutir o meu caso. Mamãe só enxerga as coisas sob o seu ponto de vista. Quer garantir o meu futuro.

– É mais que natural, não é?

– E o tio Elliott só vê o lado social. Minhas amigas, refiro-me às da minha geração, acham Larry muito pouco interessante. Isto dói terrivelmente.

– Claro.

– Não digo que elas não sejam gentis com ele. Ninguém pode deixar de ser gentil com Larry. Mas não o levam a sério. Fazem muita troça dele e ficam exasperadas por ver que ele não faz caso. Larry apenas ri. O senhor sabe em que pé estão as coisas atualmente?

– Só sei o que Elliott me contou.

– Posso contar-lhe exatamente o que se passou quando fomos a Marvin?

– Claro.

Consegui reconstruir o episódio que Isabel me descreveu, em parte pela lembrança que tenho do que ela me disse naquele dia, e em parte acudido pela imaginação. Mas foi longa a conversa entre ela e Larry e não duvido que tenham dito muito mais do que pretendo agora relatar. Creio que, como acontece com todo mundo nessas ocasiões, eles não somente disseram muita coisa que não vinha ao caso, mas repetiram várias vezes as mesmas frases.

Quando se levantou, naquele dia, ao ver a beleza da manhã Isabel telefonou a Larry, dizendo que sua mãe queria que ela fosse até Marvin, e pedindo-lhe que a levasse de carro. Tomara a precaução de acrescentar uma garrafa térmica, de martíni, à de café que sua mãe ordenara a Eugene que pusesse na cesta. O carro era novo e Larry tinha orgulho dele. Gostava de guiar depressa, e a velocidade os deixou muito animados. Chegando a Marvin, Isabel mediu as cortinas que deviam ser substituídas, enquanto Larry ia anotando os números. Depois prepararam o almoço na varanda. Esta era protegida contra todo e qualquer vento, e o sol do verão de S. Martinho aquecia agradavelmente. A casa, à beira de uma estrada poeirenta, nada tinha da elegância das velhas casas de madeira da Nova Inglaterra e, mesmo com boa vontade, o mais que se poderia dizer era que era grande e

confortável; mas da varanda tinha-se uma vista agradável, do barracão vermelho com o seu telhado negro, uma moita de velhas árvores, e além, até onde alcançava a vista, campos pardacentos. Paisagem monótona, mas o sol e as tintas brilhantes do fim do ano davam-lhe uma beleza toda sua. Era intoxicante aquela amplidão. Por mais fria, nua e melancólica que se apresentasse no inverno, por mais seca, crestada e opressiva que fosse em outros dias, naquela ocasião era estranhamente excitante, pois a vastidão do panorama convidava a alma à aventura.

Eles saborearam o almoço como criaturas moças e sadias que eram, sentindo prazer na companhia um do outro. Isabel serviu o café e Larry acendeu o cachimbo.

– Agora, desabafe-se, meu bem – disse ele com um sorriso divertido nos olhos.

Isabel foi apanhada de surpresa.

– Desabafar-me sobre o quê? – perguntou com o ar mais inocente que lhe foi possível assumir.

Ele deu uma risadinha.

– Pensa que sou algum idiota, meu amor? Se sua mãe não conhecer perfeitamente as dimensões das janelas da sala, quero ser mico de cavaleiro! Não foi por isso que você me pediu para trazê-la aqui.

Novamente senhora de si, Isabel lançou-lhe um sorriso encantador.

– Pode ser que eu tenha achado que seria agradável passarmos um dia juntos, só nós dois.

– Pode ser, mas não creio que tenha sido. Meu palpite é que o tio Elliott lhe contou que recusei o convite de Henry Maturin.

Ele falava alegre e despreocupadamente e Isabel achou conveniente adotar o mesmo tom.

– Gray deve ter ficado profundamente decepcionado. Achava que seria ótimo ter você com ele no escritório. Você tem que trabalhar um dia e, quanto mais for adiando, pior.

Larry tirou uma cachimbada e fitou-a, sorrindo ternamente, de modo que Isabel não soube dizer se ele estava falando sério ou

não.

– Sabe, tenho a impressão de que quero fazer da minha vida alguma coisa mais do que vender títulos.

– Está certo, então. Entre para um escritório de advocacia ou vá estudar medicina.

– Não; não é também isto que eu quero.

– O que é que você quer, então?

– Vadiar – replicou ele calmamente.

– Oh! Larry, não se faça de engraçado. Isto é muito, muito sério.

A voz de Isabel tremia e seus olhos se encheram de lágrimas.

– Não chore, querida. Não desejo fazê-la sofrer.

Ele foi sentar-se ao lado de Isabel, passando o braço à volta dos ombros dela. Havia uma tão grande ternura na sua voz que Isabel não pôde conter as lágrimas. Mas enxugou-as e tentou chamar aos lábios um sorriso.

– É muito fácil dizer que não quer fazer-me sofrer. Você está me fazendo sofrer. Porque, sabe, eu gosto de você, Larry.

– Eu também gosto de você, Isabel.

Ela suspirou profundamente. Depois se desvencilhou dos braços dele, afastando-se ligeiramente.

– Sejamos sensatos. Um homem tem que trabalhar, Larry. É uma questão de amor-próprio. Vivemos num país novo e é dever de todo homem tomar parte nas atividades deste país. Ainda no outro dia, Henry Maturin estava dizendo que nos encontramos no início de uma era que fará com que as realizações passadas pareçam insignificantes. Disse que não vê limites para o nosso progresso, e está convencido de que lá para 1930 seremos o país maior e mais rico do mundo. Você não acha isto formidável?

– Formidável.

– Nunca os moços tiveram igual oportunidade. Pensei que você fosse sentir-se orgulhoso de participar do trabalho que temos à nossa frente. É uma maravilhosa aventura.

Ele riu ligeiramente.

– Creio que você tem razão. As Armour e Swift produzirão melhores conservas e em maior escala, as McCormick farão melhores foices e em maior quantidade, Henry Ford porá no mercado maior número de melhores carros. E todo mundo ficará mais rico e ainda mais rico. E por que não?

– Sim, como diz você, por que não? Mas acontece que o dinheiro não me interessa.

Isabel riu nervosamente.

– Meu bem, não diga tolices. Ninguém pode viver sem dinheiro.

– Tenho um pouquinho; é por isso que posso fazer o que quero.

– Vadiar?

– Sim – respondeu ele sorrindo.

– Você está dificultando tanto as coisas para mim, Larry – suspirou Isabel.

– Sinto muito. Eu não o faria, se dependesse da minha vontade.

– Depende da sua vontade.

Ele sacudiu a cabeça. Ficou quieto durante alguns instantes, imerso nos seus pensamentos. Quando finalmente quebrou o silêncio, foi para dizer algo que a sobressaltou.

– Os mortos parecem tão irremediavelmente mortos quando mortos.

– O que quer você exatamente dizer com isto? – perguntou ela, perturbada.

– Justamente isto. – Ele sorriu, meio encabulado. – A gente tem muito tempo para pensar, quando está voando, sozinho. Fica-se com ideias esquisitas.

– Que espécie de ideias?

– Vagas – respondeu ele sorrindo. – Incoerentes. Confusas.

Isabel refletiu durante alguns instantes.

– Não acha que, se você começasse a trabalhar, elas se coordenariam e você ficaria sabendo em que terreno pisava?

– A ideia me ocorreu. Pensei em ir trabalhar numa carpintaria ou em alguma garagem.

– Oh! Larry, todo mundo pensaria que você está maluco.

– Teria isto importância?

– Para mim, sim.

De novo se fez silêncio entre eles. Foi Isabel quem o quebrou. Soltou um suspiro e disse:

– Você está tão diferente do que era quando foi para a França!

– Isto não é de estranhar. Muita coisa me aconteceu, você sabe.

– Como por exemplo?

– Oh, nada de extraordinário. Meu maior amigo na aviação morreu ao salvar-me a vida. Não foi fácil conformar-me com isso.

– Conte-me como foi, Larry.

Ele fitou-a com profunda angústia no olhar.

– Prefiro não falar nisso. Afinal de contas, foi um incidente corriqueiro.

Emotiva por natureza, Isabel sentiu de novo lágrimas nos olhos.

– Você é infeliz, meu bem?

– Não – respondeu ele sorrindo. – A única coisa que me torna infeliz é saber que estou tornando você infeliz.

– Ele segurou a mão de Isabel, e era tão amigo o aperto daquela mão firme e forte, havia nele tão afetuosa intimidade que Isabel teve que morder os lábios para não chorar.

– Creio que não terei paz de espírito enquanto não resolver certas coisas – continuou Larry gravemente. Hesitou e depois: – É difícil explicar. A gente experimenta e logo fica constrangida. Pensa: “Quem sou eu para quebrar minha cabeça sobre isso, aquilo e aquele outro? Mas talvez eu não passe de um pedante pretensioso. Não seria melhor seguir o caminho que os outros trilharam e deixar que os acontecimentos venham como têm que vir?”. Mas então a gente se lembra de um sujeito que uma hora antes estava cheio de vida e de alegria e agora está morto. Tudo tão cruel e sem significação! É difícil deixar de perguntar a si

próprio que finalidade tem a vida, se ela tem algum sentido ou se não passa de um erro trágico por parte do destino cego.

Quando Larry falava com aquela sua voz maravilhosamente melodiosa, interrompendo-se como se fizesse um esforço para dizer coisas que preferia calar, e exprimindo-se, no entanto, com tão angustiosa sinceridade, era impossível ao ouvinte não se comover; assim sendo, durante algum tempo Isabel teve medo de falar.

– Acha que adiantaria se você se ausentasse durante algum tempo?

Isabel formulara a pergunta com o coração na mão. Larry levou muito tempo para responder.

– Creio que sim. A gente procura mostrar-se indiferente à opinião pública, mas não é assim tão fácil. Quando essa opinião é antagonica, excita em nós antagonismo e isto nos perturba.

– Então, por que não vai?

– Bom, por sua causa.

– Sejamos francos um com o outro, meu bem. No momento atual não há lugar na sua vida para mim.

– Quer dizer que você prefere desmanchar o nosso noivado?

Ela conseguiu chamar um sorriso aos lábios trêmulos.

– Não, tolinho; quer dizer que estou disposta a esperar.

– Talvez seja um ano. Talvez dois.

– Não faz mal. Talvez seja menos. Para onde você quer ir?

Ele fitou-a atentamente, como se desejasse ler-lhe o mais íntimo pensamento. Isabel sorriu despreocupadamente para esconder o seu profundo desgosto. Larry disse:

– Pois bem, pensei em começar indo para Paris. Não conheço ali ninguém. Não haveria ninguém para se meter com a minha vida. Fui diversas vezes a Paris quando em licença. Não sei por quê, mas tenho impressão de que ali tudo o que está confuso no meu espírito se aclararia. É um lugar engraçado; a gente tem impressão de que ali poderá analisar a fundo os próprios pensamentos. Creio que assim eu talvez chegue a saber que caminho tomar.

– E que acontecerá se não ficar sabendo? Ele deu uma risadinha.

– Então recuperarei o proverbial bom senso americano, darei a experiência por malsucedida e voltarei para Chicago, aceitando o emprego que conseguir arranjar.

A cena impressionara demasiadamente Isabel para que ela pudesse repetir-me sem ficar emocionada. Ao terminar, fitou-me com um arzinho que me penalizou.

– Acha que fiz bem?

– Acho que fez a única coisa possível e, mais ainda, acho que foi extraordinariamente boa, generosa e compreensiva.

– Gosto de Larry e quero que ele seja feliz. E, sabe, até certo ponto acho preferível que ele vá. Quero que se veja livre desta atmosfera hostil, não somente por sua causa, mas pela minha também. Não posso criticar as pessoas que afirmam que ele nunca dará coisa alguma; detesto-as por dizerem isso e, no entanto, bem no fundo, tenho um medo horrível de que estejam com a razão. Mas não diga que sou compreensiva. Não tenho a mínima ideia do que ele procura.

– Talvez você compreenda mais com o coração do que com a razão – repliquei sorrindo. – Por que não se casa imediatamente com ele e não o acompanha a Paris?

O olhar de Isabel teve o brilho de um sorriso.

– Nada que eu desejasse mais. Mas não posso. E, o senhor sabe, embora eu deteste reconhecer semelhante coisa, acho que ele estará melhor sem a minha companhia. Se o dr. Nelson acerta ao dizer que Larry está sofrendo as consequências do choque, então um ambiente novo e outros interesses o curarão e, ao recuperar o equilíbrio, ele voltará para Chicago e vai trabalhar como todo mundo. Não tenho a mínima vontade de me casar com um vadio.

Isabel fora educada de certa maneira e aceitava os princípios que lhe haviam sido inculcados. Não pensava em dinheiro, porque ignorava o que era não ter tudo de que necessitava, mas instintivamente compreendia a sua importância. Poder, influência,

posição social. Era natural e óbvio que um homem procurasse ganhá-lo.

Era esta a sua missão na terra.

– Não me admiro que você não compreenda Larry, pois garanto que nem ele se compreende a si próprio – disse eu. – Se ele se mostra reservado quanto aos seus desígnios, talvez seja porque esses desígnios ainda lhe são obscuros. Previno-a: conheço-o muito pouco e isto é apenas um palpite, mas não acha possível que ele esteja procurando por alguma coisa, mas uma coisa que ele ignora qual seja, de cuja existência talvez nem mesmo certeza tenha? É possível que o que lhe aconteceu na guerra, seja o que for, tenha determinado uma inquietação que nunca o abandona. Não acha que ele talvez esteja à procura de um ideal que se oculta na névoa do desconhecido, como o astrônomo que busca a estrela que somente um cálculo matemático lhe diz que existe?

– Sinto que alguma coisa o está afligindo.

– Sua alma? É possível que ele esteja com um pouco de medo de si próprio. É possível que não acredite na autenticidade da visão que vagamente distingue no seu espírito.

– Às vezes ele me dá uma impressão esquisita; como se fosse um sonâmbulo que de repente acordasse num lugar estranho, não podendo imaginar onde está. Era tão normal antes da guerra! Um dos seus maiores atrativos era o seu amor à vida. Tão alegre e estouvado que era um prazer a gente estar na sua companhia; tão meigo e ridículo! Que é que pode ter acontecido para tê-lo mudado desta forma?

– Não sei. Às vezes uma coisinha de nada tem sobre a pessoa um efeito completamente fora de proporção com o acontecimento. Depende das circunstâncias, e do estado de espírito dessa pessoa no momento. Lembro-me de ter ido à missa num Dia de Todos os Santos, que os franceses chamavam Dia de Finados, na igreja de uma aldeia que, no seu primeiro avanço sobre a França, os alemães tinham estragado um pouco. Estava repleta de soldados e mulheres de preto. No cemitério ao lado, havia fileiras de cruces

de madeira e, à medida que o serviço solene, triste, prosseguia, e homens e mulheres choravam, experimentei a sensação de que talvez aqueles que descansavam sob as cruzes fossem mais felizes do que nós, os vivos. Conteí a um amigo o que sentia e ele me perguntou o que queria eu dizer. Não me foi possível explicar e percebi que ele me considerava um grandíssimo idiota. E lembro-me de ter visto, depois de uma batalha, um monte de franceses mortos, empilhados uns sobre os outros. Pareciam fantoches de uma companhia falida, que haviam sido atirados desordenadamente num canto poeirento, por não prestarem para mais nada. Pensei, então, aquilo que Larry disse a você, no outro dia: "Os mortos parecem tão irremediavelmente mortos".

Não quero que o leitor pense que estou fazendo mistério do que acontecera a Larry na guerra, fosse o que fosse, que tão profundamente o afetara – mistério que revelarei no momento oportuno.

Não creio que ele jamais tenha contado a quem quer que seja. Anos mais tarde, no entanto, ele falou a uma mulher, Suzanne Rouvier, também minha conhecida, sobre o avião que morrera ao salvar-lhe a vida. Ela repetiu-me o caso e só posso, portanto, relatá-lo de segunda mão.

Traduzi-o do francês em que ela me falou. Parece que Larry ficara muito amigo de outro rapaz de seu esquadrão. Suzanne só o conhecia pelo irônico apelido com que Larry se referia a ele.

– Era um sujeitinho pequeno de cabelos vermelhos, um irlandês – disse Larry. – Costumávamos chamá-lo de Patsy e ele tinha mais vivacidade do que qualquer outra pessoa que jamais conheci. Céus, era um azougue! Tinha uma cara engraçada e um sorriso engraçado, de modo que só de olhar para ele a gente tinha vontade de rir. Era um diabo temerário e fazia as maiores loucuras; estava sempre sendo chamado à ordem pelos superiores. Não sabia o que era medo e, depois de ter escapado da morte por um triz, seu rosto se alargava num sorriso, como se aquilo fosse a maior pilhéria do mundo. Mas era um avião nato e lá em cima,

nas nuvens, sabia ser frio e cauteloso. Ensinou-me muita coisa. Era um pouco mais velho do que eu e tomou-me sob sua proteção; isto era realmente um pouco cômico, considerando-se que eu tinha bem uns quinze centímetros a mais de altura do que ele e, se por um acaso brigássemos, eu poderia pô-lo a nocaute em dois tempos. Foi o que aconteceu, certa vez, em Paris, quando ele estava bêbado e fiquei com medo de que se metesse em alguma embrulhada.

Larry fez uma pausa e continuou:

– Eu não me sentia muito à vontade quando me reuni ao esquadrão e tinha medo de não me sair bem, mas ele me obrigou a ter confiança em mim. Tinha ideias engraçadas sobre a guerra; não sentia ódio dos alemães; gostava de uma brigazinha e achava divertidíssimo combatê-los. Não podia considerar o fato de pôr abaixo um avião inimigo a não ser como grandíssima pilhéria. Era impudente e louco e irresponsável, mas ao mesmo tempo tão sincero que a gente não podia deixar de lhe querer bem. Daria a um companheiro o seu último níquel, com a mesma facilidade com que aceitaria o dele. Se um de nós se sentia isolado, ou com saudade de casa, ou com medo, como algumas vezes me aconteceu, ele logo o perceberia e, a carinha feia enrugando-se de riso, diria exatamente aquilo que podia fazer a gente sentir-se bem outra vez.

Larry tirou uma cachimbada e Suzanne esperou que ele continuasse.

– Costumávamos manobrar de jeito a ter nossas licenças juntos e quando íamos a Paris ele ficava endiabrado. Divertíamos-nos à grande. Íamos ter uns dias de licença em princípio de março, isto em 1918, e traçamos nossos planos de antemão. Não havia o que não pretendêssemos fazer! Na véspera da partida, recebemos ordem de voar sobre as linhas inimigas e apresentar o nosso relatório. Subitamente demos com alguns aviões alemães e, quando menos esperávamos, estávamos no meio de uma batalha. Um deles me perseguiu, mas peguei-o primeiro. Espiei para ver se ele ia cair e com o rabo do olho vi outro aparelho no meu encalço.

Mergulhei para ver se escapava, mas o inimigo se aproximou como um relâmpago e pensei que eu estivesse liquidado; nisto vi Patsy cair sobre ele como se fosse um raio e despejar-lhe toda a munição que tinha. Os alemães deram-se por vencidos e fugiram, e nós voltamos às nossas linhas. Meu avião estava bem avariado e eu mal consegui aterrissar. Patsy chegara antes de mim. Quando desci do meu avião, vi que tinham acabado de tirá-lo do seu. Estava deitado no chão; esperavam que chegasse a ambulância. Ele sorriu ao ver-me. Disse:

“Derrubei aquele sujeito que estava atrás de você”. “Que foi que aconteceu, Patsy?”, perguntei.

“Oh! nada. Ele me pegou na asa.”

– Estava mortalmente pálido. De repente uma expressão estranha cobriu-lhe o rosto. Só neste momento percebeu que estava agonizante, e a ideia da morte jamais lhe passara pela cabeça. Antes que alguém pudesse impedi-lo, ele sentou-se e soltou uma risada.

“Ora, essa é boa!”

– Caiu morto. Tinha vinte e dois anos. Ia casar-se com uma moça na Irlanda quando acabasse a guerra.

No dia seguinte à minha conversa com Isabel, saí de Chicago para São Francisco, onde devia tomar o vapor que me levaria ao Extremo Oriente.

Dois

1

Só tornei a ver Elliott quando ele veio a Londres, em fins de junho do ano seguinte. Perguntei-lhe se, afinal de contas, Larry tinha ido mesmo para Paris. Respondeu-me que sim. Achei graça ao perceber como Elliott ficara exasperado com ele.

– No fundo eu compreendia o ponto de vista do rapazinho – disse-me. – Não o censurava por querer passar um ou dois anos em Paris, e estava disposto a lançá-lo na sociedade. Pedi-lhe que me avisasse assim que chegasse, mas só quando Louisa se referiu a isso numa carta foi que eu soube que ele estava em Paris. Escrevi-lhe aos cuidados do American Express, endereço que ela me dera, convidando-o para vir jantar e ser apresentado a algumas das pessoas que eu achava que ele devia conhecer. Queria primeiro experimentá-lo com o grupo franco-americano, Emily de Montadour, Gracie de Chateau-Gaillard e outras, mas sabe você o que ele me respondeu? Que sentia não poder aceitar, uma vez que não trouxera traje de noite.

Elliott encarou-me para ver no meu rosto o espanto que certamente eu iria sentir. Ergueu um tanto desdenhosamente as sobrancelhas ao verificar que eu aceitava com calma a comunicação.

– Respondeu à minha carta numa folha de papel ordinário, que tinha em cima o nome de um café do *Quartier Latin*; quando lhe escrevi novamente, pedi-lhe que me dissesse onde estava hospedado. Achei que, em consideração a Isabel, precisava fazer alguma coisa por ele, e pensei que talvez fosse apenas uma questão de timidez – isto é, não achei crível que um rapaz no seu juízo perfeito viesse para Paris sem traje de noite; além do mais, há ali alfaiates passáveis. Convidei-o, portanto, para almoçar, avisando que seria um grupo pequeno e, imagine você, não somente ele ignorou o meu pedido sobre o endereço, mas disse

que nunca almoçava! Isto fez com que eu lavasse definitivamente as mãos a seu respeito.

– O que será que anda fazendo?

– Não sei e, para ser franco, tanto se me dá. Acho que é um rapazinho indesejável, e que seria um grande erro da parte de Isabel casar-se com ele. Afinal de contas, se ele levasse vida normal, eu o teria visto no bar do Ritz, ou no Fouquet, ou em qualquer outro lugar.

Vou às vezes a estes lugares elegantes, mas vou também a outros, e aconteceu que passei vários dias em Paris, no princípio do outono daquele ano, a caminho de Marselha, onde pretendia tomar um dos vapores da Messagerie, para Cingapura. Jantei uma noite com alguns amigos em Montparnasse e depois do jantar fomos ao Dôme tomar um copo de cerveja. Dali a pouco meu olhar vadio deu com Larry sentado sozinho a uma mesa de mármore, no terraço repleto de gente. Observava desinteressadamente as pessoas que passeavam para lá e para cá a apreciar a frescura da noite depois de um dia opressivo. Deixei o meu grupo e fui até lá. Seu rosto iluminou-se quando me viu. Dirigiu-me um sorriso amável e convidou-me para sentar, mas respondi que não podia por estar com uns amigos.

– Quis apenas cumprimentá-lo – disse eu.

– O senhor está aqui? – perguntou-me.

– Apenas por alguns dias.

– Quer almoçar comigo amanhã?

– Pensei que você nunca almoçasse. Ele riu baixinho.

– O senhor esteve com Elliott! Em geral não almoço, pois não posso perder tempo; tomo só um copo de leite, com um brioche, mas gostaria que o senhor almoçasse comigo.

– Está certo.

Combinamos encontro no Dôme, no dia seguinte, para um aperitivo; iríamos depois almoçar em qualquer restaurante do boulevard. Voltei para a companhia dos meus amigos. Ficamos sentados, conversando. Quando procurei por Larry, dali a pouco, vi que ele havia saído.

2

No dia seguinte passei uma manhã muito agradável. Fui ao Luxemburgo e ali me demorei durante uma hora, vendo alguns quadros do meu gosto. Depois vaguei pelos jardins, tentando recapturar as memórias da mocidade. Nada mudara. Poderiam ter sido os mesmos estudantes, aqueles que passeavam aos pares pelas alamedas de pedregulho, a discutir os autores que lhes tinham despertado o interesse. Poderiam ter sido as mesmas crianças, a rodar os mesmos arcos, sob a vigilância das mesmas amas. Poderiam ter sido os mesmos velhos, que se aqueciam ao sol e liam o jornal da manhã. Poderiam ter sido as mesmas mulheres maduras, de luto, sentadas nos bancos a discutir o preço dos mantimentos e a insolência das empregadas. Depois fui ao Odeon, examinei os livros novos nas galerias e vi os rapazinhos que, como eu trinta anos antes, procuravam, sob o olhar petulante dos empregados de avental, ler o maior número possível de livros que eles não estavam em condições de comprar. Caminhei em seguida vagorosamente pelas ruas sujas e queridas, até chegar ao Boulevard du Montparnasse e finalmente ao Dôme. Larry estava à minha espera. Tomamos um aperitivo e procuramos depois um restaurante onde pudéssemos comer ao ar livre.

Talvez ele estivesse um pouco mais pálido, e isto fazia com que seus olhos muito escuros, nas órbitas fundas, atraíssem mais ainda atenção; mas continuava igualmente senhor de si, fato curioso em pessoa tão jovem, e tinha o mesmo sorriso franco. Quando encomendou o almoço, notei que falava francês corretamente e com boa pronúncia. Felicitei-o.

– Bom, eu já sabia um pouco de francês – explicou ele. – Tia Louisa tinha uma governanta francesa para Isabel e, quando estávamos em Marvin, ela nos obrigava a praticar o tempo todo.

Perguntei-lhe se estava gostando de Paris.

– Muito.

– Mora em Montparnasse?

– Moro – disse ele depois de um momento de hesitação, que interpretei como indicando má vontade de contar exatamente onde morava.

– Elliott ficou um pouco vexado por você lhe ter dado como endereço somente o American Express.

Larry sorriu, mas não respondeu.

– O que é que você faz o tempo todo?

– Vagabundeio.

– E lê?

– Leio, sim.

– Tem notícias de Isabel?

– De vez em quando. Nenhum de nós dois é muito dado a escrever cartas. Está se divertindo à grande em Chicago. No próximo ano elas vêm para cá, visitar Elliott.

– Que bom para você!

– Creio que Isabel não conhece Paris. Vai ser divertido mostrar-lhe a cidade.

Larry estava curioso por conhecer detalhes de minha viagem pela China e ouviu com atenção o que lhe contei; mas, quando tentei fazê-lo falar sobre si próprio, fracassei. Mostrou-se tão pouco comunicativo que me vi forçado à conclusão de que me convidara somente pelo prazer da minha companhia. Fiquei contente, mas perplexo. Nem bem tínhamos acabado o café, ele pediu a conta, pagou-a e levantou-se.

– Bom, tenho que ir caminhando – disse.

Separamo-nos. Eu estava na mesma quanto às suas atividades. Não tornei a vê-lo.

3

Quando, mais cedo do que pretendiam, mrs. Bradley e Isabel vieram hospedar-se com Elliott, na primavera, eu não me achava em Paris; para completar, portanto, a narrativa do que sei que sucedeu, vejo-me de novo obrigado a recorrer à imaginação. Mãe e filha desembarcaram em Cherburgo e, com a costumeira gentileza, Elliott foi esperá-las. Passaram pela Alfândega. O trem partiu. Com ar um tanto benevolente, Elliott participou-lhes que tomara para elas uma ótima empregada particular; e quando mrs. Bradley replicou que achava a medida desnecessária, ele falou-lhe com rudeza.

– Não comece a implicar desde o momento da chegada, Louisa. Nenhuma senhora pode ficar bem-vestida sem o auxílio de uma criada particular, e resolvi tomar Antoinette não somente por sua causa e de Isabel, mas pela minha. Ficaria mortificado se vocês não se apresentassem impecavelmente vestidas.

Elliott lançou aos trajes das duas viajantes um olhar desdenhoso e continuou:

– Vocês, naturalmente, vão precisar de vestidos novos. Depois de muito refletir, cheguei à conclusão de que Chanel é a última palavra.

– Sempre tenho procurado Worth – declarou mrs. Bradley. Pela atenção que Elliott lhe deu, foi o mesmo que não ter falado.

– Conversei pessoalmente com Chanel e marquei hora para amanhã, às três. Depois temos que tratar dos chapéus. Quanto a isso, não há dúvida: Reboux.

– Não quero gastar muito, Elliott.

– Sei disso. Estou disposto a pagar por tudo. Quero que vocês me façam honra. Oh! enquanto me lembro, Louisa, arranjei várias reuniões para vocês e disse aos meus amigos franceses que Myron era embaixador, o que naturalmente ele chegaria a ser, se tivesse

vivido um pouco mais; isso causa melhor efeito. Não creio que o assunto venha à baila, mas achei preferível preveni-la.

– Você é ridículo, Elliott.

– Não, não sou. Conheço a humanidade. Sei que a viúva de um embaixador tem mais prestígio que a viúva de um ministro.

Quando o trem ia entrando na Gare du Nord, Isabel, que estava à janela, exclamou:

– Lá está Larry.

Nem bem o trem parara, ela pulou para a plataforma e correu ao encontro do rapaz. Larry abraçou-a.

– Como é que ele soube que vocês vinham? – perguntou Elliott, secamente, à irmã.

– Isabel radiografou do navio.

Mrs. Bradley beijou Larry afetuosamente e Elliott estendeu-lhe molemente a mão. Eram dez horas da noite. nhã? – perguntou vivamente Isabel, de rosto corado e olhos cintilantes, com o braço enfiado no do rapaz.

– Eu teria nisso muito prazer, mas Larry me deu a entender que nunca almoça.

– Você almoça amanhã, não é verdade, Larry?

– Almoço – respondeu ele sorrindo.

– Espero então ter o prazer de vê-lo à uma hora. Elliott estendeu-lhe mais uma vez a mão, com evidente intenção de despedi-lo, mas Larry sorriu impudentemente.

– Vou ajudar com a bagagem e lhes arranjarei um táxi.

– Meu carro está esperando e meu criado tomará conta da bagagem – disse Elliott com dignidade.

– Ótimo. Então só nos resta partir. Se houver lugar para mim, irei até a porta de sua casa.

– Sim, venha, Larry – disse Isabel.

Desceram juntos a plataforma, seguidos por Mrs. Bradley e Elliott. No rosto de Elliott havia uma expressão de gélida censura.

– *Quelles manières* – murmurou de si para si, pois em certas circunstâncias achava que podia exprimir seus sentimentos com mais energia em francês.

Não sendo madrugador, no dia seguinte às onze horas, quando acabou de se vestir, Elliott mandou um bilhete à irmã, por intermédio de seu criado Joseph e da criada dela, Antoinette, convidando-a a vir à biblioteca para conversarem um pouco. Quando mrs. Bradley apareceu, ele fechou cautelosamente a porta e, enfiando um cigarro numa imensa piteira de ágata, acendeu-o e sentou-se.

– Devo compreender que Isabel e Larry continuam noivos? – perguntou.

– Sim, pelo que me consta.

– Infelizmente não tenho muito boas notícias a dar-lhe sobre o rapaz. – Elliott contou-lhe como estivera disposto a apresentar Larry na sociedade e os planos que fizera para instalá-lo condignamente. – Eu estava mesmo de olho num *rez-de-chaussée*, que era exatamente o que lhe convinha. Pertence ao jovem marquês de Rethel, que queria sublocá-lo por ter sido nomeado embaixador em Madri.

Mas Larry recusara seus convites de uma maneira que indicava claramente que não queria auxílio.

– Para que vem uma pessoa a Paris, quando não pretende aproveitar-se das vantagens que esta cidade oferece, é coisa que está acima da minha compreensão. Não sei de que maneira ele passa o tempo; parece-me que não conhece ninguém. Sabe onde ele mora?

– O único endereço que nos deu foi o American Express.

– Tal um viajante de casa comercial, ou mestre-escola em férias! Não me admiraria se ele estivesse vivendo com alguma prostitutazinha num estúdio de Montmartre.

– Oh! Elliott!

– Que outra razão pode haver para o mistério em que envolve a sua residência, e a recusa em misturar-se com gente da sua classe? envolve a sua residência, e a recusa em misturar-se com gente da sua classe?

– Larry não é desse tipo. E, a noite passada, você não teve a impressão de que está tão apaixonado por Isabel como antes? Ele

não poderia ser assim tão dissimulado.

Elliott encolheu os ombros, como a dizer que não há limites para a falsidade masculina.

– O que me conta de Gray Maturin? Ainda está na arena?

– Ele se casaria amanhã com Isabel se ela o aceitasse. Mrs. Bradley contou-lhe então o motivo que as trouxera à Europa mais cedo do que pretendiam. Não andava passando bem ultimamente, e os médicos lhe haviam dito que estava sofrendo de diabetes. Não era caso grave e, com dieta e doses módicas de insulina, não havia motivo para que não vivesse ainda por muitos anos; mas o fato de saber que sofria de uma moléstia incurável deixara-a ansiosa por ver a filha instalada na vida. As duas tinham discutido o assunto. Isabel era sensata; concordou que, se Larry não quisesse voltar para Chicago ao cabo dos dois anos combinados, e arranjar emprego, então a única coisa a fazer seria romper o noivado. Mas Mrs. Bradley era de opinião que sua dignidade sofreria, se esperassem até o fim do prazo marcado, vindo depois buscá-lo como um fugitivo da justiça. Achava que Isabel se colocaria numa posição humilhante. No entanto era muito natural que quisessem passar o verão na Europa, aonde Isabel não vinha desde criança. Depois de uma visita a Paris, poderiam ir para uma estação de águas indicada para a moléstia de Mrs. Bradley; em seguida, por algum tempo, para o Tirol austríaco; de lá iriam viajar calmamente pela Itália. Mrs. Bradley tinha intenção de convidar Larry a acompanhá-las, para que ele e Isabel pudessem verificar se a longa separação não lhes alterara os sentimentos. Depois de certo tempo ficaria claro se, tendo-se divertido à vontade, Larry estava ou não disposto a aceitar sua parte de responsabilidade na vida.

– Henry Maturin ofendeu-se por Larry ter recusado a colocação que ele lhe ofereceu, mas Gray conseguiu acalmá-lo e Larry pode começar a trabalhar assim que voltar para Chicago.

– Gray é um bom rapaz.

– Se é! – Mrs. Bradley suspirou e acrescentou: – Tenho certeza que faria Isabel feliz.

Elliott falou então das festas que organizara em honra delas. Ia dar um grande almoço no dia seguinte, e no fim da semana um grande jantar. Pretendia levá-las a uma recepção na casa dos Château-Gaillard e conseguira convites para um baile que os Rothschild iam dar.

– Você vai convidar Larry, não vai?

– Ele me disse que não tem traje a rigor – fungou

Elliott.

– Bom, convide-o assim mesmo. Afinal de contas ele é um bom rapaz e não há vantagem em boicotá-lo. Só serviria para aumentar a teima de Isabel.

– Claro que o convidarei, se é este o seu desejo.

À hora marcada, Larry compareceu ao almoço; e Elliott, que tinha maneiras impecáveis, procurou propositalmente ser amável com ele. Não foi difícil, pois Larry estava tão alegre e animado que somente um homem muito mais maldoso do que Elliott poderia deixar de ficar encantado. A conversa girou sobre Chicago e os amigos comuns que ali tinham, de modo que a Elliott bastava mostrar-se cortês e fingir interessar-se pela vida de pessoas que ele considerava sem a mínima importância social. Não lhe causava tédio escutar; pelo contrário, achava enternecedor ouvi-los comentar o noivado daquele jovem par, o casamento de outro jovem par e o divórcio de um terceiro jovem par. Quem jamais ouvira falar dessa gente? Agora: *e*le sabia que a linda marquesa de Clinchant tentara suicidar-se porque seu amante, o príncipe de Colombey, a abandonara para casar-se com a filha de um milionário sul-americano. Isto *era* fato que se comentasse. Observando Larry, viu-se obrigado a reconhecer que havia nele qualquer coisa de singularmente atraente; com seus olhos fundos, muito escuros, maçãs salientes, tez pálida e boca expressiva, ele lembrava a Elliott um retrato por Botticelli, e ocorreu-lhe que, se o rapazinho se vestisse à moda da época, ficaria extraordinariamente romântico. Lembrou-se do seu plano de lhe arranjar um “caso” com uma francesa distinta, e sorriu matreiramente ao refletir que no sábado esperava para jantar

Marie Louise de Florimond, que combinava irrepreensíveis relações sociais com uma notória imoralidade. Já atingira os quarenta anos, mas aparentava dez anos menos; tinha a delicada beleza de uma de suas antepassadas que fora pintada por Nattier, quadro que, graças ao próprio Elliott, fazia agora parte de uma das grandes coleções americanas; e sua voracidade sexual era insaciável. Elliott resolveu colocar Larry a seu lado. Sabia que ela não perderia tempo em patentear-lhe os seus desejos. Já convidara um jovem *attaché* da embaixada britânica com quem, assim o julgava ele, provavelmente Isabel ia simpatizar. Isabel era muito bonita e, como o rapaz era inglês, e rico, pouco importava que ela não tivesse fortuna. Abrandado pelo excelente Montrachet, com que haviam iniciado o almoço, e pelo ótimo Bordeaux que veio em seguida, Elliott refletiu com calma e satisfação sobre as possibilidades que se apresentavam a seu espírito. Se as coisas se resolvessem como ele achava provável, a querida Louisa não mais teria motivo de inquietação. No íntimo ela sempre o criticara um pouco; coitadinha, era tão provinciana!... mas Elliott lhe queria bem. Seria um prazer arranjar tudo para ela, valendo-se da sua experiência da vida.

Para não perder tempo, Elliott decidira levar as senhoras para escolherem os vestidos logo depois do almoço, de seu forte ele insinuou a Larry que sua companhia era agora dispensável – mas ao mesmo tempo insistiu amavelmente para que o rapaz comparecesse às duas reuniões que estava organizando. Tanta diplomacia não teria sido necessária, pois Larry aceitou alegremente os dois convites.

Mas o plano de Elliott fracassou. Ele ficou aliviado quando Larry compareceu ao jantar num *dinner-jacket* muito apresentável, pois reudara vê-lo surgir metido no mesmo terno de casimira azul que usara ao almoço; e depois do jantar, chamando Marie Louise de Florimond à parte, perguntou-lhe que tal achava o seu jovem amigo americano.

– Ele tem olhos bonitos e bons dentes.

– Só isto? Coloquei-o perto de você porque achei que era exatamente o seu bocado.

Madame de Florimond olhou-o desconfiada.

– Ele me disse que está noivo de sua sobrinha.

– *Voyons, ma chère*, o fato de um homem pertencer a outra mulher nunca foi obstáculo para você se apossar dele, se possível.

– É isto que você está querendo? Pois bem, não estou disposta a fazer o seu trabalhinho sujo por você, meu pobre Elliott.

Elliott deu uma risadinha.

– Presumo que isto significa que você entrou com o seu joguinho e viu que não adiantava.

– Gosto de você, Elliott, porque sua moral não é mais elevada que a de uma cafetina. Você não quer que o rapaz se case com sua sobrinha. Por quê? Ele é bem-educado e muito simpático. Mas é de fato inocente demais. Creio que nem de longe suspeitou das minhas intenções.

– Você devia ter sido mais explícita, cara amiga.

– Tenho suficiente experiência para saber quando estou perdendo meu tempo. A verdade é que ele só tem olhos para a sua Isabelzinha e, cá entre nós, a pequena tem vinte anos de vantagem sobre mim. E é um amor, ainda por cima.

– Você gosta do vestido dela? Eu mesmo o escolhi.

– É bonito e apropriado. Mas naturalmente ela não tem *chie*.

Elliott tomou aquilo como um insulto pessoal, e não ia deixar que madame de Florimond escapasse sem uma alfinetada. Sorriu alegremente e disse:

– Para ter o seu *chie*, cara amiga, uma pessoa precisa ter atingido a sua completa maturidade.

Madame de Florimond desferiu não um golpe de florete, e sim uma cacetada. Sua réplica fez ferver o sangue virginiano de Elliott.

– Mas garanto que no seu belo país de bandidos (*votre beau pays d'apaches*) ninguém notará a falta de coisa tão sutil e inimitável.

Mas, se madame de Florimond criticou, os outros amigos de Elliott mostraram-se encantados com Isabel e cia e vitalidade;

gostaram da pitoresca aparência de Larry, de suas maneiras finas e espírito calmo, irônico. Ambos tinham a vantagem de falar correntemente o francês. Quanto a mrs. Bradley, depois de ter vivido vários anos em círculos diplomáticos, falava a língua com bastante correção, mas com um descarado sotaque americano. Elliott procurou distraí-las com incomparável prodigalidade.

Satisfeita com seus vestidos e chapéus novos, encantada com todos aqueles folguedos que Elliott lhe proporcionava, e feliz na companhia de Larry, Isabel achou que nunca se divertira tanto na vida.

4

Para Elliott, o café da manhã era refeição que só podia ser compartilhada com estranhos, e assim mesmo quando não havia outro remédio; em vista disso, contra a vontade de mrs. Bradley e com satisfação de Isabel, as duas tomavam aquela refeição no quarto. Mas às vezes, ao acordar, Isabel dizia à imponente Antoinette que levasse o seu *café au lait* para o quarto de mrs. Bradley, para poder conversar com a mãe. Na movimentada vida que levava, era esse o único momento em que podia ficar a sós com ela. Certa manhã, um mês depois de estarem em Paris, quando Isabel acabou de narrar os acontecimentos da noite anterior, que passara a visitar cabarés em companhia de Larry e de alguns amigos, mrs. Bradley aventurou a pergunta que desejava fazer desde o dia da chegada.

– Quando é que Larry pretende voltar para Chicago?

– Não sei. Ainda não falou nisso.

– Você não lhe perguntou?

– Não.

– Está com medo?

– Não; claro que não.

Deitada na *chaise-longue*, metida num roupão elegante com que Elliott fizera questão de presenteá-la, mrs. Bradley lustrava as unhas.

– Sobre que falamos vocês durante todo tempo em que estão juntos?

– Não falamos o tempo todo. É agradável estarmos juntos. A senhora sabe, Larry sempre foi mais ou menos calado. Creio que, quando conversamos, sou eu que falo quase todo tempo.

– O que é que ele andou fazendo?

– Francamente não sei. Mas não creio que tenha sido grande coisa. Provavelmente esteve se divertindo.

– E onde está morando?

- Também não sei.
- Ele é muito reservado, não é?

Isabel acendeu um cigarro e, ao soltar fumaça pelo nariz, olhou friamente a mãe.

- O que é que você quer exatamente dizer com isto, mamãe?
- Seu tio Elliott acha que ele está vivendo com alguma mulher, num apartamento.

Isabel desatou a rir.

- Você não acredita nisto, acredita?
- Para ser franca, não. – Mrs. Bradley examinou as unhas com ar pensativo. – Você nunca lhe fala sobre Chicago?
- Sim, muitas vezes.
- Ele não deu nenhuma indicação de que pretende voltar?
- Não posso dizer que tenha dado.
- Em outubro vai fazer dois anos que ele se ausentou.
- Sei disso.
- Bom, isto é com você, meu bem; faça o que achar direito.

Mas as coisas não se tornam mais fáceis pelo fato de serem adiadas. – Olhou de relance para a filha, mas os olhos de Isabel não encontraram os seus. Mrs. Bradley sorriu afetuosamente. – Se você não quiser ficar atrasada para o almoço, é melhor ir tomar o seu banho.

- Vou almoçar com Larry, num restaurante do Quartier Latin.
- Divirtam-se.

Uma hora mais tarde, Larry veio buscá-la. Tomaram um táxi até Pont St. Michel e andaram pelo movimentado boulevard, até chegarem a um café cuja aparência lhes agradou. Sentaram-se no terraço e encomendaram dois Dubonnets. Depois tomaram outro táxi e foram a um restaurante. Isabel tinha bom apetite e apreciou as coisas gostosas que Larry encomendou para ela. Sentia prazer em observar as pessoas que quase roçavam neles, pois o restaurante estava repleto, e achava graça no visível prazer com que comiam; mas, acima de tudo, estava a satisfação de sentar-se a uma mesinha a sós com Larry. Agradava-lhe a expressão divertida do olhar dele, enquanto ela tagarelava alegremente. Que

maravilha sentir-se tão à vontade com Larry! Mas, no subconsciente, sentia uma vaga inquietação, pois, embora ele também parecesse perfeitamente à vontade, Isabel percebia que era mais com o ambiente do que com ela. Ficara ligeiramente perturbada com o que a mãe lhe dissera e, embora parecesse conversar com despreocupação, observava todas as expressões de Larry. Ele não era o mesmo de quando saíra de Chicago, mas Isabel não podia dizer onde estava a diferença. Aparentemente era o mesmo Larry de quem ela se lembrava, igualmente moço, franco; mas sua expressão mudara. Não que estivesse mais sério, pois seu rosto, em repouso, sempre fora grave; tinha agora uma calma que Isabel nunca vira nele, como se tivesse resolvido alguma coisa consigo mesmo, sentindo uma tranquilidade que antes desconhecera.

Terminado o almoço, Larry propôs uma volta pelo Luxemburgo. – Não; não quero ver quadros.

– Está certo. Vamos nos sentar nos jardins, então.

– Não; não é também isto que eu quero. Quero ver onde você mora.

– Não há nada para ver. Moro num quartinho sujo, num hotel.

– O tio Elliott diz que você tem um apartamento e está vivendo pecaminosamente com uma modelo.

– Pois bem, venha então verificar – propôs ele rindo.

– É a um pulo daqui. Podemos ir a pé.

Levou-a por ruas estreitas e tortuosas, escuras apesar da faixa de céu azul que aparecia entre as casas altas; pouco depois parou diante de um hotelzinho de fachada pretensiosa e disse:

– Chegamos.

Isabel entrou com ele num hall estreito. Viu, a um lado, uma escrivanhinha a que estava sentado, lendo um jornal, um homem em mangas de camisa, com um colete de listas fininhas em branco e amarelo, e um avental sujo. Larry pediu sua chave e o homem deu-lha, tirando-a de uma prateleira logo atrás e lançando a Isabel um olhar indagador, que imediatamente se transformou num

sorrisinho sabido. Estava claro que achava que ela não ia ao quarto de Larry para fins honestos.

Subiram dois lances de uma escada coberta por surrada passadeira vermelha, e Larry abriu sua porta. Isabel entrou num quartinho de duas janelas que davam para uma cinzenta casa de apartamentos, em cujo andar térreo funcionava uma papelaria. No quarto, uma cama de solteiro com criado-mudo ao lado, um pesado guarda-roupa de espelho grande, uma poltrona estofada mas de espaldar reto e, entre duas janelas, uma mesa onde se viam uma máquina de escrever, papéis e alguns livros. Na lareira estavam empilhadas algumas brochuras.

– Sente-se na poltrona. Não é muito confortável, mas é o melhor que lhe posso oferecer.

Larry puxou outra cadeira e sentou-se.

– É aqui que você vive? – perguntou Isabel.

Ele riu baixinho da expressão do rosto dela.

– É. Moro aqui desde que vim para Paris.

– Mas por quê?

– É cômodo. Fica perto da Bibliothèque Nationale e da Sorbonne. – Larry apontou para uma porta que ela não notara. – Tem banheiro. Tomo o café da manhã aqui e geralmente janto naquele restaurante onde almoçamos hoje.

– É horrivelmente sórdido.

– Oh! não; está muito bom. Não desejo mais que isso.

– Mas, que tipo de gente mora aqui?

– Oh! não sei. No sótão, alguns estudantes. Dois ou três solteirões, funcionários públicos; uma atriz do Odeon, aposentada; no único outro quarto com banheiro, a amante de um sujeito que vem visitá-la de quinze em quinze dias, às quintas-feiras; e mais alguns forasteiros. É um lugar muito quieto e familiar.

Isabel ficou um tanto desconcertada e, vendo que Larry disse se apercebera e estava achando graça, quase se melindrou.

– Que livro é aquele enorme ali na mesa? – perguntou ela.

– Aquele? Oh! é o meu dicionário grego.

– Seu o quê? – exclamou Isabel.

- Calma. Ele não tem garras.
- Você está estudando grego?
- Estou.
- Por quê?
- Porque me deu vontade.

Larry fitava-a com um sorriso nos olhos e Isabel correspondeu a esse sorriso.

– Você não acha que poderia contar-me o que andou fazendo durante todo esse tempo em que esteve em Paris?

– Tenho lido muito. Oito ou dez horas por dia. Tenho ido a conferências na Sorbonne. Creio que li tudo que há de importante na literatura francesa, e posso ler latim, prosa pelo menos, com a mesma facilidade com que leio francês. Claro que grego é mais difícil. Mas tenho um ótimo professor. Até você chegar eu ia três noites por semana à casa dele.

- E qual a finalidade de tudo isto?
- Adquirir cultura – respondeu ele sorrindo.
- Não me parece muito prático.

– Talvez não seja e, por outro lado, talvez seja. Mas é divertidíssimo. Você não pode imaginar como é emocionante ler a *Odisseia* no original. A gente tem a impressão de que bastaria ficar na ponta dos pés e estender as mãos para tocar as estrelas.

Larry levantou-se, como que impulsionado pela excitação que dele se apoderara, e pôs-se a andar de um lado ao outro do quartinho.

– Há um ou dois meses estive lendo Spinoza. Creio que não o entendo ainda muito bem, mas que delícia!... É como a gente descer do seu próprio avião num grande planalto, nas montanhas. Solidão e ar tão puro que intoxica como um vinho e faz a gente sentir-se como um rei.

- Quando é que você pretende voltar para Chicago?
- Chicago? Não sei. Não pensei nisso.

– Você disse que, se ao cabo de dois anos não alcançasse o que buscava, daria a experiência por mal-sucedida.

– Não me seria possível voltar agora. Estou no limiar. Vejo vastas planícies do espírito à minha frente, acenando-me, e estou ansioso por explorá-las.

– O que é que você espera encontrar ali?

– Respostas às minhas perguntas. – Larry relanceou para Isabel um olhar quase brincalhão, de modo que, se o não conhecesse tão bem, ela poderia pensar que ele estava troçando. – Quero ter certeza da existência ou da não existência de Deus. Quero conhecer a origem do mal. Quero saber se tenho uma alma imortal, ou se a morte põe fim a tudo.

Isabel ficou de respiração suspensa. Não se sentia à vontade quando Larry se exprimia dessa forma, e deu graças a Deus por ele ter falado tão despreocupadamente, no habitual tom de conversa, que lhe permitiu dominar o constrangimento.

– Mas, Larry, há milhares de anos a humanidade está fazendo essas perguntas – replicou ela sorrindo. – Se tivesse resposta, certamente há muito já teriam sido respondidas.

Larry deu uma risadinha.

– Não ria como se eu tivesse dito alguma tolice – replicou secamente Isabel.

– Pelo contrário, acho muito bem observado. Mas, por outro lado, a gente pode argumentar que o fato de os homens fazerem essas perguntas há milhares de anos prova que eles não podem deixar de perguntar, e continuarão perguntando. Além do mais, não é verdade que ninguém encontrou resposta. Existem mais respostas do que perguntas, e a muitas pessoas elas satisfizeram plenamente. O velho Ruysbroek, por exemplo.

– Quem é ele?

– Oh! apenas um sujeito que não conheci no colégio – respondeu Larry petulantemente.

Isabel não entendeu o que ele quis dizer, mas não insistiu.

– Acho isto muito infantil. São coisas que excitam a imaginação dos segundanistas, mas de que eles se esquecem por completo quando saem do colégio. Têm que ganhar a vida.

– Não os censuro. Mas, você vê, tenho a vantagem de possuir o suficiente para viver. Do contrário, eu teria que fazer como todo mundo e procurar ganhar dinheiro.

– Mas você não dá valor ao dinheiro?

– Nenhum – respondeu ele sorrindo.

– Quanto tempo acha que isso vai levar?

– Não posso saber. Cinco anos. Dez.

– E depois? Que pretende fazer com toda essa sabedoria?

– Se eu algum dia adquirir sabedoria, creio que serei então bastante sábio para saber o que fazer com ela.

Isabel apertou violentamente as mãos e inclinou-se para a frente.

– Você está tão errado, Larry. Você é americano. Seu lugar não é aqui, é na América.

– Voltarei quando estiver pronto.

– Mas você está perdendo tanta coisa! Como é que consegue ficar aqui nesta pasmaceira, quando estamos vivendo a mais maravilhosa aventura que o mundo jamais conheceu? A Europa está acabada. Somos a maior, a mais poderosa nação do mundo. Caminhamos aos saltos. Nada nos falta. É seu dever participar do progresso da sua pátria. Você já se esqueceu, você não sabe como é empolgante a vida na América hoje em dia. Tem certeza de que não está agindo assim por não ter coragem de enfrentar o trabalho que aguarda todo americano? Oh! Sei que de certo modo você está trabalhando, mas não será isto apenas uma maneira de fugir às suas responsabilidades? Será alguma coisa mais do que uma espécie de ociosidade laboriosa? Que fim levaria a América se todo mundo se esquivasse como você?

– Você é muito severa, meu bem – replicou ele sorrindo. – A resposta a isto é que nem todo mundo sente o que eu sinto. Felizmente para eles, talvez, a maioria dos homens está pronta a seguir o curso normal; você se esquece de que tenho tanta sede de saber como... Gray, por exemplo, tem de ganhar rios e rios de dinheiro. Serei, por acaso, traidor à minha pátria, só pelo fato de querer passar alguns anos a educar-me? É possível que, ao

terminar, eu possa dar à humanidade alguma coisa que ela tenha prazer em receber. Não é certo, naturalmente; mas, se eu fracassar, estarei na mesma posição do homem que entra num negócio e não consegue ir adiante.

– E quanto a mim? Não tenho nenhum valor para você?

– Muitíssimo. Quero que você se case comigo.

– Quando? Daqui a dez anos?

– Não. Agora. O mais depressa possível.

– De que jeito? Mãe não está em condições de me dar um níquel. Além do mais, mesmo que pudesse, ela não o faria. Acharia errado ajudá-lo a viver na ociosidade.

– Não quero nada de sua mãe – replicou Larry. – Tenho três mil dólares anuais. Isto é mais do que suficiente aqui em Paris. Poderíamos ter um apartamentozinho e uma *bonne à tout faire*. Seria tão divertido, querida!

– Mas, Larry, ninguém pode viver com três mil dólares anuais.

– Claro que pode. Inúmeras pessoas vivem com muito menos.

– Mas eu não quero viver assim. Não há razão para isso.

– Tenho vivido com a metade.

– Mas como!

Ela olhou para o sujo quartinho com um estremecimento de repulsa.

– Isto significa que tenho algumas economias. Poderíamos ir a Capri na lua de mel e à Grécia no outono. Tenho uma vontade louca de ir até lá. Não se lembra como falávamos em viajar juntos pelo mundo?

– Claro que desejo viajar. Mas não dessa forma. Não quero ir de segunda classe, nos vapores, nem me hospedar em hotéis de terceira categoria, sem banheiro, nem comer em restaurantes baratos.

– Em outubro passado viajei assim por toda a Itália. Diverti-me imensamente. Poderíamos percorrer o mundo inteiro com três mil dólares por ano.

– Mas eu quero ter filhos, Larry.

– Está certo. Eles irão conosco.

– Você é tão tolo! – disse ela rindo. – Sabe quanto custa ter um filho? Violet Tomlinson teve um, no ano passado, e fez tudo com a maior economia possível, mas mesmo assim gastou mil duzentos e cinquenta dólares. E quanto pensa você que ganha uma ama? – Isabel ia-se animando, à medida que as ideias lhe ocorriam. – Você é muito pouco prático. Não sabe o que me está pedindo. Sou moça, quero divertir-me. Quero fazer o que os outros fazem. Quero ir a festas, quero ir a bailes, quero jogar golfe e andar a cavalo. Quero vestir-me bem. Você é capaz de imaginar o que significa para uma mulher não se sentir tão bem-vestida como as outras do seu grupo? Compreende o que significa, Larry, ter que comprar os vestidos usados das amigas que se fartaram deles, e ficar agradecida quando, por piedade, alguém se lembra de lhe fazer presente de um novo? Eu não poderia nem mesmo ir a um cabeleireiro decente! Não quero andar de ônibus pelas ruas; quero ter o meu carro particular. E que pensa você que eu iria fazer o dia inteiro, enquanto você estivesse lendo na biblioteca? Andar pelas ruas namorando as vitrinas, ou sentar-me no jardim do Luxemburgo a vigiar meus filhos para que nada lhes acontecesse? Não poderíamos ter amigos...

– Oh! Isabel – interrompeu ele.

– Não do tipo a que estou habituada. Oh! sim, os amigos do tio Elliott de vez em quando nos convidariam em consideração a ele, mas não poderíamos aceitar porque eu não teria vestido, nem estaríamos em condição de lhes retribuir as gentilezas. Não quero ter relações com uma porção de gente malvestida e suja; eu não teria nada a dizer-lhes, nem eles a mim. Quero viver, Larry. – Subitamente ela percebeu a expressão dos olhos dele, afetuosos como sempre, quando pousados nela, mas levemente irônicos. – Você acha que sou uma tola, não é verdade? Acha que estou sendo fútil e maldosa.

– Não, não acho. É muito natural que diga o que está dizendo.

Larry estava de pé, de costas para a lareira. Isabel ergueu-se e aproximou-se; viram-se frente a frente.

– Larry, se você não possuísse um níquel, mas tivesse um emprego que lhe rendesse três mil dólares por ano, eu não hesitaria em me casar com você. Eu cozinharía, arrumaria as camas, pouco me importaria com vestidos, faria qualquer sacrifício e acharia tudo divertidíssimo, pois estaria certa de que seria apenas uma questão de tempo, até você acabar vencendo. Mas isso que você quer significa viver miseravelmente, sordidamente, a vida inteira, sem uma esperança pela frente. Eu seria uma escrava até o dia da minha morte. E para quê? Para que você pudesse passar anos procurando respostas a perguntas que você mesmo considera insolúveis. Está errado. Um homem tem que trabalhar. É para isso que está no mundo. É assim que ele contribui para o bem-estar da comunidade.

– Em resumo, é meu dever instalar-me em Chicago e entrar para o escritório de Henry Maturin. Você acha que, pelo fato de convencer meus amigos a adquirirem títulos em que Henry Maturin está interessado, eu contribuiria grandemente para o bem-estar da comunidade?

– É preciso que haja corretores no mundo, e é uma maneira muito decente e honrosa de ganhar a vida.

– Você pintou um quadro muito negro da vida em Paris com uma renda módica. Sabe, não é exatamente assim. Uma moça pode vestir-se muito bem sem procurar Chanel. Nem todas as pessoas interessantes vivem na vizinhança do Arc de Triomphe e da Avenue Foch. Para falar a verdade, são mesmo poucas, porque em geral as pessoas interessantes não têm grande fortuna. Conheço muita gente aqui, pintores, escritores e estudantes, franceses, americanos e de outras nacionalidades, que considero muito mais interessante do que as definhadas marquesas e as narigudas duquesas de Elliott. Você tem uma inteligência viva e bastante senso de humor. Garanto que acharia divertido vê-los trocar ideias à mesa, mesmo que o vinho fosse somente *vin ordinaire* e o jantar não fosse servido por um mordomo e dois lacaios.

– Não seja tolo, Larry. Claro que acharia divertido. Você sabe que não sou esnobe. Teria prazer em conhecer gente interessante.

– Sim, num vestido de Chanel. Pensa que eles não perceberiam que você considerava aquilo como uma espécie de aventura? Eles não se sentiriam à vontade, você tampouco; e você não tiraria nenhum proveito, a não ser o de poder depois contar a Emily de Montadour e Gracie de Château-Gaillard como achava divertido ficar conhecendo uma porção de boêmios excêntricos no Quartier Latin.

Isabel encolheu levemente os ombros.

– Talvez você tenha razão. Eles não são do tipo de gente com quem estou habituada a conviver. Não são do tipo de gente com quem eu possa ter afinidade.

– Como ficamos, então?

– Exatamente onde começamos. Moro em Chicago desde que me entendo por gente. Ali estão os meus amigos, todos os meus interesses. Ali me sinto em casa. É a minha terra, Larry, como é também a sua. Mamãe está doente e não se restabelecerá. Mesmo que eu quisesse, não poderia deixá-la.

– Isto significa que, a não ser que eu esteja disposto a voltar para Chicago, você não se casará comigo?

Isabel hesitou. Amava Larry. Queria casar-se com ele. Desejava-o com toda a força dos seus sentidos e sabia-se desejada por ele. Não achava possível que, chegado o momento decisivo, ele não fraquejasse. Teve medo, mas precisava arriscar.

– Sim, Larry, significa exatamente isso.

Ele riscou um fósforo na lareira, um daqueles antigos fósforos franceses, de enxofre, que nos encham as narinas de um odor acre, e acendeu o cachimbo. Depois, passando por Isabel, foi postar-se a uma das janelas e ficou olhando para fora. Guardou silêncio pelo que pareceu um espaço de tempo interminável. Isabel continuou de pé, no mesmo lugar onde estivera de frente para ele, e olhou para o espelho da lareira, mas com olhos que nada viam. Seu coração batia loucamente e ela estava morta de apreensão. Finalmente Larry voltou-se.

– Eu gostaria de poder fazê-la compreender como a vida que lhe ofereço é mais cheia do que qualquer outra que você possa ter imaginado. Gostaria que você pudesse experiênciá-la. É ilimitada. E tão feliz! Só uma coisa se lhe compara: quando se está sozinho num avião, alto, bem alto, circundado apenas pelo infinito. Aquela amplidão é intoxicante. A gente experimenta tão intensa sensação de júbilo que não a trocaria por todas as riquezas e glórias deste mundo. Há poucos dias estive lendo Descartes. Que desembaraço, que graça, que lucidez. Céus!

Isabel interrompeu-o em tom de desespero:

– Mas, Larry, não vê que me está pedindo uma coisa para a qual não fui feita, pela qual não me interessa, e não me quero interessar? Quantas vezes terei que repetir que sou apenas uma moça medíocre, normal, que tenho vinte anos, que daqui a dez estarei velha, que quero divertir-me enquanto posso? Oh! Larry, gosto tanto, tanto, de você! Isso é uma fantasia; não o conduzirá a parte alguma. No seu próprio interesse, imploro-lhe que desista. Seja homem, Larry, e cumpra o seu dever de homem. Você está perdendo anos preciosos, de que outros estão tirando o máximo proveito. Larry, se você tem mesmo amor por mim, não me trocará por um sonho. Você já se divertiu bastante. Volte conosco para a América.

– Não posso, querida. Seria uma verdadeira morte para mim. Seria atraiçoar minha alma.

– Oh! Larry, por que fala dessa forma? É assim que se exprimem as mulheres histéricas, metidas a intelectuais. Que significa? Nada. Nada. Nada.

– Significa exatamente o que sinto – respondeu ele

– Como é que você pode brincar? Não vê que isto é muito sério? Chegamos à encruzilhada, e o que agora fizermos vai afetar toda a nossa vida.

– Sei disso. Creia-me, estou falando sério. Ela suspirou.

– Se você não quer ser razoável, então não há mais nada a dizer.

– Mas não acho que seja razoável. Acho que você só esteve dizendo disparates.

– Eu? – exclamou Isabel. Se não se sentisse tão infeliz, ela teria rido. – Meu pobre Larry, você está doido varrido.

Lentamente ela tirou do dedo o anel de noivado, colocou-o na palma da mão e ficou a contemplá-lo. Era um rubi quadrado, incrustado num fino aro de platina e Isabel sempre o apreciara.

– Se você gostasse de mim, não me faria sofrer tanto.

– Gosto de você. Infelizmente, às vezes a gente não pode fazer o que acha direito sem causar sofrimento a alguém.

Ela estendeu a mão onde estava o rubi e obrigou-se a sorrir.

– Aqui está, Larry.

– De nada me serve. Não quer guardá-lo como lembrança da nossa amizade? Você pode usá-lo no dedinho. Isto não altera a nossa amizade, não é mesmo?

– Sempre hei de gostar de você, Larry.

– Guarde-o, então, que me dará prazer.

Ela hesitou, depois enfiou o anel no dedo da mão direita.

– É grande demais.

– Você pode mandar diminuí-lo. Vamos até o bar do Ritz, tomar um drinque.

– Está certo.

Isabel admirou-se de tudo ter se passado tão simplesmente. Ela não chorara. Nada parecia ter mudado; só que agora já não ia casar-se com Larry. Mal podia acreditar que estava tudo acabado. Ficou um tanto mortificada pelo fato de não ter havido uma violentíssima cena. Tinham resolvido o caso quase tão friamente como se estivessem a discutir a escolha de uma casa de aluguel. Ela se sentia como que lesada, mas ao mesmo tempo experimentou uma ligeira satisfação por terem se comportado de maneira tão civilizada. Daria muito para conhecer exatamente os sentimentos de Larry no momento. Mas isso era sempre difícil de saber; o rosto suave, os olhos escuros eram uma máscara que mesmo Isabel, que o conhecia há tantos anos, jamais poderia penetrar.

Ao entrar ela tirara o chapéu e o pusera sobre a cama; agora, em frente ao espelho, colocou-o de novo e, arranjando o cabelo, perguntou:

– Apenas por curiosidade: você queria desmanchar o nosso noivado?

– Não.

– Pensei que talvez fosse um alívio para você. – Como Larry não respondesse, ela virou-se com um sorriso alegre e acrescentou: – Estou pronta.

Ao sair, Larry trancou o quarto. Quando entregou a chave ao homem da portaria, este os envolveu num olhar de insolente cumplicidade. Isabel não pôde deixar de perceber que ideia o homem fazia da ida deles ao quarto.

– Não creio que aquele sujeito tenha muita fé na minha virgindade – disse ela.

Foram de táxi até o Ritz e ali tomaram um drinque. Falaram de coisas triviais, aparentemente sem constrangimento, como dois velhos amigos que se veem todos os dias. Embora Larry fosse calado por natureza, Isabel era tagarela, com amplo estoque de conversa-fiada, e estava decidida a não permitir que entre eles se fizesse um silêncio que seria depois difícil de quebrar. Não queria que Larry pensasse que lhe guardava ressentimento, e o orgulho obrigava-a a agir de forma a não deixá-lo suspeitar que estava magoada e infeliz. Dali a pouco sugeriu que Larry a levasse até em casa.

Quando chegaram à porta, Isabel disse alegremente:

– Não se esqueça que você vem almoçar conosco amanhã.

– Não há perigo!

Ela apresentou-lhe a face para ser beijada e passou pela *porte-cochère*.

5

Ao entrar na sala de visitas, Isabel viu que havia ali algumas pessoas para o chá. Lá estavam duas americanas que moravam em Paris, muito bem-vestidas, com colares de pérolas em volta do pescoço, braceletes de brilhantes nos pulsos e custosos anéis nos dedos. Embora o cabelo de uma fosse tinto de um negro carregado, e o da outra de um dourado artificial, ambas eram extraordinariamente semelhantes. Tinham as mesmas pestanas muito pintadas, os mesmos lábios rubros, as mesmas faces carregadas de carmim, a mesma delgada silhueta, mantida à custa de incríveis sacrifícios, as mesmas feições nítidas, agudas, o mesmo olhar faminto e inquieto; e ninguém podia deixar de perceber que sua vida era uma luta desesperada pela conservação de encantos que atingiam o ocaso. Falavam sobre futilidades, numa voz alta, metálica, sem uma pausa, como se temessem que, se ficassem por um momento silenciosas, a máquina enguiçasse, e o monumento artificial de que era símbolo se esfacelasse por completo. Lá estava um secretário da embaixada americana, suave, silencioso, pois não o deixavam dizer uma palavra, e homem muito fino; e também um trigueiro príncipezinho romeno, servil e todo cheio de mesuras, com vivos olhinhos pretos e escuro rosto barbeado, e que a cada momento pulava para oferecer uma xícara de chá, passar um prato de bolinhos ou acender um cigarro, e que cinicamente fazia às pessoas presentes os mais exagerados e vulgares elogios. Estava pagando pelos jantares que recebera das pessoas a quem assim adulava, e por todos os jantares a que esperava ser convidado.

Sentada a uma mesinha de chá e, para ser agradável a Elliott, vestida com maior luxo do que achava apropriado para a ocasião, mrs. Bradley cumpria os deveres de dona de casa com sua habitual, se bem que fria, gentileza. Que opinião tinha dos amigos de Elliott é coisa que deixo a cargo da imaginação. Só a conheci

superficialmente, e era pessoa muito reservada. Nada tola; durante todos aqueles anos vividos em capitais estrangeiras, conhecera inúmeras pessoas, de vários tipos, e creio que as soubera julgar com bastante perspicácia, de acordo com o ponto de vista da cidadezinha da Virgínia onde nascera e fora criada. Parece-me que ela achava divertido observar os pontos ridículos dessas pessoas; e não creio que tenha dado maior importância aos seus dengues e medidas do que aos sofrimentos e peripécias dos personagens de um romance que desde o princípio (pois do contrário não o teria lido) sabia que ia acabar bem. Paris, Roma, Pequim não tinham sobre o seu americanismo maior efeito do que o fervor católico de Elliott sobre sua firme, se bem que não exagerada, fé presbiteriana.

Com sua mocidade, aparência robusta e vitalidade, Isabel trouxe um sopro de ar fresco àquela atmosfera meretrícia. Irrompeu na sala como uma jovem deusa terrestre. O príncipe romeno levantou-se de um salto para lhe oferecer uma cadeira, e com ampla gesticulação desempenhou o seu papel. Com frases de estridente amabilidade, as duas americanas olharam-na da cabeça aos pés, notaram os detalhes do seu traje, e é possível que, no fundo do coração, tenham ficado consternadas com o confronto daquela exuberante mocidade. O diplomata americano sorriu intimamente, ao notar como a presença de Isabel fazia com que as outras duas parecessem artificiais e envelhecidas. Mas Isabel achou-as formidáveis: gostou dos ricos trajes e das valiosas pérolas, e sentiu uma pontinha de inveja da imponência e da pose que elas tinham. Gostaria de saber se jamais conseguiria atingir aquela suprema elegância. O príncipezinho romeno era, naturalmente, ridículo; mas não deixava de ser um amor e, mesmo que não fossem sinceras as coisas amáveis que dizia, sempre era um prazer ouvi-las. A conversa que a chegada de Isabel interrompera foi reatada, e falaram com tanta vivacidade, com tão grande convicção da importância do que diziam que quase se chegava a acreditar que havia sentido em tudo aquilo.

Falaram das festas a que tinham ido e das festas a que pretendiam ir.

Comentaram o último escândalo. Reduziram os amigos à expressão mais simples. Citaram grandes nomes a torto e a direito. Pareciam íntimos de todo mundo. Não havia segredo que desconhecêssem. Quase no mesmo fôlego, falaram da peça teatral da moda, da costureira da moda, do pintor da moda, da última amante do ministro da moda. Era de se pensar que não havia o que elas ignorassem. Isabel escutava deliciada. Tudo aquilo lhe parecia maravilhosamente civilizado. Aquilo, sim, era vida. Experimentou a emoção de quem sente que está compartilhando de coisas de interesse. Aquilo era real. O cenário, perfeito. A espaçosa sala com o seu tapete Savonnerie, os lindos desenhos nas paredes de lambris, as cadeiras de *petit point*, os valiosos móveis de madeira entalhada, as cômodas e mesas avulsas, peças todas dignas de um museu... A sala devia ter custado uma fortuna, mas valia a pena. A sóbria beleza mais do que nunca impressionou Isabel, pois ela ainda conservava vívida a lembrança do pobre quartinho de hotel, com sua cama de ferro, e aquela cadeira dura, tão pouco confortável, onde se sentara; aquele quarto em que Larry não via defeito algum... Nu, sombrio, horrível. Só a lembrança lhe causou um estremecimento.

As visitas saíram e Isabel ficou sozinha com sua mãe e Elliott.

– Senhoras encantadoras – disse Elliott, depois de ter acompanhado à porta os dois pobres farrapos pintados. – Conheci-as quando se instalaram em Paris. Nunca pensei que chegassem a ficar tão elegantes! É realmente extraordinário o poder de adaptação das nossas compatriotas.

Hoje ninguém diria que são americanas, e do Oeste Central, ainda por cima.

Com um arquear de sobranceiras, mas sem dizer palavra, mrs. Bradley lançou a Elliott um olhar que com a sua perspicácia ele não pôde deixar de compreender.

– Ninguém poderia jamais dizer isto de você, minha pobre Louisa – continuou ele em tom ao mesmo tempo azedo e

afetuoso. – Se bem que não lhe faltaram oportunidades!

Mrs. Bradley contraiu os lábios.

– Creio que sempre fui a sua grande decepção na vida, Elliott, mas, para ser franca, estou muito satisfeita comigo mesma assim como sou.

– *Tous les goûts sont dans la nature* – murmurou Elliott.

– Acho que é meu dever contar-lhes que não estou mais noiva de Larry – interveio Isabel.

– Ora, ora! – exclamou Elliott. – Isto vai transtornar o arranjo da minha mesa de almoço, amanhã. Como é que vou arranjar avulso em tão curto prazo?

– Oh! pode estar certo de que ele virá almoçar.

– Depois de vocês terem desmanchado o noivado? Mas não fica bem.

Isabel riu abafadamente. Continuou virada para Elliott, pois sabia que a mãe a fitava e não queria encontrar o olhar dela.

– Não brigamos. Discutimos o assunto hoje à tarde e chegamos à conclusão de que tínhamos cometido um erro. Ele não quer voltar para a América; quer continuar em Paris. Está falando em ir para a Grécia.

– Para quê, Santo Deus? Não há vida social em Atenas. Para ser franco, nunca dei mesmo grande valor à arte grega. Algumas daquelas coisas helênicas têm um encanto decadente, que não deixa de ser interessante. Mas Fídias, não, não!

– Olhe para mim, Isabel – disse Mrs. Bradley.

Isabel virou-se e fitou-a com um leve sorriso. Mrs. Bradley observou-a com um olhar perscrutador, mas só o que disse foi “Humm”. Viu que a filha não chorara; parecia mesmo calma e senhora de si.

– A vantagem foi toda sua, Isabel – disse Elliott. – Eu estava disposto a fazer cara alegre, mas nunca achei que fosse um bom casamento. Larry não estava realmente à sua altura, e o procedimento dele aqui em Paris indica claramente que nunca chegará a ser alguém. Com sua beleza e relações você pode

aspirar a coisa muito melhor. Na minha opinião, você agiu com raro discernimento.

Mrs. Bradley lançou à filha um olhar não de todo destituído de ansiedade.

– Você não fez isto por minha causa, Isabel? A moça sacudiu enfaticamente a cabeça.

– Não, meu bem. A responsabilidade é inteiramente minha.

6

Tendo regressado do Oriente, justamente nesta ocasião eu estava passando uns tempos em Londres. Quinze dias, talvez, após os acontecimentos que descrevi, Elliott chamou-me ao telefone. Não fiquei admirado ao reconhecer-lhe a voz, pois sabia que ele costumava vir gozar em Londres o fim da temporada. Contou-me que mrs. Bradley e Isabel tinham vindo com ele e que, se eu quisesse aparecer aquela tarde, às seis horas, para tomar um drinque, teriam muito prazer em receber-me. Estavam, naturalmente, hospedados no Claridge. Naquele tempo eu não morava muito longe dali, de modo que desci por Park Lane, a pé, e percorri as calmas e corretas ruas de Mayfair, até chegar ao hotel. Elliott estava no seu apartamento de costume. As paredes eram de lambris de tom havana, como o de uma caixa de charutos, e a mobília de uma sóbria suntuosidade. Encontrei-o só. Mrs. Bradley e Isabel tinham ido às compras, mas deviam voltar a qualquer minuto. Contou-me que Isabel já não estava noiva de Larry.

Com suas ideias românticas e excessivamente convencionais, a respeito do procedimento das pessoas em determinadas circunstâncias, Elliott ficara chocado com o comportamento dos dois jovens. Não somente Larry comparecera ao almoço no dia imediato ao rompimento, mas agira como se sua posição em nada estivesse alterada. Mostrou-se amável, atencioso e discretamente alegre como de costume. Tratou Isabel com a mesma afetuosa camaradagem; não parecia nervoso, perturbado, ou pesaroso. Tampouco Isabel se mostrara inconsolável. Parecendo tão feliz como antes, ria com a mesma despreocupação, pilheriava com igual vivacidade, como se não tivesse dado um passo decisivo, e certamente desagradável, na sua vida. Elliott não entendia mais nada. Por trechos de conversa que ouviu deles, veio a saber que não pretendiam cancelar nenhum dos compromissos que tinham

assumido um com o outro. Na primeira oportunidade ele falou nisso a mrs. Bradley.

– Não fica bem – declarou. – Os dois não podem andar de lá para cá como se ainda fossem noivos. Francamente, Larry podia ter um pouco mais de respeito às convenções. Além do mais, isto prejudica Isabel. O jovem Fotheringham, aquele rapaz da embaixada inglesa, está visivelmente caído por ela. Tem dinheiro e boas relações; se soubesse que o terreno está livre, garanto que se candidataria. Acho que você deve falar a Isabel sobre isso.

– Meu caro, Isabel está com vinte anos, e tem – para dizer às pessoas, sem ofendê-las, que não se metam no que não é da sua conta – uma técnica contra a qual sempre achei difícil lutar.

– Pois então você educou-a pessimamente, Louisa. Além do mais, é da sua conta.

– Está aí um ponto em que ela, certamente, não concordaria com você.

– Você está esgotando a minha paciência, Louisa.

– Meu pobre Elliott, se você tivesse uma filha moça, ficaria sabendo que é relativamente mais fácil lidar com um tourinho do que com ela. Quanto a saber o que Isabel está sentindo... Bom, é preferível eu fingir ser a velha simples e inocente por quem ela me toma.

– Mas você discutiu o caso com ela?

– Experimentei. Isabel riu e disse que não havia realmente nada para contar.

– Está muito pesarosa?

– Não sei. Só o que posso dizer é que come bem e dorme como um anjinho.

– Pois bem, ouça o que lhe digo: se você deixar que continuem assim, um destes dias eles acabam fugindo e casando-se sem dizer nada a ninguém.

Mrs. Bradley condescendeu em sorrir.

– Deve ser para você um alívio saber que no momento atual estamos vivendo num país onde toda irregularidade sexual é facilitada, e onde o casamento encontra inúmeros obstáculos.

– E acertadamente. O casamento é uma instituição muito séria, sobre a qual se firmam a segurança da família e a estabilidade do Estado. Mas o casamento só pode conservar sua força se as relações extraconjugais forem não somente toleradas, mas permitidas. A prostituição, minha pobre Louisa...

– Basta, Elliott – interrompeu Mrs. Bradley. – Não estou interessada em conhecer o seu ponto de vista sobre a importância social e moral da fornicação promíscua.

Foi aí que Elliott sugeriu o plano que iria interromper a convivência de Isabel com Larry, que tanto repugnava ao seu convencionalismo. A estação em Paris agonizava e a melhor gente estava providenciando sua ida para estações de águas, ou Deauville, antes de se retirar, para o resto do verão, para seus castelos ancestrais em Touraine, Anjou ou Bretanha. Em geral Elliott só ia para Londres em fins de junho, mas seu instinto de família era muito forte, e sincera a afeição que sentia por sua irmã e Isabel; estivera pronto a fazer o sacrifício de ficar em Paris, se elas assim o desejassem, quando ali já não havia pessoa que contasse socialmente; mas via-se agora na agradável posição de poder fazer o que era de vantagem para os outros e ao mesmo tempo conveniente para si próprio. Sugeriu a Mrs. Bradley partirem imediatamente para Londres, onde a estação ainda estava no auge e onde novos interesses e novos amigos iriam distrair o pensamento de Isabel do seu malfadado romance. A julgar pelos jornais, um dos maiores especialistas em diabetes se encontrava em Londres, na ocasião, e a vantagem de consultá-lo justificaria amplamente a súbita partida, vencendo qualquer má vontade que Isabel pudesse ter em abandonar Paris. Mrs. Bradley aprovou a ideia. Isabel deixava-a perplexa. Impossível saber se a sua despreocupação era sincera ou se, magoada, zangada, ou infeliz, ela adotara aquela máscara ousada para esconder sua humilhação. Mrs. Bradley concordou com Elliott que faria bem a Isabel conhecer gente e lugares novos.

Elliott não perdeu tempo em telefonar, e, quando Isabel entrou em casa, depois de ter passado o dia em Versailles com Larry, ele

pôde comunicar-lhe que conseguira marcar hora com o célebre especialista para dali a três dias, que reservara um apartamento no Claridge e que dois dias depois iam para Londres.

Mrs. Bradley observou Isabel, enquanto Elliott um tanto pedantemente lhe dava a notícia; mas a moça não se mostrou absolutamente perturbada.

– Oh! mamãe, estou tão contente de você poder consultar o especialista! – exclamou Isabel com a sua habitual impetuosidade.

– Claro que não deve perder esta ocasião. E será ótimo, um passeio a Londres. Quanto tempo vamos ficar lá?

– Não adiantaria voltarmos para Paris – disse Elliott.

– Dentro de oito dias não haverá aqui uma alma. Quero que vocês fiquem comigo no Claridge até o fim da estação. Em julho há sempre bons bailes; além do mais, não nos devemos esquecer de Wimbledon. E, depois, Goodwood e Cowes. Tenho certeza de que os Ellingham terão prazer em nos convidar ao seu iate, para Cowes, e os Bantock sempre levam um grupo grande, para Goodwood.

Isabel parecia encantada e Mrs. Bradley sentiu-se mais tranquila. A julgar pelas aparências, ela não estava dando a mínima importância a Larry.

Elliott acabara de me contar tudo isso, quando mãe e filha entraram. Fazia mais de ano e meio que eu não as via. Achei Mrs. Bradley mais magra e de fisionomia ainda mais lívida; parecia cansada e não estava com boa aparência. Mas Isabel estava florescente. Com seu rosto corado, cabelos bronzeados, vivos olhos castanhos e pele transparente, dava tal impressão de mocidade, de tão intensa alegria de viver, que a gente quase tinha vontade de rir de puro gozo. Absurdamente, comparei-a a uma pera, dourada e saborosa, perfeitamente madura e tentando o apetite alheio. Irradiava calor, dando a impressão de que bastaria a gente estender as mãos para sentir o seu conforto. Pareceu-me mais alta, não sei se por estar usando salto mais alto ou se porque uma costureira habilidosa soubera escolher um modelo que lhe disfarçasse o excessivo arredondamento da mocidade; mantinha-

se com a graça despreocupada da pessoa que desde a infância faz esportes ao ar livre. Em resumo, sexualmente era uma rapariga muitíssimo atraente. Se eu fosse sua mãe, trataria logo de casá-la.

Satisfeito com a oportunidade de poder retribuir a mrs. Bradley as gentilezas que ela me havia dispensado em Chicago, sugeri que os três fossem comigo ao teatro numa daquelas noites. Convidei-os também para um almoço.

– Trate de não deixar para muito tarde, meu caro – disse-me Elliott. – Particpei aos amigos a minha chegada, e daqui a dois ou três dias provavelmente já estaremos comprometidos para toda a temporada.

Achei que com isso ele queria dizer que, nesse caso, não teria tempo a perder com gente da minha espécie, e não pude deixar de rir. Elliott lançou-me um olhar onde havia uma expressão altiva.

– Mas, naturalmente, você sempre nos encontrará aqui às seis horas, e teremos imenso prazer em vê-lo – disse-me amavelmente, mas com a visível intenção de me colocar, como escritor, na minha humilde posição.

Mas às vezes a vingança é doce...

– Você precisa procurar os St. Olpherd – disse-lhe eu. – Contaram-me que eles pretendem dispor do seu *Constable of Salisbury Cathedral*.

– No momento atual não tenho intenção de comprar quadros. – Sei disso, mas achei que talvez você pudesse servir de intermediário.

Os olhos de Elliott tiveram um brilho de aço.

– Meu caro amigo, a Inglaterra é uma grande nação, mas os ingleses nunca souberam e nunca saberão pintar. A escola inglesa não me interessa.

7

Naquelas quatro semanas pouco vi Elliott e sua família. Ele soube tratá-las. Levou-as para um fim de semana numa aristocrática mansão, em Sussex, e para outro fim de semana, ainda mais aristocrático, em Wiltshire. Foram à Ópera, ao camarote real, como convidadas de uma princesa de menos importância da Casa de Windsor. Almoçaram e jantaram com a nobreza. Isabel foi a vários bailes. Elliott deu, no Claridge, recepção a que compareceram convidados cujo nome fazia um vistão no jornal, no dia seguinte. Promoveu ceias no Ciro e na embaixada. Em resumo, fez tudo como devia ser feito, e Isabel precisaria ter sido muito mais *blasé* para não ficar ofuscada com a elegância e o esplendor exibidos para o seu deleite. Elliott podia gabar-se de estar fazendo tudo aquilo por um motivo puramente desinteressado, para que Isabel esquecesse o seu malogrado caso de amor; mas desconfiei que no fundo ele sentia grande satisfação em poder mostrar a mrs. Bradley como era íntimo dos ilustres e dos elegantes. Recebia admiravelmente e tinha imenso prazer em exhibir essa sua qualidade.

Fui a uma ou duas de suas recepções, e de vez em quando passava pelo Claridge, às seis horas. Encontrava Isabel cercada por mocetões bonitos e bem-vestidos, da Household Brigade, ou por rapazes elegantes, mas menos bem-vestidos, do Ministério do Exterior. Numa dessas ocasiões ela me chamou de lado.

– Quero fazer-lhe uma pergunta – disse-me ela. – Lembra-se daquela noite em que fomos à *drugstore* tomar um *ice-cream-soda*?

– Lembro-me perfeitamente.

– O senhor foi muito camarada e me ajudou bastante. Quer ser camarada e ajudar-me de novo?

– Farei o possível.

– Quero falar com o senhor sobre certo assunto. Não podíamos almoçar juntos um destes dias?

– Quando quiser.

– Num lugar quieto.

– Que tal irmos de carro até Hampton Court e almoçar ali? Os jardins devem estar no auge da beleza e você poderia ver a cama da rainha Isabel.

O plano lhe agradou; ficou tudo combinado. Mas, quando chegou o dia, o tempo até então firme e quente mudou. Céu cinzento; caía uma chuvinha miúda. Telefonei a Isabel, perguntando-lhe se não preferia almoçar na cidade.

– Impossível nos sentarmos nos jardins, e os quadros estarão tão escuros que não distinguiremos coisa alguma – disse eu.

– Tenho me sentado em muitos jardins e estou farta dos grandes mestres. Vamos assim mesmo.

– Está certo.

Fui buscá-la de automóvel. Eu conhecia um hotelzinho onde a comida era passável; seguimos diretamente para lá. No caminho, com a sua habitual vivacidade Isabel falou das festas a que fora e das pessoas que ficara conhecendo. Estava se divertindo à grande, mas, pelos comentários que fez sobre seus novos conhecidos, vi que a pequena era perspicaz e sabia facilmente distinguir o ridículo. O mau tempo afugentara os visitantes e éramos os únicos na sala de jantar. A especialidade do hotel era a simples comida inglesa. Serviram-nos uma fatia de excelente perna de carneiro com ervilhas e batatinhas, e uma torta de maçã com creme Devonshire. Com um copo de cerveja, foi um ótimo almoço. Quando acabamos, sugeri irmos para a saleta do café, que estava vazia, e onde poderíamos nos sentar em confortáveis poltronas. Fazia frio ali, mas o fogo estava preparado e risquei um fósforo para acendê-lo. As chamas tornaram a fria salinha mais acolhedora.

– Pronto – disse eu. – Conte-me agora sobre que deseja conversar comigo.

– A mesma coisa da última vez – disse ela com uma risadinha abafada. – Larry.

– Foi o que pensei.

– O senhor sabe que rompemos o nosso noivado.

– Elliott contou-me.

– Mamãe ficou aliviada e meu tio encantado.

Isabel hesitou por um instante e depois iniciou a descrição da cena com Larry, que já fiz o possível por narrar fielmente. Talvez o leitor se admire de Isabel ter escolhido, para confidente, uma pessoa que ela conhecia tão pouco. Não creio que eu a tivesse visto mais que uma dúzia de vezes e, a não ser naquela ocasião na *drugstore*, nunca a sós. Mas a mim isto não surpreendeu. Em primeiro lugar, fato que qualquer escritor confirmará, em geral as pessoas fazem a um escritor confidências que não fariam a outros. Desconheço a razão, a não ser que, pelo fato de terem lido um ou dois dos seus livros, se consideram em termos de intimidade com ele. Ou talvez elas se dramatizam a si próprias e, vendo-se como personagens de um romance, resolvam falar-lhe com a mesma franqueza com que, imaginam, lhe falam os tipos por ele criados. E penso que Isabel sentia que eu gostava dela e de Larry, que sua mocidade me comovia e que eu me condoía dos seus pesares. Ela não podia esperar encontrar um confidente de boa vontade em Elliott, pois este não tinha o menor desejo de se preocupar com pessoa que desprezara a melhor oportunidade que um rapaz jamais tivera de entrar na sociedade. Nem sua mãe poderia ajudá-la. Mrs. Bradley tinha princípios elevados e bom senso. Seu bom senso lhe dizia que, se uma pessoa deseja ir adiante neste mundo, tem que se conformar com as convenções do mundo e não fazer aquilo que todos consideram como sinal de desequilíbrio mental. Seus princípios elevados faziam com que achasse dever de um homem trabalhar num negócio onde, com energia e iniciativa, tivesse a oportunidade de ganhar dinheiro suficiente para sustentar mulher e filhos de acordo com a sua posição, dar aos filhos uma educação que lhes permitisse, mais tarde, ganhar

honestamente a vida, e, ao morrer, deixar a viúva com recursos para se manter.

Isabel tinha boa memória e ainda se lembrava das várias fases da longa discussão com Larry. Ouvi em silêncio, até ela terminar. Interrompeu-se apenas uma vez, para me fazer uma pergunta:

– Quem foi Ruysdael?

– Ruysdael? Era um paisagista holandês. Por quê? Contou-me que Larry o mencionara. Dissera ele que pelo menos Ruysdael encontrara solução para o que desejara saber, e Isabel me repetiu a petulante réplica de Larry, quando ela lhe perguntara quem era aquele sujeito.

– O que queria ele dizer? Tive uma inspiração.

– Você tem certeza de que ele não disse Ruysbroek? – perguntei.

– É bem possível. Quem era ele?

– Um místico flamengo que viveu no século xiv.

– Oh! – exclamou Isabel, decepcionada.

Para ela nada significava. Mas significava alguma coisa para mim. Era a primeira indicação que eu tinha do rumo que estavam tomando as reflexões de Larry; e, enquanto Isabel continuava a narrativa, embora eu a ouvisse atentamente, com outra parte do pensamento preoquei-me com as possibilidades que aquela referência de Larry sugeria. Não quis dar muita importância ao fato, pois era bem possível que ele houvesse citado o nome do Teólogo Místico apenas como argumento; mas podia também ter uma significação que escapara a Isabel. Ao dizer-lhe que Ruysbroek era apenas um sujeito que ele não conhecera no colégio, evidentemente Larry procurava despistá-la.

– Qual a sua opinião sobre tudo isso? – perguntou-me a moça ao terminar.

Esperei alguns instantes antes de responder.

– Lembra-se de Larry ter dito que ia apenas vadiar? Se o que ele lhe contou é verdade, então sua vagabundagem parece abranger um trabalho muito cansativo.

– Tenho certeza que é verdade. Mas não acha o senhor que, se ele se tivesse igualmente esforçado num trabalho produtivo, poderia estar com uma boa renda?

– Algumas pessoas têm um temperamento esquisito. Existem criminosos que trabalham como mouros a organizar planos que os levam à prisão e que, nem bem recuperam a liberdade, reincidem e acabam sendo novamente presos. Se eles empregassem a mesma perseverança, a mesma inteligência, a mesma paciência e os mesmos recursos em algum projeto honesto, poderiam ter uma ótima renda e ocupar posições de destaque. Mas a questão é que são feitos daquela massa. Gostam do crime.

– Pobre Larry – disse ela, rindo baixinho. – O senhor não me vai dizer que ele está aprendendo grego para assaltar um banco.

Também ri.

– Não vou, não; o que estou tentando dizer-lhe é que há homens que sentem tão intenso desejo de fazer uma determinada coisa que não podem absolutamente deixar de fazê-la. Estão dispostos a sacrificar tudo para satisfazer esse anseio.

– Até mesmo as pessoas que gostam deles?

– Oh! sim.

– Não acha que isso é puro egoísmo?

– Não sei dizer – respondi sorrindo.

– Que utilidade prática pode ter para Larry o estudo de línguas mortas?

– Algumas pessoas têm um desejo desinteressado de adquirir cultura. Não se pode dizer que seja um desejo ignóbil.

– Mas de que adianta a cultura, se a pessoa não pretende utilizá-la?

– Talvez ele pretenda. Talvez só o fato de saber seja uma satisfação, como ao artista basta a satisfação de produzir uma obra de arte. E talvez seja apenas um passo para coisa mais avançada.

– Se ele tem tanta sede de saber, por que não foi então para o colégio quando voltou da guerra? Era o que o dr. Nelson e mamãe queriam que ele fizesse.

– Falei com Larry sobre isso em Chicago. Um diploma de nada lhe adiantaria. Pareceu-me que ele tinha uma ideia exata do que queria, mas sentia que não iria encontrar satisfação numa universidade. Pareceu-me que ele tinha uma ideia exata do que queria, mas sentia que não iria encontrar satisfação numa universidade. Você sabe, no estudo existe o lobo solitário, da mesma maneira que existe o lobo que se move com a alcateia. Acho que Larry é uma dessas pessoas que não podem tomar outro caminho a não ser o seu próprio.

– Lembro-me de que uma vez lhe perguntei se não sentia vontade de escrever. Ele me respondeu que não tinha sobre o quê escrever.

– É esta a razão mais inconcludente que conheço para uma pessoa não escrever – comentei sorrindo.

Isabel fez um gesto de impaciência. Não estava em estado de espírito de apreciar nem mesmo a mais leve pilhéria.

– Não posso compreender como ele chegou a ficar assim. Antes da guerra era como todo mundo. Talvez o senhor não acredite, mas ele joga muito bem tênis e é também perito no golfe. Costumava fazer tudo que o nosso grupo fazia. Era um rapaz perfeitamente normal e não havia razão para se supor que não viesse a ser um homem perfeitamente normal. Afinal de contas, o senhor é um romancista, deve ter uma explicação para isso.

– Quem sou eu para explicar as inúmeras complexidades da natureza humana?

– É por isso que eu queria falar hoje com o senhor – continuou Isabel, sem ligar ao que eu dissera.

– Você é infeliz?

– Infeliz, exatamente não. Quando Larry não está presente, tudo vai bem; quando estou perto dele é que me sinto tão fraca. Agora é apenas uma sensação dolorida, como a rigidez que sentimos após um longo passeio a cavalo, quando ficamos muito tempo sem montar; não é dor, não é insuportável, mas está ali.

Isso passará, é lógico. Acho detestável pensar que Larry está estragando sua vida dessa forma.

– Talvez isto não aconteça. Ele está começando a viajar por uma estrada longa e árdua, mas é possível que no fim da jornada encontre o que procura.

– E o que ele procura?

– Ainda não lhe ocorreu? Parece-me, pelo que ele lhe disse, que não há dúvida a respeito: Deus.

– Deus! – exclamou Isabel. Mas foi uma exclamação de surpresa e incredulidade. Nosso emprego da mesma palavra, mas em sentido diverso, teve tão cômico efeito que não pudemos deixar de rir. Mas Isabel imediatamente ficou de novo séria, e notei em toda a sua atitude qualquer coisa que lembrava o medo.

– Mas, francamente, por que motivo chegou o senhor a essa conclusão?

– Estou apenas adivinhando. Mas você me pediu minha opinião como romancista. Infelizmente você não sabe qual foi o acontecimento, na guerra, que tão profundamente o afetou. Algum choque, suponho, com o qual ele absolutamente não contava. É possível que isto tenha feito Larry compreender como é transitória a vida, dando-lhe o angustioso desejo de saber que há uma compensação para os males e tristezas do mundo.

Percebi que Isabel não estava gostando do rumo que eu dera à conversa. Parecia intimidada e constrangida.

– Mas não será isto incrivelmente mórbido? A gente tem que aceitar o mundo como é. Se estamos aqui, é certamente para tirarmos o máximo proveito da vida.

– É provável que você tenha razão.

– Não tenho a pretensão de ser nada mais que uma moça perfeitamente normal, comum. Quero divertir-me.

– Parece-me que havia uma absoluta incompatibilidade de gênios entre vocês dois – disse eu. – Foi muito melhor terem descoberto isto antes do casamento.

– Quero casar-me, e ter filhos, e viver...

– Na condição de vida que uma misericordiosa Providência houve por bem lhe dar – interrompi sorrindo.

– Pois bem, não há mal nisso, há? É uma condição agradável e estou muito satisfeita com ela.

– Vocês são como dois amigos que desejam tirar férias juntos, mas um deles quer galgar as montanhas cobertas de neve da Groenlândia, ao passo que o outro quer ir pescar perto do banco de coral da Índia.

– Em todo caso, nas montanhas da Groenlândia talvez eu arranjasse um casaco de pele, mas duvido que haja peixes perto do banco de coral da Índia.

– É o que ainda se precisa ver.

– Por que diz isto? – perguntou-me Isabel, contraindo de leve as sobrancelhas. – O tempo todo o senhor parece estar guardando alguma coisa para si! Claro que sei que em tudo isto o papel bonito não é meu. Este papel cabe a Larry. É ele o idealista, o que teve um lindo sonho, e, mesmo que o sonho não se torne realidade, será sempre belo tê-lo sonhado. A mim me toca a parte dura, mercenária, prática. Bom senso nunca foi coisa muito simpática, não é verdade? Mas do que o senhor se esquece é que eu é que teria que sofrer. Larry avançaria majestosamente, com sua cauda gloriosa, e a mim só me restaria seguir atrás dele, procurando fazer o dinheiro render de um jeito ou de outro. Quero viver.

– Não me esqueci disso, em absoluto. Há anos, quando eu era moço, conheci um médico, nada mau, mas que não clinicava. Passou anos enfurnado na biblioteca do Museu Britânico e, com longos intervalos, surgia com um livro pseudocientífico, pseudofilosófico, que ninguém lia e que ele era obrigado a publicar por conta própria. Escreveu quatro ou cinco, antes de morrer; livros absolutamente sem valor. Tinha um filho que queria seguir a carreira militar, mas não havia dinheiro para mandá-lo para Sandhurst, de modo que o rapaz teve que se alistar e acabou morrendo na guerra. Tinha também uma filha. Era bem bonita e eu tinha uma quedinha por ela. Entrou para o teatro, mas, não

tendo talento, andou de província em província representando papéis sem importância, em companhias de segunda classe, ganhando salário irrisório. Quanto à esposa do médico, depois de anos de luta e sórdida pobreza, adoeceu, e a filha teve que voltar para casa para tratar dela, vendo-se obrigada a fazer o trabalho penoso e ingrato para o qual a mãe já não tinha forças. Vidas perdidas, frustradas; e tudo sem proveito para ninguém. É uma verdadeira loteria, quando a pessoa resolve sair do caminho habitualmente trilhado. Muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos.

– Mamãe e tio Elliott aprovam o que fiz. O senhor também aprova?

– Minha querida, que importância pode isto ter? Você mal me conhece.

– Considero-o um observador desinteressado – replicou ela com um sorriso simpático. – Gostaria de ter a sua aprovação. O senhor acha que fiz bem, não acha?

– Acho que sob o seu ponto de vista você fez bem – respondi, tendo quase certeza de que ela não perceberia a ligeira distinção que a minha resposta implicava.

– Então por que motivo não estou com a consciência tranquila?

– Não está?...

Ainda com um sorriso nos lábios, mas um sorriso um tanto encabulado, ela inclinou a cabeça e continuou:

– Sei que agi de acordo com a razão. Que qualquer pessoa sensata dirá que era a única coisa a fazer. Que, sob o ponto de vista prático, sob o ponto de vista da sabedoria humana, sob o ponto de vista do que é correto, sob o ponto de vista do bem e do mal, fiz o que devia fazer. E no entanto, no fundo do coração, sinto uma inquietude que me diz que se eu fosse melhor, mais desinteressada, mais desprendida e mais nobre, não teria hesitado em casar-me com Larry e levar sua vida. Se o meu amor fosse bastante forte, eu daria por bem empregado o sacrifício.

– Você pode argumentar de outra forma. Se o amor de Larry fosse bastante forte, ele não teria hesitado em fazer o que você pedia.

– Também pensei nisso. Mas não adianta. Creio que está mais na natureza da mulher sacrificar-se do que na do homem. – Ela riu baixinho. – Ruth e o trigo estrangeiro e aquela história toda.

– Por que você não arrisca?

Tínhamos até então conversado em tom despreocupado, como se estivéssemos a comentar casualmente a vida de pessoas que ambos conhecíamos, mas que não nos interessavam diretamente; mesmo quando me repetira sua conversa com Larry, Isabel falara com alegre vivacidade, pontilhando-a de observações espirituosas, como se não desejasse que eu levasse muito a sério o que dizia.

Mas agora ela empalideceu.

– Tenho medo.

Ficamos em silêncio durante alguns momentos. Um calafrio percorreu-me a espinha, como sempre acontece quando me vejo diante de uma emoção profunda e verdadeira.

– Você gosta muito dele? – perguntei afinal.

– Não sei. Ele me impacienta. Ele me exaspera. Estou sempre ansiando pela sua presença.

De novo se fez silêncio entre nós. Eu não sabia o que responder. A sala onde estávamos era pequena; pesadas cortinas de renda, nas janelas, impediam a claridade de fora. Nas paredes, empapeladas de amarelo, dependuravam-se velhas gravuras sobre caçadas. Com sua mobília de mogno, surradas cadeiras de couro e cheiro bolorento, lembrava estranhamente uma saleta de café de um romance de Dickens. Remexi o fogo e atirei-lhe mais carvão. Subitamente Isabel começou a falar.

– Sabe, achei que quando chegasse o momento de pôr as cartas na mesa Larry cederia. Eu sabia que ele era fraco.

– Fraco? – exclamei. – Aonde foi você buscar essa ideia? Um homem que durante um ano suportou a reprovação de amigos e conhecidos, por estar resolvido a seguir o seu caminho.

– Sempre consegui fazer dele o que quis. Era meu escravo. Ele nunca encabeçou o que fazíamos; apenas acompanhava o grupo.

Eu acendera um cigarro e observava o círculo azul da fumaça, que se foi alargando até se dissolver no ar.

– Mãe e tio Elliott achavam que eu não devia continuar saindo com ele, como se nada tivesse acontecido; mas eu não levava aquilo muito a sério. Até o último dia pensei que ele acabaria cedendo. Não achei possível que, quando naquela sua cabeça dura penetrasse a ideia de que eu não estava brincando, ele não acabasse entregando os pontos. – Isabel hesitou e atirou-me um sorriso maroto, brincalhão. – O senhor ficará escandalizado se eu lhe contar uma coisa?

– Acho muito pouco provável.

– Quando resolvemos vir para Londres, telefonei a Larry e perguntei-lhe se não poderíamos passar juntos minha última noite em Paris. Quando contei isso aos meus, o tio Elliott declarou que não ficava nada bem, e mãe que achava desnecessário. Quando mãe diz que acha uma coisa desnecessária, significa que a desaprova em toda a linha. Tio Elliott me perguntou o que pretendíamos fazer; respondi que íamos jantar fora e dar depois um giro pelos cabarés. Ele virou-se para mãe dizendo que ela devia proibir-me. Mãe me perguntou: “Você me atenderia se eu a proibisse de ir?”. “Não, querida, nem por sombras.” E ela disse então: “Foi o que imaginei. Neste caso não vejo muita vantagem em proibir”.

– Sua mãe parece uma senhora extraordinariamente sensata.

– Não creio que muita coisa lhe escape. Quando Larry veio buscar-me, entrei no quarto dela para lhe dizer boa-noite. Eu me pintara um pouco; o senhor sabe, em Paris isto é preciso, senão a gente parece tão nua!... Quando mãe notou o meu vestido, pelo olhar com que me examinou de cima a baixo tive a desagradável impressão de que desconfiava das minhas intenções. Mas não fez comentário algum. Beijou-me, apenas, dizendo que esperava que eu me divertisse.

– E quais eram as suas intenções?

Isabel olhou-me desconfiada, como se ainda não soubesse até que ponto levar a franqueza.

– Não creio que eu estivesse muito feia e era aquela a minha última oportunidade. Larry reservara uma mesa no Maxim. Comemos coisas gostosas, da minha preferência, e tomamos champanhe. Falamos os maiores absurdos, pelo menos eu falei, e fiz Larry rir. Uma das coisas que mais me agradam nele é o fato de eu poder sempre diverti-lo. Dançamos. Quando nos cansamos disso, fomos para o Château de Madrid. Ali encontramos alguns conhecidos, juntamo-nos ao seu grupo e tomamos mais champanhe. Depois fomos todos para o Acádia. Larry dança bem, e combinamos. O calor, a música, o vinho... eu estava um pouco tonta. Não tinha medo de nada. Dancei com a face contra a de Larry e vi que ele me desejava. Só Deus sabe como eu o desejava! Tive uma ideia... Provavelmente estivera no meu subconsciente o tempo todo. Resolvi fazer com que ele me acompanhasse até em casa; uma vez que o pegasse ali, pois bem, era inevitável que acontecesse o inevitável.

– Por Deus, você não poderia ter-se expressado com maior delicadeza.

– Meu quarto era bem afastado do de mamãe e do de tio Elliott, de modo que eu sabia que não havia perigo. Quando estivéssemos de novo na América, pensei, eu escreveria a Larry dizendo que ia ter um bebê. Ele seria obrigado a voltar, para casar-se comigo, e achei que, uma vez que o apanhasse na América, não seria difícil prendê-lo, principalmente com mamãe doente. “Que idiota fui em não me lembrar disso antes”, pensei com os meus botões. “Não há dúvida de que assim fica resolvido o caso.” Quando a música parou, continuei nos braços dele. Disse-lhe depois que estava ficando tarde e que, como eu tinha que tomar o trem ao meio-dia, era melhor irmos embora. Tomamos um táxi. Aconcheguei-me a ele; Larry enlaçou-me e beijou-me. Beijou-me e beijou-me e... oh! que paraíso! Quando o táxi parou à porta, pareceu-me que se passara apenas um minuto. Larry pagou o homem.

“Vou a pé para casa”, disse-me ele.

– O táxi afastou-se barulhentosamente e eu pus os braços à volta do pescoço de Larry.

“Não quer entrar e tomar um último drinque?”, perguntei.
“Sim, se você quiser.”

– Larry tocara a campainha e a porta estava aberta. Ele acendeu a luz e entramos. Olhei dentro dos seus olhos. Tão confiantes, tão sinceros, tão... ingênuos; evidentemente ele não tinha a menor ideia da armadilha que eu estava lhe preparando. Vi então que não me seria possível fazer papel tão indecente; era o mesmo que tirar um doce da boca de uma criança. Sabe o que eu disse? “Oh! bom, talvez seja melhor você não entrar. Mamãe não está hoje passando muito bem e não quero acordá-la, caso tenha adormecido. Boa noite.” Ergui o rosto para que ele me beijasse e empurrei-o para a rua. E assim acabou-se a história.

– Você está arrependida? – perguntei.

– Nem satisfeita nem arrependida. Não pude agir de outra forma. Não fui eu que fiz aquilo. Foi um impulso que se apossou de mim e agiu por mim. – Isabel sorriu. – Com certeza dirão que foi o meu lado bom.

– Com certeza.

– Então o meu lado bom tem que sofrer as consequências. Espero que no futuro ele seja mais prevenido.

Foi este, por assim dizer, o fim de nossa conversa. Talvez Isabel tenha sentido algum consolo em poder conversar com absoluta franqueza, mas foi esse o único auxílio que lhe pude prestar. Sentindo que não correspondera à expectativa, tentei pelo menos dizer-lhe uma coisinha que talvez a confortasse.

– Você sabe, quando amamos, e as coisas não correm a nosso contento, sentimo-nos profundamente infelizes e temos a impressão de que nunca nos consolaremos. Mas você ficará atônita ao ver o que o mar pode fazer.

– Que quer dizer com isso? – perguntou ela sorrindo.

– Bom, o amor não é bom marinheiro e definha-se numa viagem por mar. Quando o Atlântico se interpuser entre você e

Larry, você vai ficar admirada ao verificar como é leve a dor que antes lhe parecia intolerável.

– Fala por experiência própria?

– Experiência de um tormentoso passado. Quando eu sofria as agonias de um amor não correspondido, metia-me imediatamente num navio.

A chuva não dava mostras de cessar; concordamos, portanto, em que Isabel não ia morrer por deixar de ver o nobre edifício de Hampton Court, ou mesmo o leito da rainha Isabel, e voltamos para Londres. Ainda a vi duas ou três vezes depois disso, mas sempre quando havia outras pessoas presentes; e então, tendo-me fartado de Londres por algum tempo, parti para o Tirol.

Três

1

Nos dez anos seguintes perdi Isabel e Larry de vista. Continuei a ver Elliott e, por uma razão que mais tarde explicarei, mais frequentemente do que antes; por ele de vez em quando eu tinha notícias de Isabel. Mas a respeito de Larry ele nada soube contar-me.

– É bem possível que ainda esteja em Paris, mas duvido que nos venhamos a encontrar. Não frequentamos a mesma roda – acrescentou Elliott, com certa complacência. – É uma pena ele ter-se estragado dessa forma. É de uma ótima família. Garanto que teria dado alguma coisa, se tivesse seguido a minha orientação. Em todo caso foi uma sorte para Isabel.

Meu círculo de relações não era tão restrito quanto o de Elliott e eu conhecia, em Paris, muita gente que ele sem dúvida consideraria indesejável. Nas minhas breves mas não raras idas àquela capital perguntei a uma ou outra dessas pessoas se tinham visto Larry ou ouvido falar dele; algumas o conheciam ligeiramente, mas ninguém com suficiente intimidade para me dar informações a seu respeito. Fui ao restaurante onde ele costumava jantar, mas fazia tempo que ali não aparecia; julgavam que se ausentara de Paris. Nunca o vi em nenhum dos cafés do Boulevard du Montparnasse, geralmente frequentado pelas pessoas da vizinhança.

Sua intenção, depois que Isabel deixou Paris, era ir à Grécia, mas o projeto foi abandonado. Muitos anos mais tarde ele me contou o que fizera, mas vou relatar agora esses acontecimentos, pois, na medida do possível, acho mais conveniente colocá-los em ordem cronológica. Larry ficou em Paris durante o verão, trabalhando intensamente, até o outono já ir bem avançado.

– Achei então que precisava descansar dos livros – disse-me ele. – Durante dois anos eu estivera estudando de oito a dez horas por dia. Fui, portanto, trabalhar numa mina de carvão.

– Trabalhar onde? – exclamei. Ele riu do meu espanto.

– Achei que, durante alguns meses, o trabalho manual me faria bem. Pareceu-me que me daria oportunidade de coordenar as ideias e chegar a um entendimento comigo mesmo.

Fiquei em silêncio. Seria essa a única razão para aquele passo inesperado, ou teria relação com o rompimento do noivado com Isabel? A questão é que eu não sabia até que ponto Larry a amava. Muitas pessoas, quando apaixonadas, inventam razões para convencer a si próprias de que devem fazer o que desejam. Creio que é por isso que há tantos casamentos desastrosos. São como aquelas pessoas que entregam seus negócios a um homem reconhecidamente desonesto, só porque acontece tratar-se de um amigo; e, não querendo acreditar que um ladrão é primeiro ladrão, e depois amigo, pensam que por mais desonesto que ele seja com os outros, com elas o caso muda de figura. Larry tivera força suficiente para não sacrificar, por causa de Isabel, a vida que o atraía, mas talvez tivesse achado a dor de perdê-la mais amarga do que supusera. É bem possível que, como todos nós, ele tivesse querido comer o bolo e guardá-lo ao mesmo tempo.

– Pois bem, continue – disse eu.

– Arrumei meus livros e roupas em duas malas e mandei-as para o depósito do American Express. Depois enfiei um terno e algumas roupas de baixo numa maleta e parti. Meu professor de grego tinha uma irmã casada com o gerente de uma mina perto de Lens e deu-me uma carta de apresentação para ele. Conhece Lens?

– Não.

– Fica no norte da França, não muito distante da fronteira belga. Só passei ali uma noite, no hotel da estação; no dia seguinte tomei o trem de subúrbio que vai para o local da mina. Já estive numa vila de mineiros?

– Sim, na Inglaterra.

– Bom, deve ser a mesma coisa. Havia a mina, a residência do gerente, e fileiras e fileiras de casas jeitosinhas, de dois andares; iguais, tão iguais, que chegavam a confranger o coração. Uma

igreja mais ou menos nova, feia; vários bares. O tempo estava enferruscado e frio quando lá cheguei; caía uma chuvinha miúda. Fui até o escritório do gerente e mandei-lhe a minha carta. Era ele um homem pequeno, gordo, de rosto rubro e ar de quem gosta de passar bem. Havia falta de braços, pois vários mineiros tinham morrido na guerra; ali trabalhavam muitos poloneses, de duzentos a trezentos, creio eu. Ele me fez duas ou três perguntas, não parecendo apreciar o fato de eu ser americano; tive a impressão de que achou isso meio suspeito. Mas na carta o cunhado me fazia boas referências e, em todo caso, ele ficou satisfeito de poder contar com mais alguém. Quis dar-me um lugar na superfície, mas eu lhe disse que preferia trabalhar no subsolo. Replicou que, não estando habituado, eu ia achar o serviço duro; como insisti, deu-me o lugar de ajudante de mineiro. Era realmente serviço de menino, mas não havia suficiente número deles para preencher as vagas. O gerente era um bom sujeito. Perguntou-me se eu já tinha providenciado acomodação e, ante minha resposta negativa, escreveu um endereço num papelzinho, dizendo que se eu fosse até lá a dona da casa me arranjaría um leito. Era viúva de um mineiro que morrera na guerra e seus dois filhos trabalhavam na mina.

“Peguei de novo a maleta e segui o meu caminho. Encontrei a casa. Uma mulher alta, emaciada, de cabelos grisalhos e grandes olhos negros veio abrir-me a porta. Tinha traços benfeitos e devia ter sido bonita. Mesmo agora não seria feia, no seu tipo esquelético, a não ser pelos dois dentes que lhe faltavam na frente. Disse-me que quarto ela não tinha, mas que havia duas camas no quarto que alugara a um polonês e que eu podia ficar com a que estava vaga. O aposento que ela me mostrou era no andar de baixo e devia ter sido sala de visitas. Eu teria preferido um quarto só para mim, mas resolvi deixar de exigências; a garoa transformara-se em chuva leve e persistente e eu já estava molhado; não me agradava a perspectiva de ir para diante e ficar encharcado até os ossos. Disse, portanto, que aceitava, e instalei-me. A cozinha, onde notei duas poltronas pouco firmes, servia também de sala.

Havia, no pátio, um barracão onde guardavam o carvão, e que era também o banheiro. Os dois rapazes e o polonês tinham levado o seu almoço, mas a mulher me disse que eu poderia almoçar com ela ao meio-dia. Sentei-me depois na cozinha, com o meu cachimbo. Enquanto trabalhava, a mulher me contou sua história e a de sua família. Os outros chegaram assim que sua turma deixou de trabalhar. Primeiro o polonês, logo em seguida os dois rapazes. O polonês passou pela cozinha, cumprimentou-me com a cabeça, nada dizendo quando a dona da casa lhe participou que íamos compartilhar do mesmo quarto; tirou da chapa uma chaleira e foi lavar-se no barracão. Apesar da sujeira do rosto, os filhos da dona eram mocetões bonitos, e pareciam inclinados à camaradagem. Consideravam-me uma aberração pelo fato de eu ser americano. Um deles estava com dezenove anos e logo teria que fazer o serviço militar; o outro com dezoito.

“O polonês voltou e os rapazes foram lavar-se. Meu companheiro de quarto tinha um daqueles complicados nomes poloneses, mas chamavam-no de Kostí. Era um sujeito grande e pesado, quase dez centímetros mais alto do que eu. Pálido rosto carnudo, nariz curto e chato, boca larga. Seus olhos eram azuis e, por não ter conseguido tirar o carvão das pestanas e sobrancelhas, ele parecia estar pintado. As pestanas negras tornavam quase chocante o azul dos olhos. Sujeito feio, abrutalhado. Tendo trocado de roupa, os dois rapazes saíram. O polonês sentou-se na cozinha e pôs-se a ler o jornal, fumando o seu cachimbo. Eu tinha um livro no bolso; tirei-o e comecei também a ler. Notei que duas ou três vezes o polonês me olhou; dali a pouco largou o jornal.

“Que é que você está lendo?”, perguntou-me.

– Entreguei-lhe o livro para que ele mesmo verificasse. Era um exemplar da *Princesse de Clèves* que eu comprara na estação, em Paris, pela vantagem de poder carregá-lo no bolso. O polonês examinou o livro, fitou-me curiosamente e devolveu-mo. Notei-lhe o sorriso irônico.

“Acha graça nisso?”, perguntou.

“Acho interessantíssimo; absorvente, mesmo”, respondi.

“Li-o na escola, em Varsóvia. Achei-o cacetíssimo.” Ele falava bem o francês, quase sem sotaque estrangeiro. “Agora só leio os jornais e livros policiais.”

– Madame Duclerc, a dona da casa, estava sentada à mesa, cerzindo meias, mas de olho na sopa sobre o fogão. Contou a Kostí que eu fora mandado pelo gerente da mina e repetiu aquilo que me aprouvera contar-lhe. Ele ouviu, fumando, e olhou-me com aqueles seus brilhantes olhos azuis. Olhos duros e perspicazes. Fez-me algumas perguntas sobre a minha pessoa. Quando declarei que nunca trabalhara numa mina, de novo seus lábios se encrespavam num sorriso irônico.

“Você não sabe em que se meteu. Quem pode trabalhar em outra coisa nunca devia procurar serviço numa mina. Mas isto não é da minha conta e com certeza você tem as suas razões. Onde morava em Paris?”

– Conte-lhe; Kostí disse, então:

“Houve época em que eu costumava ir todos os anos a Paris, mas ficava ali pelos Grands Boulevards. Conhece o Larue? Era um dos meus restaurantes prediletos.”

– Isto me surpreendeu, pois, como você sabe, não é barato.

– Longe disso.

– Creio que Kostí notou a minha surpresa, pois de novo teve um sorriso zombeteiro, mas não achou necessário entrar em explicações. Continuamos a conversar de uma coisa e outra e dali a pouco os dois rapazes chegaram. Terminada a ceia, Kostí me perguntou se eu queria acompanhá-lo ao bistrô para tomarmos uma cerveja. Fomos. Nada mais era que uma sala grande, com bar na extremidade e várias mesas de mármore, com cadeiras de madeira à volta. O piano automático, onde alguém colocara uma moeda, esganiçava uma música de dança. Além da nossa, só três mesas estavam ocupadas. Kostí perguntou-me se eu jogava belote. Respondi afirmativamente, pois aprendera a jogar com meus colegas; ele propôs então disputarmos a cerveja. Concordei. Veio o baralho. Perdi a primeira e a segunda rodadas. Kostí sugeriu então que jogássemos a dinheiro. Ele tinha boas cartas e eu

estava de azar. As apostas eram insignificantes, mas mesmo assim perdi vários francos. Isto e a cerveja deixaram-no de bom humor, desatando-lhe a língua. Não levei tempo a perceber, tanto pelo seu modo de falar como por suas maneiras, que ele era um homem educado. Quando de novo se referiu a Paris, foi para perguntar-me se eu conhecia Fulana ou Sicrana, senhoras americanas que eu encontrara na casa de Elliott quando tia Louisa e Isabel ali estiveram hospedadas. Parecia conhecê-las melhor do que eu e fiquei a conjeturar como chegara ele à situação presente. Não era ainda muito tarde; tínhamos, no entanto, que nos retirar, pois precisávamos nos levantar de madrugada.

“Vamos tomar mais uma cerveja antes de sair”, propôs Kosti.

– Sorveu-a aos bocadinhos, espiando-me com seus olhinhos vivos. Percebi então de que me fazia ele lembrar: de um porco mal-humorado.

“Por que motivo veio você trabalhar nesta mina infecta?”, perguntou-me.

“Pela experiência.”

“Tu es fou, mon petit.”

“E por que motivo está você trabalhando aqui?”

– Kosti encolheu os ombros desajeitados e maciços e respondeu:

“Entrei para a escola de cadetes, dos nobres, quando era criança. Meu pai era general do czar e eu fui oficial de cavalaria na última guerra. Mas eu não suportava Pilsudski. Tramamos matá-lo, mas alguém nos denunciou. Ele mandou fuzilar aqueles que foram capturados. Consegui atravessar a fronteira a tempo. Para mim só havia duas alternativas: a Legião Estrangeira ou uma mina de carvão. Escolhi dos males o menor.”

– Eu contara a Kosti qual ia ser o meu serviço na mina e ele não fizera comentário algum; mas agora, cravando o cotovelo na mesa, disse:

“Experimente abaixar minha mão.”

– Eu conhecia esta velha prova de força e coloquei minha palma aberta sobre a dele. Riu e disse: “Daqui a algumas semanas sua mão não estará assim macia”. Fiz toda a força possível, mas nada consegui contra aquela rocha; pouco a pouco ele foi empurrando minha mão até deitá-la sobre o mármore.

“Você é bem forte”, condescendeu ele em dizer. “Não são muitos que aguentam tanto tempo assim. Escute aqui: meu auxiliar não vale nada, é um francezinho esmirrado, sem um pingão de força. Venha comigo amanhã, que eu peço ao capataz que lhe dê o lugar dele.”

“Isto me agradaria”, respondi. “Acha que ele vai concordar?”

“Por um certo preço. Você pode dispor de cinquenta francos?”

– Kostí estendeu a mão e eu tirei uma nota da carteira. Fomos para casa e caímos na cama. Eu estava cansado e dormi como uma pedra.

– Achou o trabalho muito pesado? – perguntei a Larry.

– De quebrar os costados, a princípio – respondeu ele sorrindo. – Kostí ajeitou a coisa com o capataz e fui designado seu ajudante. Naquela ocasião ele estava trabalhando num espaço do tamanho de um banheiro de hotel; para chegar lá a gente tinha que atravessar um túnel tão baixo que era necessário andar de gatinhas.

Fazia ali um calor dos infernos e trabalhávamos só de calça. O vasto tronco branco e gordo de Kostí tinha qualquer coisa de intensamente repulsivo; parecia uma lesma enorme. O ruído do cortador pneumático, naquele espaço acanhado, era ensurdecidor. Meu trabalho era recolher os blocos de carvão que ele cortava, enfiá-los numa cesta e arrastá-la por todo o túnel até a boca, de onde seriam recolhidos para um vagonete quando, de intervalo em intervalo, por ali passasse o trem rumo aos elevadores. É a única mina de carvão que conheço, de modo que não sei se é esse o costume. Pareceu-me um tanto primitivo e dava um trabalhão dos infernos. Na metade do tempo parávamos para descansar, comíamos o nosso almoço e fumávamos. Eu me dava por feliz quando acabava o dia, e, céus, que coisa boa, um banho! Pensei

que nunca conseguisse fazer com que meus pés ficassem limpos. Claro que minhas mãos ficaram cheias de bolhas, e doíam como o diabo; mas acabaram sarando. Habituei-me ao trabalho.

– Quanto tempo você aguentou?

– Só fiquei nesse serviço durante algumas semanas. Os vagonetes que levavam o carvão para os elevadores eram puxados por um trator, e o condutor era péssimo mecânico. Quando o motor enguiçava, o homem ficava sem saber o que fazer. Pois bem, acontece que sou um bom mecânico; examinei a máquina e em meia hora consegui pô-la a funcionar. O capataz contou ao gerente e este mandou me chamar, perguntando-me se eu entendia mesmo do assunto; o resultado foi ele dar-me o lugar do mecânico. Era monótono, naturalmente, mas fácil; e, como não tiveram mais aborrecimentos com a máquina, ficaram satisfeitos comigo.

Kosti ficou furioso com a mudança. Eu lhe convinha e ele estava habituado à minha companhia. Cheguei a conhecê-lo muito bem, trabalhando a seu lado o dia todo, indo com ele ao bistrô depois da ceia e dormindo no mesmo quarto. Era um sujeito engraçado. Tipo que você teria achado interessante. Não se misturava com os outros poloneses, e não frequentávamos os cafés que eles frequentavam. Kosti não podia esquecer que fora oficial de cavalaria e tratava-os como se fossem lixo. Eles, naturalmente, ficavam ofendidos com isso, mas o que podiam fazer? O sujeito era um touro; se houvesse uma briga, com ou sem faca, daria conta de meia dúzia deles. Mesmo assim, fiquei conhecendo alguns dos outros; e eles me contaram que Kosti fora de fato oficial de cavalaria de um dos mais elegantes regimentos, mas que mentia ao dizer que deixara a Polônia por razões políticas. Fora expulso do Clube dos Oficiais de Varsóvia e da cavalaria por ter sido apanhado trapaceando no jogo. Preveniram-me que não jogasse com ele, afirmando que era por esse motivo que Kosti os evitava – porque eles sabiam com quem estavam lidando.

Eu andara perdendo sistematicamente, não muito, apenas alguns francos cada noite; além do mais, quando ganhava, Kosti sempre insistia em pagar pelas bebidas, de modo que o prejuízo era insignificante. Pensei que estivesse numa maré de azar, ou que não jogasse tão bem quanto ele. Mas depois disso fiquei de olho atento e tive certeza de que ele roubava, mas juro que por mais que eu fizesse não conseguia descobrir o truque. Céus, que habilidade! Mas não achei possível ele ter as melhores cartas o tempo todo e continuei a observá-lo com olhar de lince. Kosti era esperto como ninguém e creio que percebeu que me haviam prevenido. Certa noite, depois de termos jogado durante algum tempo, fitou-me com um sorriso um tanto cruel, sarcástico, sua única maneira de sorrir, e disse:

“Quer ver uma mágica?”

– Pegou o baralho e me mandou dizer uma carta. Baralhou-as e pediu-me que escolhesse uma; ao aceder, verifiquei que era a carta que eu nomeara. Fez mais uma ou duas mágicas e depois me perguntou se eu jogava pôquer. Respondi que sim e ele deu as cartas. Quando olhei a minha mão, verifiquei que tinha uma quadra de ases e um rei ao lado.

“Você estaria disposto a apostar muito nesta mão, não estaria?”, perguntou-me.

“Todas as minhas fichas”, respondi.

“Pois seria tolice.” Ele mostrou a mão que dera para si próprio. Um *straight flush*. Como o conseguira, não sei. Riu do meu espanto. “Se eu não fosse um homem honesto, há muito já o teria depenado.”

“Não se pode dizer que você se saiu assim tão mal”, repliquei sorrindo.

“Isto é café pequeno. Não daria para pagar um jantar no Larue.”

– Continuamos a jogar quase todas as noites. Cheguei à conclusão de que ele roubava, não tanto pelo dinheiro, mas pela satisfação de roubar. Sentia um estranho prazer em me fazer de

tolo, achando divertidíssimo saber que eu desconfiava de sua malandragem, sem no entanto poder atinar com ela.

Mas este era apenas um lado seu, e o outro é que o tornava interessante. Eu não podia conciliar os dois. Embora se gabasse de só ler jornais e histórias de detetive, Kostî era um homem culto. Tinha boa prosa, era sarcástico, áspero, cínico, mas que prazer ouvi-lo! Fervoroso católico; tinha um crucifixo na parede, em cima da cama, e ia à missa todos os domingos. Nos sábados à noite costumava embriagar-se. O bistrô que frequentávamos ficava repleto nesse dia; ar carregado de fumaça. Lá iam pacatos mineiros de meia-idade, com suas famílias, grupos de moços que faziam um barulho dos diabos, e homens de rosto coberto de transpiração, que se punham à volta de uma mesa, jogando belote com ruidosas exclamações, enquanto suas mulheres, sentadas um pouco atrás, sapeavam o jogo. A multidão e o barulho tinham um estranho efeito sobre Kostî; ele ficava sério e começava a falar daquilo que menos se esperava – misticismo. Naquela ocasião eu não entendia do assunto, a não ser por um ensaio de Maeterlinck, sobre Ruysbroek, que eu lera em Paris. Mas Kostî falava de Plotino e Dionísio, o Areopagita, de Jacob Boehme, o sapateiro, de Meister Eckhart. Fantástico, ouvir aquele sujeito desajeitado e grandalhão, que fora expulso do seu meio, aquele homem vencido, sarcástico e amargurado, falar da derradeira realidade das coisas e da bem-aventurança da união com Deus. Aquilo me era desconhecido e me deixava confuso e excitado. Eu me sentia como uma pessoa que, fechada num quarto escuro, sabe que lhe bastará afastá-la para ter diante dos olhos a beleza pura da madrugada sobre os campos. Mas, quando estava sóbrio e eu procurava fazê-lo expandir-se sobre o assunto, Kostî ficava furioso.

Seus olhos adquiriam uma expressão despeitada. “Como é que posso explicar o que é, se eu não sabia o que estava dizendo?”, rosnava ele.

– Mas eu via que estava mentindo. Ele sabia perfeitamente sobre o que estivera falando. Sabia muita coisa. Claro que estivera bêbado; mas o olhar, a expressão arrebatada do seu rosto feio não

tinham por causa única a bebida. Havia alguma coisa mais. Quando me falou nisso pela primeira vez, disse-me algo de que não me esqueci e que me deixou horrorizado: que o mundo não é coisa criada, pois do nada nada pode provir, e sim uma manifestação da natureza eterna; bom, até aí, vá lá; mas depois ele acrescentou que, tanto quanto o bem, o mal é uma direta manifestação da divindade. Estranhas palavras para serem ditas naquele café barulhento e sórdido, ao som de músicas populares que um piano automático tocava.

2

Para descanso do leitor, começo aqui nova seção; faço-o, porém, apenas para conveniência dele, pois a conversa foi ininterrupta. Aproveito a oportunidade para dizer que Larry falava sem pressa, muitas vezes escolhendo com cuidado os vocábulos e, embora eu não queira dar a entender que estive a repeti-los com exatidão, tentei reproduzir, não somente a essência, mas também a forma da narrativa. Sua voz, de timbre rico, possuía uma qualidade musical que agradava ao ouvido; e, enquanto falava, sem gesticulação de espécie alguma, fumando o seu cachimbo e parando de vez em quando para acendê-lo, fitava a gente com expressão simpática, às vezes quase patética, nos olhos negros.

– Depois veio a primavera – continuou Larry. – Chegou tarde àquela região lúgubre e plana, onde ainda chovia e fazia frio. Mas às vezes, com um dia bonito, era sacrifício a gente entranhar-se pela terra, num elevador gigante, repleto de mineiros metidos em sujos macacões. Era primavera, sim, mas chegava timidamente àquela paisagem sombria, como que incerta da recepção que lhe fariam. Lembrava uma flor, narciso ou lírio, que desabrochasse no vaso de uma janela de cortiço, deixando a gente a imaginar por que razão estaria ali. Certo domingo de manhã, lia eu na cama – sempre nos levantávamos tarde aos domingos – quando Kostí me disse sem mais aquela:

“Vou-me embora daqui. Quer ir comigo?”.

– Eu sabia que muitos poloneses voltavam à pátria, no verão, para ajudar na colheita, mas ainda era cedo para isso; além do mais, Kostí não podia voltar para a Polônia.

“Para onde vai você?”, perguntei.

“A pé, pela estrada afora. Através da Bélgica, pela Alemanha, e Reno abaixo. Poderíamos trabalhar em alguma fazenda durante o verão.”

– Não levei dois minutos a resolver. “Parece ótimo”, respondi.

– No dia seguinte avisamos o capataz que íamos sair. Encontrei um sujeito que concordou em ficar com a minha maleta, a troco de um saco de viagem. As roupas que eu não quis ou não pude levar dei-as ao filho mais novo de madame Duclerc, que era mais ou menos do meu tamanho. Kostí deixou sua mala e levou algumas roupas num saco de viagem; no dia seguinte, assim que a velha nos deu o café, partimos.

Não tínhamos pressa e sabíamos que nas fazendas não nos aceitariam a não ser quando o feno estivesse pronto para ser cortado. Vagueamos, portanto, pela França e Bélgica, passando por Namur e Liège, entrando na Alemanha por Aachen. Não caminhávamos mais que dez ou doze milhas por dia; quando o aspecto de uma aldeia nos agradava, parávamos ali. Sempre havia uma hospedaria onde nos arranjavam duas camas, e uma taverna onde podíamos comer e beber. Tivemos, em geral, sorte com o tempo. Ótimo, viver ao ar livre, depois de tantos meses enfiados na mina. Creio que até então eu não compreendera, realmente, como é agradável o espetáculo de um campo verdejante, e como é bela a árvore cheia de brotos, quando os galhos estão velados por uma tênue neblina verde. Kostí começou a ensinar-me alemão e creio que conhecia tão bem essa língua quanto o francês. À medida que avançávamos ele me dizia os nomes dos objetos que íamos vendo, fazendo-me também repetir simples sentenças em alemão. Isto ajudava a passar o tempo e, quando chegamos à Alemanha, pelo menos eu podia pedir o que queria.

Colônia ficava um pouco fora do caminho, mas Kostí insistiu em ir até lá, por causa das Onze Mil Virgens, disse ele; mas, ali chegando, caiu na farra. Não o vi durante três dias; quando apareceu no quartinho que havíamos alugado numa espécie de pensão de operários, veio muito mal-humorado. Metera-se numa briga, levava um tapa-olho e tinha um lábio cortado. Não parecia nenhum Adônis, garanto-lhe! Dormiu durante vinte e quatro horas; depois começamos a descer o vale do Reno, rumo a Darmstadt,

onde, dizia ele, teríamos mais probabilidade de conseguir trabalho, por ser região mais fértil.

Nunca houve coisa que me desse maior prazer! O bom tempo perdurava; andamos por cidades e aldeias.

Quando dávamos com uma vista bonita, parávamos para apreciá-la. Pernoitávamos onde podíamos e certa vez dormimos no feno, num paiol. Comíamos em estalagens à beira da estrada; quando penetramos na região vinícola, abandonamos a cerveja pelo vinho. Quase sempre fazíamos camaradagem com as pessoas que encontrávamos nas tavernas. Kosti tinha uma rude jovialidade, que lhes inspirava confiança; jogava com elas *skat*, jogo de cartas alemão, e as depenava com tão ruidoso bom humor, contando as piadas grosseiras que aquela gente apreciava, que elas quase não sentiam o prejuízo de alguns *pfennigs*. Pratiquei assim o meu alemão. Eu comprara em Colônia uma gramaticazinha anglo-germânica, e ia indo muito bem. Mas à noite, depois de ter ingerido alguns litros de vinho, de um modo estranho e mórbido Kosti falava da fuga do Só para o Só, da Negra Noite da Alma, e da união, em êxtase final, das criaturas com o Bem-Amado. Mas de madrugada, quando sobre a relva orvalhada caminhávamos em meio à risonha natureza, ao ver que eu procurava fazê-lo expandir-se sobre o assunto, ficava tão indignado que parecia querer bater-me.

“Cale a boca, seu idiota”, dizia ele. “Que pretende você com toda essa bobice? Vamos continuar com o nosso alemão.”

– A gente não pode discutir com um sujeito que tem um punho que é um martelo e que não faria cerimônia em usá-lo – continuou Larry. – Eu já o vira com raiva. Sabia que era capaz de me pôr a nocaute e de me largar numa valeta, esvaziando-me os bolsos, ainda por cima. Por mais que eu tentasse, não conseguia compreendê-lo. Quando o vinho lhe desatava a língua, ele falava do Inefável, abandonando a linguagem obscena de que comumente se servia, como os sujios macacões que usava na mina; falava bem, e até mesmo com eloquência. Eu achava impossível que não estivesse sendo sincero. Não sei por quê, mas

ocorreu-me que havia escolhido aquele trabalho duro, bruto, de mineiro para castigar a carne. Achei que detestava aquele seu corpo vasto e rude, desejando torturá-lo, e que sua desonestidade no jogo, sua amargura e crueldade eram a revolta da vontade contra... – oh! não sei como me exprimir – um arraigado instinto de santidade, contra um sujeito de Deus, que o apavorava e obcecava ao mesmo tempo.

Não nos tínhamos apressado; a primavera estava quase finda e as árvores enfolhadas. As uvas, nas parreiras, começavam a desenvolver-se. Fazíamos o possível para seguir pelas estradas, cada vez mais poeirentas. Nos arredores de Darmstadt, Kosti disse que era melhor começarmos a procurar trabalho. Nosso dinheiro estava escasseando. Eu tinha no bolso uma meia dúzia de letras de crédito, mas tomara a resolução de não usá-las, se possível. Quando víamos uma fazenda prometedora, parávamos e perguntávamos se não precisavam de dois camaradas. Confesso que não devíamos inspirar muita confiança. Sujos, cobertos de suor e de poeira. Kosti parecia um bandido e não creio que eu estivesse com melhor aparência. Não houve quem nos quisesse. Numa delas, o fazendeiro disse que tomaria Kosti, mas que não precisava de mim; Kosti replicou que éramos companheiros e não nos separaríamos. Eu lhe disse que ficasse, mas não consegui convencê-lo. Fiquei admirado. Sabia que ele simpatizara comigo; por quê, não sei, pois eu não era do tipo que deveria atraí-lo; mas nunca pensei que me tivesse suficiente amizade para recusar um emprego por minha causa. Cheguei a sentir remorsos, pois, para ser franco, eu não gostava dele, achando-o mesmo um tanto repulsivo; mas quando tentei exprimir o prazer que sua recusa me causara, ele logo me deu o contra.

Finalmente nossa sorte mudou. Tínhamos acabado de atravessar uma vila, numa baixada, quando chegamos a uma fazenda que não tinha muito má aparência. Batemos à porta; uma mulher veio abrir. Oferecemos nossos serviços, como de costume. Dissemos que não queríamos salário, mas que estávamos dispostos a trabalhar por casa e comida; qual nossa surpresa

quando, em vez de nos bater com a porta na cara, ela nos disse que esperássemos! Chamou por alguém dentro de casa e um homem apareceu. Ele nos encarou bem e perguntou de onde vínhamos, pedindo para examinar nossos documentos. Olhou-me de novo, quando viu que eu era americano. Não pareceu muito satisfeito com isso, mas mesmo assim nos convidou para entrar e tomar um copo de vinho. Fomos para a cozinha; sentamo-nos. A mulher trouxe uma garrafa de mesa e uns copos. O fazendeiro nos contou que um touro investira contra seu empregado, que este estava no hospital e só ficaria bom depois de terminada a colheita. Com tantos homens mortos, e outros empregando-se nas fábricas que pululavam ao longo do Reno, havia enorme falta de braços nas fazendas. Para nós não era novidade; estivéramos mesmo contando com isso. Pois bem, para encurtar a história, o homem nos aceitou. Havia muito espaço na casa, mas creio que ele não nos queria com a família; em todo caso disse que havia duas camas no paiol e que podíamos dormir lá.

O trabalho não era duro. Tínhamos de cuidar das vacas e dos porcos; as máquinas estavam em mau estado e tratamos de consertá-las; mesmo assim, tínhamos momentos de lazer. Eu gostava do cheiro adocicado dos campos, e à noite ia passear por ali, a sonhar. Era uma boa vida.

A família consistia no velho Becker, sua mulher, sua nora viúva e os filhos desta. Becker era um homem troncudo, de cabelos grisalhos, que devia estar beirando os cinquenta anos. Estivera na guerra e mancava devido a um ferimento recebido na perna. Doía-lhe muito e ele bebia para disfarçar a dor. Geralmente estava bem embalado quando ia para a cama. Kosti deu-se admiravelmente com ele; habituaram-se a ir até a taverna, depois do jantar, jogar *skat* e empanturrar-se de vinho. Frau Becker fora criada da casa. Tinham-na tirado de um orfanato e Becker casara-se com ela pouco depois da morte de sua mulher. Era bem mais moça do que ele, bonita, robusta, rosto corado e cabelos louros, ar profundamente sensual. Kosti não levou tempo para perceber que ali havia futuro. Eu lhe disse que não fosse idiota; não valia a pena

arriscarmos o nosso emprego. Ele apenas zombou de mim, dizendo que Becker não a satisfazia e que ela não queria outra coisa. Eu sabia que era inútil apelar para a sua noção de honra, mas aconselhei-o a ter cuidado; talvez Becker não percebesse suas intenções, mas ali estava a nora, e a esta nada escapava.

Ellie, assim se chamava ela, era uma jovem alta, grande, de vinte e poucos anos; cabelos e olhos negros, pálido rosto quadrado, expressão taciturna. Ainda estava de luto pelo marido, que morrera em Verdun. Era muito devota e todos os domingos de manhã lá ia ela à aldeia assistir à primeira missa: à tarde voltava para a bênção. Tinha três filhos, um dos quais nascera depois da morte do marido; à hora das refeições nunca falava, a não ser para repreendê-los. Trabalhava pouco na fazenda, mas passava a maior parte do tempo tomando conta das crianças; à noite sentava-se sozinha na sala, com um romance, deixando aberta a porta para poder ouvir, caso algum deles chorasse. As duas mulheres odiavam-se. Ellie desprezava Frau Becker porque era enfeitada e fora empregada doméstica, não se conformando com o fato de ser ela a dona da casa e estar em posição de dar ordens.

Ellie era filha de um fazendeiro abastado e trouxera bom dote. Não fora educada na escola da aldeia, e sim em Zwingenberg, a cidade mais próxima, onde havia um *gymnasium* para meninas. A pobre Frau Becker viera para a fazenda com catorze anos, e quando muito sabia ler e escrever. Era este outro ponto da discórdia entre as duas mulheres. Ellie não perdia oportunidade de exhibir sua sabedoria; e Frau Becker, muito vermelha, perguntava de que adiantava aquilo para uma mulher de fazendeiro. Ellie olhava então a medalha de identificação do marido, que usava no pulso, presa por uma corrente de ferro, e com expressão amarga no rosto taciturno, dizia:

“Mulher de fazendeiro, não. Apenas viúva de fazendeiro. Apenas viúva de um herói que deu sua vida pela pátria.”

– O pobre Becker tinha um trabalhão para conservar a paz entre as duas.

– Mas que pensavam eles de você? – perguntei a Larry.

– Oh! achavam que eu desertara do Exército americano e não podia voltar, pois do contrário seria preso. Era assim que explicavam a minha recusa em acompanhar Becker e Kosti à taverna. Julgavam que eu não queria chamar atenção sobre minha pessoa, nem correr o risco de ter que responder às perguntas do sargento de polícia. Quando Ellie descobriu que eu estava querendo aprender alemão, foi buscar seus livros escolares e disse que estava pronta a ensinar-me. E assim, depois da ceia, íamos para a sala, deixando Frau Becker na cozinha. Eu lia em voz alta enquanto ela me corrigia a pronúncia, procurando fazer-me compreender o sentido de palavras sobre as quais eu não tinha a mínima ideia. Desconfiei que estava fazendo isto não tanto para me ajudar, mas para levar vantagem sobre Frau Becker.

Durante todo esse tempo Kosti estava dando em cima de Frau Becker, mas sem nenhum resultado. Ela era uma mulher alegre, folgazã, sempre pronta a pilheriar e rir com ele, e Kosti tinha jeito para tratar as mulheres. Creio que ela desconfiava das intenções do polonês e sentia-se lisonjeada, mas, quando ele começou a beliscá-la, disse-lhe que não lhe pusesse as mãos em cima e deu-lhe uma bofetada na cara. E garanto que foi uma boa bofetada!

Larry hesitou durante alguns instantes, sorrindo um tanto encabulado.

– Nunca fui do tipo de achar que as mulheres me perseguem, mas ocorreu-me que... pois bem, que Frau Becker estava caída por mim. Não fiquei nada satisfeito. Para começar, ela era muito mais velha do que eu; além do mais, o marido fora muito correto conosco. Era ela quem servia à mesa, e não pude deixar de notar que era mais generosa comigo do que com os outros; pareceu-me também que estava sempre procurando ocasião de ficar a sós comigo. Dirigia-me sorrisos que, creio eu, poderiam ser qualificados de provocantes. Costumava perguntar-me se eu não tinha namorada, dizendo que um rapaz novo como eu deveria sentir falta disso, num lugar daqueles. O senhor sabe como são essas coisas. Eu só tinha três camisas e assim mesmo bem surradas. Certa vez ela me disse que era o cúmulo eu usar aqueles

trapos; que as trouxesse, pois ela as consertaria para mim. Ellie ouviu-a e, da próxima vez que nos vimos a sós, disse-me que se eu tivesse alguma coisa para consertar, era só lhe trazer. Respondi que não valia a pena. Um ou dois dias depois notei que minhas meias estavam cerzidas, minhas camisas remendadas e de volta ao banco do paiol onde guardávamos as nossas coisas; mas até hoje não sei a qual das duas devo gratidão. Naturalmente não levei Frau Becker a sério; era uma boa alma e achei que aquilo devia ser apenas instinto maternal da sua parte. Mas certo dia Kosti me disse:

“Escute aqui; não é a mim que ela está querendo; é a você. Não tenho a mínima probabilidade.”

“Não diga tolices”, repliquei. “Ela tem idade bastante para ser minha mãe.”

“E que tem isso? Não faça cerimônia, meu rapaz; eu não sou obstáculo. Talvez ela não seja lá muito moça, mas é bem bonitona.”

“Oh! cale a boca.”

“Por que é que você hesita? Não por minha causa, espero. Sou filósofo e sei que coisa que não falta no mar é peixe. Não a censuro. Você é moço. Também já tive o

– Não me agradou verificar que Kosti tinha tão absoluta certeza daquilo em que eu não queria acreditar. Não sabia bem como agir; lembrei-me então de vários incidentes que no momento não me tinham chamado atenção. Frases ditas por Ellie, às quais eu não dera importância, mas que agora adquiriam significação; não havia dúvida de que também Ellie sabia. Muitas vezes ela aparecia de supetão na cozinha, quando acontecia de Frau Becker e eu estarmos a sós. Fiquei com a impressão de que estava nos espionando.

Não gostei daquilo; pareceu-me que estava querendo apanhar-nos. Eu sabia que ela detestava Frau Becker e que ao menor pretexto armaria um barulho. Naturalmente ela nada poderia descobrir, mas era uma criatura maldosa e eu não sabia que mentiras não iria inventar para envenenar o espírito do velho

Becker. Fiquei sem saber o que fazer, a não ser fingir-me de tão ingênuo que não percebia o manejo da mulher. Estava satisfeito na fazenda, gostava do trabalho e não queria partir antes de terminada a colheita.

Não pude deixar de sorrir. Imaginei Larry, de *shorts* e camisa remendada, rosto e pescoço queimados pelo sol quente do vale do Reno, corpo delgado e flexível, olhos negros cravados nas órbitas... Não duvidei de que o seu físico tivesse feito palpitar de desejo aquela matrona loura e de seios opulentos.

– Pois bem, passou-se o verão. Trabalhávamos como loucos; cortamos e empilhamos o feno. Depois, quando as cerejas amadureceram, Kostî e eu trepamos em escadas para colhê-las; as mulheres recolhiam nas cestas que o velho Becker ia vender em Zwingenberg. Depois cortamos o centeio. E, naturalmente, ainda tínhamos que tratar dos animais. Estávamos de pé antes do amanhecer e só parávamos com o cair da noite. Julguei que Frau Becker houvesse desistido da conquista; eu fazia o possível, sem ofendê-la, para conservá-la a distância. À noite eu tinha sono demais para querer estudar alemão, de modo que logo depois da ceia fugia para o paiol e caía na cama. Em geral Kostî e Becker iam à taverna, mas eu estava ferrado no sono quando Kostî voltava. Fazia calor no paiol e eu dormia nu.

Certa noite acordei. No primeiro momento não atinei com o que era; eu estava ainda meio adormecido. Senti uma mão quente na minha boca e percebi que havia alguém na cama comigo. Afastei com força a mão, mas uma boca se colou à minha, dois braços me enlaçaram e senti os pesados seios de Frau Becker contra o meu corpo.

"*Sei still*", murmurou ela. "Fique quieto."

– Ela me apertou, beijou-me o rosto com lábios quentes e carnudos, suas mãos desceram pelo meu corpo e suas pernas se entrelaçaram com as minhas.

Larry fez uma pausa. Não pude deixar de rir.

– E o que fez você?

Ele me atirou um sorriso modesto. Chegou mesmo a corar.

– Que podia eu fazer? Eu ouvia a respiração pesada de Kosti na cama pegada à minha. A situação de José sempre me pareceu um tanto ridícula. Eu tinha apenas vinte e três anos. Não podia fazer um escândalo e expulsá-la dali. Não quis ofendê-la. Fiz o que se esperava de mim.

Depois ela escorregou da cama e saiu do paiol na ponta dos pés. Garanto-lhe que suspirei de alívio. Sabe, eu tivera medo. “Céus, que perigo!”, pensei. Provavelmente Becker chegara completamente embriagado, tendo caído numa espécie de torpor; mas eles dormiam na mesma cama e existia a possibilidade de o velho acordar e ver que a mulher não estava a seu lado. E ainda havia Ellie. Ela sempre dizia que não dormia bem. Se estivesse acordada, poderia ter ouvido Frau Becker descer a escada e sair de casa. Subitamente, lembrei-me de uma coisa. Quando Frau Becker estivera na cama comigo, eu sentira um frio de metal contra a minha pele. Não prestara atenção a isso; como você sabe, a gente não liga a nada em tais circunstâncias, e nunca me passara pela cabeça procurar saber que diabo de coisa era aquela. Mas agora se tinha feito luz no meu espírito. Eu estava sentado na beira da cama, refletindo e preocupando-me com as consequências, e tão grande foi o meu choque que me pus de pé. A peça de metal era a medalha de identificação do marido de Ellie, que ela usava em volta do pulso, e não fora Frau Becker que se deitara comigo. Fora Ellie.

Ri a bandeiras despregadas. Não pude conter-me.

– Pode ser engraçado para os outros – disse Larry. – Mas não foi nada engraçado para mim.

– Pois bem, agora que você examina o caso a sangue-frio, não lhe parece que há nele uma nota cômica?

Larry não pôde reprimir um sorriso.

– Talvez. Mas era uma situação embaraçosa. Quais seriam as consequências? Eu não gostava de Ellie. Achava-a mesmo muito pouco simpática.

– Mas como é que você pôde confundi-las?

– Estava escuro como breu. Ela não disse uma palavra, a não ser para me recomendar que ficasse de bico calado. Ambas eram mulheres altas e robustas. Eu andava desconfiado de que Frau Becker estava de olho em mim. Nem por sombras me ocorrera que Ellie me desse confiança, pois estava sempre pensando no marido. Acendi um cigarro e refleti sobre a situação; quanto mais refletia, menos ela me agradava. Pareceu-me que a melhor coisa a fazer era sumir.

Inúmeras vezes eu amaldiçoara Kosti por ter sono tão pesado.

Quando trabalhávamos na mina, eu tinha que sacudi-lo com toda a força para fazê-lo levantar-se a tempo para o serviço. Mas agora me dei por feliz! Acendi a lamparina, vesti-me, meti minhas coisas no saco – não era muito, de modo que não me levou mais que um minuto – e enfiei os braços nas correias. Atravessei o paiol, só de meias, não calçando os sapatos a não ser quando cheguei embaixo da escada. Soprei então a lamparina. Noite escura, sem lua, mas eu sabia como ganhar a estrada; dali tomei a direção da aldeia.

Caminhei a passos rápidos, pois queria atravessá-la enquanto todos estivessem dormindo. Distava apenas doze milhas de Zwingenberg, e lá cheguei justamente quando a cidade começava a despertar. Nunca me esquecerei daquela caminhada. Silêncio absoluto, a não ser pelo som dos meus passos na estrada, e de vez em quando o canto de um galo numa fazenda. E então, aquela luz acinzentada, quando já não é mais noite e ainda não está claro; os primeiros sintomas da madrugada, o nascer do sol, os pássaros começando a cantar; e aquela luxuriante paisagem verde, prados, bosques, e nos campos o centeio de um ouro-prateado, à fria luz do novo dia...

Tomei uma xícara de café com pão em Zwingenberg; fui depois ao correio e telegrafei para o American Express, pedindo que mandassem minhas roupas e meus livros para Bonn.

– Por que Bonn? – interrompi.

– Eu simpatizara com a cidade quando ali paramos, na nossa descida pelo Reno. Gostei do reflexo da luz sobre os telhados e o

rio, das ruas antigas e estreitas, das vilas, e jardins, e avenidas de castanheiros, e dos edifícios rococós da universidade. Ocorreu-me, na ocasião, que não seria mau lugar para a gente ali passar uns tempos. Mas achei preferível tornar-me mais apresentável antes de surgir por lá; eu parecia um vagabundo e, se fosse procurar lugar numa pensão, não inspiraria muita confiança. Tomei, portanto, o trem para Frankfurt e ali comprei uma maleta e algumas roupas. Fiquei um ano em Bonn.

– E tirou algum proveito da sua experiência, na mina, digo, e na fazenda?

– Tirei – respondeu Larry inclinando a cabeça e sorrindo.

Mas não me disse qual fora, e naquela ocasião eu já o conhecia bastante para saber que, quando queria contar uma coisa, contava-a, mas, quando não estava disposto a isso aparava as perguntas com calmos gracejos que tornavam inútil a insistência. Preciso, no entanto, lembrar ao leitor que Larry me narrou tudo isto dez anos mais tarde. Até então, até estar de novo em contato com ele, eu não tinha a menor ideia do seu paradeiro ou do que andara fazendo. Era mesmo possível que tivesse morrido. A não ser por minha amizade com Elliott, que me punha a par da vida de Isabel, e me fazia, portanto, lembrar de Larry, provavelmente eu teria me esquecido da sua existência.

3

Isabel casou-se com Gray Maturin em princípios de junho do ano seguinte àquele em que desmanchou o seu noivado com Larry. Embora Elliott achasse detestável sair de Paris quando a estação estava no auge, tendo portanto que perder inúmeras festas elegantíssimas, seu instinto de família era muito forte para permitir-lhe que deixasse de cumprir aquilo que considerava um dever social. Os irmãos de Isabel não podiam abandonar seus postos, em lugares tão remotos, de modo que ele se viu obrigado a fazer a penosa viagem a Chicago, para levar a noiva ao altar. Lembrando-se de que os aristocratas franceses tinham ido para a guilhotina nos seus trajes mais esplendorosos, foi especialmente a Londres para comprar um novo fraque, um colete cinza, transpassado, e um chapéu de seda. Quando voltou para Paris, convidou-me para ir inspecionar essas elegâncias. Estava um tanto preocupado, pois o alfinete de pérola cinza que ele geralmente usava não iria fazer vista contra a gravata cinzento-clara, que achava apropriada para a festiva solenidade. Lembrei-lhe o seu alfinete de esmeralda e brilhante.

– Se eu fosse um convidado... está certo – disse ele.

– Mas, na posição que vou ocupar, *sinto* que a pérola é indicada.

Estava muito satisfeito com o casamento, tão de acordo com suas ideias convencionais, e se referia a ele com a untuosidade de uma duquesa-mãe que desse opinião sobre as vantagens de uma união entre um rebento dos La Rochefoucauld e uma filha dos Montmorency. Sem medir despesas e como sinal evidente de sua aprovação, ia levando como presente de casamento um belo retrato, por Nattier, de uma princesa real da França.

Parece que Henry Maturin comprara para o jovem par uma casa em Astor Street, para que eles ficassem perto de mrs. Bradley e não muito longe do seu palácio em Lake Shore Drive.

Por uma feliz coincidência, em que suspeitei da cumplicidade de Elliott, Gregory Brabazon se achava em Chicago na ocasião da compra e a decoração da casa lhe foi confiada. Ao voltar para a Europa, tendo desistido por completo da estação em Paris e indo diretamente para Londres, Elliott trouxe várias fotografias. Brabazon se lançara a todo pano. Nas salas de visitas e de jantar ele se limitara exclusivamente ao estilo George ii, e com amplo êxito. Quanto à biblioteca, aposento reservado a Gray, ele se inspirara numa sala do Palácio Amalienburg, de Munique; e que, exceto pelo inconveniente de ali não haver lugar para livros, ficara perfeita. A não ser pelas camas gêmeas, Luís xv em visita a madame de Pompadour se teria sentido perfeitamente à vontade no quarto que Brabazon decorara para o jovem casal; mas o banheiro de Isabel o teria deixado embasbacado: todo de espelhos – paredes, teto e banheira –, e nas paredes peixes prateados, em profusão, brincavam no meio de douradas plantas aquáticas.

– É, naturalmente, uma casa pequena – disse Elliott. – Mas Henry Maturin me contou que a decoração lhe custou nada menos que cem mil dólares. Uma fortuna para muita gente.

A cerimônia foi feita com a maior pompa que a Igreja Episcopal permitia.

– Em nada comparável a um casamento em Notre-Dame – disse-me Elliott em tom benevolente. – Mas, para um casamento protestante, não deixou de ser correto.

A imprensa se mantivera à altura; com ar despreocupado Elliott me atirou os recortes. Mostrou-me também fotografias de Isabel, pesadona, mas bonita no seu vestido de noiva; e Gray, maciço, mas belo rapaz, não parecendo muito à vontade nos trajes próprios para a ocasião. Havia um grupo dos noivos com as damas de honra; outro com mrs. Bradley num suntuoso vestido e Elliott segurando o seu chapéu de seda com uma graça que só mesmo ele sabia ter. Perguntei-lhe como ia indo mrs. Bradley.

– Emagreceu muito, e não gostei nada da sua cor, mas vai indo bem. Tudo isso, naturalmente, foi um esforço para ela, mas agora poderá descansar tranquilamente.

Um ano mais tarde Isabel teve uma filha a quem, de acordo com a moda da época, deu o nome de Joan; dali a dois anos teve outra filha, que, também para acompanhar a moda, se chamou Priscilla.

Um dos sócios de Henry Maturin morreu e os outros, sob pressão, se retiraram da firma, de modo que ele ficou sendo o único dono de um negócio que sempre administrara despoticamente. Viu então realizada a maior ambição de sua vida, que era admitir Gray como sócio. Nunca a firma estivera tão florescente.

– Estão ganhando dinheiro a rodo, caro amigo – contou-me Elliott. – Imagine você, com vinte e cinco anos de idade Gray está ganhando cinquenta mil dólares por ano, e isso é apenas o começo. Os recursos da América são inesgotáveis. Não se trata de falsa prosperidade, é apenas o desenvolvimento natural de uma grande nação.

Seu peito se encheu de exagerado patriotismo.

– Henry Maturin não viverá eternamente; ele tem pressão muito alta, você sabe. Quando chegar aos quarenta anos, provavelmente Gray terá uma fortuna de vinte milhões de dólares. Principesco, caro amigo, principesco.

Elliott mantinha regular correspondência com a irmã; de vez em quando, à medida que os anos iam passando, me contava as notícias que Mrs. Bradley lhe dava. Gray e Isabel eram muito felizes, as crianças uns amores. Viviam num estilo que com prazer Elliott reconhecia ser o apropriado; recebiam muito e saíam muito. Foi com visível satisfação que ele me contou que Isabel e Gray não tinham jantado sós num espaço de três meses. A corrente de divertimentos foi interrompida pela morte de Mrs. Maturin, aquela senhora apagada e de boa família, com quem Henry Maturin se casara pelas suas ótimas relações, quando estava procurando vencer na cidade aonde seu pai chegara como matuto. Em respeito à sua memória, durante um ano o jovem par nunca recebeu, para jantar, mais que seis pessoas de uma vez.

– Sempre achei que oito era o número ideal – disse Elliott, resolvido a encarar o lado bom das coisas. – É suficientemente íntimo para permitir uma conversa geral, e bastante grande para dar impressão de uma reunião.

Gray era generosíssimo com a esposa. No nascimento da primeira filha deu-lhe um brilhante quadrado e no da segunda um casaco de vison. Andava muito ocupado para poder sair de Chicago, mas, quando podia sair de férias, iam para a importante mansão de Henry Maturin, em Marvin. Henry não podia negar coisa alguma ao filho adorado, e em certo Natal presenteou-o com uma plantação na Carolina do Sul, para que ali pudesse caçar patos, na estação propícia.

– Claro que nossos reis do comércio correspondem aos grandes patronos das artes da Renascença italiana, que fizeram fortuna no comércio – disse-me Elliott. – Os Medici, por exemplo. Houve dois reis franceses que não se julgaram diminuídos por casar com filhas dessa ilustre família, e vejo o dia em que as cabeças coroadas da Europa procurarão a mão das nossas princesas dos dólares. Que foi mesmo que Shelley disse? A grande idade *recomeça agora, voltam os anos de ouro*.

Durante tantos anos zelara Henry Maturin pelos interesses de mrs. Bradley e Elliott, que estes tinham imensa confiança no seu critério. Maturin nunca fora a favor de especulações e empregara o dinheiro deles em títulos seguros; mas, com a valorização, os dois irmãos viram suas fortunas, relativamente modestas, aumentadas de uma maneira que os deixou surpresos e encantados. Elliott contou-me que, sem que ele tivesse mexido uma palha, de 1918 a 1926 sua fortuna duplicara. Estava agora com sessenta e cinco anos, tinha cabelos grisalhos, rosto enrugado e olhos empapuçados, mas mesmo assim suportava com galhardia o peso dos anos; era magro e mantinha-se mais teso do que nunca; sempre fora moderado e cuidara do físico. Enquanto pudesse fazer seus ternos no melhor alfaiate de Londres, entregar-se aos cuidados do seu barbeiro particular, e de uma massagista que vinha todas as manhãs ajudá-lo a manter em perfeitas condições o

corpo esbelto, Elliott não tinha a menor intenção de submeter-se aos estragos do tempo. Havia muito se esquecera que houvera época em que se rebaixara a ponto de negociar; e por meias palavras, pois não sendo idiota não ia dizer uma flagrante mentira, dava a entender que na mocidade fizera parte do corpo diplomático. Confesso que, se algum dia eu houvesse de pintar o retrato de um embaixador, teria sem hesitação escolhido Elliott para modelo. Mas as coisas estavam mudando. As grandes damas que o tinham auxiliado na sua carreira estavam ou mortas ou em idade avançada. As nobres inglesas, tendo perdido os maridos, viam-se obrigadas a entregar suas mansões às noras, retirando-se para vilas em Cheltenham ou modestas casas em Regent Park. Stafford House foi transformada em museu, Curzon House tornou-se o centro de uma organização, Devonshire House foi posta à venda. O iate onde Elliott costumava ficar quando ia a Cowes mudara de dono. As pessoas elegantes que atualmente ocupavam o centro do palco pouco se importavam com o homem idoso que Elliott era agora. Achavam-no cansativo e ridículo. Ainda compareciam de boa vontade aos seus complicados almoços, no Claridge, mas Elliott era bastante perspicaz para perceber que vinham mais por causa uns dos outros do que para vê-lo. Agora já ele não podia escolher à vontade entre os convites que antigamente lhe abarrotavam a escrivaninha e, mais frequentemente do que desejaria que se soubesse, sofria a humilhação de jantar sozinho na intimidade do seu apartamento. As senhoras da alta roda, na Inglaterra, quando devido a algum escândalo lhes veem fechadas as portas da sociedade, começam a interessar-se por arte e artistas, cercando-se de pintores, escritores, músicos. Elliott era por demais orgulhoso para sujeitar-se a tal humilhação.

– Os impostos de transmissão *causa mortis* e os aproveitadores da guerra estragaram a sociedade inglesa – disse-me ele. – Hoje ninguém mais faz questão de escolher suas relações. Londres ainda tem seus alfaiates, sapateiros e chapeleiros, e espero que durem enquanto eu durar; mas, fora

disso, não vale mais nada. Meu caro amigo, imagine que a mesa dos St. Erth é agora servida por mulheres.

Elliott fez esses comentários quando nos afastávamos do Carlton House Terrace, após um almoço onde se dera um desagradável incidente. O nobre que nos convidara possuía uma boa coleção de quadros, e um americano chamado Paul Barton, que lá ia pela primeira vez, manifestou desejo de conhecê-la.

– O senhor tem um Ticiano, não tem?

– Tínhamos. Está agora na América. Um judeu qualquer nos ofereceu por ele um bom dinheiro e, como estávamos apertados na ocasião, o velho vendeu-o.

Notei que Elliott, todo eriçado, atirou um olhar venenoso ao jovial marquês, e adivinhei que fora ele quem comprara o quadro. Ficou furioso por se ver assim descrito, ele, um virginiano e descendente de um dos signatários da Declaração da Independência. Jamais sofrera igual afronta. E o pior era que detestava Paul Barton. O rapaz aparecera em Londres logo depois da guerra; tinha vinte e três anos, era louro, bonito e simpático, dançava admiravelmente e tinha ampla fortuna. Viera recomendado a Elliott e este, com sua bondade natural, o apresentara a vários amigos. Não satisfeito com isso, dera-lhe alguns valiosos conselhos sobre conduta. Baseando-se em sua própria experiência, deu-lhe a entender que, com pequenas gentilezas a senhoras idosas, e dando ouvidos a homens de destaque, por mais tediosos que fossem, não seria difícil a um estranho introduzir-se na sociedade.

Mas o mundo que aguardava Paul Barton era muito diferente daquele onde, uma geração antes, Elliott Templeton penetrara à custa de incrível perseverança. Era um mundo que só pensava em divertir-se. O gênio alegre de Paul Barton, seu físico agradável e maneiras insinuantes fizeram por ele em algumas semanas o que Elliott só conseguira com anos de persistência e força de vontade. Logo já ele não precisou do auxílio de Elliott e pouco fez para esconder esse fato. Tratava-o amavelmente, quando se encontravam, mas de uma maneira distante que ofendia

profundamente o homem idoso. Elliott não escolhia seus convidados por simpatia, e sim visando ao sucesso da reunião; como Paul Barton era muito popular, continuou a convidá-lo a um ou outro dos seus almoços semanais, mas o afortunado rapazinho em geral estava comprometido e por duas vezes deixou Elliott na mão à última hora. Elliott fizera isto muitas vezes para não desconfiar que o outro recebera convite mais tentador.

– Você não é obrigado a acreditar, mas juro que agora, quando nos encontramos, é ele quem toma ares protetores para comigo – disse-me Elliott, fulo de raiva. – comigo. Ticiano. Ticiano – gaguejou ele. – Garanto que se visse um Ticiano não saberia reconhecê-lo.

Eu nunca vira Elliott tão encolerizado e calculei que talvez fosse por acreditar que Paul Barton perguntara sobre o quadro por maldade, tendo chegado a saber que fora comprado por Elliott, e pretendendo divertir-se à custa dele, quando contasse o caso e a resposta do marquês.

– Ele não passa de um esnobezinho indecente, e se há coisa que detesto no mundo é o esnobismo. Se não fosse por mim, não teria dado um passo. Talvez você não acredite, mas o pai dele fabricava móveis de escritório. Móveis de escritório! – Elliott conseguiu pôr um causticante desprezo nessas três palavras. – E quando digo que ele nem existe na América, que sua origem não podia ser mais humilde, ninguém parece dar a isso a mínima importância. Ouça o que lhe digo, meu caro; a sociedade inglesa exalou o seu último suspiro.

E nem Elliott achava a França em melhores condições. Ali, as nobres damas do seu tempo que ainda viviam tinham-se dedicado ao bridge (jogo que ele abominava), a obras de caridade e à educação dos netos. As imponentes mansões da aristocracia eram agora habitadas por industriais, argentinos, chilenos e senhoras americanas separadas dos maridos, que recebiam muito e com grande pompa; mas nas suas festas Elliott tinha a surpresa de encontrar políticos que falavam o francês com pronúncia vulgar, jornalistas que não sabiam comportar-se à mesa, e até mesmo

atores. Rebentos de famílias reais não se envergonhavam de casar com filhas de negociantes. Inegavelmente Paris era uma cidade alegre, mas com que falsa alegria! Na sua insaciável sede de gozo, os moços não achavam nada mais divertido do que correr de um abafado cabaré a outro, tomando champanhe a cem francos a garrafa, e dançando, até cinco da madrugada, lado a lado com a ralé. A fumaça, o calor, o barulho davam dor de cabeça a Elliott. Não era esta a Paris que trinta anos antes ele aceitara como sua morada espiritual. Não era esta a Paris para onde os bons americanos iam quando morriam.

4

Mas Elliott tinha faro. Uma voz íntima sussurrou-lhe que a Riviera ia tornar-se novamente o ponto de reunião dos nobres e dos elegantes. Conhecia bem o litoral; várias vezes, ao voltar de Roma onde fora cumprir seus deveres na corte pontifícia, passara alguns dias em Monte Carlo, ou em Cannes, na vila de um ou outro dos seus amigos. Mas isso fora no inverno, e ultimamente os murmúrios indicavam que estava sendo procurada para lugar de veraneio. Os grandes hotéis conservavam-se abertos; os nomes dos veranistas apareceram nas colunas sociais do *Herald* de Paris e Elliott leu os conhecidos nomes com ar de aprovação.

– Estou cansado do mundo – disse ele. – Cheguei a uma época da vida em que meu desejo é apreciar os encantos da natureza.

Talvez a observação pareça obscura. Mas não o é. Elliott sempre considerara a natureza um empecilho à vida social, e não tinha muita paciência com as pessoas que se davam ao trabalho de ir ver um lago, ou uma montanha, quando tinham diante dos olhos uma cômoda da Regência ou um quadro de Watteau. Naquela ocasião ele podia dispor de uma grande quantia. Atiçado por Gray e exasperado por ver seus amigos fazerem, na Bolsa, fortunas da noite para o dia, Henry Maturin finalmente se deixara arrastar pela corrente, e, abandonando pouco a pouco seus métodos conservadores, não vira motivo para não se aproveitar também da situação. Escreveu a Elliott, dizendo que como sempre continuava avesso a jogatinas, mas que aquilo não era especulação e sim uma prova da confiança que tinha nos inesgotáveis recursos do país. Seu otimismo tinha por base o bom senso. Ele não via obstáculo ao progresso da América. Terminava dizendo que comprara para Louisa Bradley, depositando margem, um certo número de títulos seguros, e que tinha o prazer de participar a Elliott que ela estava com um lucro de vinte mil

dólares. Finalmente, se Elliott quisesse ganhar dinheiro e lhe permitisse seguir o seu critério, tinha ele quase certeza de que não o decepcionaria. Inclinado a usar as mais surradas citações, Elliott disse que tinha forças para resistir a tudo, menos à tentação; como consequência disso, quando lhe traziam o *Herald*, ao café da manhã, em vez de olhar a coluna social, hábito de tantos anos, concentrava toda a sua atenção nas cotações da Bolsa. Tão bom resultado tiveram as transações de Henry Maturin em seu favor que Elliott se via agora com a bela quantia de cinquenta mil dólares, que nada fizera para ganhar.

Decidiu liquidar, e com o lucro comprar uma casa na Riviera. Como retiro do mundo, escolheu Antibes, que ficava em posição estratégica entre Cannes e Monte Carlo, sendo acessível a essas duas cidades; mas é impossível dizer-se se foi a mão da Providência ou o seu instinto seguro que determinou a escolha de um lugar que logo se tornaria o centro da moda. Morar numa vila com jardim era de uma vulgaridade suburbana que repugnava ao seu exigente paladar; assim sendo, Elliott comprou duas casas dando para o mar, na parte velha da cidade, demoliu-as e construiu uma só, ali instalando aquecimento central, banheiros e todas as comodidades sanitárias que o exemplo americano impusera a um recalcitrante continente. A grande moda naquela época era *decapé* e, portanto, ele mobiliou a casa com móveis em estilo provençal, onde foi antes, devidamente, feito o serviço de *decapé*; além disso, cedeu discretamente ao modernismo escolhendo tecidos da atualidade. Tinha ainda má vontade em aceitar pintores como Picasso e Braque – “horrores, caro amigo, horrores!” –, de quem entusiastas mal orientados faziam muita propaganda, mas finalmente se achara no direito de estender sua proteção aos impressionistas, e nas paredes de sua casa se viam quadros bem bonitos. Lembro-me de um Monet, de algumas pessoas remando num rio; um Pissarro, de um trecho do cais e uma ponte do Sena; de uma paisagem do Taiti, de Gauguin; e de um encantador Renoir, uma moça de perfil com longos cabelos louros soltos nas costas. Depois de pronta, a casa ficou alegre,

fresca, original; e simples, também, com aquela simplicidade que a gente sabe que só pode ser adquirida à custa de muito dinheiro.

Começou então o período de maior esplendor da vida de Elliott. Ele trouxe de Paris o seu excelente cozinheiro, e logo foi devidamente reconhecido que ele tinha a melhor mesa da Riviera. Vestiu de branco o mordomo e o laçao, com galões dourados nos ombros. Recebia com uma magnificência que jamais ultrapassou os limites do bom gosto. O litoral do Mediterrâneo estava repleto de nobres de todas as partes da Europa, alguns atraídos pelo clima; outros em exílio; outros porque um passado escandaloso ou casamento desigual tornava preferível a existência no estrangeiro. Havia Rumanoffs da Rússia, Habsburgos da Áustria, Bourbons da Espanha, das duas Sicílias e Parma; havia príncipes da Casa de Windsor e príncipes da Casa de Bragança; Altezas da Suécia e Altezas da Grécia; pois bem, Elliott os recebeu em sua casa. Havia príncipes e princesas não de sangue real, duques e duquesas, marqueses e marquesas da Áustria, Itália, Espanha, Rússia e Bélgica; pois bem, Elliott os recebeu em sua casa. No inverno, o rei da Suécia e o rei da Dinamarca vieram passar uns tempos no litoral; de vez em quando Afonso da Espanha aparecia para uma rápida visita; pois bem, Elliott os recebeu em sua casa. Nunca me cansei de admirar, quando com graça cortês ele se curvava diante daqueles augustos personagens, da maneira com que conseguia manter a atitude independente de cidadão de um país onde dizem que todos os homens são iguais.

Depois de ter viajado durante alguns anos, eu comprara uma casa em Cap Ferrat e, portanto, via Elliott frequentemente. Tão alto subira eu no seu conceito que muitas vezes ele me convidava às suas mais pomposas reuniões.

– É um favor que me faz, caro amigo – dizia ele. – Garanto-lhe que, tanto quanto você, sei que os nobres estragam uma reunião. Mas as outras pessoas gostam de encontrá-los e acho que a gente tem obrigação de dar um pouco de atenção aos pobres coitados. Se bem que só Deus sabe que não são merecedores! São as

peças mais ingratas deste mundo; usam e abusam da gente e, quando acham que não temos mais serventia, empurram-nos para um lado como um trapo; aceitam inúmeros favores, mas nenhum deles se daria ao trabalho de atravessar a rua para em troca nos fazer uma gentileza.

Elliott se esforçava por ficar de bem com as autoridades locais; o prefeito do distrito, assim como o bispo da diocese e o vigário-geral muitas vezes honravam a sua mesa. Antes de se ordenar, o bispo fora oficial de cavalaria e na guerra comandara um regimento. Homem atarracado, rubicundo, que fazia questão de usar a linguagem rude da caserna; seu austero e cadavérico vigário-geral estava sempre em palpos de aranha, tal o medo de que ele dissesse alguma coisa escabrosa. Ouvia com um sorriso súplice, quando seu superior contava alguma das suas histórias prediletas. Mas o bispo dirigia a diocese com grande competência, e sua eloquência no púlpito só podia ser comparada ao espírito dos seus ditos à mesa. Ele apreciava Elliott pela generosidade de suas contribuições para a Igreja, e gostava dele pela sua amabilidade e bons almoços que proporcionava; os dois tornaram-se grandes amigos. Elliott podia congratular-se por estar assim cuidando ao mesmo tempo deste mundo e do outro; e, se me é permitida uma observação, ia conseguindo um arranjo muito satisfatório entre Deus e Mamom.

Elliott sabia apreciar o que era seu, e estava aflito para mostrar a casa nova à irmã; sempre notara nela certa reserva, e queria que mrs. Bradley visse em que estilo vivia ele agora e que roda frequentava. Isso poria ponto final às suas hesitações; ela teria que concordar que ele vencera. Escreveu-lhe, portanto, convidando-a para vir com Gray e Isabel, não para a casa dele, pois não tinha acomodações, mas para se hospedarem, como seus convidados, no vizinho Hôtel du Capo. Mrs. Bradley replicou que seus dias de viagem estavam findos, pois sua saúde não era boa e ela se sentia melhor em casa; além do mais, Gray não poderia ausentar-se de Chicago, pois os negócios estavam florescendo e

ele ganhando muito dinheiro, tendo que ficar ali à mão. Elliott era afeiçoado à irmã e a carta o alarmou. Escreveu a Isabel sobre isso. Ela respondeu por cabograma que, embora sua mãe não andasse nada boa, tendo que ficar de cama um dia por semana, nem por isso estava em perigo de vida, podendo mesmo, com cuidado, durar ainda muito tempo; mas Gray precisava de descanso, e, com o pai a cuidar dos negócios, não havia motivo para que ele não tirasse umas férias. Assim sendo, não neste verão, mas no próximo, ela e Gray lhe aceitariam o convite.

No dia 23 de outubro de 1929 deu-se o pânico na Bolsa de Nova York.

5

Estava eu em Londres, nessa época, e a princípio ninguém na Inglaterra compreendeu a gravidade da situação nem como seriam funestas as consequências. Quanto a mim, embora pesaroso pelo prejuízo de enorme quantia, perdi na realidade lucros realizados no papel; assim sendo, quando a coisa serenou vi que, em dinheiro, eu não estava muito mais pobre do que antes. Sabia que Elliott andara jogando pesadamente e temi que tivesse sofrido enorme perda, mas só o vi no Natal quando fomos ambos para a Riviera. Ele me contou então que Henry Maturin morrera e Gray estava arruinado.

Pouco entendo de negócios e é possível que minha relação dos acontecimentos, como me foram contados por Elliott, pareça confusa. Pelo que pude compreender, a catástrofe que se abatera sobre a firma fora causada em parte pela teimosia de Henry Maturin e em parte pela precipitação de Gray. A princípio Henry Maturin não quisera acreditar que a baixa fosse séria, convencido de que se tratava de uma conspiração por parte dos corretores de Nova York, para passarem a perna nos seus colegas provincianos; assim sendo, ficara firme e começara a desembolsar dinheiro para sustentar o mercado. Vociferava contra os corretores de Chicago, que se deixavam atemorizar por aqueles canalhas de Nova York. Sempre se vangloriara de que seus clientes modestos, viúvas com renda certa, oficiais aposentados etc., jamais tinham perdido por lhe seguir os conselhos; e agora, em vez de permitir que cada um arcasse com seus prejuízos, ele completava as margens com sua fortuna particular. Dizia que estava disposto a aceitar a ruína, que poderia fazer depois nova fortuna, mas que, se permitisse que os coitados que haviam confiado nele perdessem tudo o que tinham, nunca mais poderia andar de cabeça erguida. Pensava que estava sendo magnânimo, mas na realidade estava apenas sendo

vaidoso. Sua imensa fortuna evaporou-se e certa noite ele teve um ataque de coração. Estava com mais de sessenta anos, e sempre trabalhara com afinco, jogara muito, comera demais e bebera em excesso; após algumas horas de agonia, morreu de trombose coronária. Gray ficou só para enfrentar a situação. Também ele especulara grandemente pelo seu lado, sem o conhecimento do pai, e estava em grandes dificuldades. Seus esforços para salvar-se falharam. Os bancos não lhe faziam empréstimos; homens mais velhos, na Bolsa, disseram-lhe que a única coisa a fazer era entregar os pontos. Não estou muito certo quanto ao resto da história. Não conseguindo saldar seus compromissos ele foi, creio eu, declarado falido; já hipotecara sua casa e sentiu alívio em entregá-la aos credores; a casa de seu pai, em Lake Shore Drive, e a de Marvin foram vendidas pelo que puderam alcançar; Isabel vendeu suas joias. Tudo que lhe restou foi a plantação na Carolina do Sul, que estava em nome de Isabel, mas para a qual não foi possível encontrar comprador. Gray ficou limpo.

– E quanto a você, Elliott? – perguntei.

– Oh! não me queixo – respondeu ele despreocupadamente. – Deus dá o frio conforme a coberta.

Não insisti, pois nada tinha com sua situação financeira, mas, fossem quais fossem os prejuízos, achei que ele devia ter sofrido como todos nós.

A princípio a depressão não atingiu em cheio a Riviera. Ouvei falar de duas ou três pessoas que tinham tido grandes prejuízos, muitas vilas ficaram fechadas durante o inverno e outras foram postas à venda. Os hotéis estavam vazios e a gerência do Cassino de Monte Cado queixou-se da pobreza do movimento. Mas foi somente dali a dois anos que se compreendeu a extensão do desastre. Um corretor de imóveis contou-me que, na faixa de litoral que ia de Toulon à fronteira italiana, havia quarenta e oito mil propriedades, grandes e pequenas, à venda. As ações do Cassino caíram repentinamente. Os grandes hotéis baixaram seus preços, numa vã tentativa de atrair. Os únicos estrangeiros que se viam eram aqueles que tinham sido sempre tão pobres que não

podiam ficar mais pobres, e que não gastavam porque não tinham o que gastar. Os lojistas desesperavam-se. Mas Elliott não somente não despediu nenhum dos seus empregados, como também não lhes diminuiu o ordenado, como muitos haviam feito; continuou a oferecer, aos nobres e aos de sangue real, lautos jantares regados a bons vinhos. Comprou um vasto carro novo, importado da América e sobre o qual teve que pagar pesados direitos alfandegários. Contribuiu, generosamente, para as obras de caridade que o bispo organizara para distribuir comida grátis aos desempregados. Em resumo, vivia como se não houvesse crise e metade do mundo não estivesse a sofrer as consequências.

Descobri por acaso a razão disso. Elliott já não ia à Inglaterra, a não ser por quinze dias ao ano, para comprar suas roupas, mas conservava o hábito de transferir sua residência para o apartamento de Paris durante três meses, no outono, e em maio e junho, época em que seus amigos abandonavam a Riviera. Era aqui que gostava de passar o verão, em parte por causa dos banhos, mas principalmente, pelo menos assim o julgo eu, porque os dias quentes lhe permitiam satisfazer o gosto que tinha pelas vestimentas alegres, que sua dignidade até então não lhe permitira usar. Ele apareceria com calças de cores surpreendentes, vermelhas, azuis, verdes ou amarelas, usando camisas de tons contrastantes – lilás, violeta, castanho-escuro – ou mesmo axadrezadas; e, com o modesto sorriso da atriz a quem dizem que representou um novo papel divinamente, aceitaria os parabéns que seus trajes estavam a exigir.

Aconteceu que passei um dia em Paris, na primavera, antes de voltar para Cap Ferrat, e convidei Elliott para almoçar comigo. Encontramo-nos no bar do Ritz, não mais repleto de estudantes que vinham da América para se divertir, mas deserto como um teatro após a estreia de uma peça que fracassou. Tomamos um coquetel, hábito transatlântico com o qual Elliott finalmente se conformara, e encomendamos o almoço. Quando acabamos ele propôs um giro pelos antiquários; respondi que, embora não tivesse dinheiro para gastar, teria muito prazer em acompanhá-lo.

Atravessamos a Place Vendôme e ele me perguntou se eu me importava de dar com ele um pulinho até Charvet; tinha encomendado umas roupas e desejava saber se estavam prontas. Pareceu-me que encomendara umas camisas e umas cuecas e nelas mandara bordar suas iniciais. As camisas ainda não haviam chegado, mas as cuecas estavam ali, e o caixeiro perguntou-lhe se gostaria de vê-las.

– Gostaria, sim – respondeu Elliott. Depois que o homem se afastou ele virou-se para mim e acrescentou: – Mandei fazê-las, sob encomenda, de acordo com um modelo que eu mesmo imaginei.

Vieram as cuecas e, a não ser pelo fato de serem de seda, pareceram-me idênticas às que eu costumava comprar em Macy; mas o que me chamou atenção foi uma coroa de conde sobre as iniciais E. T. Não fiz, porém, o mínimo comentário.

– Ótimas, ótimas – declarou Elliott. – Pois bem, quando as camisas estiverem prontas, faça o favor de me mandar tudo junto.

Saímos da loja e, enquanto caminhávamos, Elliott virou-se para mim, sorrindo:

– Você reparou na coroa? Para ser franco, tinha-me esquecido disso quando o convidei para vir comigo até Charvet. Não sei se já tive ocasião de lhe contar que Sua Santidade houve por bem ressuscitar em meu favor o nosso velho título de família.

– Seu o quê? – exclamei, o espanto fazendo-me esquecer a polidez.

Elliott ergueu as sobrancelhas em ar desaprovador.

– Você não sabia? Descendo, pelo lado materno, do conde de Lauria que veio para a Inglaterra na comitiva de Filipe ii, casando-se com uma dama de honra da rainha Maria.

– Nossa velha amiga Maria, a Sanguinária?

– Parece-me que é assim que a chamam os hereges – replicou Elliott secamente. – Creio que nunca lhe contei que passei o mês de setembro de 29 em Roma. Achei enfadonho ter que ir, pois Roma está vazia nessa ocasião; mas foi para mim uma sorte ter o sentimento do dever prevalecido sobre o meu desejo de divertir-

me. Meus amigos do Vaticano avisaram-me que a crise era inevitável e me aconselharam vivamente a vender meus títulos americanos.

A Igreja Católica conta com a sabedoria de vinte séculos, e não hesitei por um momento sequer. Mandeí a Henry Maturin um cabograma, dando-lhe instruções para vender tudo e comprar ouro, e um a Louisa, aconselhando-a a fazer o mesmo. Henry mandou-me outro, perguntando se eu enlouquecera e declarando que nada faria até receber confirmação. Foi o que fiz e de maneira peremptória, dizendo-lhe que seguisse minhas instruções e me avisasse assim que as tivesse cumprido. A pobre Louisa não me deu atenção e sofreu as consequências.

– Quer dizer que, quando houve o pânico, você já se tinha defendido direitinho?

– Expressão de gíria, caro amigo, para a qual não vejo necessidade, mas que define bem a situação. Não tive prejuízo algum; ao contrário, pode-se mesmo dizer que ganhei uma bolada. Tempos depois, por uma fração do preço primitivo, pude comprar novamente os meus títulos; e, já que devia isso ao que considero direta intervenção da Providência, achei mais do que justo que, em troca, fizesse também alguma coisa para a Providência.

– E de que maneira você se desempenhou disso?

– Pois bem, você não ignora que o Duce mandou sanear os Pântanos Pontinos, e cheguei a saber que Sua Santidade estava gravemente preocupado com a falta de lugares de oração para os colonos. E, portanto, para encurtar uma longa história, construí uma igrejinha românica, reprodução exata de uma que visitei na Provença, perfeita em todos os detalhes e que, embora seja eu quem o diga, é uma verdadeira joia. Foi consagrada a São Martinho, porque tive a sorte de encontrar um vitral antigo representando São Martinho no ato de rasgar sua capa em duas para dar a metade a um mendigo nu; e, como o simbolismo me pareceu tão adequado, comprei-o e coloquei-o sobre o altar-mor.

Não interrompi Elliott para lhe perguntar que relação via ele entre a célebre ação do santo e a desistência dele, Elliott, de parte do lucro que tivera por vender na hora certa e que, como a comissão de um agente, ele pagava a um poder superior. Mas, para uma pessoa prosaica como eu, muitas vezes o simbolismo é obscuro. Elliott continuou:

– Quando tive a honra de mostrar as fotografias ao Santo Padre, ele condescendeu em dizer-me que de relance podia ver que eu era um homem de gosto impecável, acrescentando ser para ele um prazer encontrar nessa era de perdição uma pessoa que combinava fervor religioso com raros dons artísticos. Uma experiência memorável, caro amigo, uma experiência memorável. Mas ninguém ficou mais admirado do que eu quando, pouco depois, vim a saber que ele houvera por bem conferir-me um título. Como cidadão americano acho mais modesto não usá-lo, a não ser, naturalmente, no Vaticano, e proibi meu criado Joseph de me chamar de *monsieur le Comte*. Espero que você respeite o meu segredo; não quero que a notícia se espalhe. Mas também não desejo que o Santo Padre julgue que não aprecio a honra que me conferiu, e é puramente em consideração a ele que mandei bordar a coroa na minha roupa de baixo. Não me importo de confessar-lhe, caro amigo, que sinto um modesto orgulho em esconder minha classe sob o simples título de cavalheiro norte-americano.

Separamo-nos, tendo Elliott me dito que viria à Riviera em fins de junho. Mas não veio. Acabara de providenciar a transferência de sua criadagem, de Paris para a Riviera, pretendendo ele viajar tranquilamente de carro, a fim de encontrar tudo em ordem quando chegasse, quando recebeu um cabograma de Isabel avisando que o estado de saúde de sua mãe se agravara. Além de ser afeiçoado à irmã, Elliott tinha, como já disse, um arraigado instinto de família. Tomou em Cherburgo o primeiro vapor, e de Nova York foi para Chicago. Escreveu-me contando que mrs. Bradley estava muito doente e que ele levava um choque ao ver como emagrecera. Talvez ela durasse algumas semanas, ou

mesmo meses; em todo caso, cabia-lhe o triste dever de ficar ao lado dela até o fim. Disse que achara o intenso calor mais suportável do que imaginara, mas que a falta de convivência com pessoas com quem pudesse ter afinidade só não lhe pesava pelo fato de não estar no momento em disposição festiva. Ficara decepcionado com a maneira pela qual seus compatriotas haviam reagido contra a depressão; esperara deles maior serenidade na desgraça. Sabendo eu que não há nada mais fácil do que suportar com fortaleza de ânimo os desastres alheios, achei que, mais rico agora do que em qualquer outra época da vida, talvez Elliott não tivesse o direito de se mostrar tão severo. Terminava a carta mandando recados para vários amigos seus, recomendando que eu não esquecesse de explicar a todos a razão pela qual sua casa permanecia fechada no verão.

Dali a um mês e pouco recebi outra carta sua, comunicando-me a morte de Mrs. Bradley. Escreveu com sinceridade e emoção. Eu não o teria julgado capaz de se exprimir com tanta dignidade, sentimento e simplicidade, se há muito não tivesse percebido que apesar de seu esnobismo e incrível afetação Elliott era um homem bom, amoroso e sincero. Na carta ele me contou que os negócios de Mrs. Bradley não estavam muito em ordem. Seu filho mais velho, diplomata, encarregado de negócios em Tóquio na ausência do embaixador, não pudera, naturalmente, abandonar seu posto. O segundo filho, Templeton, que estivera morando nas Filipinas quando eu conhecera os Bradley, fora, com o tempo, devidamente chamado a Washington e ocupava um posto importante no Departamento de Estado. Viera a Chicago com a esposa, ao ser notificado do estado desesperador de sua mãe, mas vira-se obrigado a voltar para a capital logo depois do enterro. Nestas circunstâncias, Elliott julgava-se na obrigação de ficar na América até que as coisas endireitassem. Mrs. Bradley dividira igualmente a fortuna entre os três filhos, mas parece que seus prejuízos na crise de 29 haviam sido pesadíssimos. Felizmente tinham encontrado comprador para a fazenda de Marvin. Na carta, Elliott dizia "a propriedade rural da cara Louisa".

“É sempre triste quando uma família tem que dispor de sua morada ancestral”, escreveu-me ele. “Mas ultimamente tenho visto tantas vezes meus amigos ingleses forçados a isso, que acho que Isabel e meus sobrinhos devem aceitar o inevitável com a mesma coragem e resignação que eles demonstraram. *Noblesse oblige.*”

Tinham também tido a sorte de vender a casa de Chicago. Desde muito havia um projeto de derrubar a fila de casas da qual fazia parte a de mrs. Bradley, para ali construir um bloco de apartamentos, mas os interessados tinham sido detidos pela teimosia da velha senhora, que queria morrer na casa onde sempre vivera. Nem bem exalara ela o último suspiro, de novo apresentaram uma proposta, que desta vez foi imediatamente aceita. Mas, mesmo assim, Isabel não ficava em boa situação financeira.

Depois do pânico da Bolsa, Gray tentara arranjar colocação, mesmo como empregado no escritório de algum corretor que houvesse sobrevivido à catástrofe, mas os negócios estavam parados. Pediu aos antigos amigos que lhe dessem qualquer serviço, por mais humilde e mal remunerado que fosse, mas nada conseguiu. Os frenéticos esforços que fizera para impedir o desastre, o peso da ansiedade, a humilhação resultaram num esgotamento nervoso e ele começou a ter tremendas dores de cabeça, que durante vinte e quatro horas o deixavam inutilizado e completamente sem forças depois que passavam. Isabel achou que não havia melhor solução do que irem com as crianças para a plantação da Carolina do Sul, até Gray se restabelecer. Nos bons tempos o arroz ali tinha dado cem mil dólares por ano, mas agora não passava de um lugar abandonado e selvagem, que só servia para os esportistas que quisessem caçar patos, e para o qual não se achava comprador. Ali tinham eles vivido desde a crise e para lá pretendiam voltar até que a situação melhorasse e Gray pudesse arranjar emprego.

“Eu não podia consentir numa coisa dessas”, escreveu-me Elliott. “Imagine, caro amigo, eles iriam viver como animais. Isabel sem uma criada, sem governanta para as crianças e com apenas

duas negras como pajens. Resolvi, portanto, oferecer-lhes o meu apartamento em Paris e sugeri que ali fiquem até que as coisas mudem neste fantástico país. Fornecerei os empregados; além do mais, a ajudante do meu chefe sabe cozinhar muito bem, de modo que pretendo deixá-la com Isabel e arranjar alguém para substituí-la. Pagarei eu as contas, para que Isabel possa gastar sua pequena renda em vestidos e nos *menus plaisirs* da família. Isto, naturalmente, significa que terei que passar muito mais tempo na Riviera, e espero, portanto, ter o prazer de vê-lo mais amiúde, caro amigo.

Londres e Paris sendo o que atualmente são, sinto-me realmente mais em casa na Riviera. É o único lugar onde ainda encontro gente que fale a minha língua. Não digo que não vá a Paris de vez em quando, mas não me importarei absolutamente de me hospedar no Ritz. É com satisfação que lhe participo que finalmente convenci Gray e Isabel a acederem aos meus desejos, e pretendo levá-los comigo assim que os necessários preparativos estiverem terminados. A mobília e os quadros (insignificantes, meu caro, e da mais duvidosa autenticidade!) serão vendidos daqui a quinze dias. Neste meio-tempo, como achei que lhes seria penoso continuar a viver na casa onde minha querida irmã faleceu, trouxe-os para ficarem comigo no Drake. Assim que os tiver instalado em Paris, voltarei para a Riviera. Não se esqueça de transmitir minhas lembranças ao seu real vizinho."

Quem poderia negar que Elliott, aquele ultraesnobe, era também o mais bondoso, mais delicado e generoso dos homens?

Quatro

1

Tendo instalado os Maturin no seu apartamento da Margem Esquerda, no fim do ano Elliott voltou para a Riviera. Construía a casa para si próprio e nela não havia lugar para uma família de quatro pessoas, de modo que, mesmo que fosse esse o seu desejo, ele não os poderia ter ali recebido. Não creio, no entanto, que o fato lhe causasse desprazer. Sabia perfeitamente que, sozinho, teria mais cotação do que se estivesse sempre na companhia de sobrinho e sobrinha; além do mais, a tarefa de organizar suas distintíssimas reuniões (assunto que tanto o preocupava) ficaria dificultada se tivesse invariavelmente que contar com a presença de dois hóspedes.

– É preferível que eles se instalem em Paris e se habituem à vida civilizada – disse-me Elliott. – Além do mais, as duas meninas já estão em idade de ir para a escola. Encontrei, mais ou menos perto do apartamento, uma que me afirmaram ser muito seleta.

Assim sendo, só vi Isabel na primavera, na ocasião em que, devido a um trabalho que pedia a minha permanência em Paris durante algumas semanas, tomei quartos num hotel perto da Place Vendôme. Era um hotel que eu frequentava não somente por ser bem situado, mas porque tinha atmosfera. Casarão antigo, à volta de um pátio; funcionava como hospedaria havia bem uns duzentos anos. Os banheiros estavam longe de ser luxuosos, os encanamentos deixavam muito a desejar; os quartos, com suas camas esmaltadas de branco, colchas brancas fora de moda e enormes *armoires à glace*, tinham uma aparência pobre; mas os salões eram mobiliados com belas peças antigas. O sofá e as poltronas datavam do alegre reinado de Napoleão iii e, embora eu não possa dizer que fossem confortáveis, tinham um garrido encanto. Naquela sala eu vivia no passado dos romancistas franceses. Ao olhar para o relógio Império sob a sua redoma de

vidro, eu imaginava uma bela mulher de cabelos cacheados e vestido de franja a observar o ponteiro dos minutos enquanto esperava pela visita de Rastignac, aquele aristocrático aventureiro cuja carreira, em romance após romance, Balzac acompanhou desde o seu humilde começo até o esplendor final. E o dr. Bianchon – médico tão real a Balzac que no seu leito de morte este exclamou: “Somente Bianchon poderá salvar-me” – talvez tivesse entrado naquela sala, para tomar o pulso e examinar a língua de uma duquesa-mãe, que viera da província consultar um advogado sobre um complicado processo e chamara um médico devido a uma indisposição passageira. É possível que, à escritaninha, uma dama de crinolina e cabelos repartidos ao meio tivesse escrito uma carta apaixonada ao amante infiel, ou um velho e assanhado fidalgo de casaco verde e pescocinho talvez houvesse redigido irada epístola ao seu extravagante primogênito.

No dia seguinte ao de minha chegada, telefonei a Isabel perguntando se podia ir tomar uma xícara de chá em sua companhia, às cinco horas. Fazia dez anos que não a via. Quando o circunspecto mordomo me introduziu na sala, ela estava lendo um romance francês. Levantou-se, tomou-me ambas as mãos, recebendo-me com um sorriso caloroso e amável. Em toda a minha vida eu não a vira mais que uma dúzia de vezes, e apenas duas a sós, mas ela me fez, imediatamente, sentir como se fôssemos velhos amigos e não apenas conhecidos. Os dez anos decorridos haviam diminuído o abismo que separara a mocinha do homem maduro, e eu já não sentia a disparidade de idade entre nós. Com a lisonjeira delicadeza de uma dama da sociedade, tratou-me como se eu fosse seu contemporâneo, e dali a cinco minutos tagarelávamos com a naturalidade e franqueza de companheiros habituados a um convívio diário. Ela adquirira desembaraço, domínio sobre si e segurança.

Mas o que mais me chamou atenção foi a diferença no seu físico. Eu me lembrava de uma moça bonita, viva, com tendência para engordar; não sei se, comenetrando-se do perigo, ela fizera heroicos sacrifícios para diminuir de peso, ou se isso era uma

consequência feliz, se bem que rara, da maternidade; mas agora era de uma esbeltez que satisfaria aos mais exigentes. A moda da época acentuava essa sua qualidade. Estava de preto; num relance notei que seu vestido de seda, nem muito simples, nem excessivamente complicado, fora confeccionado por uma das melhores costureiras de Paris – e ela o usava com o confiante desembaraço da mulher que está habituada a roupas caras. Dez anos antes, mesmo sob a orientação de Elliott, seus vestidos inclinavam-se para o lado vistoso e ela não parecera muito à vontade dentro deles. Mas hoje, Marie Louise de Florimond não poderia dizer que lhe faltava *chie*. Isabel era *chie* até a ponta das unhas esmaltadas de cor-de-rosa.

Suas feições tinham-se afinado; ocorreu-me que em mulher alguma eu jamais vira nariz tão bonito e tão reto. Nenhuma ruga na testa ou sob os olhos castanhos; embora sua pele tivesse perdido a resplendente frescura da adolescência, continuava tão delicada quanto antes. Provavelmente devia algum favor a loções, cremes e massagens, mas com isso adquirira uma transparência macia, suave, de singular atração. As faces magras estavam pintadas de leve e a boca discretamente acentuada. Conforme a moda do momento, Isabel usava cortados e ondulados os seus luzidios cabelos castanhos. Não lhe vi anéis nos dedos; lembrei-me então de que Elliott me contara que ela vendera suas joias. Embora não muito pequenas, as mãos eram benfeitas. Naquela época as mulheres usavam vestidos curtos durante o dia; notei que as pernas de Isabel, sob as meias cor de champanhe, eram bem torneadas, longas e finas. Perna é coisa que estraga muita mulher bonita; mas as de Isabel, antigamente o seu maior defeito, agora nada deixavam a desejar. Em resumo, de moça que atraía pela exuberante saúde, animação e vivacidade, transformara-se em bela mulher. Pouco importava que devesse parte desse encanto à arte, disciplina e mortificações; o resultado era mais que satisfatório. É possível que a graça dos movimentos e a elegância do porte tivessem sido adquiridos intencionalmente, mas davam a impressão de absoluta espontaneidade. Provavelmente aqueles

quatro meses em Paris tinham dado os últimos retoques na consciente obra de arte que levava anos a ser completada. Nem mesmo Elliott, nos seus momentos mais exigentes, encontraria nela motivo de crítica; e eu, pessoa bem mais fácil de contentar, achei-a encantadora.

Gray fora jogar golfe em Montefontaine, mas Isabel me disse que ele não tardaria.

– E você precisa ver minhas filhas. Foram ao jardim das Tulherias, mas não devem demorar. São uns amores.

Falamos de uma coisa e outra. Isabel gostava de Paris e estavam bem instalados no apartamento de Elliott. Antes de partir, este os apresentara aos amigos com quem achara que eles iriam simpatizar; tinham, portanto, um agradável círculo de relações. Elliott insistira para que recebessem com a frequência a que ele estava habituado.

– Sabe de uma coisa, acho engraçadíssimo estarmos vivendo como gente rica, quando na realidade estamos completamente arruinados – disse-me Isabel.

– Tanto assim?

Ela riu baixinho e lembrei-me agora do riso despreocupado, alegre, que tanto me agradara dez anos antes.

– Gray não tem um níquel e eu tenho quase que exatamente a mesma renda com que Larry contava na época em que queria que me casasse com ele, quando não concordei por achar que não poderíamos viver com tal quantia; e agora tenho duas filhas, ainda por cima! Não deixa de ser engraçado, não é verdade?

– Agrada-me verificar que você percebe o humorismo da situação.

– Que notícias me dá de Larry?

– Eu? Nenhuma. Nunca mais o vi, desde aquela época em que vocês estiveram aqui em Paris. Eu me dava ligeiramente com algumas pessoas que também o conheciam e perguntei que fim levava ele; mas isso há anos. Ninguém soube dizer-me. Ele sumira, simplesmente.

– Conhecemos, em Chicago, o gerente do banco onde Larry tem a sua conta, e ele nos disse que de vez em quando recebe um aviso de pagamento de algum lugar esquisito, China, Birmânia, Índia. Parece que ele tem corrido o mundo.

Não hesitei em fazer a pergunta que estava na ponta da minha língua. Afinal de contas, se a gente quer saber uma coisa, o melhor meio é perguntar.

– Você se arrependeu de não ter casado com Larry? Um sorriso insinuante apareceu nos lábios de Isabel. – Tenho sido muito feliz com Gray. É um ótimo marido. Sabe, até vir a crise, divertimo-nos imensamente. Temos os mesmos gostos, simpatizamos com as mesmas pessoas. Ele é muito bom. E é agradável ser adorada; Gray está hoje tão apaixonado por mim como quando nos casamos; considera-me a mulher mais maravilhosa deste mundo. Você não pode imaginar como é amável e delicado. E foi sempre de uma generosidade exagerada; nada era bom demais para mim. E em todos estes anos de casados, nunca me disse uma palavra áspera ou pouco amável.

Acharia ela que respondera à minha pergunta? Mudei de assunto.

– Fale-me de suas filhinhas. Nisto a campainha tocou.

– Aí estão elas. Veja você mesmo.

No momento seguinte as meninas entraram acompanhadas pela governanta; fui apresentado primeiro a Joan, a mais velha, depois a Priscilla. Cada uma me fez uma delicada reverenciazinha ao estender-me a mão. Uma tinha oito anos, a outra seis. Eram altas para a idade; Isabel, naturalmente, era alta, e lembrei-me de que Gray era imenso; mas as meninas só eram bonitas no sentido em que são bonitas todas as crianças. Pareciam frágeis. Tinham herdado os cabelos pretos do pai e os olhos castanhos da mãe. A presença de um estranho não as intimidou: em tom animado contaram a Isabel suas peripécias nos jardins. Lançaram um olhar cobiçoso às coisas gostosas que a cozinheira preparara para o chá e em que não ha víamos tocado; recebendo licença de tirar uma, viram-se no terrível dilema de não saber qual escolher. Era

agradável notar com que carinho tratavam a mãe, e as três assim juntas formavam um grupo encantador. Depois de cada uma ter comido o seu bolinho, Isabel mandou-as embora e elas saíram sem uma palavra de protesto. Pareceu-me que estavam sendo educadas a obedecer.

Quando ficamos sós, eu disse as coisas que a gente costuma dizer a uma mãe a respeito de seus filhos, e Isabel aceitou os elogios com evidente, se bem que despreocupado, prazer. Pergunteilhe se Gray estava gostando de Paris.

– Bastante. Tio Elliott nos deixou um carro, de modo que ele pode jogar golfe quase todos os dias; além disso, entrou para sócio do Clube dos Viajantes, onde costuma jogar bridge. O oferecimento do tio Elliott, de nos sustentar neste apartamento, veio, naturalmente, como uma bênção dos céus. Os nervos de Gray estão em mísero estado e ele ainda tem aquelas terríveis enxaquecas; mesmo que arranjasse emprego, não estaria em condições de aceitá-lo e isso, naturalmente, o aborrece. Ele tem vontade de trabalhar, acha que deve trabalhar e sente-se humilhado por não o quererem. Sim, pois é de opinião que a missão do homem é lutar e que, não podendo cumpri-la, é preferível morrer de uma vez. Não se conforma com a sua inutilidade; só consegui trazê-lo para cá depois de convencê-lo de que a mudança e o descanso o fariam voltar ao seu normal. Mas tenho certeza de que só se sentirá feliz quando estiver de novo em plena atividade.

– Vejo que vocês sofreram bastante nestes últimos dois anos e meio.

– Pois bem, saiba que, quando veio a crise, eu simplesmente não pude acreditar nela. Parecia-me impossível que estivéssemos arruinados. Compreendia que outras pessoas estivessem na miséria, mas nós... não; era inconcebível. Continuei pensando que à última hora aconteceria alguma coisa que nos viesse salvar. E então, quando foi desferido o golpe final, achei que não valia mais a pena viver, que não me seria possível enfrentar o futuro; era por demais sombrio. Durante uma semana me senti profundamente

infeliz. Céus, foi horrível ter que dispor de tudo, sabendo que estavam acabados os divertimentos, que iria ficar privada de todas as coisas de que gostava... Mas ao fim de quinze dias exclamei: "Oh! com os diabos, não vou pensar mais nisso", e juro-lhe que não pensei mesmo. Não choro o que perdi. Diverti-me muito enquanto durou, mas agora que terminou está acabado.

– Não há dúvida de que a ruína é bem mais suportável num luxuoso apartamento, num bairro elegante, com um mordomo competente e uma excelente cozinheira – de graça, ainda por cima – e quando a gente pode cobrir a carcaça com um vestido de Chanel, não é verdade?

– Lanvin – corrigiu ela rindo baixinho. – Vejo que você não mudou muito, em dez anos. Não sei se vai acreditar-me, cínico como é, mas se não fosse por Gray e pelas crianças não garanto que eu tivesse aceito a oferta do tio Elliott. Com os meus dois mil e oitocentos dólares anuais poderíamos perfeitamente ter vivido na plantação; cultivaríamos arroz e centeio, criaríamos porcos. Afinal de contas, nasci e fui criada numa fazenda de Illinois.

– Por assim dizer – repliquei sorrindo, pois sabia que na realidade ela nascera numa luxuosa maternidade de Nova York.

Neste momento Gray entrou. É verdade que eu só me encontrara com ele duas ou três vezes, e isso doze anos antes, mas vira sua fotografia ao lado da noiva (Elliott conservava-a sobre o piano, em esplêndida moldura, ao lado das fotografias autografadas do rei da Suécia, da rainha da Espanha e do duque de Guise, mas lembrava-me muito bem dele). Fiquei agora estupefato. Estava calvo no alto da cabeça, e as entradas tinham aumentado consideravelmente; rosto rubro e intumescido, papada. Engordara demais naqueles anos de boa vida e muito álcool, e somente sua grande altura impedira que se tornasse vulgarmente obeso. Mas foram os olhos que mais me chamaram atenção. Eu me lembrava perfeitamente da sua expressão franca, confiante, quando Gray via o mundo à sua frente e não tinha uma única preocupação na vida; mas agora pareceu-me distinguir neles uma espécie de perplexa consternação e, mesmo que eu

desconhecesse os fatos, creio que teria adivinhado que acontecera alguma coisa que destruía a confiança que Gray tivera em si e na ordem natural dos acontecimentos. Senti nele uma espécie de modéstia, como se tivesse agido mal, embora involuntariamente, e disso se envergonhasse. Evidentemente seus nervos estavam em petição de miséria. Cumprimentou-me muito cordialmente, como se eu fosse um velho amigo; mas pareceu-me que a sua ruidosa amabilidade era mais uma atitude, pouco de acordo com seus sentimentos.

Trouxeram as bebidas e ele nos preparou um coquetel. Estivera no clube de golfe e ficara satisfeito com o seu jogo. Meteu-se a descrever, com exagerada loquacidade, as dificuldades que vencera num dos buracos. Isabel ouviu-o aparentemente com vivo interesse. Dali a pouco, após termos combinado um dia para eles irem jantar comigo, e um teatro depois, despedi-me e saí.

2

Adquiri o hábito de ir ver Isabel três ou quatro vezes por semana, à tarde, terminada a minha tarefa do dia. Em geral ela estava só nesta hora e gostava de uma prosinha. As pessoas a quem Elliott a apresentara eram muito mais velhas; percebi que poucas companheiras tinham sua idade. Meus amigos estavam geralmente ocupados até a hora do jantar e, a ir ao clube jogar bridge com alguns franceses rabugentos que não apreciavam a presença de um intruso, eu preferia a companhia de Isabel. Sua encantadora maneira de me tratar como se fôssemos da mesma idade tornava fácil a conversa; pilheriávamos, ríamos, caçoávamos um do outro, falando às vezes sobre nós, às vezes sobre amigos comuns, de outras sobre livros e quadros; assim o tempo passava agradavelmente. Um dos meus defeitos é nunca me acostumar com a fealdade das pessoas; por melhor gênio que tenha um amigo meu, nem com anos de intimidade consigo conformar-me com seus maus dentes ou nariz torto; por outro lado, jamais me canso de apreciar a beleza, e depois de vinte anos de convivência ainda me agrada ver uma sobrancelha benfeita ou o delicado contorno de um rosto. E, portanto, ao chegar à presença de Isabel, nunca deixei de experimentar uma leve sensação de prazer ante o oval perfeito do rosto, o acetinado da pele e o cálido brilho dos olhos castanhos.

Nisto aconteceu um fato inesperado.

3

Em todas as grandes cidades existem grupos fechados que não se comunicam entre si, pequenos mundos dentro de um mundo maior, a viver a sua vida, dependendo seus componentes da companhia uns dos outros, como habitantes de ilhas separadas entre si por canais inavegáveis. De acordo com a minha experiência, mais do que de qualquer outra cidade pode-se dizer isso de Paris. Ali, raramente a alta sociedade permite intrusos no seu meio; os políticos vivem no seu círculo corrupto; os burgueses, grandes e pequenos convivem uns com os outros; escritores se congregam com escritores (é interessante notar, no *Journal* de André Gide, como ele teve pouca intimidade com pessoas que não eram da sua profissão), pintores misturam-se com pintores e músicos com músicos. O mesmo acontece em Londres, se bem que de maneira menos acentuada; ali os pássaros da mesma plumagem já não se juntam tanto, e há uma dúzia de casas onde a gente pode encontrar ao mesmo tempo uma duquesa, uma atriz, um pintor, um membro do Parlamento, um advogado, uma costureira e um escritor.

As circunstâncias da minha vida levaram-me a viver transitoriamente em quase todos os mundos de Paris, até mesmo (por intermédio de Elliott) no círculo fechado do Boulevard St. Germain; mas aquele de que mais gosto, mais que da roda discreta que tem seu centro no que hoje se chama Avenue Foch, mais que do grupo cosmopolita, que dá sua preferência ao Larue e ao Café de Paris, mais que da ruidosa e sórdida alegria de Montmartre, é o trecho que tem por artéria principal o Boulevard du Montparnasse. Na minha mocidade passei um ano num apartamentozinho próximo ao Lion de Belfort, no quinto andar, de onde se avistava perfeitamente o cemitério. Para mim, Montparnasse ainda tem um pacato ar de cidade de interior, característico naquele tempo. Quando passo pela sombria e

estreita Rue d'Odessa, é com dor no coração que me lembro do modesto restaurante onde nos reuníamos para jantar, pintores, ilustradores, escultores e eu, o único escritor, a não ser por Arnold Bennett, que aparecia de vez em quando, ali ficando até tarde a discutir animadamente, absurdamente, colericamente, sobre pintura e literatura. Ainda é para mim um prazer descer pelo boulevard e observar as pessoas que têm a mocidade que eu tinha naquele tempo, e inventar, para meu gozo particular, histórias a respeito delas. Quando não tenho o que fazer, tomo um táxi e vou sentar-me no velho Café de Dôme. Já não é o que era naquele tempo, ponto de reunião exclusivamente da boêmia; os pequenos comerciantes da vizinhança habituaram-se a frequentá-lo, e surgem estranhos do outro lado do Sena, na esperança de ver um mundo que deixou de existir. Naturalmente os estudantes ainda aparecem, e pintores, e escritores; mas são, na maioria, estrangeiros; quem está ali sentado ouve tanto russo, alemão e inglês como francês. Mas tenho a impressão de que dizem mais ou menos as mesmas coisas que dizíamos há quarenta anos, só que discutem Picasso em vez de Manet, e André Breton em vez de Guillaume Apollinaire. Meu coração voa para perto deles.

Certa tarde, mais ou menos quinze dias depois de me achar em Paris, estava eu sentado no Dôme; tendo encontrado cheio o terraço, vira-me obrigado a tomar uma mesa da primeira fila. Tempo bonito e quente. Os plátanos começavam a enfolhar-se e havia no ar aquela nota de ociosidade, despreocupação e alegria, própria da cidade de Paris. Sentei-me em paz comigo mesmo, mas não letargicamente; pelo contrário, quase que com júbilo. Subitamente um homem que passara por mim parou e, exibindo os dentes brancos num sorriso, exclamou: "Alô". Fitei-o inexpressivamente. Alto e magro. Estava sem chapéu; notei-lhe a cabeleira escura, que estava clamando por uma tesoura. O lábio superior e o queixo se escondiam sob cerrada barba castanha. Testa e pescoço muito queimados do sol. Estava com uma camisa puída, sem gravata, paletó marrom surradíssimo e uma calça cinzenta em não muito melhores condições. Parecia um

vagabundo e eu poderia jurar que nunca o tinha visto. Tomei-o por um daqueles sujeitos ordinários que decaíram completamente em Paris, e esperei que me contasse uma série de infelicidades, no intuito de me arrancar alguns francos que lhe garantissem cama e comida por uma noite. Ele estava de pé, diante da minha mesa, mãos enfiadas nos bolsos, dentes brancos à mostra, expressão divertida nos olhos escuros.

– Não se lembra de mim? – perguntou.

– É a primeira vez que o vejo na vida.

Eu estava disposto a lhe dar vinte francos, mas não tinha a menor intenção de permitir que continuasse com o blefe de que éramos conhecidos.

– Larry – disse ele.

– Deus do céu! Sente-se – exclamei. Ele deu uma risadinha abafada, adiantou-se e ocupou a cadeira vazia à minha mesa. – Tome alguma coisa – continuei, chamando o garçom. – Como é que você esperou que eu o reconhecesse com todos esses pelos no rosto?

Veio o garçom e Larry encomendou uma laranjada. Agora que podia vê-lo melhor, lembrei-me da singularidade dos olhos, que residia no fato de ser a íris tão negra quanto a pupila, dando-lhes ao mesmo tempo penetração e opacidade.

– Há quanto tempo está em Paris? – perguntei.

– Há um mês.

– Vai continuar aqui?

– Por algum tempo.

Enquanto eu fazia essas perguntas, meu pensamento trabalhava. Notei que a bainha da calça estava puída, roto o paletó nos cotovelos. Tinha a aparência pobre de qualquer vagabundo que eu tivesse encontrado num porto oriental. Naquela época era difícil a gente se esquecer da depressão, e fiquei a conjecturar se a crise de 29 não o teria arruinado. O pensamento desagradou-me e, não sendo amigo de rodeios, perguntei-lhe francamente:

– Você está mal de finanças?

– Não; absolutamente. Que ideia foi essa?

– Pois bem, você está com ar de quem precisa de uma boa refeição, e as roupas que está usando só servem para o lixo.

– Tanto assim? Não pensei nisso. Para falar a verdade, eu estava com ideia de fazer algumas compras, mas nunca chega a hora.

Pensei que fosse orgulho, ou timidez, e não vi motivo para concordar com essa tolice.

– Não seja idiota, Larry. Não sou nenhum milionário, mas também não sou pobre. Se você está em apuros, deixe que lhe empreste alguns milhares de francos, que nem por isso ficarei quebrado.

Ele soltou uma gargalhada.

– Muito agradecido; mas não estou em apuros. Nem chego mesmo a gastar o que tenho.

– Apesar da crise?

– Oh! a crise não me atingiu. Tudo o que eu tinha estava em títulos do governo. Não sei se baixaram de cotação, não indaguei a respeito, mas o fato é que o Tio Sam continua a pagar os juros, como sujeito correto que é. Para ser franco, estive gastando tão pouco nestes últimos anos, que devo mesmo ter uma boa reserva.

– De onde é que você está vindo, então?

– Da Índia.

– Oh! eu soube que você tinha andado por lá. Isabel contou-me. Parece que ela conhece o gerente do seu banco, em Chicago.

– Isabel? Quando foi que a viu pela última vez?

– Ontem.

– Ela não está em Paris, está?

– Claro que está. Moram no apartamento de Elliott Templeton.

– Ótimo. Teria imenso prazer em vê-la.

Embora eu o observasse atentamente, notei nos seus olhos apenas prazer, e uma surpresa natural, mas nenhum sentimento mais complexo.

– Gray também está aqui. Você sabe que eles se casaram?

– Sei. O tio Bob – o dr. Nelson, meu tutor – escreveu, contando-me. Ele morreu há alguns anos.

Ocorreu-me que, com a quebra daquilo que era aparentemente o único elo que o prendia a Chicago, provavelmente Larry não estava a par dos acontecimentos. Falei-lhe do nascimento das duas filhas de Isabel, da morte de Henry Maturin e de Louisa Bradley, da ruína completa de Gray e da generosidade de Elliott.

– Elliott também está aqui?

– Não.

Pela primeira vez em quarenta anos Elliott não passava a primavera em Paris. Embora não aparentasse essa idade, estava agora com setenta anos e, como acontece comumente com homens tão idosos, havia dias em que se sentia cansado e doente. Ia aos poucos abandonando os exercícios e agora quase que só se limitava aos passeios a pé. Preocupava-se muito com a saúde e seu médico vinha vê-lo duas vezes por semana, para espetar alternadamente numa das nádegas uma agulha com a injeção da moda. Em todas as refeições, tanto em casa como fora, Elliott tirava do bolso um estojinho de ouro e dele extraía um comprimido, engolindo-o com o ar compenetrado de quem está cumprindo um rito sagrado. Seu médico lhe recomendara uma cura em Montecatini, estação de águas no norte da Itália, e de lá ele pretendia ir a Veneza, a fim de procurar um modelo de pia batismal apropriado para a sua igreja românica. Agora já não lhe era tanto sacrifício não visitar Paris, pois de ano em ano achava a vida social ali menos satisfatória. Não gostava de gente velha, ofendendo-se quando o convidavam para encontrar somente pessoas da sua idade; e, quanto aos moços, achava-os enfadonhos. A igreja que ele construía era agora o interesse máximo da sua vida; podia, assim, satisfazer o seu arraigado gosto de adquirir obras de arte, tendo a agradável certeza de que o fazia para a glória de Deus. Encontrara em Roma um altar antigo, de melite, e durante seis meses estivera remexendo Florença à procura de um tríptico da escola sienense, para colocá-lo sobre o altar.

Larry perguntou-me que tal Gray estava achando Paris.

– Creio que se sente um tanto desambientado. Tentei explicar a impressão que Gray me causara. Larry ouviu-me com olhos fixos no meu rosto, sem pestanejar, e, não sei por quê, a expressão contemplativa me fez pensar que ele escutava, não com os ouvidos, mas com algum mais sensível e mais íntimo órgão auditivo. Esquisito, e para mim não muito agradável.

– Mas você verá por si mesmo – concluí.

– Sim, eu teria muito prazer em vê-los. Com certeza encontrarei o endereço na lista telefônica.

– Mas, a não ser que você queira pregar-lhes um susto e tanto, e arrancar gritos histéricos às crianças, vá cortar o cabelo e tirar essa barba.

Ele riu.

– A ideia já me ocorreu. Não tenho nenhum interesse em chamar atenção.

– E, enquanto estiver com a mão na massa, compre um terno novo.

– Creio que estou mesmo um tanto esfarrapado. Quando saí da Índia, verifiquei que não tinha outras roupas a não ser estas que trago no corpo.

Olhou para o meu terno e perguntou quem era o meu alfaiate. Contei-lhe, mas acrescentei que o homem estava em Londres e que, portanto, não poderia ser de grande utilidade. Mudamos de assunto, falando de novo sobre Gray e Isabel.

– Tenho-os visto frequentemente – disse eu. – São muito felizes. Ainda não tive oportunidade de conversar a sós com Gray e, em todo caso, acho que não mealaria sobre Isabel, mas sei que gosta muito dela. Seu rosto, em repouso, é um tanto taciturno; os olhos têm uma expressão atormentada, mas quando descansam em Isabel adquirem uma suavidade e uma meiguice realmente comovedoras. É minha impressão que, durante toda aquela época de luta, ela se manteve como uma rocha ao lado do marido e ele não se esquece de quanto lhe deve. Você vai achar Isabel mudada. – Não disse a Larry que ela estava linda como jamais o fora, pois não sabia se ele tinha suficiente discernimento

para ver como a moça bonita e sacudida soubera transformar-se em mulher adoravelmente graciosa, delicada e fina. Há homens que se escandalizam com o auxílio que a arte presta à beleza feminina... Acrescentei: – Ela é muito boa para Gray. Está fazendo o possível para que ele readquirira confiança em si.

Mas estava ficando tarde; perguntei a Larry se não queria descer comigo o boulevard, para jantarmos juntos.

– Não, obrigado; creio que hoje não – respondeu ele. – Tenho que ir caminhando.

Levantou-se, cumprimentou-me amavelmente e passou para a calçada.

4

Estive com Gray e Isabel no dia seguinte e contei-lhes que vira Larry. Ficaram tão admirados quanto eu.

– Que vontade de vê-lo novamente! – exclamou Isabel. – Vamos telefonar-lhe agora mesmo.

Lembrei-me então de que não pensara em pedir a Larry o seu endereço. Isabel me passou uma descompostura em regra.

– Não sei se ele me teria contado – defendi-me, rindo. Com certeza o meu subconsciente teve interferência no caso. Você não se lembra, ele não gostava de dizer onde estava morando. Era uma das suas esquisitices; mas é bem capaz de aparecer aqui a qualquer momento.

– Não seria de admirar – disse Gray. – Mesmo nos velhos tempos ninguém podia contar com ele onde era esperado. Estava hoje aqui, amanhã ali. A gente o via numa sala e pensava em ir cumprimentá-lo dali a pouco, mas quando lá chegava ele já tinha desaparecido.

– Larry sempre foi uma criatura exasperante – disse Isabel. – Quanto a isto, não há dúvida. Provavelmente teremos que esperar até que ele se lembre de aparecer.

Ele não veio neste dia, nem no seguinte, nem no outro. Isabel acusou-me de ter inventado a história só para aborrecer. Garanti-lhe que não, procurando apresentar razões que explicassem a ausência de Larry. Mas não eram plausíveis. Pensei comigo mesmo que, refletindo melhor, talvez ele tivesse achado preferível não ver Gray e Isabel, tendo mesmo saído de Paris. Já naquela época eu sentia que ele não criava raízes em parte alguma, estando sempre pronto – por uma razão que lhe parecesse boa, ou por capricho a continuar o seu caminho de um momento para outro.

Finalmente ele apareceu. Chovia, e Gray não fora a Mortefontaine. Estávamos os três na sala, Isabel e eu tomando uma xícara de chá, Gray um uísque com perrier, quando o

mordomo abriu a porta e Larry entrou. Isabel pulou da cadeira com uma exclamação e, atirando-se nos braços dele, beijou-o em ambas as faces. Gray, seu rosto rubro tornando-se ainda mais rubro, apertou-lhe calorosamente a mão.

– Viva, que prazer em vê-lo – disse, em voz trêmula de emoção. Isabel mordeu os lábios e percebi que se esforçava para não chorar.

– Tome qualquer coisa, meu velho – disse Gray em voz ainda pouco firme.

Fiquei comovido com o prazer que lhes causava a volta do amigo errante. E para Larry deve ter sido agradável verificar quanto lhe queriam bem. Sorriu, satisfeito. Percebi, no entanto, que estava absolutamente senhor de si. Notando a bandeja do chá, disse:

– Aceito uma xícara de chá.

– Oh! céus, você não há de querer chá! – exclamou Gray. – Vamos abrir uma garrafa de champanhe.

– Prefiro chá – sorriu Larry.

Sua serenidade teve nos outros o efeito que ele provavelmente desejava que tivesse. Acalmaram-se, mas ainda o olhavam com afeição. Não quero com isso dizer que ele tenha correspondido com frieza pouco simpática à espontânea exuberância dos outros; pelo contrário, não podia ter sido mais cordial e encantador; senti, no entanto, na sua atitude qualquer coisa que só posso qualificar como “remota” e fiquei a imaginar o que seria.

– Por que não veio logo nos ver, “sua” peste? – exclamou Isabel, fingindo indignação. – Passei estes últimos cinco dias dependurada na janela, e todas as vezes que a campainha tocava meu coração batia acelerado, dando-me um trabalhão para acalmá-lo novamente!

Larry riu baixinho.

– Mr. Maugham me disse que eu estava com aparência tão pouco respeitável que o seu criado não me deixaria entrar. Fui a Londres de avião, para comprar umas roupas.

– Isto não teria sido necessário – disse eu. – Você poderia ter comprado uma roupa feita aqui no Printemps ou na Belle Jardinière.

– Achei que, já que estava decidido, era melhor fazer a coisa em estilo – respondeu Larry. – Há dez anos que não compro trajes europeus. Procurei o seu alfaiate e disse-lhe que queria um terno em três dias. Ele respondeu que levaria quinze, de modo que concordamos com quatro. Faz uma hora que cheguei de Londres.

Ele usava um terno de casimira azul bem assentado no seu corpo esguio, camisa branca de colarinho mole, gravata azul e sapato marrom. Cortara curto o cabelo e tirara a barba. Estava não somente decente, mas bem tratado. Verdadeira transformação. Muito magro; maçãs ainda mais salientes, têmporas mais entradas, olhos maiores nas órbitas fundas; apesar disso, estava muito bem-disposto. Para falar a verdade, com seu rosto muito queimado, sem uma ruga, ele parecia extraordinariamente jovem. Era um ano mais moço do que Gray, tendo ambos pouco mais de trinta anos; mas, se Gray dava a impressão de ter dez anos mais, Larry parecia ter dez menos. Os movimentos de Gray, devido ao seu volume, eram deliberados e um tanto pesados; os de Larry, leves e naturais. Tinha um jeito de adolescente, alegre e donairoso, mas no íntimo possuía uma serenidade que singularmente me era perceptível, e que eu não me lembrava de ter notado no rapazinho que conhecera em Chicago. À medida que a conversa prosseguia, com muita naturalidade, como acontece entre velhos amigos que têm muitas recordações em comum, com notícias de Chicago fornecidas por Gray e Isabel – conversa trivial, entremeada de risos, uma coisa conduzindo a outra–, eu continuava com a impressão de que, embora fosse espontâneo o seu riso e ele ouvisse com evidente prazer o alegre tagarelar de Isabel, havia em Larry um singular desprendimento. Não que estivesse representando um papel, pois era natural demais para isso, e sua sinceridade era inegável; senti que havia qualquer coisa dentro dele, não sei se devo chamá-la de

percepção, sensibilidade, ou força, que se conservava estranhamente isolada.

As crianças apareceram, foram apresentadas a Larry e fizeram suas delicadas reverenciinhas. Ele lhes estendeu a mão, fitando-as com encantadora ternura nos olhos suaves, e elas a apertaram com ar grave. Com muita vivacidade Isabel contou a Larry que as filhas iam muito bem nos estudos, deu um bolinho a cada uma e mandou-as embora.

– Vou depois ler para vocês durante dez minutos, quando estiverem na cama.

Naquele momento ela não queria ver interrompido o prazer que lhe causava a presença de Larry. As meninas foram dar boa-noite ao pai. Achei comovente ver iluminar-se o rosto vermelho daquele homem pesado, quando as abraçou e beijou. Ninguém podia deixar de notar com que orgulho as adorava; quando elas saíram, virou-se para Larry e disse:

– Podiam ser piores, não podiam?

Isabel lançou ao marido um olhar afetuosamente.

– Se eu deixasse Gray fazer o que quer, elas estariam completamente estragadas. Este brutamontes me deixaria *foie gras*.

Gray fitou-a sorrindo e disse:

– Você é uma mentirosa e sabe disso. Tenho verdadeira paixão por você.

Nos olhos de Isabel brilhou um sorriso compreensivo. Ela sabia disso e o fato lhe causava prazer. Um casal feliz.

Isabel insistiu em que ficássemos para jantar. Achando que talvez eles preferissem ficar sós, inventei uma desculpa, mas Isabel não se conformou.

– Direi a Marie que ponha mais uma cenoura na sopa e assim dará bem para quatro. Temos frango; você e Gray poderão comer as pernas e Larry e eu ficaremos com as asas; e ela que faça o suflê de um tamanho que dê para todos nós.

Também Gray parecia querer que eu ficasse, de modo que me deixei persuadir a fazer o que eu desejava.

Enquanto esperávamos, Isabel contou detalhadamente a Larry aquilo que eu já lhe contara por alto. Embora narrasse a lamentável história da maneira mais alegre possível, o rosto de Gray tornou-se taciturnamente melancólico. Ela procurou animá-lo.

– Em todo caso, agora está tudo acabado. Caímos de pé e temos o futuro à nossa frente. Assim que as coisas melhorarem, Gray vai arranjar um ótimo emprego e ganhar milhões. Vieram os coquetéis, e dois conseguiram levantar o moral do pobre coitado. Notei que, embora tivesse tirado um, Larry mal tocou nele; e quando Gray, mau observador, lhe ofereceu outro, Larry recusou-o. Fomos lavar as mãos e sentamo-nos à mesa. Gray mandara abrir uma garrafa de champanhe, mas, quando o mordomo começou a servir Larry, este lhe disse que não queria.

– Oh! mas você precisa tomar um pouco! – exclamou Isabel. – É o melhor champanhe do tio Elliott, que ele reserva para os convidados especiais.

– Para ser franco, prefiro água. Depois de ter vivido tanto tempo no Oriente, é um prazer poder beber uma água que não seja perigosa.

– Mas é uma ocasião especial.

– Está certo; tomarei um pouco.

O jantar estava ótimo, mas, assim como eu, Isabel notou que Larry comeu muito pouco. Ocorreu-lhe então, creio, que estivera falando o tempo todo e que pouca oportunidade tivera ele de dizer alguma coisa; em vista disso, começou a indagar dos seus atos durante aqueles dez anos em que não se tinham visto. Ele respondeu com a sua amável franqueza, mas tão vagamente que não ficamos lá muito bem informados.

– Oh! você sabe, estive vagando por aí. Passei um ano na Alemanha e algum tempo na Espanha e Itália. E perambulei um pouco pelo Oriente.

– De onde está vindo agora?

– Da Índia.

– Quanto tempo ficou lá?

– Cinco anos.

– Divertiu-se? – perguntou Gray. – Matou algum tigre?

– Não – respondeu Larry sorrindo.

– Mas, francamente, o que esteve você fazendo na Índia durante cinco anos? – perguntou Isabel.

– Divertindo-me – respondeu ele com um sorriso de amável zombaria.

– Que tal a Mágica da Corda? – perguntou Gray. – Viu-a?

– Não, não vi.

– Que foi que você viu?

– Muita coisa.

Nesta altura fiz uma pergunta.

– É verdade que os iogues adquirem poderes que nos pareceriam sobrenaturais?

– Não sei. Só o que posso dizer é que, na Índia, geralmente se acredita nisso. Mas os mais sensatos não dão muito valor a poderes dessa natureza; acham que retardam o progresso espiritual. Lembro-me de que um deles me falou de um iogue que chegou à beira de um rio, e que não tinha dinheiro para pagar o barqueiro que devia levá-lo à outra margem, recusando-se este a transportá-lo de graça; e, portanto, o homem pisou a água e andou sobre a superfície, até chegar ao outro lado. O iogue que me contou o fato encolheu os ombros desdenhosamente e disse: “Tal milagre não vale mais que o níquel que teria custado a passagem”.

– Mas você acha que o iogue andou realmente sobre a água?

– O iogue que me contou acreditava nisso piamente. Era um prazer ouvir Larry falar, pois sua voz era adoravelmente melodiosa; leve, rica sem ser profunda, e com uma singular variedade de entonações. Terminado o jantar, fomos para a sala de visitas, onde nos foi servido o café. Eu não conhecia a Índia e estava ansioso por mais detalhes.

– Você chegou a conhecer escritores e pensadores? – perguntei.

– Noto que você faz uma distinção entre os dois – disse Isabel, para trocar comigo.

- Fiz questão disso – declarou Larry.
- Como é que você se comunicou com eles? Em inglês?
- Os mais interessantes, quando sabiam inglês, não falavam muito bem e entendiam menos ainda. Aprendi hindustani. E, quando fui para o sul, cheguei a entender bastante tamul para não me sentir perdido.
- Quantas línguas você conhece, Larry?
- Não sei. Mais ou menos uma meia dúzia.
- Conte-me mais alguma coisa sobre os iogues – pediu Isabel.
- Chegou a conhecer algum intimamente?
- O mais intimamente que se possa conhecer uma pessoa que vive a maior parte do tempo no Infinito – respondeu ele sorrindo.
- Passei dois anos no *ashrama* de um deles.
- Dois anos? Que é *ashrama*?
- Bom, suponho que é o que chamaríamos de eremitério. Há homens santos que vivem sós, num templo, na floresta ou nas encostas do Himalaia. Há outros que atraem discípulos. Uma pessoa caridosa, que queira adquirir mérito, constrói um quarto grande ou pequeno, para que ali viva um iogue cuja piedade o impressionou, e os discípulos vivem com ele, dormindo na varanda, ou na cozinha se existe uma, ou mesmo embaixo das árvores. Eu tinha uma choça, perto, onde apenas havia lugar para minha cama de lona, uma cadeira, uma mesa e uma estante.
- Onde foi isso? – perguntei.
- Em Travancore, bela região de morros verdejantes, vales poéticos e rios de águas mansas. Lá em cima, nas montanhas, há tigres, leopardos, elefantes e bisões, mas o *ashrama* ficava numa laguna cercada de arecas e coqueirais. Distava cinco ou seis quilômetros da cidade mais próxima, mas vinha gente de lá, e mesmo de mais longe, a pé ou de carro de boi, para ouvir o iogue falar quando a tal se sentia inclinado, ou apenas para se sentar a seus pés e compartilhar da paz e bem-aventurança que, tal a fragrância que a tuberosa espalha no ar, sua santa presença irradiava.

Gray moveu-se desajeitadamente na cadeira. Pareceu-me que a conversa estava tomando um rumo que não o deixava lá muito à vontade.

– Quer tomar um uísque? – perguntou-me.

– Não, obrigado.

– Bom, eu vou tomar um. E você, Isabel?

Ergueu da cadeira o corpo pesado e foi até a mesa onde havia uísque Perrier e alguns copos.

– Havia lá outros homens brancos?

– Não; eu era o único.

– Como é que você pôde aguentar isso durante dois anos? – exclamou Isabel.

– Passaram voando. Tenho conhecido dias que me pareceriam mais longos.

– O que é que você fazia o tempo todo?

– Lia. Fazia longos passeios a pé. Saía de barco pela laguna.

Meditava. A meditação é tarefa árdua; depois de duas ou três horas, a pessoa fica exausta como se tivesse guiado um carro durante mil quilômetros, e só o que deseja é repousar.

Isabel franziu de leve as sobrancelhas. Estava perplexa e não garanto que não estivesse também um pouco amedrontada. Creio que começava a achar que o Larry que horas antes entrara na sala, embora aparentemente inalterado, franco e amigo como antigamente, não era o mesmo Larry ingênuo, alegre e de gênio fácil, quase seu escravo, mas encantador, que ela conhecera no passado. Perdera-o uma vez e, ao vê-lo novamente, tomando-o pelo mesmo de outros tempos, julgava que, por diferentes que fossem as circunstâncias, ele ainda lhe pertencia; mas estava agora ligeiramente consternada, como se tivesse querido capturar um raio de sol e ele lhe houvesse escapado pelos dedos no momento em que o agarrara. Eu a observara bastante naquela noite, tarefa, aliás, sempre agradável, e notara a expressão afetuosa do seu olhar quando pousara na cabeça benfeita de Larry, de orelhas pequenas rentes ao crânio, e vira essa expressão mudar ao fixar-se nas têmporas fundas e faces macilentas. Olhou

de relance para as mãos longas, finas, que apesar de emaciadas eram fortes e viris. Depois seu olhar se demorou na boca expressiva, benfeita, carnuda sem ser sensual, e na fronte serena e nariz benfeito. Larry usava suas roupas, não com a elegância de figurino de Elliott, mas com a despreocupação de quem as tivesse usado todos os dias durante um ano. Vi que ele inspirava em Isabel um sentimento maternal que eu não lhe notara no trato com as filhas. Era ela uma mulher experiente; ele parecia ainda um rapazinho; creio ter percebido na atitude de Isabel um orgulho de mãe pelo filho crescido, pelo fato de estar ele falando inteligentemente e ser ouvido como se suas palavras tivessem sentido. Não creio que ela alcançasse o que ele dizia.

Mas eu ainda não acabara com as perguntas.

– Como era o seu iogue?

– Quer dizer, fisicamente? Pois bem, não era alto; nem magro nem gordo; pele de um pardo acinzentado, barba feita, cabelo branco cortado rente. Usava apenas uma tanga, e no entanto conseguia ter a aparência limpa e correta de qualquer rapaz de um anúncio de Brooks Brothers.

– E qual a maior atração que você viu nele?

Larry fitou-me durante um longo momento antes de responder. Os olhos profundos pareciam querer penetrar-me até o mais íntimo da alma.

– Santidade.

Fiquei um tanto desconcertado com a resposta. Naquela sala de mobília fina e belos desenhos nas paredes, a palavra caiu como uma gota-d'água que houvesse filtrado pelo teto, oriunda de uma banheira transbordante.

– Temos lido muito sobre os santos, são Francisco, são João da Cruz e outros, mas isto aconteceu há centenas de anos. Nunca pensei que fosse possível conhecer um que vivesse atualmente. Desde o primeiro momento em que o vi, tive certeza de que era um santo. Foi um maravilhoso acontecimento.

– E o que você ganhou com isso?

– Paz – respondeu ele despreocupadamente, com um leve sorriso. Depois, bruscamente, ergueu-se e disse: – Tenho que ir.

– Oh! ainda não, Larry – exclamou Isabel. – É muito cedo.

– Boa-noite – disse ele, ainda sorrindo, sem ligar ao protesto. Beijou-a na face e acrescentou: – Provavelmente nos veremos daqui a um ou dois dias.

– Onde é que você está morando? Eu lhe telefonarei.

– Oh! não se incomode. Você sabe como é difícil a gente conseguir uma ligação em Paris e, além do mais, o nosso telefone está sempre com defeito.

Ri-me intimamente ao ver com que habilidade Larry se esquivara. Era uma esquisitice sua, guardar segredo sobre o seu endereço. Propus jantarem todos comigo, não na noite seguinte, mas na outra, no Bois de Boulogne. Naquele verão ameno era muito agradável a gente comer ao ar livre, sob as árvores; Gray poderia levar-nos no cupê. Saí com Larry e de boa vontade teria andado um trecho do caminho em sua companhia, mas assim que ganhamos a rua ele me estendeu a mão, afastando-se rapidamente. Tomei um táxi.

5

Tínhamos combinado o encontro no apartamento, para um coquetel. Cheguei antes de Larry. Eu ia levá-los a um restaurante elegantíssimo e esperei encontrar Isabel ataviada para a ocasião; como todas as mulheres esmerando-se ao máximo, achei que ela não havia de querer ser ofuscada. Mas encontrei-a com um vestido de lã muito simples.

– Gray está com uma das suas terríveis dores de cabeça – disse ela. – Está sofrendo horrores. Não posso absolutamente deixá-lo. Disse à cozinheira que podia sair assim que desse o jantar das crianças, de modo que tenho que fazer qualquer coisa para ele, e ver se o obrigo a comer. É melhor você e Larry irem sozinhos.

– Gray está deitado?

– Não; nunca quer ir para a cama quando tem uma dessas enxaquecas. Só Deus sabe que é onde deveria estar, mas não adianta a gente insistir. Está na biblioteca.

A biblioteca era uma sala com lambris, toda em marrom e ouro, que Elliott descobrira num velho castelo. Um gradil dourado, sempre fechado, resguardava os livros de quem os quisesse ler; mas talvez fosse melhor assim, uma vez que, pela maior parte, consistiam em obras pornográficas, ilustradas, do século xviii. Modernamente encadernadas de marroquim, conseguiram, no entanto, um belíssimo efeito. Isabel levou-me até lá. Gray estava todo dobrado na cadeira; notei várias revistas espalhadas no chão, a seus pés. Tinha os olhos fechados e seu rosto habitualmente vermelho estava lívido. Via-se claramente que sofria muito. Procurou levantar-se, mas detive-o.

– Já lhe deu uma aspirina? – perguntei a Isabel.

– Não adianta nada. Tenho uma receita americana, mas também pouco serve.

– Oh! não se incomode, meu bem – disse Gray. – Amanhã estarei bom. – Tentou sorrir e, virando-se para mim, acrescentou: – Sinto muito ser um desmancha-prazeres. Vão vocês ao Bois.

– Nem se cogita disso – exclamou Isabel. – Acha então que eu me divertiria sabendo que você estava sofrendo horrores?

– Coitada da sujeitinha, acho que ela gosta mesmo de mim – disse Gray, de olhos fechados.

Nisto seu rosto se contraiu; quase se podia ver a dor lancinante que lhe atravessou a cabeça. A porta abriu-se e Larry apareceu. Isabel contou-lhe o que havia.

– Oh! sinto muito – disse ele, lançando a Gray um olhar de comiseração. – Não se pode fazer alguma coisa para aliviá-lo?

– Nada – respondeu Gray, ainda de olhos fechados. – A única coisa que podem fazer é deixar-me só; vão vocês e divirtam-se bastante.

Por mim achei que era a única coisa sensata a fazer, mas talvez a consciência de Isabel não lhe permitisse agir assim.

– Quer que eu veja se posso ajudá-lo? – perguntou Larry.

– Ninguém pode ajudar-me – disse Gray em voz cansada. – Isto está me matando e, por Deus, às vezes chego a desejar que me mate mesmo.

– Enganei-me ao dizer que talvez pudesse ajudá-la. Minha intenção era dizer que talvez eu pudesse ajudá-lo a ajudar-se a si próprio.

Gray abriu lentamente as pálpebras e fitou Larry.

– Como é que você pode fazer isso?

Larry tirou do bolso uma moeda de prata e entregou-a a Gray.

– Feche bem os dedos e conserve a mão de palma para baixo. Não lute contra mim. Não faça esforço, mas segure a moeda no punho fechado. Antes de eu ter contado vinte, sua mão se abrirá e a moeda cairá no chão.

Gray fez o que lhe diziam. Larry sentou-se à escrivaninha e começou a contar. Isabel e eu continuamos de pé. Um, dois, três, quatro. Até ele chegar a quinze, não houve movimento por parte de Gray; depois a mão tremeu ligeiramente e, não posso dizer que

tenha visto, mas pareceu-me que os dedos se afrouxavam. O polegar separou-se do punho. Vi distintamente os dedos moverem-se. Quando Larry chegou a dezenove, a moeda soltou-se da mão de Gray e rolou pelo chão, vindo parar a meus pés. Apanhei-a e examinei-a. Era pesada e malfeita, tendo de um lado, em relevo, uma cabeça jovem que reconheci como sendo de Alexandre, o Grande. Gray olhou perplexo para a sua mão.

– Não soltei a moeda – disse ele. – Caiu por si mesma. Estava sentado com o braço direito apoiado no braço da poltrona de couro.

– Você se sente confortável nesta cadeira? – perguntou Larry.

– O mais confortável possível para quem tem a enxaqueca que eu tenho.

– Pois bem, relaxe os músculos. Fique à vontade. Não faça coisa alguma. Não resista. Antes de eu ter contado vinte, seu braço direito se levantará da cadeira até chegar em cima da cabeça. Um, dois, três, quatro.

Ele dizia os números lentamente, naquela sua voz argentina, melodiosa; quando chegou ao número nove, vimos a mão de Gray erguer-se, de maneira apenas perceptível, mais ou menos três centímetros acima da superfície de couro onde descansava, aí parando pelo espaço de um segundo.

– Dez, onze, doze.

Um repuxãozinho e então, lentamente, todo o braço começou a erguer-se. Já não estava apoiado na poltrona. Um tanto atemorizada, Isabel agarrou a minha mão. Curioso, aquilo. Não se parecia absolutamente com um movimento voluntário. Nunca vi um sonâmbulo em ação, mas imagino que seus movimentos se assemelham aos movimentos do braço de Gray naquele momento. Não se tinha a impressão de que a vontade fosse a força motriz. Achei que, por um esforço consciente, devia ser difícil erguer um braço tão devagar e assim gradualmente. Era como se uma força subconsciente, independente da vontade, o levantasse. Movimento semelhante ao do pistão que se move lentamente num cilindro.

– Quinze, dezesseis, dezessete.

As palavras caíam, lentas, lentas, lentas, como gotas-d'água numa bacia, provindo de uma torneira defeituosa. O braço de Gray subiu, subiu, até a mão pairar acima da cabeça; e, quando Larry atingiu o número determinado, caiu pesadamente sobre a poltrona.

– Não levantei o braço – afirmou Gray. – Não pude evitar que subisse daquele jeito. Ergueu-se por si mesmo.

Um sorriso esboçou-se nos lábios de Larry.

– Não tem importância. Achei que isto faria com que você tivesse confiança em mim. Onde está aquela moeda grega?

Entreguei-a a Larry e ele virou-se para Gray.

– Segure-a com força. – Gray fez o que lhe mandavam e Larry consultou o seu relógio. – São oito horas e treze minutos. Daqui a sessenta segundos, suas pálpebras se tornarão tão pesadas que você será obrigado a fechá-las. Você vai dormir durante seis minutos. Às oito e vinte acordará e não sentirá mais dor alguma.

Nem eu nem Isabel falamos. Nossos olhos estavam fixos em Larry. Ele nada mais disse. Fitou Gray, mas não parecia vê-lo; parecia mesmo estar olhando através e além dele. Havia qualquer coisa de sobrenatural no silêncio que caiu sobre nós; tal o silêncio das flores num jardim, ao cair da noite. Subitamente senti a mão de Isabel contrair-se; olhei então para Gray. Suas pálpebras estavam cerradas; respirava com facilidade e regularmente; dormia. Ali ficamos por um tempo que pareceu interminável. Eu estava louco por um cigarro, mas não quis acender um. Larry estava imóvel, de olhos perdidos não sei em que distância. A não ser pelo fato de estarem abertos, ele parecia em transe. De repente pareceu relaxar-se; os olhos adquiriram a expressão normal e ele consultou o relógio. Nisto Gray abriu os olhos.

– Céus, creio que cochilei – disse ele. Depois teve um sobressalto. Notei que seu rosto perdera a lividez. – Minha dor de cabeça passou.

– Ótimo – disse Larry. – Fume um cigarro e vamos depois jantar.

– É um milagre. Sinto-me perfeitamente bem. Como é que você conseguiu isso?

– Não fui eu. Foi você mesmo.

Isabel foi trocar de vestido e enquanto isso Gray e eu tomamos um coquetel. Evidentemente Larry não queria discutir o fato, mas Gray insistiu em comentá-lo. Não podia compreender o que se passara.

– Sabe, não pensei que você pudesse conseguir coisa alguma – disse ele. – Concordei porque estava indisposto demais para resistir.

Começou a descrever o princípio das enxaquecas, seu horroroso sofrimento e o estado de inutilidade em que ficava depois que elas passavam. Achava incompreensível sentir-se agora tão disposto. Isabel voltou. Pusera um vestido que eu ainda não conhecia; chegava até o chão e era de uma fazenda branca chamada *marocain*, levemente enfeitada de tule preto. Não pude deixar de pensar que ela nos iria fazer honra.

O Château de Madrid estava muito alegre, e nós de ótimo humor. Larry conversou com uma espirituosa vivacidade que eu não estava habituado a ver-lhe, dizendo tolices que muito nos fizeram rir. Tive a impressão de que assim agia para que nos esquecêssemos da demonstração que dera do seu extraordinário poder. Mas Isabel era uma mulher decidida. Estava disposta a brincar enquanto isso lhe conviesse, mas não iria deixar insatisfeita a sua curiosidade. Terminado o jantar, quando nos serviram café e licores, achando talvez que a conversa íntima, a comida gostosa e o copo de vinho que Larry tomara lhe tinham enfraquecido a resistência, Isabel fitou-o com olhos brilhantes.

– Conte-nos agora como foi que você curou a dor de cabeça de Gray.

– Você viu com seus próprios olhos – respondeu ele sorrindo.

– Foi na Índia que você aprendeu isso?

– Foi.

– Gray sofre horrores. Você acha que poderia curá-lo definitivamente?

- Não sei. É possível que sim.
- Isto faria uma diferença enorme na vida dele. Gray não pode pretender um bom emprego, sabendo que é capaz de ficar incapacitado para o trabalho durante quarenta e oito horas ou mais. E nunca será feliz, a não ser que volte a trabalhar.
- Bom, eu não posso fazer milagres.
- Mas foi um milagre. Vi-o com meus próprios olhos.
- Não, não foi. Apenas enfiei uma ideia na cabeça do velho Gray e ele fez o resto. – Larry virou-se para Gray e perguntou: – Que é que você vai fazer amanhã?
- Jogar golfe.
- Aparecerei então ali pelas seis horas e daremos uma prosinha. – Depois, virando-se para Isabel com seu sorriso insinuante, acrescentou: – Há dez anos que não danço com você, Isabel. Quer ver se ainda sei?...

6

Depois disso vimos Larry muitas vezes. Na semana seguinte ele veio ao apartamento todos os dias, fechando-se durante meia hora com Gray na biblioteca. Parece que queria persuadi-lo – era assim que ele se exprimia, sorrindo – a não ter aquelas pavorosas enxaquecas. Gray ficou com uma confiança cega nele. Pelo pouco que me contou, percebi que Larry estava também procurando fazer com que readquirisse confiança em si. Dez dias depois Gray teve outra enxaqueca, mas aconteceu que Larry só ficara de aparecer à tarde. Não foi muito forte, mas Gray tinha agora tanta confiança no estranho poder de Larry que achava que, se pudessem encontrá-lo, em poucos minutos ele o curaria. Mas nem eu, a quem Isabel telefonou, nem eles sabíamos onde procurá-lo. Quando finalmente Larry apareceu, dando alívio a Gray, este lhe pediu o seu endereço, para o caso de novamente precisar dele com urgência. Larry sorriu.

– Telefone para o American Express e deixe o recado. Telefonarei para lá todas as manhãs.

Mais tarde Isabel me perguntou por que motivo Larry fazia tanto segredo de sua residência. Isto já acontecera antes, e depois se verificara que ele estivera morando, sem mistério algum, num hotel de terceira classe do Quartier Latin.

– Não tenho a mínima ideia – respondi. – Só posso apresentar uma hipótese fantástica, e que talvez não tenha fundamento algum. Mas é possível que algum estranho instinto provoque nele o desejo de ter em sua residência certo isolamento espiritual.

– Pelo amor de Deus, que quer dizer com isso? – exclamou Isabel um tanto irritada.

– Você não acha que, por mais acessível, camarada e sociável que Larry se mostre quando está conosco, a gente sente nele uma espécie de desprendimento, como se ele não se entregasse completamente, como se retivesse em algum ponto oculto da alma

algo que não sei definir – uma tensão, um segredo, uma aspiração, um conhecimento – que faz dele uma criatura à parte?

– Conheço Larry desde menina – replicou Isabel com impaciência.

– Às vezes ele me faz lembrar um grande ator que representasse à perfeição o seu papel, numa peça espalhafatosa, mas medíocre. Como Eleanora Ouse, em *La Locandira*.

Isabel refletiu um momento sobre isso.

– Creio que percebo o que você quer dizer. A gente está se divertindo – e pensa que Larry é como um de nós, como todo mundo –, mas de repente sente que ele *foge*, como um rolo de fumaça que a gente tenta capturar com as mãos. Que será que o torna assim esquisito?

– Talvez uma coisa tão corriqueira que a gente nem mesmo dela se apercebe.

– E isto é?...

– Pois bem, bondade, por exemplo. Isabel franziu as sobrancelhas.

– Gostaria que você não dissesse essas coisas. Sinto uma sensação desagradável na boca do estômago.

– Ou será uma dorzinha no fundo do coração?

Isabel olhou-me longamente, como se pretendesse ler-me os pensamentos. Apanhou um cigarro do maço sobre a mesa, acendeu-o e reclinou-se na cadeira. Ficou a observar a fumaça que se contorcia no ar.

– Quer que eu vá embora? – perguntei.

– Não.

Fiquei em silêncio durante alguns momentos, a observá-la, sentindo prazer em contemplar o nariz benfeito e a bonita linha do queixo.

– Você está muito apaixonada por Larry?

– Vá para o inferno, nunca amei outro homem na minha vida.

– Por que se casou com Gray?

– Eu tinha que me casar com alguém. Ele estava louco por mim e mamãe queria o casamento. Todo mundo me dizia que fora

uma sorte eu ter-me livrado de Larry. Eu gostava de Gray; ainda gosto muito dele. Você não imagina como é meigo; não há ninguém que seja mais bondoso e delicado. Ele dá a impressão de ter um gênio violentíssimo, não dá? Pois comigo sempre foi angelical. Quando tínhamos dinheiro, queria que eu manifestasse desejos para ter o prazer de satisfazê-los. Certa vez eu disse que seria divertido ter um iate, para darmos a volta ao mundo; e, se não fosse a crise, ele teria comprado um.

– Parece impossível que tal perfeição exista – murmurei.

– Divertimo-nos imensamente. Sempre lhe ficarei grata por isso. Fui muito feliz com ele.

Fitei-a, mas nada disse.

– Com certeza eu não o amava realmente, mas a gente pode muito bem passar sem amor. No fundo do coração eu suspirava por Larry, mas enquanto ele estava longe isso não me preocupava. Você se lembra de ter me dito que, com cinco mil quilômetros de oceano de permeio, as penas de amor se tornam perfeitamente toleráveis? Naquela época achei a observação de um cinismo revoltante, mas é, naturalmente, verdadeira.

– Se é sofrimento ver Larry, não seria mais acertado deixar de vê-lo?

– Mas é um sofrimento delicioso. Além do mais, você sabe como ele é. A qualquer momento pode desaparecer, como sombra quando o sol se esconde, e talvez fiquemos anos sem vê-lo.

– Você nunca pensou em se divorciar de Gray?

– Não tenho motivo para me divorciar dele.

– Isso não impede que suas compatriotas se separem dos maridos quando a tal se sentem inclinadas.

Isabel riu.

– Por que será que fazem isso? – perguntou.

– Não sabe, então? Porque as mulheres americanas esperam encontrar nos maridos a perfeição que as inglesas só exigem dos seus mordomos.

Isabel fez um gesto tão brusco com a cabeça que não sei como não ficou com torcicolo.

– Só porque Gray não tem facilidade de expressão você acha que ele não vale nada.

– Engana-se – protestei vivamente. – Acho mesmo que há em Gray qualquer coisa de muito comovente. Ele tem uma grande capacidade para amar. Basta a gente observá-lo, quando ele olha para você, para ver como o seu amor é profundo e absorvente. Ele gosta muito mais das filhas do que você.

– Com certeza você vai agora dizer que não sou boa mãe.

– Pelo contrário, acho que é uma ótima mãe. Você zela pelo conforto e pela felicidade delas, cuida da sua alimentação e faz com que seus intestinos funcionem regularmente. Ensina-lhes boas maneiras, lê para elas e obriga-as a rezar todas as noites. Se ficam doentes, chama imediatamente o médico e é muito dedicada durante toda a moléstia. Mas você não está obcecada por elas, como Gray.

– Isso não é necessário. Sou um ser humano e trato-as como seres humanos. A mãe só prejudica os filhos quando faz deles a razão única da existência.

– Estou de pleno acordo com você.

– E ninguém pode negar que elas me adoram.

– Já percebi isso. Você é para elas o símbolo de tudo que é belo, encantador, maravilhoso. Mas não se sentem à vontade com você como com Gray. A você, elas adoram; a Gray, amam.

– Ele merece ser amado.

Gostei de ouvi-la dizer isto. Uma das maiores qualidades de Isabel era nunca se ofender com a verdade nua e crua.

– Depois da crise, Gray ficou em mísero estado – continuou ela. – Durante semanas trabalhou até meia-noite, no escritório. Eu ficava em casa, morta de medo, temendo que ele desse um tiro na cabeça, tão envergonhado se sentia. Gray e o pai tinham imenso orgulho da firma. E orgulho também da própria integridade e de sua clareza de visão. Não foi tanto por termos perdido todo nosso dinheiro; Gray achava ainda mais difícil conformar-se com os prejuízos de toda aquela gente que confiara nele. Achava que

devia ter tido mais previsão. Não me foi possível convencê-lo de que a culpa não era sua.

Isabel tirou um batom da bolsa e pintou os lábios.

– Mas não era isso que eu queria lhe contar. Só o que nos restava era a fazenda; achei que a única salvação para Gray era sair de Chicago. Tocamos para lá, com mamãe e as crianças. Gray sempre gostara da plantação, mas nunca tínhamos ido sós; levávamos sempre um grupo grande e nos divertíamos a valer. Gray atira bem, mas naquela ocasião não tinha a mínima vontade de caçar. Costumava pegar o barco e saía pelo pântano, sozinho, durante horas, a observar os pássaros. Descia e subia os canais, vendo os pálidos caniços de cada lado e somente o céu sobre sua cabeça. Em certos dias os canais são azuis como o Mediterrâneo. Ele não falava muito quando voltava. Dizia que o passeio fora ótimo. Mas eu sabia o que ele sentia. Sabia que seu coração se comovia com a beleza, e a vastidão e o silêncio. Há um determinado momento, antes do pôr do sol, em que a luz sobre os pântanos é realmente maravilhosa. Ele ficava de pé, em contemplação, deliciado. Embrenhava-se durante horas pelas florestas misteriosas; florestas como as de uma peça de Maeterlinck, cinzentas, silenciosas, quase sobrenaturais. Há uma ocasião, na primavera – não dura mais que quinze dias –, em que os novos florescem e os abrunheiros vicejam; o verde tenro e fresco, contra o acinzentado do musgo espanhol, é um verdadeiro cântico de júbilo. O chão fica que é um tapete de lírios brancos e azaleias silvestres. Gray não sabia dizer o que isso significava para ele, mas significava a felicidade. Aquela beleza o intoxicava. Oh! sei que não me exprimo bem, mas gostaria que você compreendesse como era comovente ver aquele vasto homem empolgado por tão pura e bela emoção, a ponto de me dar vontade de chorar. Se há um Deus no céu, Gray esteve então muito perto dele.

Isabel ficara um tanto comovida ao dizer isto e, tirando o lenço, enxugou cuidadosamente duas lágrimas que lhe brilhavam no canto dos olhos.

– Você não estará romantizando? – perguntei sorrindo. – Acho que está atribuindo a Gray pensamentos e emoções que gostaria que ele tivesse.

– Como poderia eu notá-los se não existissem? Você me conhece. A não ser que eu sinta o cimento de uma calçada sob os pés, e veja por toda a rua largas vitrinas exibindo chapéus, pulseiras de brilhantes e estojos montados em ouro, nunca sou realmente feliz.

Ri-me e ficamos em silêncio durante alguns minutos. Depois ela voltou ao assunto que tínhamos discutido antes.

– Nunca me divorciarei de Gray. Passamos por muita coisa juntos. E ele depende demais de mim. Isto é bastante lisonjeiro, você sabe, e dá à gente um senso de responsabilidade. Além do mais...

– Sim?

Ela me olhou de soslaio e havia nesse olhar um brilhozinho malicioso. Tive a impressão de que não sabia muito bem qual seria a minha reação ao que ia dizer-me.

– Ele é formidável na cama. Estamos casados há dez anos e Gray é tão ardente hoje como no princípio. Não foi você que disse numa peça que não há homem que queira uma mulher por mais de cinco anos? Pois bem, você não sabia o que dizia. Gray me deseja tanto como nos primeiros tempos de casados. Fez-me muito feliz, neste sentido. Embora você talvez não tenha essa impressão, sou uma mulher muito sensual.

– Engana-se redondamente. Tenho essa impressão.

– Pois bem, não é muito má qualidade, é?

– Pelo contrário. – Lancei a Isabel um olhar perscrutador e continuei: – Você se arrepende de não se ter casado com Larry há dez anos?

– Não. Teria sido loucura. Mas, naturalmente, se naquela época eu soubesse o que sei hoje, teria vivido com ele durante três meses, ficando assim definitivamente livre da obsessão da sua pessoa.

– Acho que você teve sorte em não tentar a experiência; talvez se visse presa a ele por laços inquebrantáveis.

– Não o creio. Era apenas uma atração física. Sabe, geralmente a melhor maneira de vencer o desejo é satisfazê-lo.

– Já lhe ocorreu que você é uma mulher muito dominadora? Você me disse que Gray tem um temperamento poético e que é um amante fioso; não duvido que você dê muita importância a essas duas qualidades, mas não me falou sobre aquilo que significa mais que as duas coisas juntas – a certeza de que o tem preso no côncavo desta sua mão bonita, mas não muito pequenina. Larry sempre lhe teria escapado. Lembra-se da Ode de Keats? *Por mais que te aproximes, nunca a beijarás.*

– *Você muitas vezes pensa que sabe mais do que real mente sabe* – disse ela secamente. – Só há uma maneira de uma mulher prender um homem e você bem sabe qual é. E deixe que eu lhe diga uma coisa: não é a primeira vez que ela dorme com ele que vale, é a segunda. Se ela aí consegue prendê-lo, então ele está preso para sempre.

– Não sei onde você obtém tão extraordinárias informações.

– Não nasci ontem e ando de olhos e ouvidos abertos.

– Posso perguntar quem foi que lhe disse isso?

Isabel atirou-me o mais zombeteiro dos seus sorrisos.

– Uma mulher com quem fiz amizade numa exposição de modelos. A *vendeuse* me contou que ela era a mundana mais elegante de Paris; tomei então a resolução de não sair da loja sem conhecê-la. Adrienne de Troye. Já ouviu falar nela?

– Nunca.

– Então você está atrasado. Tem quarenta e cinco anos e nem mesmo bonita é, mas sua aparência é mais distinta do que a de qualquer uma das duquesas do tio Elliott. Sentei-me ao seu lado e entrei com a minha representação de impulsiva americanazinha. Disse-lhe que não pudera resistir à tentação de falar-lhe, pois ela era a pessoa mais formidável que eu jamais vira na vida. Disse-lhe que seu rosto tinha a perfeição de um camafeu grego.

– Que topete você tem!

– A princípio ela se manteve fria e reservada, mas continuei com a minha atitude ingênua e ela degelou-se.

Tivemos então uma prosinha muito agradável. Terminado o desfile, perguntei-lhe se não queria almoçar um dia comigo no Ritz, acrescentando que sempre fora admiradora de sua incomparável elegância.

– Já a vira antes?

– Nunca. Ela não aceitou, dizendo que, com tantas más línguas em Paris, eu iria ficar comprometida, mas que estava satisfeita por eu a ter convidado. Quando percebeu a minha decepção, perguntou se eu não queria ir almoçar em sua casa, dando uns tapinhas na minha mão ao ver como fiquei impressionada com a sua amabilidade.

– E você foi?

– Claro que fui. Ela tem um amor de casa, logo depois da Avenue Foch, e fomos servidas por um mordomo que é o retrato de George Washington. Fiquei até as quatro horas. Soltamos os cabelos, tiramos as cintas e tivemos uma prosinha de amigas íntimas. O que aprendi naquele dia daria para eu escrever um livro.

– Por que não escreve? É exatamente o assunto que agradaria ao *Ladie's Home Journal*.

– “Seu” bobo – disse ela rindo.

Fiquei em silêncio durante alguns segundos, refletindo.

– Não sei se Larry a amou realmente – disse eu dali a pouco. Isabel empertigou-se na cadeira. Sua expressão tornou-se dura, os olhos chisparam de cólera.

– Que é que você está dizendo? Claro que ele me amou. amou. Pensa que uma moça não percebe quando um homem gosta dela?

– Oh! não digo que não gostasse, de certo modo. Com nenhuma outra moça tinha a intimidade que tinha com você. Desde pequenos vocês brincaram juntos. Ele achava natural gostar de você. Possuía um instinto sexual normal. Nada mais lógico do que aquele casamento. Não haveria grande modificação nas

relações entre vocês; só que iriam viver sob o mesmo teto e dormir na mesma cama.

Um pouco mais mansa, Isabel esperou que eu prosseguisse. Sabendo que as mulheres estão sempre dispostas a ouvir uma dissertação sobre o amor, continuei:

– Os moralistas tentam convencer-nos de que o instinto sexual não tem muita relação com o amor. Referem-se a isso como se fosse um epifenômeno.

– Que diabo de história é essa?

– Pois bem, há psicólogos que acham que o estado consciente acompanha o trabalho do cérebro e é por ele determinado, sem no entanto exercer nenhuma influência sobre ele. Mais ou menos como o reflexo de uma árvore sobre a água; não poderia existir sem a árvore, mas em nada afeta essa árvore. Acho uma grandíssima tolice dizer que pode existir amor sem paixão; as pessoas que afirmam que o amor pode perdurar depois de esgotada a paixão referem-se a outro sentimento, afeição, bondade, comunhão de gostos e interesses, hábito. Principalmente hábito. Duas pessoas podem continuar a ter relações sexuais por hábito, assim como têm fome à hora em que costumam fazer suas refeições. Claro que pode haver desejo sem amor. Desejo não é paixão. O desejo é a consequência natural do instinto sexual e não tem maior importância do que qualquer outra função animal. É por isso que as mulheres são umas tolas de fazer um escarcéu quando os maridos de vez em quando pulam a cerca, quando a ocasião e o lugar são propícios.

– Isto se aplica somente aos homens? Sorri.

– Se você insistir, serei obrigado a confessar que o que serve para um serve para outro. O único argumento contra é que, para o homem, uma ligação passageira não tem nenhuma significação sentimental, ao passo que, para a mulher, tem.

– Depende da mulher.

Eu não ia consentir em ser interrompido.

– A não ser que o amor seja paixão, não é amor, é outro sentimento; e a paixão não aumenta com a satisfação e sim com a

dificuldade. O que pensa você que Keats queria dizer quando aconselha o amante, na urna grega, a não se lamentar? *Serão eternos o teu amor e a formosura dela!* Por quê? Porque ela era inatingível e, por mais loucamente que o amante a perseguisse, ainda lhe escapava – pois estavam ambos aprisionados no mármore daquilo que julgo ter sido má obra de arte. Seu amor por Larry, e o dele por você, era simples e natural como o amor de Paulo e Francisca, de Romeu e Julieta. Felizmente não teve mau resultado. Você fez um casamento rico e Larry vagueou pelo mundo, atrás do canto que entoam as sereias. Paixão foi elemento que nele não entrou.

– Como é que você sabe?

– A paixão não mede as consequências. Pascal disse que o coração tem razões que a razão desconhece. Se é que o interpretei bem, ele queria dizer que, quando a paixão se apodera de um coração, este inventa, para provar que por amor todo sacrifício é pouco, razões não somente plausíveis, mas conclusivas. Ficamos convencidos de que vale a pena aceitar a desonra, e que a vergonha não é preço exagerado para se pagar por ele. A paixão é destruidora. Destruiu Antônio e Cleópatra, Tristão e Isolda, Parnell e Kitty O’Shea. E, quando não destrói, morre. É possível que então a pessoa se veja na amarga contingência de reconhecer que desperdiçou anos de vida, que se desgraçou inutilmente, que sofreu a tortura do ciúme, engoliu toda espécie de humilhações, tendo dado a sua ternura, as riquezas da sua alma a um ser insignificante, idiota, uma estaca onde dependurou seus sonhos, e que não valia dois tostões de mel coado.

Antes de ter terminado esse discurso, eu sabia que Isabel já não me ouvia, toda atenta aos próprios pensamentos. Mas sua observação seguinte me surpreendeu.

– Você acha que Larry é virgem?

– Minha querida, ele está com trinta e dois anos.

– Tenho certeza que é.

– Como é que você pode ter certeza?

– É o tipo de coisa que uma mulher sabe instintivamente.

– Conheci um rapaz que durante anos teve um sucesso louco só pelo fato de convencer beldade após beldade de que nunca possuía outra mulher. Dizia ele que dava um resultado maravilhoso.

– Pouco me importo com o que você diz. Acredito na minha intuição.

Estava ficando tarde; Gray e Isabel iam jantar com alguns amigos e ela ainda precisava vestir-se. Não tendo nada que fazer, subi pelo Boulevard Raspail, sentindo prazer em caminhar por aquela agradável tarde de primavera. Eu nunca tivera muita fé na intuição das mulheres; geralmente coincide demais com os desejos delas, para poder inspirar-me confiança; e agora, ao recordar o fim da minha prosa com Isabel, não pude deixar de rir. Lembrei-me de Suzanne Rouvier e ocorreu-me que fazia muitos dias que não a via. Estaria comprometida para aquela noite? Se não estivesse, talvez quisesse jantar comigo, para irmos depois a um cinema. Chamei o primeiro táxi que passou vazio e dei ao chofer o endereço do seu apartamento.

7

Mencionei Suzanne Rouvier no início deste livro. No atual ponto da minha narrativa, fazia dez ou doze anos que eu a conhecia e ela não devia estar longe dos quarenta.

Não era bonita. Para ser franco, era mesmo feia, mais alta do que o comum das francesas, corpo curto, pernas e braços longos, atitude desajeitada, como se não soubesse o que fazer de membros tão compridos. A cor dos cabelos variava de acordo com o seu capricho, mas era geralmente de um castanho-avermelhado. Rosto pequeno e quadrado, maçãs muito salientes com duas manchas de carmim, boca larga com lábios vivamente acentuados pelo batom. Nada disso parece muito atraente, mas era; é verdade que tinha boa pele, dentes brancos e fortes, e olhos azuis, de um azul vivíssimo. Eram eles o seu ponto forte e Suzanne procurava realçá-los pintando as pestanas e as pálpebras. Tinha um ar perspicaz volúvel e simpático, e combinava um ótimo gênio com uma dose necessária de dureza. Na vida que levava tivera que ser dura. Sua mãe, viúva de um pequeno funcionário do governo, depois da morte do marido regressara à sua vila natal em Anjou, tendo que viver de sua pensão; quando Suzanne completara quinze anos, pusera-a como aprendiz de costureira numa cidade vizinha, bastante próxima para permitir que a menina viesse para casa aos domingos. Durante as férias de quinze dias, quando já estava com dezessete anos, Suzanne fora seduzida por um artista que viera passar o verão na aldeia para pintar umas paisagens. Ela já percebera que, sem a vantagem de um dote, suas probabilidades de casamento eram quase nulas; e assim, quando no fim do verão o pintor sugeriu que ela fosse com ele para Paris, Suzanne aceitou alacremenente. Ele levou-a para uma colmeia de estúdios em Montmartre, e Suzanne passou um ano muito agradável em sua companhia.

Terminado esse prazo, o pintor lhe disse que não vendera uma única tela e que não podia mais dar-se ao luxo de uma amante. Ela estivera esperando por isso e não ficou decepcionada. O homem perguntou-lhe se queria voltar para casa e, ante resposta negativa, disse que havia no mesmo quarteirão outro pintor que gostaria de ficar com ela. Essa pessoa tentara duas ou três vezes tomar certas liberdades com Suzanne, mas, embora o tivesse repellido, ela o fizera de tão bom humor que o homem não se melindrara. Ele não lhe desagradava, de modo que Suzanne aceitou a proposta com placidez. Era uma vantagem não ter que tomar táxi para a mudança. Seu segundo amante, bem mais velho que o primeiro, mas ainda apresentável, pintou-a em todas as posições possíveis e imagináveis, vestida e nua; Suzanne passou dois anos felizes ao lado dele. Ficava orgulhosa ao pensar que, com ela a servir-lhe de modelo, conseguira ele o seu primeiro verdadeiro sucesso. Fez questão de me mostrar a reprodução, recortada de uma revista ilustrada, do quadro responsável por tal sucesso. Fora comprado por uma galeria norte-americana. Um nu, tamanho natural; e Suzanne estava mais ou menos na mesma posição da *Olympe* de Manet. O artista não tardara a perceber que havia algo de moderno e engraçado nas suas proporções e, afinando-lhe o corpo magro até a emaciação, alongara pernas e braços, acentuando as maçãs salientes e tornando enormes os olhos azuis. Pela reprodução eu não podia, naturalmente, julgar o colorido, mas a elegância da composição não me passou despercebida. O quadro deu ao artista bastante nome para permitir-lhe casar-se com uma admiradora, certa viúva endinheirada; quanto a Suzanne, sabendo perfeitamente que um homem tem que pensar no seu futuro, aceitou o rompimento de tão cordiais relações com certo azedume.

Sim, pois agora já conhecia o seu valor. Gostava da vida de artista, sentia prazer em posar e, terminado o trabalho do dia, achava agradável ir ao café sentar-se ao lado de pintores, suas esposas e amantes, enquanto eles discutiam arte, injuriavam os intermediários e contavam piadas obscenas. Nessa ocasião, tendo

previsto o rompimento, ela fizera seus planos. Escolheu um rapaz que estava disponível e que, assim o julgava ela, tinha talento. Procurou-o numa hora em que ele estava só, no café, explicou-lhe as circunstâncias e sem mais preâmbulos sugeriu que fossem viver juntos.

– Tenho vinte anos e sou boa dona de casa. Por esse lado você fará economia e ainda ficará livre da despesa de um modelo. Olhe a sua camisa; que vergonha! E o seu estúdio está numa desordem incrível. Você precisa de uma mulher para cuidar de tudo isso.

O rapaz sabia que ela era boa pessoa. Achou graça da proposta e Suzanne percebeu que ele estava inclinado a aceitar.

– Afinal de contas, não há mal em tentar – disse ela.

– Se não der certo, não estaremos pior do que estamos agora.

Ele era um pintor modernista e fez dela retratos em quadrados e oblongos. Pintou-a com um olho só e sem boca. Pintou-a como figura geométrica, em preto, marrom e cinza. Pintou-a em linhas cruzadas através das quais a gente distinguia vagamente um rosto humano. Suzanne viveu com ele um ano e tanto, deixando-o depois por livre e espontânea vontade.

– Por quê? – perguntei. – Não gostava dele?

– Gostava; era um bom rapaz. Mas achei que não estava fazendo progresso. Estava se repetindo demais.

Não encontrara dificuldades em arranjar um sucessor, continuando fiel aos artistas.

– Sempre estive na pintura – é como dizia ela. – Vivi com um escultor durante seis meses, mas, não sei por quê, aquilo não me disse nada.

Sentia prazer em pensar que jamais se separara desagradavelmente de um amante. Era não somente boa modelo, mas boa dona de casa. Gostava de trabalhar no estúdio onde vivia, e sentia orgulho em mantê-lo em perfeita ordem. Era boa cozinheira e conseguia fazer um jantar gostoso com a maior economia possível. Cerzia as meias e pregava botões nas camisas dos amantes.

– Nunca achei que pelo fato de ser artista um homem deva ser desmazelado.

Contava apenas com um fracasso, e isso com um inglês que tinha carro e mais dinheiro do que qualquer outro que ela conheceria.

– Mas não durou muito – contou-me. – Ele costumava beber e tornava-se então enfadonho. Eu não teria me importado com isso, se ele fosse um bom pintor, mas, meu caro, era grotesco. Quando eu lhe disse que ia deixá-lo ele começou a chorar, jurando que me amava.

“Meu pobre amigo, que você me ame ou não, é coisa sem a mínima importância”, declarei. “Importante é o fato de você não ter talento. Volte para o seu país e vá ser negociante de secos e molhados. É só para isso que você serve.”

– O que foi que ele respondeu? – perguntei a Suzanne.

– Ficou furioso e me ordenou que sumisse. Mas garanto-lhe que o conselho que lhe dei foi acertado. Espero que o tenha seguido; não era mau rapaz, apenas mau artista.

Bom senso e gênio agradável facilitam a peregrinação de uma mundana por este mundo afora, mas, assim como qualquer outra, a profissão que Suzanne adotara tinha seus altos e baixos. Houve, por exemplo, o caso do escandinavo. Teve a imprudência de se apaixonar por ele.

– Era um deus, meu caro – disse-me ela. – Altíssimo, da altura da Torre Eiffel, com ombros largos e tórax magnífico, uma criatura que a gente quase podia abranger com as mãos, ventre chato, tão chato como a palma da minha mão, e músculos de atleta profissional. Tinha cabelos loiros e ondulados e pele de criança. E não pintava mal. Eu gostava do seu trabalho com os pincéis: era atrevido e brilhante, de um rico colorido.

Resolvera ter um filho com ele. O pintor manifestou-se contra, mas Suzanne disse que assumiria a responsabilidade.

– Bem que ficou satisfeito quando o bebê nasceu. Uma criança rosada, de cabelos loiros e olhos azuis como o seu papá. Uma menina.

Suzanne vivera com ele três anos.

– Não era muito inteligente e às vezes me entediava, mas era tão meigo e tão bonito que isso não tinha grande importância.

Nisto ele recebeu um telegrama da Suécia, avisando que o pai estava à morte e que sua imediata presença era necessária. Prometeu voltar, mas Suzanne teve o pressentimento de que tal não se daria. O rapaz deixou-lhe todo o dinheiro que tinha. Durante um mês não deu notícias, mas depois escreveu contando que o pai morrera, tendo deixado os negócios em confusão, e que ele achava dever seu ficar ao lado da mãe e ingressar no comércio madeireiro. Mandou um cheque de dez mil francos. Suzanne não era mulher de se desesperar. Depressa chegou à conclusão de que uma criança seria um empecilho às suas atividades; levou, portanto, a menina para casa de sua mãe e deixou-a aos cuidados dela, entregando-lhe também os dez mil francos.

– Foi de partir o coração, pois eu adorava a menina; mas na vida a gente tem que ser prática.

– O que aconteceu então? – perguntei.

– Oh! eu me arranjei. Encontrei um amigo.

Nisto ela tivera o seu tifo. Suzanne sempre dizia “o meu tifo” como um milionário diria “a minha propriedade em Palm Beach”. Quase morrera, tendo ficado no hospital durante três meses. Ao sair, estava que era só pele e ossos, fraquíssima e tão nervosa que só sabia chorar. Não serviria para ninguém, nessas condições, não estava bastante forte para posar e tinha muito pouco dinheiro.

– *Oh la, la* – disse ela. – Passei por uma época dura. Felizmente eu tinha bons amigos. Mas você sabe o que é a vida dos artistas, uma luta para fazer o dinheiro render. Nunca fui bonita, eu tinha certa atração, é lógico, mas já não estava com vinte anos. Encontrei por acaso o cubista com quem eu vivera; ele se casara e divorciara, desistira do cubismo, tendo-se tornado surrealista. Disse-me que eu podia servir-lhe, que se sentia só; que me daria casa e comida; e, garanto-lhe, foi com prazer que aceitei.

Suzanne ficara com ele até encontrar o industrial. Um amigo trouxe-o ao estúdio, pois talvez ele viesse a comprar um dos quadros do ex-cubista; ansiosa por efetuar a venda, Suzanne esforçou-se por lhe ser agradável, com o talento que para isso possuía. O homem não quis decidir-se no momento, mas declarou que gostaria de vir examinar novamente os quadros. E voltou, quinze dias mais tarde, só que dessa vez Suzanne teve a impressão de que ele viera mais para vê-la do que por amor aos objetos de arte.

Quando saiu, ainda sem comprar, apertou a mão de Suzanne com exagerado calor. No dia seguinte o amigo que o trouxera ao estúdio chamou Suzanne de lado, quando ela se dirigia ao mercado para comprar as provisões do dia, e contou-lhe que o industrial se engraçara com ela e mandava convidá-la para jantarem juntos, da próxima vez que ele viesse a Paris, pois tinha uma proposta a fazer-lhe.

“O que acha você que o homem viu em mim?”, perguntou Suzanne.

“Ele é apaixonado da arte moderna. Tem visto retratos seus. Você o fascina. Ele é da província e homem de negócios. Você representa Paris para ele, arte, romance, tudo aquilo de que sente falta em Lille.”

“Ele tem dinheiro?”, perguntou Suzanne com o seu habitual espírito prático.

“Muito.”

“Está certo. Jantarei com ele. Não há mal em ouvir a sua proposta.”

O homem levou-a ao Maxim, fato que a impressionou. Ela se vestira discretamente e, observando as mulheres à sua volta, achou que poderia muito bem passar por uma respeitável senhora casada. Ele encomendou champanhe e isso a convenceu de que estava lidando com um cavalheiro. Quando chegaram ao café, ele fez a sua proposta. Suzanne achou-a muito generosa. O homem disse-lhe que vinha de quinze em quinze dias a Paris, a uma assembleia, e que achava enfadonho à noite ter que jantar

sozinho, vendo-se compelido, quando sentia necessidade de companhia feminina, a procurar um bordel. Sendo casado, e com dois filhos, achava o arranjo pouco satisfatório para um homem da sua posição. O amigo comum lhe contara tudo sobre Suzanne, e ele tinha certeza de estar lidando com uma mulher discreta. Já não era moço e não tinha o menor desejo de se ver envolvido com uma mocinha leviana. Era mais ou menos colecionador da escola moderna e agradava-lhe saber que Suzanne estava ligada a ela. Em seguida pôs as cartas na mesa. Estava pronto a tomar para ela um apartamento e mobiliá-lo, garantindo-lhe ao mesmo tempo uma mesada de dois mil francos por mês. Em troca desejava poder contar com o prazer de sua companhia de quinze em quinze dias. Suzanne nunca tivera tanto dinheiro e imediatamente compreendeu que, com tal soma, não somente poderia viver e divertir-se de acordo com as exigências da sua nova posição, mas ainda sustentar a filha e guardar um pouco para os maus dias. Mas hesitou por um momento. Sempre estivera “na pintura”, como se exprimia ela, e no íntimo achava que se tornar amante de um negociante era decair.

– *C’est à prendre ou à laisser* – disse ele. – Pode aceitar ou recusar.

Ele não lhe era repulsivo, e a roseta da Legião de Honra na sua lapela indicava que era um homem distinto. Suzanne sorriu.

– *Je prends* – respondeu. – Aceito.

8

Embora tivesse sempre vivido em Montmartre, ela achou que devia romper com o passado e tomou, portanto, um apartamento em Montparnasse, num prédio logo depois do boulevard. Constava de dois quartos, uma cozinha pequena e banheiro; ficava no sexto andar, mas havia elevador. Para Suzanne, um banheiro particular e um elevador – embora este só comportasse duas pessoas de cada vez, e se movesse como uma lesma, e a gente tivesse que descer pelas escadas – representavam não somente luxo, mas estilo.

Nos primeiros meses de ligação, monsieur Achille Gauvain, pois assim se chamava ele, hospedava-se num hotel, quando vinha para as suas visitas quinzenais; depois de passar com Suzanne a parte da noite exigida pelas suas inclinações amorosas, regressava ao hotel para dormir sozinho, até ver chegada a hora de se levantar e tomar o trem que o levaria de volta aos seus negócios e sóbrios prazeres da vida de família; mas depois Suzanne chamou a sua atenção para o fato de estar gastando dinheiro inutilmente, dizendo que seria mais econômico e mais confortável ele ficar no apartamento até o dia seguinte. O industrial não pôde deixar de sentir a força do argumento. Ficou lisonjeado com o interesse de Suzanne pelo seu conforto – não havia dúvida de que não era nada agradável sair para a rua e ter que procurar um táxi numa fria noite de inverno – e aprovou o espírito econômico de que ela estava dando prova. Boa mulher, a que zelava não somente pelo seu dinheiro mas pelo do amante.

Monsieur Achille tinha mais do que motivo para estar satisfeito com sua escolha. Em geral iam jantar num dos melhores restaurantes de Montparnasse, mas de vez em quando Suzanne preparava um jantar no apartamento. A comida benfeita que ela lhe oferecia era muito do seu gosto. Nas noites quentes ele jantava em mangas de camisa, sentia-se deliciosamente boêmio e dissoluto. Sempre gostara de comprar quadros, mas Suzanne não

o deixava adquirir um que fosse sem a sua prévia aprovação, e ele não tardou a verificar que podia confiar no seu discernimento. Ela não queria saber de intermediários, levando-o diretamente aos estúdios dos pintores e permitindo-lhe assim adquirir a obra pela metade do preço que, de outra forma, teria sido obrigado a pagar. Monsieur Achille sabia que ela estava guardando umas economiazinhas, e experimentou uma sensação de orgulho quando Suzanne lhe contou que de ano em ano ia comprando um pedacinho de terra na sua aldeia. Conhecia esse desejo de possuir terras, existente no coração de todos aqueles que têm sangue francês, e sua estima por Suzanne cresceu ao verificar que também ela abrigava tal sentimento.

E, pelo seu lado, Suzanne estava satisfeita. Não era fiel ao amante, nem tampouco infiel; isto é, tinha o cuidado de não formar nenhuma ligação permanente, mas quando um homem lhe agradava não tinha má vontade em dormir com ele. Mas era para ela uma questão de honra não permitir que ficasse a noite toda. Achava que devia isso ao homem de dinheiro e posição que lhe tornara possível uma vida tão segura e respeitável.

Eu conhecera Suzanne na época em que ela vivia com um pintor com quem eu me dava, e muitas vezes ficava no estúdio enquanto ela posava; continuei a vê-la a intervalos irregulares, mas só chegamos a ter intimidade depois que ela se mudou para Montparnasse. Parece que monsieur Achille, pois era assim que ela o tratava e sempre se referia a ele, lera uma ou duas traduções de livros meus, e certa noite convidou-me para jantar com eles num restaurante. Era um homem pequeno, meia cabeça mais baixo que Suzanne, com cabelos de um cinzento bronzeado e bigodinho grisalho. Era meio gorducho e tinha uma barriguinha, mas somente até o ponto de lhe dar um ar de prosperidade. Tinha o andarzinho empertigado dos homens baixos, e via-se claramente que não estava em nada descontente consigo mesmo. Ofereceu-me um ótimo jantar. Foi delicadíssimo. Disse-me que estava contente por eu ser amigo de Suzanne, pois de relance podia ver que eu era *comme il faut*; que teria prazer em saber que eu a

veria de vez em quando. Seus negócios muito só; seria para ele um consolo saber que ela estava em contato com uma pessoa educada. Era negociante, mas sempre admirara os artistas.

– *Ah! mon cher monsieur*, a arte e a literatura sempre foram as glórias gêmeas da França. Ao lado de suas proezas militares, é lógico. E eu, fabricante de casimiras, não hesito em declarar que coloco o pintor e o escritor no mesmo plano do general e do estadista.

Ninguém poderia ter-se exprimido com maior elegância.

Suzanne não queria ouvir falar de ter empregada, em parte por economia, e em parte (por razões que ninguém melhor do que ela conhecia) por não querer que viesse alguém meter o nariz naquilo que só a ela dizia respeito, e a mais ninguém. Mantinha em perfeita ordem o apartamentozinho, que fora mobiliado no mais moderno estilo do momento, e fazia também suas roupas de baixo. Mas, mesmo assim, agora que deixara de posar, o tempo às vezes lhe custava a passar, pois ela era uma mulherzinha laboriosa. Ocorreu-lhe então que, tendo posado para tantos pintores, não haveria motivo para também não pintar. Comprou telas, pincéis e tintas e, mãos à obra! Às vezes, quando ia levá-la para jantar, eu chegava mais cedo, indo encontrá-la de avental a trabalhar animadamente. Assim como no ventre materno o embrião relembra a evolução das espécies, Suzanne lembrou os estilos de todos os seus amantes. Pintou paisagens como o seu paisagista; abstrações como o cubista; e, com o auxílio de cartões-postais, barcos no ancoradouro, como o escandinavo. Não sabia desenhar, mas tinha boa noção de colorido e, se seus quadros não valiam grande coisa, era para ela um prazer pintá-los.

Monsieur Achille encorajava-a; agradava-lhe ter por amante uma artista. Foi por sua insistência que Suzanne mandou uma tela para o salão de outono, sentindo-se ambos muito orgulhosos quando a viram dependurada. Ele deu-lhe um bom conselho.

– Não procure pintar como homem, querida. Pinte como mulher. Não queira ser forte; contente-se em agradar. E seja sincera. Em negócios às vezes a esperteza dá bom resultado, mas

na arte a sinceridade é, não somente a melhor política, mas a única.

Na ocasião a que me refiro, a ligação durava havia cinco anos, com ampla satisfação de ambas as partes.

– Claro que ele não me faz vibrar – disse Suzanne.

– Mas é um homem inteligente e de posição. Cheguei a uma época da vida em que tenho que pensar na minha situação.

Ela era bondosa e compreensiva, e monsieur Achille tinha em alto preço a sua opinião. Suzanne ouvia-o de boa vontade quando ele discutia seus negócios, ou assuntos de família, entristecendo-se com ele quando sua filha foi reprovada num exame, rejubilando-se quando seu filho ficou noivo de uma moça rica. Monsieur Achille se casara com a única filha de um homem do seu ramo de negócios, e a fusão das duas firmas fora uma fonte de lucros para ambos os lados. Era, naturalmente, uma satisfação para ele verificar que seu filho tinha bastante senso para compreender que a melhor base para um casamento feliz é a comunhão de interesses financeiros. Confiou a Suzanne sua ambição de casar a filha na aristocracia.

“E por que não, com sua fortuna?”, disse Suzanne. A generosidade de monsieur Achille tornou possível a Suzanne mandar sua filha para um convento, onde a menina receberia esmerada educação, e ele prometeu que mais tarde, quando chegasse o momento oportuno, pagaria por lições de datilografia e estenografia, para que ela pudesse ganhar a vida com o seu trabalho.

– Ela vai ser linda – disse-me Suzanne. – Mas não lhe fará mal ter instrução e saber lidar com a máquina de escrever. Claro que, sendo ainda tão criança, é cedo para se fazer predições, mas pode acontecer que ela não tenha temperamento.

Suzanne era delicada. Deixou que a minha inteligência interpretasse as suas palavras. Interpretei perfeitamente.

9

Uma semana, ou pouco mais, depois de eu ter tão inesperadamente topado com Larry, estávamos Suzanne e eu sentados no Sélect, no Boulevard du Montparnasse tomando uma cerveja depois de termos jantado juntos e ido ao cinema, quando de repente ele apareceu. Suzanne abafou uma exclamação e, com grande surpresa minha, chamou-o para a nossa mesa. Larry aproximou-se, beijou-a e me apertou a mão. Percebi que ela mal podia acreditar nos próprios olhos.

– Dão licença que eu me sente? – perguntou Larry. – Ainda não jantei e pretendo comer alguma coisa.

– Oh! mas que prazer em vê-lo novamente, *mon petit* – disse ela, de olhos luzentes. – De onde está surgindo? E por que não deu sinal de vida durante todos estes anos? Meu Deus, como está magro! Pelo que sabíamos de você, tanto poderia estar morto como vivo.

– Pois bem, estou vivo – respondeu ele com um brilhozinho no olhar. – Como vai Odette?

Era assim que se chamava a filha de Suzanne.

– Oh! está uma menina. E bonita. Ainda se lembra de você.

Interrompi-a:

– Você nunca me contou que conhecia Larry.

– Por que haveria de contar-lhe? Nunca soube que você o conhecia. Somos velhos amigos.

Larry encomendou ovos com toucinho. Suzanne contou-lhe tudo sobre a filha e depois sobre si própria. Ele ouvia com aquele seu jeito sorridente, simpático, enquanto ela tagarelava. Suzanne contou-lhe que tinha sossegado e que estava agora pintando. Virou-se em seguida para mim:

– Estou progredindo, não estou? Não tenho pretensões a gênio, mas possuo tanto talento como muitos pintores que conheci.

– Você vende seus quadros? – perguntou Larry.

– Não preciso vendê-los – respondeu ela displicentemente. – Tenho meios.

– Felizarda.

– Felizarda, não; sabida. Você precisa vir ver meus quadros.

Escreveu o endereço num pedaço de papel e obrigou-o a prometer que iria. Excitada, Suzanne continuou a falar por paus e por pedras. Dali a pouco, Larry pediu a sua conta.

– Você não vai já? – exclamou Suzanne.

– Vou – respondeu ele sorrindo.

Pagou a conta e com um aceno despediu-se. Não pude deixar de rir. Ele tinha um jeito engraçado de estar com a gente num momento e desaparecer no seguinte, sem a menor explicação. Bruscamente; como quem se evapora no ar.

– Por que haveria ele de querer fugir tão depressa? – perguntou Suzanne, vexada.

– Talvez tenha alguma pequena à sua espera – repliquei, troçando.

– É uma ideia como qualquer outra. – Ela tirou o porta-pó da bolsa e retocou a pintura do rosto. – Tenho pena da mulher que se apaixonar por ele – *Oh la la*.

– Por que diz isto?

Ela fitou-me com uma seriedade que eu raramente lhe via.

– Quase me apaixonei por ele há tempos. Tanto faria a gente se apaixonar por um reflexo na água, ou um raio de sol, ou uma nuvem no céu. Escapei por um triz. Mesmo hoje, quando penso nisso, estremeço só de me lembrar do perigo que corri.

A reserva que vá para o diabo. Não teria sido humano resistir à tentação de querer conhecer o caso todo. Dei-me por feliz por Suzanne ser uma mulher que não tinha a menor noção de discrição.

– Mas como foi que você chegou a conhecê-lo? – perguntei.

– Oh! isto foi há anos. Seis, sete, não sei ao certo. Odette só tinha cinco anos. Larry conhecia Marcel, quando eu estava vivendo com ele. Costumava aparecer no estúdio e ali ficava enquanto eu

posava. Às vezes nos levava para jantar. A gente nunca sabia quando ele viria. Havia ocasiões em que sumia durante semanas, depois aparecia três ou quatro dias em seguida. Marcel gostava de vê-lo; dizia que pintava melhor quando Larry estava presente. Nisso tive o "meu tifo". Passei por uma época dura, depois que saí do hospital. – Suzanne encolheu os ombros e continuou: – Mas já lhe contei isto. Pois bem, certo dia, depois de ter percorrido os estúdios à procura de trabalho, sem nada encontrar, tendo comido apenas um *croissant* com um copo de leite, sem saber como iria pagar o aluguel do quarto, de repente me encontrei com Larry no Boulevard Clichy. Ele me fez parar e perguntou como eu ia indo; contei-lhe sobre o "meu tifo" e ele disse: "Você está com cara de quem precisa de uma refeição". Havia qualquer coisa na sua voz e na expressão dos seus olhos que me fez fraquejar; desatei no choro.

Estávamos perto de La Mére Mariette e ele me segurou o braço e me fez sentar a uma mesa. Eu estava com tanta fome que teria sido capaz de comer uma sola velha de sapato, mas quando veio a omelete senti que meu estômago não aceitava nada. Ele me obrigou a comer um bocadinho e me deu um cálice de burgundy. Senti-me um pouco melhor e comi alguns aspargos. Contei-lhe então os meus males; estava fraca demais para fazer fita. Eu era só pele e ossos e estava com uma aparência horrível; não podia ter esperanças de arranjar um homem. Pedi-lhe que me emprestasse dinheiro para voltar para a minha aldeia. Pelo menos ali eu teria a minha filhinha. Larry perguntou-me se eu tinha vontade de ir e respondi que naturalmente não tinha; mamãe não havia de me querer, pois a pensão mal dava para ela viver, com os preços altos como estavam, e o dinheiro que eu mandara para Odette já se acabara; mas, se eu lhe aparecesse à porta, ela não poderia deixar de me receber, no estado em que eu estava. Ele fitou-me longamente e pensei que fosse dizer que não me emprestava coisa alguma. Depois perguntou:

"Você gostaria que eu a levasse para um lugarzinho que conheço no campo, você e a menina? Estou precisando de umas

férias.”

– Mal pude acreditar nos meus ouvidos. Fazia tantos anos que eu o conhecia e ele nunca tentara tomar liberdades comigo.

“No estado em que estou?”, perguntei. Não pude deixar de rir. “Meu pobre amigo, no momento atual não presto para homem nenhum.”

– Larry sorriu. Você já notou que sorriso maravilhoso ele tem? Doce como mel. “Não seja tola”, replicou. “Não estou pensando nisso.”

– Nesta altura eu chorava tanto que mal podia falar. Ele me deu dinheiro para ir buscar a menina e fomos todos juntos para o campo. Oh! o lugar para onde nos levou era um encanto.

Suzanne o descreveu. Ficava a quase cinco quilômetros de uma cidade cujo nome agora não me ocorre; tomaram um carro para ir até a estalagem. Prédio meio em ruínas, à beira de um rio; gramado que descambava para a margem, e onde havia plátanos, a cuja sombra eles se habituaram a tomar as refeições. No verão ali apareciam artistas, para pintar; mas ainda era cedo, de modo que agora tinham o hotel à sua disposição. A comida era célebre e aos domingos vinha muita gente de carro, para um almoço bem à vontade, mas durante a semana a paz era raramente perturbada. Graças ao descanso, boa comida e bom vinho, Suzanne ficou mais forte, sentindo-se feliz por ter a filha a seu lado.

– Ele era um anjo para Odette e a menina o adorava. Eu procurava impedir que ela o aborrecesse, mas Larry não fazia caso das suas travessuras. Pareciam duas crianças, a ponto de eu não poder deixar de rir.

– Que faziam vocês o tempo todo? – perguntei.

– Oh! sempre se tinha o que fazer. Tomávamos o barco e íamos pescar; às vezes conseguíamos que o *patron* nos emprestasse o seu Citroën e íamos até a cidade, Larry gostava disso. As casas eram antigas e a *place* tão silenciosa que a única coisa que se ouvia era o som dos nossos próprios passos sobre as pedras. Havia um *hôtel de ville* Luís xv, uma velha igreja e, à entrada da cidade, um castelo com um jardim por Le Notre. Quem

se sentasse no café da *place* tinha a impressão de estar vivendo numa época remota de trezentos anos – e o Citroën na esquina não parecia absolutamente pertencer a este mundo.

Fora depois de um desses passeios que Larry lhe contara a história do jovem aviador, que narrei no princípio deste livro.

– Por que será que ele lhe contou? – perguntei.

– Não tenho a mínima ideia. Durante a guerra existira ali um hospital e havia fileiras e fileiras de cruzeiros no cemitério. Fomos até lá. Eu não quis ficar durante muito tempo

– deu-me arrepios pensar em todos aqueles rapazes que ali jaziam. Larry manteve-se muito silencioso durante toda a viagem de volta. Nunca comia muito, mas ao jantar quase não tocou em nada. Lembro-me perfeitamente... Noite bonita, estrelada; sentamo-nos à beira do rio e ficamos a apreciar a silhueta dos álamos contra a escuridão. Larry acendeu o cachimbo. E de repente, *à propos de bottes* falou-me do amigo que morrera para lhe salvar a vida. – Suzanne tomou um gole de cerveja e continuou: – Ele é uma criatura estranha. Nunca cheguei a compreendê-lo. Costumava ler para mim, às vezes de dia, enquanto eu costurava para a pequena, e à noite, depois que eu a punha na cama.

– O que ele lia?

– Oh! toda espécie de livros. Cartas de madame de Sévigné e trechos de Saint-Simon. *Imagine-toi*, eu que até então nunca lera nada, a não ser os jornais, e de vez em quando um romance, quando falavam dele nos estúdios e eu não queria passar por tola!... Nunca pensei que a leitura pudesse ser coisa tão interessante. Aqueles escritores antigos não são tão patetas como a gente pensa.

– Quem é que pensa? – perguntei, rindo.

– Depois líamos juntos. Lemos *Phèdre* e *Bérénice*. Ele ficava com a parte masculina e eu com a feminina. Você não pode imaginar como era divertido – acrescentou Suzanne ingenuamente. – Larry me olhava com expressão tão estranha quando eu chorava nas partes tristes! Claro que isto só acontecia

porque eu não recuperara ainda a saúde. E, você sabe, ainda conservo os livros. Mesmo hoje, não posso ler algumas das cartas de madame de Sévigné sem ouvir a voz melodiosa de Larry, sem ver o rio que corria de mansinho e os álamos da margem oposta; e às vezes tenho que parar, tal a dor que me dá no coração. Hoje sei que foram aquelas as semanas mais felizes da minha vida. Esse rapaz é um anjo de candura.

Suzanne percebeu que estava ficando sentimental e teve medo (erradamente) de que eu me risse dela. Encolheu os ombros e sorriu.

– Sabe de uma coisa, sempre tive a firme intenção de, quando chegar à idade canônica e nenhum homem quiser mais dormir comigo, fazer as pazes com a Igreja e arrepender-me dos meus pecados. Mas dos pecados que cometi com Larry nada no mundo me fará arrepender. Nunca, nunca, nunca!

– Mas, pela sua narrativa, não vejo que motivo possa haver para arrependimentos.

– Ainda não lhe contei nem a metade. Você sabe, tenho uma boa constituição e depois de três ou quatro semanas de ar livre, boa comida e bom sono, sem uma única preocupação, senti-me tão forte quanto antes. E estava com boa aparência, corada, e meu cabelo recuperara o brilho natural. Sentia-me como se tivesse vinte anos. Larry nadava no rio todas as manhãs e eu costumava observá-lo. Tem um corpo bonito; não de atleta, como o do meu escandinavo, mas forte e de uma graça infinita.

Suzanne fez uma pequena pausa e continuou:

– Ele tivera muita paciência enquanto eu estava tão fraca, mas agora que me sentia perfeitamente bem não vi razão para deixá-lo esperar por mais tempo. Dei-lhe uma ou duas indiretas, que estava pronta para tudo, mas ele não pareceu compreender. Naturalmente vocês anglo-saxões são esquisitos, brutos e sentimentais ao mesmo tempo; e não há dúvida de que não são bons amantes. Pensei comigo mesma: 'Talvez seja delicadeza da parte dele; fez tanto por mim, permitiu que eu trouxesse a menina; é possível que não tenha coragem de me pedir a paga a

que tem direito". E, portanto, certa noite, quando íamos para a cama, perguntei-lhe: "Você quer que eu vá ao seu quarto mais tarde?".

Não pude deixar de rir.

– Você foi um tanto brusca, não foi?

– Bom, eu não podia convidá-lo para vir ao meu, pois

Odette dormia comigo – respondeu ingenuamente Suzanne. – Lany fitou-me por um momento com aqueles seus olhos bondosos, depois sorriu.

"Você quer vir?", perguntou-me.

"Que é que você pensa – com este belo corpo que você tem?"

"Está certo; venha então."

– Subi, despi-me e esgueirei-me pelo corredor até o quarto dele. Larry estava na cama lendo e fumando. Largou o livro o cachimbo e moveu-se na cama para me dar lugar.

Suzanne ficou em silêncio durante alguns momentos e não tive vontade de lhe fazer perguntas. Mas dali a pouco ela prosseguiu:

– Era um amante esquisito. Muito meigo, afetuoso e até mesmo terno, viril sem ser apaixonado, se é que você compreende o que quero dizer, e completamente sem vício. Amava como um fogofolego colegial. Engraçado e ao mesmo tempo comovente... Saí com a impressão de que eu é que lhe devia estar grata, e não ele a mim. Quando fechei a porta, vi-o apanhar de novo o livro e continuar a leitura do ponto onde parara.

Comecei a rir.

– Ainda bem que você acha engraçado – disse ela um tanto secamente. Mas Suzanne não deixava de ter o senso de humor. Riu também e continuou: – Logo percebi que, se fosse esperar convite, talvez tivesse que esperar eternamente; e, portanto, todas as vezes que tinha vontade, eu ia ao quarto dele e entrava na cama. Foi sempre muito gentil. Em resumo, tinha instintos naturais, mas era como esses homens abstratos que se esquecem de comer, mas que, quando a gente lhes põe um prato à frente, comem com apetite. Conheço perfeitamente quando um homem está apaixonado por mim e eu teria sido idiota se pensasse que

Larry me amava, mas achei que ele se habituaria à minha pessoa. A gente tem que ser prática na vida; pensei com os meus botões que me conviria muito se, quando voltássemos a Paris, Larry me levasse para morar com ele. Sei que me deixaria ficar com a menina e isso me teria causado prazer. Instintivamente eu sentia que seria tolice apaixonar-me por ele; você sabe como as mulheres não têm sorte: muitas vezes, quando amam, deixam de ser amadas; tomei, portanto, a resolução de ficar em guarda.

Suzanne tragou a fumaça e soltou-a depois pelo nariz. Estava ficando tarde e havia agora muitas mesas vagas, mas via-se ainda um grupo em volta do bar.

– Certa manhã, depois do café, estava eu costurando à beira do rio e Odette brincando a meu lado, quando vi Larry aproximar-se.

“Vim despedir-me de você”, disse ele.

“Vai a algum lugar?”, perguntei, admirada. “Vou.”

“Mas não de uma vez?”

“Você já está boa. Aqui tem dinheiro para sustentá-la até o fim do verão e durante os primeiros tempos após a sua volta para Paris.”

No primeiro momento fiquei tão desconcertada que não soube o que dizer. Ele continuou de pé, de frente para mim, sorrindo com aquele seu ar cândido.

“Fiz alguma coisa que lhe desagradasse?”, perguntei. “Nem por um momento julgue isso. Tenho um trabalho a fazer. Passamos uns tempos muito agradáveis aqui. Odette, venha dizer adeus ao seu tio.”

– Ela era pequena demais para compreender. Larry tomou-a nos braços e beijou-a; depois me beijou também e voltou para o hotel; dali a minutos ouvi o ruído do carro que se afastava. Olhei para as notas que tinha na mão: doze mil francos. Aconteceu tão depressa que não tive tempo de reagir. “*Zut alors*”, disse de mim para mim. De uma coisa pelo menos eu podia estar satisfeita: de não ter permitido que meu coração ficasse por demais preso a ele.

Mas para mim tudo aquilo era um mistério. Vi-me obrigado a rir.

– Sabe de uma coisa, houve época em que adquiri certa reputação como humorista pelo simples método de dizer a verdade. Para muitas pessoas foi uma tal surpresa que pensaram que eu estava querendo ser engraçado.

– Não vejo relação.

– Pois bem, Larry é, creio, a única criatura completamente desinteressada que conheço. Isto faz com que seus atos pareçam singulares. Não estamos habituados a pessoas que fazem certas coisas simplesmente pelo amor de um Deus em quem elas não acreditam.

Suzanne encarou-me.

– Meu pobre amigo, voce bebeu demais.

Cinco

1

Não me dediquei grandemente ao meu trabalho em Paris. Era muito agradável, na primavera, com os castanheiros nos Champs Elysées em plena florescência, e quando, nas ruas, tão alegres eram as luzes. Havia prazer na atmosfera: prazer leve e fugaz, sensual sem vulgaridade, que avivava o passo e alertava a inteligência. Sentia-me feliz na companhia dos meus inúmeros amigos e, repleto o coração de amenas recordações do passado, pelo menos espiritualmente consegui recapturar parte do fulgor da mocidade. Achei que seria tolice permitir que o trabalho perturbasse a delícia do momento atual que talvez nunca mais me fosse dado gozar tão plenamente.

Isabel, Gray, Larry e eu fazíamos excursões a lugares interessantes e não muito afastados. Visitamos Chantilly e Versailles, St. Germain e Fontainebleau. Aonde quer que fôssemos, almoçávamos bem e fartamente. Gray comia bastante para satisfazer o seu vasto corpo e talvez se excedesse um pouco na bebida. Não havia dúvida de que sua saúde melhorara, não sei se devido ao tratamento de Larry ou à ação do tempo. Tinham cessado as pavorosas enxaquecas e seus olhos iam perdendo a expressão perplexa que tanto me confrangera da primeira vez que o vira, logo após a minha chegada a Paris. Pouco falava, a não ser para de vez em quando contar uma longa história, mas ria em altas gargalhadas das tolices que Isabel e eu dizíamos. Apreciava aqueles passeios. Embora não fosse um sujeito divertido, era tão bem-humorado e fácil de contentar que era impossível a gente não gostar dele. Tipo de homem com quem uma pessoa hesitaria em ficar uma noite a sós; e no entanto a perspectiva de passar com ele seis meses não seria absolutamente desagradável.

Era um prazer notar o seu amor por Isabel; encantava-se com a beleza dela e achava-a a mais inteligente e sedutora criatura deste mundo. Comovente, também, a sua dedicação por Larry.

Cega dedicação. Também Larry parecia estar se divertindo; quero crer que considerava aquela época como uma espécie de férias roubadas aos projetos que por acaso abrigasse, procurando calmamente aproveitá-las ao máximo. Nem ele, tampouco, era grande conversador, mas isso não tinha importância, pois bastava a sua companhia; era tão natural, de uma alegria tão sã que a gente não lhe pedia mais do que ele dava; e eu sabia perfeitamente que, se aqueles dias decorriam tão felizes, era pelo fato de Larry estar entre nós. Embora nunca dissesse uma frase brilhante ou espirituosa, essas reuniões teriam sido insípidas sem ele.

Certa vez, quando regressávamos de um desses passeios, presenciei uma cena que de certo modo me sobressaltou. Tínhamos ido a Chartres e voltávamos para Paris. Gray à direção e Larry sentado ao seu lado; Isabel e eu atrás. Cansados, depois do longo dia.

Larry estava com o braço estendido na parte superior do assento da frente. Pela posição erguera-se-lhe o punho da camisa, deixando à mostra o pulso fino, forte, e também a parte inferior do braço trigueiro, coberto por uma penugem que o sol dourava. Qualquer coisa na imobilidade de Isabel atraiu-me a atenção e me fez olhar para ela. Estava tão quieta que parecia hipnotizada. Respiração ofegante. Tinha os olhos fixos no pulso nervoso com seus cabelinhos dourados e na mão longa e delicada, mas forte, e jamais vi num semblante humano tão faminta concupiscência como no de Isabel naquele momento. Verdadeira máscara de luxúria. Nunca pensei que suas belas feições pudessem assumir expressão de tão desenfreada sensualidade. Mais animal que humana. A beleza desaparecera do seu rosto; a expressão que nele havia tornava-o medonho e assustador. Lembrava, horrorosamente, uma cadela no cio; quase me senti mal. Ela não tinha noção da minha presença; não tinha noção de coisa alguma a não ser daquela mão, tão despreocupada, que lhe despertara o frenético desejo. Nisso um espasmo contorceu-lhe o rosto, ela estremeceu e, fechando os olhos, recostou-se no canto do carro.

– Dê-me um cigarro – disse-me, em voz irreconhecível de tão rouca.

Tirei um cigarro da cigareira e acendi-o para ela. Isabel fumou-o avidamente. Durante o resto do trajeto ficou a olhar para fora da janela sem uma palavra.

Chegando ao apartamento, Gray pediu a Larry que me levasse até o hotel e fosse depois guardar o carro na garagem. Larry passou para a direção e eu me sentei ao seu lado. Ao atravessar a calçada, Isabel segurou o braço de Gray e, aconchegando-se a ele, lançou-lhe um olhar que não cheguei a ver, mas cuja significação não me foi difícil adivinhar. Ocorreu-me que ele iria ter uma companheira apaixonada na cama, aquela noite, embora provavelmente nunca viesse a saber a que dor de consciência devia tal ardor. Junho chegava ao termo e eu tinha que voltar para a Riviera. Alguns amigos de Elliott, de partida para a América, haviam emprestado aos Maturin sua vila em Dinard, e estes pretendiam para lá seguir assim que começassem as férias das crianças. Larry ia ficar em Paris, para trabalhar, mas estava pensando em comprar um Citroën de segunda mão e prometeu ir em agosto passar uns dias com eles. Na minha última noite em Paris, convidei os três para jantarem comigo.

Foi nesta noite que encontramos Sophie Macdonald.

2

Isabel estava com vontade de percorrer os cabarés desacreditados e, como eu conhecia alguns, pediu-me que lhes servisse de guia. A ideia não me agradou, pois os frequentadores desses lugares, em Paris, não fazem cerimônia em manifestar seu desprazer ante a visita de curiosos de outra classe. Mas Isabel insistiu. Preveni-a de que iria achar enfadonho e supliquei-lhe que se vestisse simplesmente. Jantamos tarde, fomos ao *Follies Bergères* por uma hora e depois nos pusemos em campo. Levei-os primeiramente a um portão preto de Notre-Dame, frequentado por bandidos e suas concubinas; eu conhecia o proprietário e ele nos arranjou lugares a uma longa mesa, ocupada por pessoas da pior aparência possível; mas encomendei vinho para todos e bebemos à saúde uns dos outros. Estava quente, enfumaçado e sujo. Levei-os depois ao Sphynx onde, sentadas em dois bancos opostos, vimos mulheres nuas sob os vestidos vistosos, exibindo os seios, mamilos e tudo o mais; quando a orquestra começou a tocar, puseram-se a dançar indiferentemente umas com as outras, de olho nos homens sentados à volta das mesas de mármore que rodeavam o salão. Encomendamos uma garrafa de champanhe. Algumas das mulheres namoraram Isabel ao passar por nossa mesa, mas não sei se ela terá compreendido o significado de tais olhares.

Fomos depois à Rue de Lappe. É uma rua suja e estreita e assim que se entra nela tem-se impressão de sórdida luxúria. Fomos a um café. Lá estava, ao piano, o rapazinho de sempre, pálido e dissoluto; outro homem, velho e cansado, arranhava um violino, enquanto um terceiro tirava de um saxofone acordes dissonantes. O café estava repleto e não parecia haver uma mesa vaga, mas, ao perceber que éramos fregueses com dinheiro, sem a menor cerimônia o *patron* nos deu a mesa de um casal, mandando-os para outra já ocupada. As pessoas assim

desalojadas não ficaram lá muito satisfeitas e fizeram a nosso respeito comentários bem pouco lisonjeiros. Muita gente dançando, marinheiros com o pompom vermelho no chapéu; homens na maioria de gorro na cabeça e lenço em volta do pescoço; mulheres maduras, e também algumas moças, todas elas pintadas até os olhos, sem chapéu, metidas em saias curtas e blusas de tons vivos. Homens dançando com rechonchudos rapazinhos de olhos pintados; mulheres emaciadas, de expressão dura, dançando com mulheres gordas de cabelo tinto; homens dançando com mulheres. Ar pesado de fumaça, vapores alcoólicos e transpiração. A música parecia não ter fim e a desagradável multidão de rostos suarentos continuava a rodar pela sala, com uma solene persistência em que havia algo de macabro. Vi alguns homens de aspecto brutal, mas na maioria eram raquíticos e anêmicos. Pus-me a observar os músicos. Pareciam robôs, tão maquinal a sua execução, e fiquei a conjecturar se, no início da carreira, teriam eles alimentado sonhos de glória, pensando que de longe viria gente para os ouvir e aplaudir. Mesmo para tocar mal violino, uma pessoa precisa tomar lições e estudar; teria aquele rabequista tido todo esse trabalho só para tocar foxtrote até altas horas da madrugada em tão sórdido lugar? A música parou e o pianista enxugou o rosto com um lenço enxovalhado. Os pares voltaram para suas mesas, arrastando-se uns, outros bamboleando-se. Subitamente ouvimos uma voz americana:

– Mas será possível?...

De uma mesa do lado oposto levantou-se uma mulher. O homem que a acompanhava tentou detê-la, mas ela empurrou-o para um lado e atravessou, cambaleante, a sala. Estava completamente embriagada. Veio até nossa mesa e ficou de pé, pouco firme nas pernas e sorrindo tolamente. Parecia achar o nosso grupo muito divertido. Olhei de relance para os meus companheiros. Isabel encarava-a com ar parado, Gray estava taciturno e Larry fitava-a como se não pudesse acreditar nos próprios olhos.

– Alô! – exclamou ela.

– Sophie – disse Isabel.

– Que raio de pessoa pensou você que eu fosse? – gorgolejou a outra. Agarrou o braço de um garçom que ia passando e disse: – Vincent, vá me buscar uma cadeira.

– Vá você – disse o homem, libertando-se.

– *Salaud* – gritou ela, cuspendo-lhe.

– *T'en fais pas, Sophie* – disse um sujeito alto e gordo, de cabeça grande e cabelos gordurosos, que estava sentado perto de nós, em mangas de camisa. – Aqui tens uma cadeira.

– Imagine encontrar vocês assim – exclamou a mulher, ainda cambaleante. – Alô, Larry. Alô, Gray. – Caiu na cadeira que o homem gordo colocara atrás dela e continuou: – Vamos beber alguma coisa. *Patron* – gritou.

Eu notara que o proprietário nos observava; agora ele se aproximou.

– Conheces essas pessoas, Sophie? – perguntou dirigindo-se familiarmente a ela na segunda pessoa do singular.

– *Ta gueule* – replicou ela com uma risada de bêbada. – São amigos da infância. Vou oferecer-lhes uma garrafa de champanhe. E não me apareças com nenhuma *urine de cheval*. Que venha alguma coisa que a gente possa tomar sem vomitar.

– Tu estás bêbada, Sophie – disse ele.

– Vai para o inferno.

Ele afastou-se, satisfeito por poder vender uma garrafa de champanhe – por precauções só tínhamos bebido conhaque com soda – e Sophie fitou-me durante alguns segundos com ar perplexo.

– Quem é o seu amigo, Isabel?

Isabel disse-lhe o meu nome.

– Ah! sim. Agora me lembro; você veio uma vez a Chicago. Todo alinhadão, não é?

– Talvez – respondi sorrindo.

Não me lembrava dela, mas isto não era de admirar, pois fazia mais de dez anos que eu fora a Chicago e conhecera muita gente lá, e também depois.

Ela era alta e, por ser muito magra, de pé parecera ainda mais alta. Estava com uma blusa de seda de um verde forte, amarrotada e manchada; saia preta, curta. Cabelos cortados e levemente ondulados, mas em desordem e tintos de um tom vivíssimo. Escandalosamente pintada, com carmim até os olhos, pálpebras azuladas, pestanas e sobrancelhas acentuadas pelo lápis, e lábios escarlates. Mãos sujas, de unhas pintadas. Seu aspecto era mais ordinário do que o de qualquer outra mulher ali presente, e pareceu-me que estava não somente embriagada, mas sob a ação de algum narcótico. E no entanto possuía, inegavelmente, certa corrupta atração; mantinha a cabeça com uma inclinação arrogante e a pintura realçava mais ainda o extraordinário tom esverdeado dos olhos. Apesar de bêbada como estava, tinha um franco sem-vergonhismo que, imaginei, devia atrair o que havia de mais baixo nos homens. Ela nos envolveu com um irônico sorriso e disse:

– Não creio que vocês estejam muito satisfeitos por me ver.

– Eu sabia que você estava em Paris – disse desajeitadamente Isabel, com um gélido sorriso nos lábios.

– Você podia ter me telefonado. Meu nome está na lista.

– Não faz muito que chegamos. Gray veio em socorro de Isabel.

– Está se divertindo bastante, Sophie?

– Muito. Você faliu, não é verdade, Gray?

O rosto de Gray tornou-se ainda mais rubro.

– É.

– Pouca sorte! Chicago deve estar agora muito triste. Felizmente saí de lá a tempo. Com os diabos, será que aquele cafajeste não nos vai trazer alguma coisa para beber?

– Vem vindo – disse eu, notando que um garçom procurava passar por entre as mesas, carregando uma bandeja com copos e uma garrafa de vinho.

Minha observação chamou a atenção de Sophie sobre a minha pessoa.

– Meus queridos parentes por afinidade expulsaram-me de Chicago. Disseram que eu estava estragando a sua... reputação. Deu uma risada selvagem e continuou:

– Sou desses expatriados que vivem de mesada.

O champanhe veio e foi servido. Sophie ergueu o copo com mão trêmula.

– Para o diabo os alinhadões! – exclamou. Esvaziou o copo e olhou de relance Larry. – Você está calado, Larry.

Ele estivera fitando Sophie com ar impassível. Não tirara dela os olhos, desde que ela aparecera. Sorriu amavelmente e replicou:

– Não sou um sujeito muito prosa.

A música recomeçou a tocar e um homem se aproximou de nossa mesa. Era alto e bem proporcionado; grande nariz aquilino, vasta cabeleira negra e luzidia, lábios grossos e sensuais. Parecia um sinistro Savonarola. Como quase todos os homens ali presentes, não usava colarinho, e o paletó justo estava abotoado de maneira a lhe marcar a cintura.

– Vem, Sophie. Vamos dançar.

– Vai-te embora. Estou ocupada. Não vês que estou com amigos?

– *J'm en fous de tes amis.* Teus amigos que vão para o inferno. Tu vais dançar.

Segurou-lhe o braço, mas Sophie desvencilhou-se.

– *Fous moi la paix, espece de con* – gritou ela com súbita veemência.

– *Merde.*

– *Mange.*

Gray não compreendia o que eles diziam, mas percebi que, com o estranho conhecimento de obscenidades que muitas mulheres virtuosas parecem ter, Isabel entendia perfeitamente; seu rosto enrijeceu numa expressão de nojo. O homem ergueu o braço, de mão aberta – mão calosa de operário – e ia esbofetear Sophie quando Gray se ergueu a meio na cadeira.

– *Allaiz vous ong* – gritou ele com a sua execrável pronúncia.

O homem susteve o gesto, lançando a Gray um olhar furioso.

– Cuidado, Coco – recomendou Sophie com uma risada amarga. – Olha que ele te põe a nocaute.

O homem avaliou a altura, peso e força de Gray; depois, encolhendo taciturnamente os ombros, atirou-nos um palavrão e safou-se. Sophie riu baixinho, num gorgolejar de bêbada. O resto do grupo permaneceu em silêncio. Enchi de novo o seu copo.

– Você está morando em Paris, Larry? – perguntou ela, depois de ter bebido até o fim.

– Por enquanto.

É sempre difícil conversar com um bêbado, e não há dúvida de que os sóbrios levam desvantagem. Continuamos a falar durante alguns minutos, de maneira monótona e constrangida. Depois Sophie afastou a sua cadeira.

– Se eu não voltar para perto do meu amiguinho ele ficará furioso. É um sujeito emburrado, mas céus! é um macho e tanto. – Ergueu-se, cambaleante, e continuou:

– Até logo, pessoal. Apareçam novamente. Estou aqui todas as noites.

Foi abrindo caminho por entre os pares que dançavam e a perdemos de vista na multidão. Quase cheguei a rir do gélido desprezo expresso nas feições clássicas de Isabel. Nenhum de nós disse uma palavra.

– Este lugar é imundo – exclamou de repente Isabel. – Vamos embora.

Paguei as bebidas e a garrafa de champanhe que Sophie encomendara e nos levantamos. Quase todos dançavam, de modo que conseguimos sair sem que houvesse comentários. Já eram duas horas e na minha opinião mais que tempo de ir para a cama, mas Gray disse que estava com fome, de modo que sugeri irmos ao Graf, em Montmartre. Fizemos o trajeto em silêncio; eu me sentara ao lado de Gray para indicar-lhe o caminho. Chegamos ao alegre restaurante. Ainda havia gente no terraço. Entramos e pedimos ovos com toucinho e cerveja. Pelo menos aparentemente Isabel recuperara o sangue-frio. Felicitou-me, talvez com certa

ironia, pelo fato de eu conhecer os lugares mais desacreditados de Paris.

– A ideia foi sua – repliquei.

– Diverti-me imensamente. Foi uma noite formidável.

– Droga! – disse Gray. – Uma imundície. E Sophie!... Isabel encolheu com indiferença os ombros.

– Não se lembra dela? – perguntou-me. – Sentou-se ao seu lado, quando você veio jantar conosco pela primeira vez. Naquele tempo não tinha esse pavoroso cabelo vermelho. Sua cor natural é um bege sujo.

Voltei em pensamentos ao passado. Lembrei-me de uma mocinha de olhos de um azul quase verde e jeitinho atraente de manter de lado a cabeça. Bonita, não; mas fresca e ingênua, com um misto de timidez e petulância que eu achava interessante.

– Claro que me lembro. Gostei do nome dela. Tive uma tia que se chamava Sophie.

– Casou-se com um rapaz chamado Bob Macdonald.

– Bom sujeito – disse Gray.

– Era um dos rapazes mais bonitos que conheci. Nunca pude compreender o que ele viu em Sophie. Ela casou-se logo depois de mim. Seus pais eram divorciados; a mãe casou-se de novo com um empregado da Standard Oil na China. Ela morava com os parentes do pai, em Marvin, e naquela época nos víamos muito, mas depois de casada abandonou quase que completamente o nosso grupo. Bob Macdonald era advogado, mas não ganhava muito, e eles tinham um apartamento sem elevador, na parte norte. Mas não era por isso. Não queriam saber de ninguém. Nunca vi duas pessoas tão loucas uma pela outra. Mesmo depois de dois ou três anos de casados, já com um filho, quando iam ao cinema Bob passava o braço à volta da cintura de Sophie e ela punha a cabeça no ombro dele, como dois namorados. Eram a maior pilhéria de Chicago.

Larry ouvia o que Isabel dizia, mas não fez comentário. A expressão do seu rosto era inescrutável.

– O que aconteceu, então? – perguntei.

– Certa noite, vinham eles voltando para Chicago num cupezinho, que tinham, e a criança estava junto. Eram obrigados a levá-la por toda parte, pois não tinham empregada – era Sophie quem fazia todo serviço – e, além do mais, a adoravam. Nisto um vasto sedan, onde vinha um grupo de bêbados, a cento e trinta quilômetros por hora, bateu em cheio contra eles. Bob e a criança morreram instantaneamente, mas Sophie só teve concussão e uma ou duas costelas quebradas. Esconderam dela o máximo possível a morte de Bob e do filho, mas finalmente tiveram que contar-lhe. Dizem que foi horrível. Ficou como louca. Gritou como uma desesperada. Tinham que vigiá-la noite e dia e uma vez ela quase chegou a atirar-se pela janela. Naturalmente fizemos o que pudemos, mas ela parecia odiar-nos. Depois que saiu do hospital, puseram-na num sanatório, onde ficou durante meses.

– Coitadinha.

– Quando a soltaram ela começou a beber e, quando estava bêbada, entregava-se a qualquer um. Horrível para a família. Gente muito boa e pacata, que detestava escândalo. A princípio todos nós tentamos ajudá-la, mas foi inútil; se alguém a convidava para jantar, já chegava meio tocada e era muito provável que ficasse inconsciente antes de terminar a noite. Depois começou a misturar-se com um grupo péssimo e fomos obrigados a abandoná-la. Certa vez foi presa por estar guiando um carro em estado de embriaguez. Estava com um mestiço que arranjava num bar qualquer, e aconteceu que a polícia andava atrás dele.

– Mas tinha dinheiro? – perguntei.

– Tinha o seguro de vida de Bob; o carro que se chocara com o deles estava no seguro e creio que os donos lhe deram uma indenização qualquer. Mas não durou muito. Gastou tudo como um marinheiro bêbado e dali a dois anos estava quebrada. Sua avó não quis saber dela em Marvin. E então os parentes do marido disseram que lhe dariam uma mesada se fosse morar no estrangeiro. Creio que é disso que vive agora.

– O mundo é um círculo vicioso – observei. – Antigamente mandavam, da minha pátria para a América, a ovelha negra da família; pelo que vejo, mandam-na hoje da América para a Europa.

– Não posso deixar de ter pena dela – disse Gray.

– Não pode? – perguntou friamente Isabel. – Pois eu posso. Claro que foi um choque e ninguém teve mais pena de Sophie do que eu. Conhecíamos-nos desde crianças. Mas uma pessoa normal reage diante de uma coisa dessas. Se ela se entregou por completo foi porque tinha um fundo mau. Era naturalmente desequilibrada; mesmo o seu amor por Bob era exagerado. Se tivesse mais fibra, teria conseguido fazer alguma coisa da vida.

– Se isto, se aquilo... Você não estará sendo severa demais, Isabel? – murmurei.

– Não o creio. Tenho bom senso e não vejo razão para sentimentalismos a respeito de Sophie. Deus sabe que ninguém poderia ser mais dedicada a Gray e às crianças do que eu, e se eles morressem num desastre de automóvel eu ficaria alucinada, mas cedo ou tarde acabaria reagindo. Não é isto que você gostaria que eu fizesse, Gray, ou preferiria que eu ficasse bêbada todas as noites e me entregasse a todos os apaches de Paris?

Desde que eu conhecia Gray, foi aí que ele mais próximo chegou de fazer uma observação espirituosa.

– Claro que eu preferiria que você se atirasse na minha pira, metida num vestido de Molyneaux, mas, como isto está fora de moda, acho que a melhor solução seria você dedicar-se ao bridge. E gostaria que se lembrasse de nunca abrir o jogo, em sem-trunfo, com menos de três e meia a quatro vazas de honra na mão.

A ocasião não era propícia para eu dizer a Isabel que, embora sincero, seu amor pelo marido e filhas estava longe de ser apaixonado; mas talvez ela me tivesse lido o pensamento, pois se virou para mim com certa virulência:

– Que diz você a isso?

– Sou como Gray; tenho pena da menina.

– Ela não é nenhuma menina: está com trinta anos.

– Provavelmente para ela o mundo acabou quando o marido e o filho morreram. Com certeza pouco se importou com o que viesse a acontecer-lhe, caindo na horrível degradação do alcoolismo e da copulação promíscua para se vingar da vida que tão cruelmente a tratara. Vivera no céu e, ao perdê-lo, não se conformou em viver na terra comum dos homens comuns; em desespero, mergulhou no inferno. Quero crer que, não podendo mais beber o néctar dos deuses, achou preferível beber gim ordinário.

– Isso é o tipo de coisa que a gente lê em romances. É tolice, e você sabe que é tolice. Sophie chafurda na lama porque sente prazer nisso. Outras mulheres têm perdido maridos e filhos. Não foi isto que a tornou má. O mal não pode brotar do bem. O mal sempre esteve ali, latente. Quando o acidente de automóvel rompeu as suas defesas, libertou-a para ela se mostrar tal qual era. Não desperdice com Sophie a sua piedade; ela é agora o que no fundo sempre foi.

Durante todo este tempo Larry permanecia calado, parecendo imerso nos próprios pensamentos; creio que mal ouvia o que dizíamos. Breve silêncio seguiu-se às palavras de Isabel. Depois Larry começou a falar, mas em voz estranha, incolor, como se não se dirigisse a nós, e sim a si próprio; seus olhos pareciam perdidos na névoa do passado.

– Lembro-me dela quando tinha catorze anos, com seus cabelos compridos afastados da testa e laço preto atrás, rosto sério, cheio de sardas. Menina modesta, idealista. Lia tudo que lhe chegava às mãos e costumávamos falar sobre livros.

– Quando? – perguntou Isabel franzindo de leve as sobrancelhas.

– Oh! quando você saía para fazer visitas com sua mãe. Eu ia até a casa do avô dela e nos sentávamos sob um grande olmo que lá havia. Líamos em voz alta. Ela adorava poesia; chegou mesmo a compor.

– Muitas meninas dessa idade fazem o mesmo. Geralmente são versos que não valem nada.

– Verdade que isso aconteceu há muito tempo e provavelmente eu não tinha competência para julgar.

– Você não podia ter tido mais de dezesseis anos.

– Claro que era mais ou menos plágio. Havia muito de Robert Frost. Mas, mesmo assim, creio que eram extraordinários para pessoa tão moça. Sophie tinha bom ouvido e noção de ritmo. Sentia-se inspirada com os sons e perfumes do campo, com o prenúncio da primavera no ar, com o cheiro da terra úmida após uma chuva estival.

– Eu nunca soube que ela fazia versos – disse Isabel.

– Guardava segredo disso, pois tinha medo que vocês rissem dela. Era muito tímida.

– Tímida é que ela não é hoje.

– Quando voltei da guerra, encontrei-a quase moça. Lera muito sobre as condições das classes operárias e vira alguma coisa deste lado da vida de Chicago. Interessara-se por Carl Sandburg e estava escrevendo furiosamente, em versos livres, sobre a mísera condição da pobreza e a exploração das classes trabalhistas. Talvez fossem um pouco corriqueiros, mas eram sinceros, e neles havia piedade, aspiração. Naquela época ela queria ser assistente social. Comovente, esse seu desejo de sacrifício. Acho que seria capaz de muita coisa. Não era boba, nem melosa, mas dava a impressão de uma suave pureza e estranha elevação de alma. Estávamos sempre juntos, naquele ano.

Percebi que Isabel ouvia com crescente exaspero. Larry nem de longe suspeitava que estava enfiando no coração dela um punhal, e que cada uma de suas despreocupadas palavras avivava mais ainda a ferida. Mas, quando Isabel falou, foi com um leve sorriso nos lábios.

– Como é que ela chegou a escolhê-lo por confidente? Larry fitou-a com seu olhar confiante.

– Não sei. Era pobre, no meio de todas vocês que tinham bastante dinheiro, e eu não pertencia ao grupo; estava lá apenas porque o tio Bob clinicava em Marvin. Com certeza achou que isso era um traço que tínhamos em comum.

Larry não tinha parentes. Quase todos nós temos, pelo menos, primos que às vezes mal conhecemos, mas que em todo caso nos fazem sentir que estamos dentro da família humana. Os pais de Larry tinham sido filhos únicos; um de seus avós, o Quaker, morrera no mar, ainda moço, e seu outro avô não tinha irmãos. Ninguém poderia estar mais só no mundo do que Larry.

– Você nunca percebeu que Sophie estava apaixonada por você? – perguntou Isabel.

– Nunca – respondeu ele sorrindo.

– Pois bem, estava.

– Quando ele voltou da guerra, como herói ferido, quase todas as moças de Chicago ficaram com uma quedinha por Larry – disse Gray com o seu jeitão despachado.

– Aquilo era mais do que uma quedinha. Sophie tinha adoração por você, meu pobre Larry. Não me diga que não sabia?

– Claro que não sabia, nem acredito nisso.

– Com certeza você achou que ela era demasiadamente espiritual.

– Ainda vejo aquela menina magrinha, de fita no cabelo e rosto grave, que lia com voz trêmula de emoção aquela belíssima ode de Keats. Gostaria de saber onde está essa menina, agora...

Isabel teve um sobressalto e lançou a Larry um olhar curioso e desconfiado.

– Já é tardíssimo, e estou que não me aguento mais. Vamos embora.

3

Na noite seguinte tomei o Trem Azul para a Riviera e dois ou três dias depois fui a Antibes, visitar Elliott e dar-lhe notícias de Paris. Achei-o com má aparência. A cura em Montecatini não lograra o resultado esperado e suas subseqüentes peregrinações o tinham fatigado excessivamente. Encontrara em Veneza uma pia batismal, e fora depois a Florença comprar o tríptico que tivera em vista. Ansioso por ver esses dois objetos devidamente colocados, fora aos Pântanos Pontinos e descera numa miserável estalagzinha, onde achara o calor difícil de suportar. Suas preciosas compras levaram tempo a chegar, mas ele ali continuou, firme, decidido a ver cumprida a sua missão. Mas, depois de estar tudo em ordem, encantouse com o efeito e foi com orgulho que me mostrou as fotografias que tirara. Embora pequena, a igreja tinha imponência, e a discreta riqueza do interior era prova do bom gosto de Elliott.

– Vi, em Roma, um sarcófago dos primeiros tempos do cristianismo, que muito me agradou; levei muito tempo refletindo sobre a vantagem de comprá-lo, mas acabei desistindo.

– Mas, Santo Deus, para que queria você um sarcófago, Elliott?

– Para me pôr dentro dele, caro amigo. Era de um belo modelo e achei que, do outro lado da entrada, combinaria com a pia; mas aqueles primeiros cristãos eram uns sujeitinhos atarracados e eu não caberia dentro dele. E não ia ali ficar até o dia do Juízo Final, com os joelhos dobrados até o queixo, como um feto. Teria sido pouquíssimo confortável.

Ri, mas Elliott continuou sério.

– Tive melhor ideia. Arranjei tudo, com certa dificuldade, como era de esperar, para ser sepultado em frente ao altar, ao pé dos degraus do coro; e assim, quando os pobres camponeses dos Pântanos Pontinos vierem receber a sagrada comunhão, com suas pesadas botas pisarão sobre os meus ossos. Bem *chie*, não acha

você? Apenas uma laje, com meu nome e duas datas. Si *monumentum quoeris, circumspice*. Se buscas o seu monumento, olha à volta, você sabe.

– Conheço bastante latim para entender uma citação corriqueira, Elliott – respondi secamente.

– Perdoe-me, caro amigo. Estou tão habituado à ignorância das classes elevadas que por um momento me esqueci que estava conversando com um escritor.

Ele venceu.

– Mas o que eu queria dizer-lhe era o seguinte – continuou Elliott. – Deixei tudo explicado no meu testamento, mas desejo que você faça com que as minhas determinações sejam cumpridas. Não quero ser enterrado na Riviera ao lado de coronéis aposentados e franceses da burguesia.

– Claro que farei o que deseja, Elliott, mas não creio que seja necessário pensarmos nisso durante muito tempo ainda.

– Estou caminhando em anos, você sabe, e, para ser franco, não sentirei muito quando chegar a minha hora. Como são mesmo aqueles versos de Landor? Aqueci ambas as mãos...

Embora eu não tenha boa memória para decorar palavra por palavra, a poesia era curta e consegui recitá-la.

I strove with none, for none was worth my strofe. Nature

I loved, and, next, to Nature, Art;

I warmed both hands before the fire of Life;

It sinks, and I am ready to depart.

– Isto mesmo – disse, ele.

Achei que só com imensa boa vontade se poderia aplicar a estância a Elliott. E no entanto ele continuou:

– Exprime exatamente os meus sentimentos. Nada mais poderia eu acrescentar, a não ser que sempre frequentei a melhor sociedade da Europa.

– Seria difícil encaixar isso numa quadra.

– A sociedade acabou-se. Houve época em que esperei que a América pudesse substituir a Europa, e criar uma aristocracia que o *hoi polloi* respeitaria, mas a depressão destruiu toda e qualquer esperança nesse sentido. Meu pobre país está se tornando incrivelmente burguês. Talvez você não me acredite, mas da última vez que estive na América um chofer de táxi me chamou de amigo.

Mesmo assim, embora a Riviera já não fosse a mesma depois do abalo de 29, Elliott continuava a dar recepções e a ir a recepções. Nunca frequentara os meios judeus, com exceção apenas da família Rothschild, mas as mais deslumbrantes festas eram agora dadas por membros da raça eleita, e quando havia uma festa Elliott não tinha forças para ficar em casa. Vagueava por essas reuniões, cortesmente apertando a mão de uma pessoa ou beijando a mão de outra, mas com uma espécie de tristonho desprendimento, qual exilado monarca que se sentisse ligeiramente constrangido por se ver em tal companhia. Os nobres exilados, no entanto, divertiam-se à grande e pareciam não ter maior ambição na vida que a de conhecer uma estrela de cinema. Nem tampouco aprovava Elliott o hábito moderno de tratar os artistas de teatro como pessoas com quem se possa ter relações sociais, mas justamente uma atriz aposentada construía na vizinhança uma suntuosa residência, mantendo a casa aberta. Ministros, duques, damas da nobreza vinham passar semanas e semanas com ela. Elliott tornou-se assíduo visitante.

– Claro que é um grupo muito misturado – disse-me ele. – Mas a gente não precisa falar com quem não quer. Trata-se de uma compatriota e acho que é minha obrigação ajudá-la. Deve ser um alívio para seus hóspedes encontrarem alguém que fale a língua deles.

Às vezes eu achava Elliott tão abatido que lhe perguntava por que não levava as coisas mais na calma.

– Caro amigo, na minha idade ninguém pode dar-se ao luxo de ficar afastado. Depois de ter durante quase cinquenta anos

frequentado a mais alta sociedade, sei perfeitamente que a pessoa que não é vista em toda parte logo fica esquecida.

Compreenderia ele que lamentável confissão fazia? Eu já não tinha coragem de rir de Elliott; achava-o agora profundamente patético. Vivera exclusivamente para a sociedade; as festas eram o seu pão-de-cada-dia; não ser convidado a uma delas era uma afronta; ficar só, uma humilhação – e, velho, agora, sentia-se terrivelmente amedrontado.

Chegamos ao fim do verão. Elliott passou-o correndo de uma ponta da Riviera a outra, almoçando em Cannes, jantando em Monte Carlo, empregando toda a sua arte para ser convidado a um chá aqui, a um coquetel ali; esforçando-se sempre, por mais cansado que estivesse, para ser amável, conversador e espirituoso. Sabia de todas as novidades e podia-se ter certeza de que ele seria o primeiro a conhecer todos os detalhes do último escândalo, excetuando-se, naturalmente, os que nele estavam envolvidos. Teria fitado com ar de franca estupefação qualquer pessoa que lhe dissesse que levava uma vida inútil. Teria considerado essa pessoa desoladoramente plebeia.

4

Quando chegou o outono, Elliott resolveu ir passar uns tempos em Paris, em parte para ver como iam indo Isabel, Gray e as crianças, e também para fazer o que ele chamava de *acte de présence* na capital. Pretendia seguir depois para Londres, a fim de encomendar algumas roupas, e aproveitaria a ocasião para visitar uns amigos. Eu tencionava ir diretamente para Londres, mas Elliott me pediu para fazer com ele a viagem de automóvel até Paris; não me sendo isso desagradável, consenti, achando depois que, já que lá estava, não havia motivo para também eu não passar uns dias na capital. Fizemos a viagem por etapas, parando nos lugares onde a comida era boa. Elliott estava sofrendo dos rins e só bebia água de Vichy, mas sempre insistia em escolher para mim meia garrafa de um bom vinho; e, excessivamente bondoso para me invejar um gosto que lhe não era permitido, tinha sincero prazer em me ver saboreá-lo. Era tão generoso que tive dificuldade em convencê-lo a me deixar repartir com ele as despesas. Embora eu me cansasse de ouvir casos a respeito das altas personagens que Elliott conhecera no passado, apreciei a viagem. Pitorescos, muitos dos lugares por onde passamos, assim coloridos pelas tintas do princípio de outono. Tendo almoçado em Fontainebleau, só chegamos a Paris à tarde. Elliott deixou-me à porta do meu modesto e antiquado hotel e virou a esquina, para ir ao Ritz.

Tínhamos prevenido Isabel da nossa chegada, de modo que não me admirei de encontrar um bilhete seu à minha espera; mas o conteúdo me surpreendeu.

"Venha ver-me assim que chegar. Aconteceu uma coisa horrível. Não traga o tio Elliott. Pelo amor de Deus, venha logo que puder."

Não sou menos curioso que o comum dos mortais, mas eu tinha que me lavar e trocar de camisa; tomei depois um táxi e mandei tocar para o apartamento da Rue St. Guillaume. Fizeram-me entrar na sala de visitas. Isabel ergueu-se de um salto.

– Onde é que você esteve este tempo todo? Há séculos que estou esperando.

Eram cinco horas e, antes que eu pudesse responder, entrou o criado com a bandeja de chá. Isabel observou-o com impaciência, contorcendo as mãos. Não atinei com o motivo daquele chamado urgente.

– Acabo de chegar. Almoçamos folgadoamente em Fontainebleau.

– Céus, como ele é vagaroso. Incrível! – murmurou Isabel.

O homem colocou sobre a mesa a salva com o bule, o açucareiro e as xícaras e, com calma realmente exasperante, dispôs à volta os pratos de pão com manteiga, bolos e pãezinhos. Depois saiu, fechando a porta.

– Larry vai casar-se com Sophie Macdonald.

– Quem é ela?

– Não seja tão idiota – exclamou Isabel, de olhos chispantes de cólera. – Aquela sujeita bêbada que encontramos naquele café imundo onde você nos levou. Só Deus sabe para que escolheu um lugar daqueles. Gray ficou enojado.

– Oh! você se refere à sua amiguinha de Chicago? – repliquei, ignorando a injusta censura. – Como é que você sabe?

– Como é que eu haveria de saber? Ele mesmo veio participar-me ontem à tarde. Tenho estado como louca desde então.

– Talvez seja melhor você sentar-se, dar-me uma xícara de chá e contar-me tudo direitinho.

– Sirva-se.

Ela estava sentada à mesinha de chá e observou-me, irritada, enquanto eu me servia. Instalei-me confortavelmente num sofazinho perto da lareira.

– Quase não temos visto Larry ultimamente; isto é, depois que chegamos de Dinard. Ele passou lá uns dias, mas não quis

hospedar-se conosco, tendo ficado num hotel. Costumava ir à praia brincar com as crianças. Elas são loucas por ele. Íamos jogar golfe em St. Briac. Um dia Gray lhe perguntou se ele tornara a ver Sophie. "Sim, muitas vezes", disse ele.

"Por quê?", perguntei.

"É uma velha amiga", respondeu.

"Se eu fosse você não perderia tempo com ela."

– Nisto Larry sorriu. Você conhece o sorriso dele, como se a gente tivesse dito uma coisa engraçada, embora não haja graça nenhuma.

"Mas eu não sou você", replicou.

– Encolhi os ombros e mudei de assunto. Não pensei mais nisso. Você bem pode imaginar o meu horror quando ele me aparece aqui e me participa que vai casar-se com Sophie.

"Você não pode fazer isso, Larry", disse eu. "Não pode." "Mas vou fazer", declarou ele tão calmamente como se estivesse repetindo um prato à mesa. "E quero que você seja muito boazinha para ela, Isabel."

"É querer demais", repliquei. "Você está louco. Ela é má, má, má."

– Por que é que você diz isso? – perguntei, interrompendo-a.

Isabel fitou-me com olhos chamejantes.

– Ela está no pileque desde manhã até a noite. Entrega-se a qualquer sujeito que a convida.

– Isto não quer dizer que seja má. Muitos cidadãos altamente respeitáveis se embriagam e gostam de frequentar os meios baixos. São maus hábitos, como roer as unhas, por exemplo, mas não acho que passe disso. Chamo de má a pessoa que mente, e trapaceia, e é mesquinha.

– Se você tomar o partido de Sophie, sou capaz de matá-lo.

– Como foi que Larry se encontrou de novo com ela?

– Achou o número do telefone na lista e foi visitá-la.

Ela estava doente, o que não é para admirar, com a vida que leva. Larry chamou um médico e arranjou alguém para tratar dela. Foi

assim que começou. Diz ele que Sophie deixou de beber; o idiota acha que ela está curada.

– Você se esqueceu do que Larry fez por Gray? Curou-o, não é verdade?

– Isto é outra coisa. Gray queria sarar. Ela não.

– Como é que você sabe?

– Porque conheço as mulheres. Quando uma mulher se rebaixa a esse ponto, está perdida; nunca mais poderá reabilitar-se. Se Sophie é hoje assim, é porque sempre foi assim. Pensa que ela será fiel a Larry? Claro que não. Cedo ou tarde há de estourar. Está no sangue. É dos brutos que ela gosta; são eles que a excitam, e é atrás dos brutos que ela irá. Fará da vida de Larry um inferno.

– É muito provável, mas não vejo o que você possa fazer.

– Larry está agindo de caso pensado.

– Eu nada posso fazer, mas você pode.

– Eu?

– Larry gosta de você e acata a sua opinião. Você é a única pessoa que tem um pouco de influência sobre ele. Você conhece a vida. Vá procurá-lo e diga-lhe que ele não pode cometer tão grande tolice. Diga-lhe que isso será a sua desgraça.

– Ele apenas me responderá que não é da minha conta, e com toda a razão.

– Mas você gosta dele, ou pelo menos sente certo interesse por ele; não pode ficar de braços cruzados e permitir que estrague sua vida dessa forma.

– Gray é o seu maior e mais velho amigo. Não creio que adiante muito, mas acho que Gray seria a pessoa indicada para falar com Larry.

– Oh! Gray... – replicou ela com impaciência.

– Sabe, talvez não tenha tão mau resultado como você pensa. Conheci dois ou três sujeitos, um na Espanha e dois no Oriente, que se casaram com prostitutas, e elas deram muito boas esposas. Sentiam-se gratas aos maridos, isto é, pela segurança que eles lhes deram; e, naturalmente, sabiam o que agrada a um homem.

– Você me faz perder a paciência. Acha então que me sacrifiquei para deixar Larry cair nas garras de uma ninfômana furiosa?

– Como foi que você se sacrificou?

– Renunciei a Larry pela única razão de não querer ser um estorvo na sua vida.

– Deixe de fita, Isabel. Você renunciou a ele por um brilhante quadrado e um casaco de marta.

Nem bem eu pronunciara essas palavras, um prato de pão com manteiga quase me pegou em cheio na cabeça. Por sorte consegui agarrar o prato, mas o conteúdo espalhou-se pelo chão. Levantei-me e coloquei de novo o prato sobre a mesa.

– Seu tio Elliott não teria ficado nada satisfeito se você tivesse quebrado um dos seus pratos Crown Derby. Foram feitos para o terceiro duque de Dorset e têm um valor inestimável.

– Apanhe as fatias de pão – ordenou-me Isabel.

– Apanhe-as você – repliquei sentando-me de novo no sofá.

– E você se diz um cavalheiro inglês – exclamou ela furiosa.

– Absolutamente; está aí uma coisa que eu nunca disse.

– Dê o fora daqui. Nunca mais quero vê-lo. Detesto a sua presença.

– É pena, pois a sua sempre me causou enorme prazer. Nunca lhe disseram que o seu nariz é exatamente como o de Psiquê do museu de Nápoles, que é considerada a representação máxima da beleza virginal? Você tem pernas bonitas, longas e benfeitas, fato que jamais me canso de admirar, pois quando era moça você as tinha curtas e grossas. Não sei como conseguiu essa transformação.

– Com uma vontade de ferro e pela graça de Deus – replicou ela colericamente.

– Mas, naturalmente, suas mãos são o seu traço mais sedutor. Tão finas e elegantes.

– Sempre tive impressão de que você as considerava grandes demais.

– Não para o seu tamanho. Acho admirável a graça com que você se serve delas. Que deva isso à natureza, ou à arte, você nunca faz um gesto sem beleza. São às vezes como flores, às vezes como pássaros em voo. Mais expressivas do que quaisquer palavras que você possa pronunciar. São como as mãos de um retrato por El Greco; em resumo, quando as vejo, quase chego a acreditar na pouco provável história de Elliott, que vocês tiveram por antepassado um nobre espanhol.

Isabel fitou-me, zangada.

– O que está dizendo? É a primeira vez que ouço semelhante coisa.

Contei-lhe a história do conde de Lauria e da dama de honra da rainha Maria, de quem Elliott dizia descender pelo lado materno. Enquanto isso, Isabel contemplava com benevolência seus dedos longos e unhas esmaltadas.

– A gente tem que descender de alguém – disse ela. Depois, com uma risadinha, lançando-me um olhar maroto em que não havia vestígio de rancor, acrescentou:

– Sujeitinho ordinário que é você!

É assim fácil fazer uma mulher ver onde está a razão; basta que a gente lhe diga a verdade.

– Há momentos em que não desgosto nada de você – disse-me Isabel.

Veio sentar-se no sofá ao meu lado e, passando o braço pelo meu, inclinou-se para beijar-me. Esquivei-me.

– Não quero saber de ficar com o rosto todo manchado de batom – disse eu. – Se você quer beijar-me, beije-me nos lábios, pois para esse fim foram eles criados por uma misericordiosa Providência.

Ela deu uma risadinha e, virando com a mão a minha cabeça para o seu lado, depositou sobre os meus lábios uma leve camada de batom. A sensação estava longe de ser desagradável.

– Agora que você fez isso, talvez esteja disposta a dizer o que deseja de mim.

– Conselho.

– Estou às suas ordens, mas nem por um momento acalento a ilusão de que você vai segui-lo. Só tem uma coisa a fazer, e é conformar-se de cara alegre.

Inflamando-se novamente, ela arrancou o seu braço do meu e, levantando-se, atirou-se numa poltrona do outro lado da lareira.

– Não vou ficar de braços cruzados vendo Larry estragar a sua vida. Não há o que eu não esteja disposta a fazer para impedir que ele se case com aquela vagabunda.

– De nada adiantará. Sabe, ele está dominado por uma das mais fortes emoções que podem agitar um peito humano.

– Você não me vai agora dizer que acha que ele está apaixonado?

– Não; isto seria relativamente uma insignificância.

– Então?...

– Você nunca leu o Novo Testamento?

– Creio que sim.

– Não lembra que Jesus foi para o deserto e jejuou durante quarenta dias? E então, quando ele estava esfaimado, o tentador lhe apareceu e disse: “Se és filho de Deus, ordena a estas pedras que se façam pães”. Mas Jesus resistiu à tentação. Então o demônio o colocou sobre o pináculo do templo e disse: “Se és filho de Deus, lança-te daí abaixo”. Pois ele estava sob a proteção dos anjos, e estes o teriam amparado. Mas Jesus resistiu. E então o diabo o conduziu a um monte muito alto e mostrou-lhe os reinos do mundo, dizendo: “Todas estas coisas te darei se, prostrado, me adorares”. Mas Jesus respondeu: “Vai-te, Satanás”. De acordo com o bom e simples são Mateus, foi este o fim da história. Mas não foi, não. O demônio era astucioso e de novo veio a Jesus: “Se aceites a vergonha e a ignomínia, a flagelação, uma coroa de espinhos e a morte na cruz, salvarás a humanidade, pois maior amor não existe no mundo que o amor do homem que dá a vida por um amigo”. E Jesus sucumbiu. O diabo riu a mais não poder, pois bem sabia que pecados iriam os homens cometer em nome do seu redentor.

Isabel fitou-me indignada.

- Mas onde foi você buscar uma coisa dessas?
- Em parte alguma. Foi inspiração do momento.
- Acho que é idiotice e uma blasfêmia.

– Eu só queria dizer-lhe que a abnegação é uma paixão tão avassaladora que, a seu lado, até mesmo a luxúria e a fome pareceram insignificantes. Impele a vítima à destruição, na mais alta afirmação da personalidade. O objeto não tem importância; pode ser ou não ser merecedor do sacrifício. Nenhum vinho é tão intoxicante, nenhum amor tão destruidor, nenhum vício tão subjugante. Quando um homem se sacrifica, ele é maior que Deus. Pois como poderia Deus, infinito e onipotente, sacrificar-se? Quando muito pode sacrificar seu filho unigênito.

– Oh! céus, como você me enfada! – exclamou Isabel. Não liguei ao comentário.

– Como pode você achar que bom senso ou prudência influenciarão Larry, quando ele se encontra sob o domínio de tal paixão? Você não sabe que coisa esteve ele buscando durante todos esses anos. Também não sei, mas desconfio. Todo seu trabalho, todos os conhecimentos que ele armazenou não pesam na balança agora que se opõem ao seu desejo – oh! é mais que um desejo, a imperiosa necessidade de salvar a alma de uma mulher dissoluta que ele conheceu como criança inocente. Estou de pleno acordo com você, acho que ele está empreendendo inútil tarefa; com sua fina sensibilidade, vai sofrer torturas; o trabalho de sua vida, seja ele qual for, deixará de ser feito. O ignóbil Páris matou Aquiles atirando-lhe uma flecha no calcanhar. A Larry falta esta pequena nota de crueldade, que mesmo os santos precisam ter para conseguir a sua auréola.

– Eu o amo – disse Isabel. – Deus é testemunha que nada quero dele. Nada espero. Não existe amor mais desinteressado do que o meu, ele vai ser tão infeliz!...

Começou a chorar; achando que isso lhe faria bem, deixei-a em paz. Distraí-me com a ideia que tão inesperadamente me ocorrera. Brinquei com ela. Não pude deixar de refletir que, ao ver as cruéis garras desencadeadas pela cristandade, as perseguições,

as torturas que cristãos inflingiram em cristãos, a maldade, a hipocrisia, a intolerância, ao ver essas coisas o demônio deve examinar o balanço com certa satisfação. E, ao lembrar-se de que tudo isto fez cair sobre a humanidade o pesado fardo da noção do pecado – noção que obscureceu a beleza da noite estrelada e atirou funesta sombra sobre as fugazes alegrias de um mundo feito para ser apreciado –, o diabo há de rir lá no seu íntimo, murmurando: “Dai ao Demo o seu quinhão”.

Dali a pouco Isabel tirou da bolsa um lenço e um espelhinho e enxugou com cuidado o canto dos olhos.

– Você é muito compreensivo, não é? – disse secamente.

Fitei-a, pensativo, mas não respondi. Ela empoou o rosto e pintou os lábios.

– Agora há pouco você disse que tinha uma ideia do que foi que Larry esteve procurando durante todos estes anos. O que quis dizer com isso?

– Bom, é apenas uma suposição, e talvez eu esteja redondamente enganado, mas acho que ele esteve procurando uma filosofia, ou talvez uma religião, e uma norma de vida que lhe satisfaça tanto o cérebro como o coração.

Isabel refletiu durante alguns momentos. Depois suspirou.

– Não acha estranho que um rapaz do interior criado em Marvin, Illinois, tenha dessas ideias?

– Não mais estranhável do que o fato de ter Luther Burbank, que nasceu numa fazenda de Massachusetts, conseguido produzir uma laranja sem semente, ou de ter Henry Ford, que nasceu numa fazenda de Michigan, inventado uma *Tin Lizzie*.

– Mas essas coisas são práticas. Isto está na tradição americana.

Ri-me.

– Acha você que pode haver no mundo coisa mais prática do que aprender a viver da melhor maneira possível?

Isabel fez um gesto de lassidão.

– O que acha então que devo fazer? – perguntou-me.

– Você não quer perder Larry completamente, quer? Ela sacudiu a cabeça.

– Pois bem, você sabe como ele é leal. Se uma pessoa não quiser saber da mulher dele, ele não quererá saber desta pessoa. Se você tiver um pouco de inteligência, trate de fazer amizade com Sophie. Esqueça o passado e procure ser gentil, como você sabe ser, quando se dispõe a isso. Ela vai casar-se e com certeza terá que comprar algumas roupas. Por que não se oferece para acompanhá-la? Creio que ficaria encantada com a proposta.

Isabel ouvia de sobrelhas contraídas, parecendo muito atenta ao que eu dizia. Refletiu durante alguns minutos, mas não pude adivinhar seus pensamentos. Fiquei surpreso com o que em seguida me disse.

– Você quer convidá-la para almoçar? Ficaria esquisito eu fazê-lo, depois de tudo o que ontem disse a Larry.

– Você se comportará se eu a convidar?

– Como um anjinho – respondeu Isabel com o mais insinuante dos seus sorrisos.

– Então vamos decidir isso agora mesmo.

Havia um telefone na sala. Não me foi difícil encontrar o número de Sophie; após a demora que aqueles que usam o telefone na França aprendem a suportar com paciência, consegui falar-lhe. Dei-lhe o meu nome.

– Acabo de chegar a Paris e ouvi dizer que você e Larry vão casar-se – disse eu. – Meus parabéns. Desejo que sejam muito felizes. – Tive que conter um grito, pois Isabel, que estava a meu lado, me deu um violento beliscão no braço. – Vou ficar muito pouco tempo aqui e gostaria que você e Larry viessem almoçar comigo depois de amanhã, no Ritz. Vou também convidar Gray, Isabel e Elliott Templeton.

– Vou perguntar a Larry. Ele está aqui – disse Sophie. Houve uma pausa. – Sim, iremos com muito prazer.

Marquei a hora, fiz uma observação delicada qualquer e coloquei o fone no gancho. Notei nos olhos de Isabel uma expressão que me causou certa apreensão.

– Em que está pensando? – perguntei. – Não gosto nada de seu jeito.

– Sinto muito; pensei que fosse em mim uma das coisas que você apreciasse.

– Você não está maquinando nenhum plano nefasto, Isabel?

Ela arregalou os olhos.

– Juro-lhe que não. Para ser franca, estou curiosíssima para ver como está Sophie, agora que Larry a converteu. Só peço a Deus que ela não apareça no Ritz com uma máscara de pintura no rosto.

5

Minha reuniãozinha não correu assim tão mal. Gray e Isabel foram os primeiros; Larry e Sophie chegaram cinco minutos depois. Isabel e Sophie beijaram-se afetosamente; Isabel e Gray felicitaram a noiva. Notei o olhar avaliador que Isabel lançou a Sophie. Sua aparência chocou-me. Quando eu a vira naquela espelunca da Rue de Lappe escandalosamente pintada, com seus cabelos tintos e vistosa jaqueta verde, embora estivesse com aparência atroz, e muito bêbada, havia nela um quê de provocante e até mesmo de vilmente sedutor; mas agora não tinha a mínima graça e, embora fosse um ano ou dois mais moça que Isabel, parecia bem mais velha. Ainda tinha aquela airosa inclinação de cabeça, mas, não sei por quê, isso agora me pareceu patético. Estava deixando o cabelo voltar à cor natural, e notei aquele ar de desmazelo que tem todo cabelo tinto quando começa a crescer. A não ser por um traço rubro nos lábios, estava sem pintura alguma. Pele áspera e de palidez doentia. Lembrei-me do verde vivíssimo dos olhos, agora desbotados e cinzentos. Estava de vestido vermelho, evidentemente novo em folha, com chapéu, sapatos e bolsa combinando. Não tenho a pretensão de entender de trajes femininos, mas pareceram-me exagerados e complicados demais para a ocasião. Ostentava na blusa uma vistosa joia de fantasia, como as que a gente compra na Rue Rivoli. Ao lado de Isabel – de vestido de seda preto, colar de pérolas cultivadas e chapéu elegantíssimo – tinha uma aparência vulgar e desalinhada.

Encomendei coquetéis, mas Larry e Sophie recusaram. Nisso Elliott chegou. Sua passagem pelo vasto *foyer* foi, no entanto, perturbada pelas mãos que ele teve que apertar e as mãos que teve de beijar, à medida que, uma após outra, ia vendo pessoas suas conhecidas. Agia como se o Ritz fosse sua residência particular e ele estivesse agradecendo aos hóspedes por lhe terem aceito o convite. Isabel nada lhe contara sobre Sophie, a não ser

que perdera o marido e o filho num desastre de automóvel e estava noiva de Larry. Quando finalmente chegou à nossa mesa, ele felicitou-os com a complicada afabilidade em que era mestre. Fomos para o salão de jantar. Como éramos quatro homens e duas senhoras, coloquei Isabel e Sophie em frente uma da outra, na mesa redonda, ficando Sophie entre Gray e eu – mas o tamanho da mesa permitia uma conversa geral. Eu já encomendara o almoço e o *sommelier* apareceu com a lista dos vinhos.

– Você não entende patavina de vinhos, caro amigo – disse Elliott. – Dê-me a lista, Albert. – Virou as folhas e continuou: – Só bebo água de Vichy, mas não suporto ver uma pessoa tomando um vinho que não seja perfeito.

Ele e Albert eram velhos amigos e depois de animada discussão decidiram que vinho devia eu oferecer aos meus convidados. Elliott virou-se para Sophie.

– E onde vai passar a lua de mel, minha querida? Olhou de relance para o vestido dela, e pelo quase imperceptível erguer das sobrancelhas percebi que a impressão não fora favorável.

– Na Grécia.

– Há dez anos que estou querendo fazer essa viagem

– disse Larry. – Mas, não sei por quê, até hoje não foi possível.

– Deve ser lindo, nesta época do ano... – disse Isabel com certo entusiasmo.

Lembrou-se, como eu me lembrei, de que fora para lá que Larry pensara em levá-la, quando quisera casar-se com ela. Ir para a Grécia na lua de mel parecia uma ideia fixa de Larry.

A conversa não era fácil e eu teria me visto em apuros se não fosse por Isabel. Ela estava se comportando admiravelmente. Todas as vezes que a ameaça de um silêncio pairava sobre nós, e eu quebrava a cabeça à procura de um tópico novo para introduzir na conversa, lá vinha ela com o seu espontâneo tagarelar. Fiquei-lhe grato. Sophie quase não falou, a não ser quando lhe dirigiam a palavra, e mesmo isso parecia ser-lhe um esforço. Perdera completamente a vivacidade. Era como se alguma coisa tivesse morrido dentro dela, e perguntei a mim mesmo se Larry não a

estaria obrigando a uma tensão exagerada. Se eu acertara ao supor que, além de beber, ela fazia uso de entorpecentes, a repentina privação devia ter deixado seus nervos em mísero estado. Às vezes eu interceptava um olhar entre eles. No de Larry eu via ternura e estímulo, mas no dela uma súplica que achei patética. É possível que, com sua bondade, Gray tenha instintivamente sentido aquilo que eu julguei ver, pois começou a contar-lhe como Larry lhe curara as enxaquecas que o tinham inutilizado, explicando-lhe como se tornara dependente dele e quanto lhe ficara grato.

– Agora estou novo em folha – continuou. – Assim que arranjar emprego, vou recomeçar a trabalhar. Estou trançando os meus pauzinhos e tenho esperança de conseguir alguma coisa dentro em breve. Céus, como vai ser bom voltar para a América!

Gray era bem-intencionado, mas dava mostras de pouco tato se, como eu supunha, Larry estava tentando curar Sophie do seu adiantado alcoolismo pelo mesmo método de sugestão (pois era assim que eu considerava) que tanto resultado dera com Gray.

– Acabaram-se as enxaquecas, Gray? – perguntou Elliott.

– Há três meses que não tenho uma dor de cabeça e, quando acho que uma se anuncia, agarro o meu talismã e não sinto mais nada – respondeu ele. Procurou no bolso a moeda antiga que Larry lhe dera e acrescentou: – Não o venderia nem por um milhão de dólares.

Acabamos o almoço. Serviram-nos o café. O *sommelier* apareceu de novo e perguntou se queríamos licores. Recusamos, com exceção de Gray, que aceitou um conhaque. Quando veio a garrafa, Elliott fez questão de examiná-la.

– Sim, recomendo este aqui. Não lhe fará mal nenhum.

– Um calicezinho para monsieur? – perguntou o *sommelier*.

– Infelizmente não. Estou proibido.

Elliott contou-lhe um tanto extensamente que estava sofrendo dos rins e que o médico lhe proibira bebidas alcoólicas.

– Uma gota de zubrovka não fará mal a monsieur. Não há quem não saiba que é bom para os rins. Acabamos de receber

uma remessa da Polônia.

– Verdade? É artigo difícil de se obter hoje em dia. Deixe-me ver a garrafa.

O *sommelier*, um sujeito imponente e circunspecto, com uma longa corrente de prata em volta do pescoço, foi buscar a garrafa, e Elliott explicou-nos que se tratava do tipo polonês de vodca, se bem que infinitamente superior.

– Costumávamos tomá-lo na casa dos Radziwill, quando eu me hospedava com eles na estação de caça. Vocês precisavam ver como o tomavam aqueles príncipes poloneses; não exagero ao dizer que bebiam aos copos, e absolutamente não se alteravam. Sangue bom, naturalmente; aristocratas até a ponta dos dedos. Sophie, você precisa experimentar, e você também, Isabel. É uma oportunidade que ninguém tem o direito de desprezar.

Veio a garrafa. Larry, Sophie e eu resistimos à tentação, mas Isabel disse que gostaria de experimentar. Admirei-me, pois em geral bebia pouco, e naquele dia já tomara dois coquetéis e dois ou três copos de vinho. O garçom serviu-lhe um cálice de um líquido verde-claro, Isabel cheirou-o.

– Oh! que perfume delicioso!

– Não é mesmo? – exclamou Elliott. – É devido às ervas que entram na composição; são elas que lhe dão tão delicado paladar. Vou tomar uma gota, só para lhe fazer companhia. Por uma vez não me fará mal.

– É adorável – disse Isabel. – É como leite materno. Nunca tomei coisa mais deliciosa.

Elliott levou o cálice aos lábios.

– Oh! como isto me faz lembrar os velhos tempos! Vocês, que nunca se hospedaram com os Radziwill, não sabem o que é viver. Aquilo, sim, era estilo. Feudal, saibam vocês. A gente poderia julgar-se na Idade Média. Na estação, à espera, uma carruagem com seis cavalos e lacaios. E, ao jantar, um criado de *libré* atrás de cada pessoa.

Continuou a descrever a magnificência e o luxo do castelo, e a suntuosidade das festas; a tal ponto que desconfieei, talvez sem

razão, de que tudo aquilo fosse combinação entre ele e o *sommelier*, para Elliott ter oportunidade de discursar sobre a grandiosidade dessa principesca família e dos aristocratas poloneses com quem convivera em seus próprios castelos. Ele estava agora a todo pano.

– Mais um cálice, Isabel?

– Oh! não me atrevo. Mas é adorável. Estou contentíssima por ter ficado conhecendo esta bebida. Gray, você precisa arranjar-me uma garrafa.

– Mandarei uma para o apartamento.

– Oh! tio Elliott, manda mesmo? – exclamou Isabel entusiasmada. – O senhor é tão bom para nós! Você precisa experimentar, Gray; tem um perfume de feno recém-cortado e flores primaveris, de tomilho e alfazema; e é tão agradável ao paladar! É como ouvir música numa noite enluarada.

Era contra o feitio de Isabel falar por paus e por pedras, e fiquei a cogitar se não estaria um pouquinho “alegre”. A reunião chegou ao fim. Apertei a mão de Sophie.

– Para quando é o casamento?

– Sem ser na próxima semana, na outra. Espero que nos dê o prazer de comparecer.

– Infelizmente creio que não estarei em Paris. Parto amanhã para Londres.

Enquanto eu me despedia dos meus outros convidados, Isabel chamou Sophie à parte e conversou com ela durante alguns segundos; virou-se em seguida para Gray.

– Oh! Gray, não vou já para casa. Há uma exposição em Molyneux, e Sophie precisa ver os modelos novos.

– Com muito prazer – disse Sophie.

Separamo-nos. Nesta noite levei Suzanne Rouvier para jantar e na manhã seguinte parti para a Inglaterra.

6

Elliott chegou ao Claridge quinze dias mais tarde; pouco depois passei por lá, para vê-lo. Ele encomendara inúmeros ternos e, com uma verbosidade que me pareceu excessiva, contou-me detalhadamente tudo que escolhera, e por quê. Quando finalmente tive oportunidade de dizer alguma coisa, perguntei-lhe que tal fora o casamento.

– Não houve casamento – respondeu lugubrememente.

– O que me diz?!

– Três dias antes da data marcada, Sophie desapareceu. Larry procurou-a por toda parte.

– Que coisa esquisita! Tinham brigado?

– Não. Pelo contrário. Estava tudo combinado. Eu ia levá-la à igreja. Pretendiam tomar o Expresso do Oriente logo depois da cerimônia. Se quer que lhe fale com franqueza, acho que Larry se livrou de boa.

Julgando que Isabel teria contado tudo a Elliott, perguntei:

– Que foi exatamente que aconteceu?

– Pois bem, lembra-se daquele dia do seu almoço, no Ritz?

Isabel foi com ela até Molyneux. Reparou no vestido de Sophie? Deplorável. Que ombros... É pela linha dos ombros que a gente conhece se o vestido está benfeito ou não. A coitadinha, é lógico, não podia pagar os preços de Molyneux, mas você sabe como Isabel é generosa, e afinal de contas elas se conhecem desde meninas, de modo que Isabel lhe ofereceu um vestido, para ela ter pelo menos alguma coisa decente para usar no dia do casamento.

Sophie, naturalmente, pegou no ar. Pois bem, para encurtar uma longa história, Isabel convidou-a para vir ao apartamento, em determinado dia, às três horas, para irem juntas à última prova. Ela veio, mas infelizmente Isabel tivera que sair para levar uma das crianças ao dentista e só voltou depois das quatro horas, não

encontrando mais Sophie no apartamento. Pensando que ela se cansara de esperar e fora para Molyneux, Isabel dirigiu-se imediatamente para lá; mas nem sinal de Sophie! Finalmente Isabel desistiu e voltou para casa. Tinham combinado jantar todos juntos e, quando Larry apareceu, a primeira coisa que Isabel lhe perguntou foi onde estava Sophie.

Larry não sabia de nada. Telefonou para o apartamento dela e, não obtendo resposta, disse que iria até lá. Atrasaram o jantar o máximo possível, mas, como nenhum dos dois apareceu, Gray e Isabel jantaram sozinhos. Você sabe, naturalmente, que tipo de vida Sophie levava quando vocês a encontraram na Rue de Lappe; foi muito infeliz aquela sua ideia de levá-los lá. Pois bem, Larry passou a noite toda percorrendo os antros que ela frequentara, mas não a encontrou em parte alguma. Foi várias vezes ao apartamento, e a *concierge* disse que ela não aparecera. Evaporara-se, pura e simplesmente. Larry passou três dias procurando-a; no quarto dia voltou novamente ao apartamento e a *concierge* lhe disse que ela viera, fizera a mala e fora-se num táxi.

– Larry ficou muito abalado?

– Não o vi. Isabel disse-me que sim.

– Sophie não escreveu, ou deixou recado?

– Nada.

Refleti sobre o assunto.

– O que pensa você de tudo isso? – perguntei.

– Caro amigo, exatamente o que você pensa. Ela não aguentou; e caiu de novo na bebedeira.

Isto era claro, mas mesmo assim estranho. Não pude compreender por que escolhera justamente aquele momento para fugir.

– E que me diz de Isabel?

– Naturalmente sentiu o que se passou, mas é uma pequena sensata e disse-me que sempre achara que seria um desastre Larry casar-se com uma mulher dessas.

– E Larry?

– Isabel tem sido muito boa para ele. Diz que o que dificulta a situação é o fato de ele não querer discutir o caso. Larry se conformará, pode ficar certo; diz Isabel que ele nunca esteve apaixonado por Sophie. Ia casar-se com ela apenas por um sentimento de mal compreendido cavalheirismo.

Imaginei Isabel fazendo-se de forte diante de um acontecimento que no íntimo lhe causara viva satisfação. Sabia perfeitamente que da próxima vez que nos víssemos ela não deixaria de me dizer que soubera perfeitamente o que iria acontecer.

Mas passou-se quase um ano sem que eu a visse e, embora nesta ocasião eu pudesse contar-lhe a respeito de Sophie certas coisas que lhe teriam dado que pensar, não achei a ocasião propícia. Fiquei em Londres até as vésperas do Natal e depois, desejando voltar para casa, fui diretamente para a Riviera, sem parar em Paris. Comecei a escrever um romance e nos meses seguintes vivi recluso. De vez em quando via Elliott. Seu estado de saúde piorava visivelmente e fiquei penalizado ao verificar que persistia em levar vida social. Aborrecia-se comigo por eu não querer viajar cinquenta quilômetros para comparecer às reuniões que continuava a dar frequentemente em sua casa. Achava que era muita pretensão da minha parte preferir ficar em casa trabalhando.

– A estação está excepcionalmente elegante, caro amigo – disse-me ele. – É um crime você fechar-se em casa, sem nada ver do que se passa pelo mundo. E, mesmo que eu chegue aos cem anos de idade, jamais poderei compreender como é que você foi escolher, para morar, uma parte da Riviera completamente fora de moda

Pobre tolo e bondoso Elliott! Aos cem anos é que ele não chegaria.

Em junho eu já terminara o esboço geral do meu romance e achei que merecia umas férias. Enfie, portanto, umas roupas numa maleta e entrei no naviozinho de vela de onde, no verão, costumávamos nos atirar na Baie des Fosses, para o banho, e

seguimos pela costa, em direção a Marselha. Havia apenas uma viração inconstante, de modo que a maior parte do tempo tínhamos que nos valer do motor auxiliar. Passamos uma noite na baía, em Cannes, outra em Sainte Maxime e uma terceira em Sanary. Chegamos depois a Toulon, porto que sempre amei. Os vapores da esquadra francesa dão-lhe um ar ao mesmo tempo romântico e amigo, e nunca me canso de vaguear por aquelas velhas ruas. Posso demorar-me horas no cais, a observar os marinheiros de folga, que passam aos pares ou com suas namoradas, ou os civis que vão de lá para cá como se não tivessem outra preocupação na vida a não ser gozar as delícias do sol. Devido a todos esses navios e às balsas que levam a inquieta multidão aos diversos lugares da baía, Toulon dá a impressão de um ponto terminal para onde convergem todos os caminhos do vasto mundo; e, quando você se senta num café, de olhos ligeiramente ofuscados pelo fulgor do mar e do céu, a imaginação empreende maravilhosas viagens às mais remotas partes do globo. Você pula de uma chalupa para uma praia de coral debruada de coqueiros, no Pacífico; passa da escada de bordo para o cais de Rangoon e entra num jinriquixá; observa, do mais alto tombadilho, a ruidosa e gesticulante multidão de negros, quando o seu vapor atraca em Porto Príncipe.

Quando chegamos, a manhã já ia alta; no meio da tarde desembarquei e andei pelo cais, olhando as lojas, as pessoas que passavam por mim e as que estavam sentadas sob o toldo dos cafés. De repente vi Sophie e ao mesmo tempo ela me viu. Cumprimentou-me sorrindo. Parei para apertar-lhe a mão. Estava sozinha a uma mesa, com um copo vazio à frente.

– Sente-se e tome alguma coisa comigo – disse-me ela.

– Tome você comigo – repliquei, puxando uma cadeira.

Ela usava a blusa de listas azuis e brancas dos marinheiros franceses, calça vermelha e sandálias que deixavam à mostra as unhas pintadas dos seus dedos grandes. Estava sem chapéu; os cabelos curtíssimos e ondulados eram de um dourado tão pálido que tinham um fulgor de prata. Estava pintada com o mesmo

exagero de quando a tínhamos visto na Rue de Lappe. Já tomara um ou dois drinques, a julgar pelo pires na mesa, mas estava sóbria. Minha presença não pareceu desagradar-lhe.

– Como vão todos em Paris? – perguntou-me.

– Creio que vão bem. Não vi nenhum deles desde aquele dia em que almoçamos no Ritz.

Ela soltou uma nuvem de fumaça pelo nariz e começou a rir.

– Não me casei com Larry, afinal de contas.

– Sei disso. Por que não?

– Querido, quando chegou a hora, não pude ver-me no papel de Maria Madalena em relação ao seu Jesus Cristo. Não, senhor!

– Que foi que a fez mudar de ideia no último momento?

Ela fitou-me com ar zombeteiro. Assim vestida, com aquela ousada inclinação de cabeça, seios pequeninos e ancas finas, parecia um perverso rapazinho; mas confesso que a achei muito mais atraente do que no Ritz, de vestido vermelho com o seu lúgubre ar de elegância provinciana. Tinha o rosto e o pescoço bem queimados de sol; e, embora o marrom da pele tornasse mais agressivos o carmim das faces e o rímel das pestanas, na sua vulgaridade o efeito não deixava de ter certo encanto.

– Quer que lhe conte?

Inclinei afirmativamente a cabeça. O garçom trouxe a cerveja que eu pedira para mim e um conhaque com seltzer para Sophie. Ela acendeu um *caporal* em outro que acabara de fumar e disse:

– Fazia três meses que eu não tomava uma gota de álcool. Que não fumava. – Ao notar minha expressão de surpresa, riu e continuou: – Não me refiro a cigarros. Ópio. Sentia-me pessimamente. Às vezes, quando estava só, eu gritava como uma desesperada. Dizia: “Não posso continuar, não posso continuar”. Quando Larry estava presente não era tão duro, mas quando ele se ausentava era um inferno.

Eu tinha os olhos nela e, quando falou em ópio, observei-a mais atentamente; notei as pupilas como cabecinhas de alfinete, que indicavam que se entregara novamente ao vício. Olhos assustadoramente verdes.

– Isabel ia me fazer presente do vestido de casamento. Que fim terá levado? Era um amor. Tínhamos combinado ir juntas a Molyneux, devendo eu pegá-la em sua casa. Nisto faço justiça a Isabel: o que ela não entende de roupas ninguém entende. Quando cheguei ao apartamento, aquele criado que eles têm lá me disse que Isabel fora levar Joan ao dentista e deixara recado que voltaria logo. Entrei na sala. A bandeja do café ainda ali estava e perguntei ao criado se eu podia tomar uma xícara. Café era a única coisa que me animava. Ele disse que me traria café fresco e levou embora as xícaras e o bule. Deixou uma garrafa na bandeja. Vi que se tratava daquele negócio polonês que vocês tanto tinham comentado no Ritz.

– Zubrovka. Lembro-me de Elliott ter dito que mandaria um pouco para Isabel.

– Vocês todos tinham feito um estardalhaço sobre o perfume delicioso e fiquei curiosa. Tirei a rolha e cheirei. Tinham razão; cheirava bem, de fato. Acendi um cigarro; dali a pouco o criado chegou com o café. Também isto achei bom. Falam tanto do café francês; que fiquem com ele! Para mim não há como o americano. É a única coisa de que sinto falta aqui. Mas o café de Isabel não era mau; eu estava desanimadíssima e depois de uma xícara me senti melhor. Olhei a garrafa, ali à mostra. Terrível tentação. Mas disse a mim mesma: “Com os diabos, não vou pensar nisto”, e acendi outro cigarro. Achei que Isabel não poderia tardar; e no entanto não chegava. Fiquei nervosíssima; detesto ter que esperar e não havia na sala nada para se ler. Andei de lá para cá, a examinar os quadros, mas o tempo todo via aquela maldita garrafa. Depois resolvi encher um cálice e olhar. Tinha uma linda cor.

– Verde-claro.

– Isso mesmo. Esquisito, a cor era exatamente como o perfume. Talo verde que às vezes a gente vê no coração de uma rosa branca... Eu *tinha* que experimentar se o gosto era igual, e achei que só experimentar não me faria mal. Pretendia tomar apenas um gole; nisso ouvi um ruído, pensei que fosse Isabel e

engoli tudo, pois não queria que ela me apanhasse em flagrante. Mas afinal de contas não era Isabel. Céus, como aquilo me reanimou! Não me sentia tão bem desde que aderira à Lei Seca. Criei alma nova. Se Isabel tivesse aparecido nesse momento, com certeza eu estaria hoje casada com Larry. Não sei qual teria sido o resultado.

– E ela não apareceu?

– Não. Fiquei furiosa. Quem pensava ela que era fazendo-me esperar daquele jeito? E então vi que o cálice estava cheio outra vez; com certeza eu o enchera sem pensar; mas, acredite-me você ou não, eu o fizera inconscientemente. Pareceu-me tolice deitar de novo o líquido na garrafa; bebi-o. Delicioso; disso não há dúvida. Sentia-me outra; tinha vontade de rir, coisa que não me acontecera em três meses. Lembra-se de ter ouvido aquele velho mariquinhas dizer que vira sujeitos na Polônia beberem aos copos, sem se alterar? Pois bem, achei que eu podia aguentar aquilo que qualquer polonês filho da mãe aguentava; além do mais, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos! De modo que atirei na lareira o resto do meu café e enchi a xícara até a borda. Falar de leite materno... uma ova! Não sei exatamente o que aconteceu depois, mas não creio que tivesse sobrado muito na garrafa. Achei então melhor fugir antes de Isabel voltar. Quase que ela me apanha. Assim que saí pela porta da frente ouvi a voz de Joanie. Subi a correr as escadas e esperei até elas entrarem no apartamento; disparei depois para baixo e meti-me num táxi. Disse ao chofer que fosse a toda; quando ele me perguntou para onde, desatei a rir na cara dele. Estava no auge da alegria.

– Você voltou para o seu apartamento? – perguntei, embora soubesse que ela não voltara.

– Por que espécie de idiota me toma você? Eu tinha certeza de que Larry viria procurar-me. Não ousei ir a nenhum dos lugares que costumava frequentar e, portanto, fui ao Hakim. Sabia que ali Larry nunca me encontraria. Além do mais, estava querendo fumar.

– O que é Hakim?

– Hakim. Hakim é um argelino que sempre arranja ópio para quem tem os cobres para pagá-lo. Era muito meu amigo. Ele arranja o que a gente quer: um rapaz, um homem, uma mulher, um negro. Tem sempre uma meia dúzia de argelinos à disposição. Ali passei três dias. Não sei com quantos homens dormi. – Sophie começou a rir. – De todos os feitios, tamanhos e cores. Se recuperei o tempo perdido! Mas, sabe, eu tinha medo. Não me sentia segura em Paris, receando que Larry chegasse a encontrarme; além do mais, não tinha dinheiro; a gente tem que pagar aqueles cafajestes para dormir com a gente. Saí, portanto, de lá; voltei ao apartamento e dei à *concierge* cem francos, recomendando-lhe que, se viesse alguém perguntar por mim, dissesse que eu fora embora. Fiz minha mala e naquela noite tomei o trem para Toulon. Só me senti segura depois que cheguei aqui.

– E ficou aqui, desde então?

– Ora se!... e aqui vou continuar. A gente tem ópio à vontade, que os marinheiros trazem do Oriente; e é coisa boa, não aquela droga que vendiam em Paris. Tenho um quarto no hotel. Você conhece, o Commerce et la Marine. Quando a gente entra ali, de noite, os corredores recendem a ópio. – Sophie aspirou voluptuosamente. – Doce e acre; a gente sabe que os outros estão fumando nos seus quartos e isto dá uma gostosa sensação de intimidade. E ali não se importam que a gente traga esta ou aquela pessoa. Às cinco da manhã vêm bater à porta do quarto, para que os marinheiros possam voltar aos seus navios, de modo que ninguém precisa preocupar-se com isso. – Imediatamente, sem uma pausa, Sophie disse: – Vi um livro seu numa loja aqui do cais; se soubesse deste encontro, tê-lo-ia comprado e trazido para você autografá-lo.

Ao passar pela livraria eu parara para examinar a vitrina e vira realmente, entre outros livros novos, a tradução recém-publicada de um romance meu.

– Não creio que a interessasse muito – declarei.

– Por que não? Comunico-lhe que *sei* ler.

– E escrever também, creio.

Ela lançou-me um rápido olhar e desatou a rir.

– Sim, eu fazia poesias quando menina. Provavelmente eram péssimas, mas eu as achava muito bonitas. Com certeza foi Larry quem lhe contou. – Sophie hesitou por um momento. E depois:

Seja como for, a vida é um inferno, mas, se há nela alguma coisa para se gozar, trouxa é aquele que não se aproveita. – Atirou a cabeça para trás em atitude desafiadora e perguntou-me: – Se eu comprar aquele livro, você escreve nele alguma coisa?

– Devo partir amanhã. Se você quer mesmo o livro, arranjo-lhe um exemplar e deixo-o no seu hotel.

– Ótimo.

Nesse momento uma lancha da Marinha chegou ao cais; desceram vários marinheiros. Sophie examinou-os com o olhar.

– Lá vem meu amiguinho. – Acenou para alguém e continuou: – Você pode oferecer-lhe um trago e depois é melhor dar o fora. Ele é corso, e ciumento como o nosso velho amigo Jeová.

Um rapaz dirigiu-se para o nosso lado, hesitou ao ver-me, mas a um aceno de Sophie aproximou-se. Era alto, trigueiro; barba feita, maravilhosos olhos pretos, nariz aquilino e cabelos ondulados, negros como carvão. Não parecia ter mais de vinte anos.

Sophie apresentou-me como amigo de infância, americano.

– Pouco inteligente, mas bonito – disse-me ela.

– Você gosta dos brutos, não gosta?

– Quanto mais, melhor.

– Um destes dias alguém lhe corta o pescoço.

– Não duvido – replicou ela sorrindo. – Não se perderá grande coisa.

– Vamos falar francês, não vamos? – disse asperamente o marinheiro.

Sophie virou-se para ele com um sorriso em que havia um quê de zombaria. Falava corretamente o francês, empregando a gíria e com carregada pronúncia americana; mas isso dava aos termos

vulgares e obscenos que ela usava uma nota picante e cômica, que provocava o riso.

– Estava dizendo que você é belo, mas, para não constrangê-lo, disse-o em inglês. – E virando-se para mim:

– E é forte. Tem músculos de boxeador. Experimente.

A lisonja dissipou a taciturnidade do marinheiro; com um sorriso condescendente ele dobrou o braço para exhibir a musculatura.

– Apalpe – disse. – Vamos, apalpe.

Obedeci, exprimindo a devida admiração. Conversamos durante alguns minutos; depois paguei a conta e levantei-me.

– Já vou indo.

– Tive muito prazer em vê-lo. Não se esqueça do livro.

– Não me esquecerei.

Apertei a mão de ambos e afastei-me. No caminho parei na livraria, comprei o romance e nele escrevi o nome de Sophie e o meu. Depois, por ter a ideia me ocorrido de repente e por falta de melhor inspiração, escrevi o primeiro verso da linda poesia de Ronsard que se encontra em todas as antologias:

“Mignonne, allons voir si la rose...”

Deixei o livro no hotel. Fica ele no cais, e muitas vezes ali me hospedei, pois de madrugada, quando o toque do clarim chama ao dever os homens que tiveram folga durante a noite, é lindo a gente ver o sol erguer-se nubladamente sobre as macias águas da baía, emprestando aos navios espetrais uma beleza amortalhada. No dia seguinte rumamos para Cassis, onde eu queria comprar alguns vela nova que tínhamos encomendado. Uma semana mais tarde voltei para casa.

7

Encontrei recado de Joseph, criado de Elliott: seu patrão estava de cama e desejava ver-me. Assim sendo, no dia seguinte fui de automóvel para Antibes. Antes de me levar para cima, Joseph contou-me que Elliott tivera um ataque de uremia e que o médico considerava grave o seu estado. Passada a crise ele melhorara, mas os rins estavam atacadíssimos e não se podia absolutamente esperar um completo restabelecimento. Fazia quarenta anos que Joseph estava a serviço de Elliott e sua dedicação era inegável; mas, embora se mostrasse compungido, notava-se-lhe a satisfação com que – como geralmente acontece com membros da sua classe – ele recebia a catástrofe em casa.

– *Ce pauvre monsieur* – suspirou ele. – Sem dúvida alguma tinha as suas manias, mas no fundo era boa pessoa. Cedo ou tarde o nosso dia chega mesmo. Falava como se Elliott estivesse exalando o último suspiro.

– Tenho certeza de que ele garantiu o seu futuro, Joseph – disse eu em tom grave.

– Esperamos – respondeu ele lugubrementemente.

Ao entrar no quarto, admirei-me por encontrar Elliott todo lépido. Estava pálido e envelhecido, mas animado.

Barba feita, cabelo bem penteado. Usava pijamas de seda de um azul pálido; no bolso, suas iniciais, encimadas pela coroa de conde. Em ponto muito maior, e novamente com a coroa, notei as iniciais bordadas na dobra do lençol de cima.

Perguntei-lhe como ia passando.

– MUITÍSSIMO BEM – respondeu-me alegremente. – Trata-se de uma indisposição passageira. Espero estar de pé e novamente em circulação dentro de poucos dias. No domingo o grão-duque Oimitri vem almoçar comigo e eu disse ao meu médico que, custe o que custar, tem que me pôr bom até lá.

Passei meia hora em sua companhia e, ao sair, pedi a Joseph que me avisasse caso ele tivesse uma recaída. Fiquei admirado quando, uma semana mais tarde, ao ir almoçar com uns vizinhos, dei com Elliott. Assim em trajes de passeio estava com péssima aparência.

– Você não devia ter saído de casa, Elliott – disse-lhe eu.

– Oh! tolice, caro amigo. Frieda está esperando a princesa Mafalda. Conheço a família real da Itália há anos, desde que a coitada da Louisa estava *en poste* em Roma, e eu não podia deixar a pobre Frieda em apuros.

Fiquei sem saber se deveria admirar sua indômita coragem, ou lamentar o fato de, na sua idade e gravemente enfermo, conservar ainda aquela paixão pela vida social. Ninguém o julgaria um homem doente. A exemplo do ator agonizante que, de rosto pintado, se esquece no palco de suas dores e seus males, Elliott representava o papel de fino cortesão com a costumeira segurança. Era extraordinariamente amável, lisonjeiramente atencioso para com as pessoas que mereciam tal tratamento, divertindo os convidados com aquela requintada ironia que era o seu forte. Brilhou como nunca. Quando Sua Alteza Real partiu (e foi um gozo observar a graça com que Elliott se inclinou diante dela, conseguindo aliar respeito por sua alta posição à admiração de um velho por uma moça bonita) não me causou surpresa ouvir a dona da casa dizer que ele fora a alma da festa.

Dias depois se viu obrigado a recolher-se ao leito, com expressa proibição do médico de sair do quarto. Elliott ficou exasperado.

– Pena isto ter acontecido justamente agora. A estação está excepcionalmente elegante – disse ele.

E me veio com uma longa lista de pessoas importantes que estavam passando o verão na Riviera.

Com intervalos de três ou quatro dias eu ia sempre visitá-lo. Às vezes o encontrava na cama, de outras estendido na *chaise longue*, metido num deslumbrante roupão. Parecia ter deles um

estoque inesgotável e não me lembro de o ter visto duas vezes com o mesmo. Numa dessas ocasiões – estávamos no começo de agosto – encontrei Elliott muito pensativo. Joseph me dissera, embaixo, que ele estava um pouco melhor; fiquei, portanto, admirado por vê-lo tão quieto. Procurei distraí-lo, repetindo os comentários sociais que ouvira ultimamente, mas vi perfeitamente que não estava interessado. Tinha o sobrolho carregado e expressão taciturna, coisa rara nele.

– Você vai à festa de Edna Novemali? – perguntou-me afinal.

– Não; claro que não.

– Foi convidado?

– Não há quem não tenha sido convidado na Riviera. A princesa Novemali era uma americana riquíssima que se casara com um príncipe romano, mas não um príncipe qualquer, desses de dois por um tostão que a gente encontra na Itália, e sim o chefe de uma família importante, descendente de um *condottiere* que no século xvi cavara para si próprio um principado. Era mulher de sessenta anos, viúva; quando o regime fascista começou a exigir uma parte muito gorda de suas rendas americanas, ela achou preferível abandonar a Itália e construir, num ótimo terreno atrás de Cannes, uma vila florentina. Mandara vir da Itália mármore para as paredes de seus vastos salões de recepção e pintores para decorarem o teto. Seus quadros e estátuas eram belíssimos e até mesmo Elliott, que não apreciava móveis italianos, se via obrigado a confessar que os dela eram magníficos. Lindo parque; a piscina devia ter custado uma fortuna. Ela recebia muito e à sua mesa nunca se sentavam menos de vinte pessoas. Resolvera dar um baile à fantasia em agosto, na noite de lua cheia, e, embora ainda faltassem três semanas, não se falava de outra coisa na Riviera. Haveria fogos, viria de Paris uma orquestra de pretos. Com invejosa admiração, os nobres exilados comentavam entre si que a festa ia custar mais do que eles tinham para gastar em um ano.

“Principesco”, diziam uns. “Loucura”, comentavam outros.

“Denota mau gosto”, rosnavam terceiros.

– O que é que você vai usar? – perguntou-me Elliott.

– Mas, Elliott, já lhe disse que não vou. Acha então que, na minha idade, vou me fantasiar?

– Ela não me convidou – disse ele em voz rouca, fitando-me com olhar angustiado.

– Oh! ela o convidará – respondi serenamente. – Com certeza nem todos os convites foram expedidos.

– Ela não me vai convidar – disse ele, com um soluço. – É um insulto propositado.

– Oh! Elliott, não creio. Garanto que foi esquecimento.

– Não sou pessoa de quem se esqueçam.

– Além do mais, você não estaria em condições de ir.

– Claro que estaria. A melhor festa da temporada! Mesmo que estivesse no meu leito de morte, eu me levantaria para ir. Vestiria o traje do meu antepassado, o conde de Lauria.

Fiquei em silêncio, por não saber o que dizer.

– Paul Barton veio ver-me pouco antes de você chegar – disse Elliott de repente.

Não posso esperar que o leitor se lembre de quem se trata, pois mesmo eu tive que virar essas páginas para ver que nome lhe dei. Paul Barton era o jovem americano que Elliott introduzira na sociedade inglesa, e que depois suscitara o seu ódio, por desdenhá-lo quando achara que Elliott não lhe poderia mais ser útil. Ultimamente Barton estivera em evidência, em primeiro lugar por ter-se naturalizado inglês, e depois por ter-se casado com a filha de um magnata da imprensa recentemente elevado a par do Reino. Com sua habilidade e a proteção de pessoa tão influente, com toda a certeza iria longe. Elliott estava amargado.

– Todas as vezes que acordo de noite e ouço um rato arranhando as paredes, digo: “Lá está Paul Barton, subindo”. Acredite-me, caro amigo, ele ainda acabará na Câmara dos Lordes. Graças a Deus não estarei vivo para ver urna coisa dessas.

– O que queria ele? – perguntei, pois tanto quanto Elliott eu sabia que aquele rapaz não fazia nada sem segunda intenção.

– Eu lhe conto o que ele queria! – rosnou Elliott. – Queria que eu lhe emprestasse a minha fantasia de conde de Lauria.

– Que topete!

– Não vê o que isso significa? Significa que ele sabia que Edna não me convidou, nem me ia convidar. Foi ela quem o instigou. Aquela vaca velha. Se não fosse por mim, ela nunca teria conseguido coisa alguma. Organizei suas festas. Apresentei-a a todas as pessoas com quem hoje se dá. Ela dorme com o chofer; você sabia disso, naturalmente. Revoltante! Paul Barton sentou-se aí nessa cadeira e me contou que ela vai mandar iluminar todo o jardim; que haverá fogos. Adoro fogos. E disse-me que Edna estava sendo a todo momento importunada por pessoas que queriam convites, mas que os negou, por querer que a festa seja excepcionalmente brilhante. Falou como se não houvesse a mínima probabilidade de eu ser convidado.

– Você vai lhe emprestar a fantasia?

– Prefiro vê-lo morto e no inferno. Quero ser enterrado com ela. – Elliott sentou-se na cama, balançando-se de um lado para outro, como uma mulher desatinada. – Oh! que maldade! – exclamou. – Odeio-os, odeio todos eles. Bem que me agradavam quando eu dava as minhas festas, mas agora que estou velho e doente não fazem mais caso de mim. Nem dez pessoas se deram ao trabalho de vir pedir notícias minhas, desde que caí de cama; e esta semana apenas um miserável ramalhete de flores! Fiz tudo por eles. Sentaram-se à minha mesa e beberam do meu vinho. Incumbi-me dos seus recados. Organizei suas festas. Sacrifiquei-me para lhes prestar favores. E o que lucrei com tudo isso? Nada, nada, nada.

Não há um deles que se importe que eu viva ou morra. Oh! que crueldade! – Elliott se pôs a chorar. Lágrimas grandes e pesadas correram-lhe pelas faces murchas. – Antes eu nunca tivesse saído da América!

Lamentável ver aquele velho, já com um pé na sepultura, chorar como uma criança por não ter sido convidado a uma festa; chocante, e ao mesmo tempo profundamente patético.

– Não se incomode, Elliott – disse eu. – Talvez chova na noite da festa. Isto escangalhará tudo.

Ele se agarrou às minhas palavras como o náufrago, de quem todos ouvimos falar, se agarrou à tabua de salvação. Começou a rir por entre as lágrimas.

– Não tinha pensado nisso. Rezarei para que chova, como até hoje não rezei. Você tem razão; escangalharia com tudo!

Falando de outros assuntos, consegui distrair sua mente frívola; quando parti, deixei-o, se não alegre, pelo menos bem mais sereno. Mas eu estava decidido a não permitir que a coisa ficasse nisso, de modo que, assim que cheguei em casa, telefonei a Edna Novemali, dizendo que tinha que ir a Cannes no dia seguinte e perguntando se podia ir almoçar em sua casa. Respondeu que teria muito prazer, mas que não haveria reunião. Apesar disso, quando lá cheguei encontrei dez pessoas, além da dona da casa. Não se podia dizer que Edna fosse má; era mesmo generosa e hospitaleira e seu único defeito grave era a sua língua venenosa. Não podia deixar de fazer comentários horríveis, mesmo a respeito de seus mais íntimos amigos, mas assim agia por ser muito pouco inteligente. Como suas frases venenosas eram geralmente repetidas, frequentemente ela estava de relações cortadas com as pessoas que tinham sido alvo de sua malícia; mas, como dava boas festas, depois de algum tempo quase todos achavam mais vantajoso perdoá-la. Eu não queria expor Elliott à humilhação de pedir a Edna que o convidasse à festa e esperei, portanto, para sondar o terreno. Ela estava animada com a perspectiva, e ao almoço não se falou em outra coisa.

– Elliott vai ficar encantado com a oportunidade de vestir sua fantasia de Filipe ii – disse eu com a maior despreocupação que me foi possível assumir.

– Não o convidei – disse ela.

– Por que não? – perguntei, fingindo surpresa.

– Por que havia eu de convidá-lo? Socialmente ele já não tem importância. E é um cacete, um esnobe, um linguarudo.

Uma vez que os qualificativos podiam igualmente ser aplicados a ela, achei aquilo um pouco forte. Idiota!

– Além disso, quero que Paul Barton use a fantasia de Elliott – continuou ela. – Há de lhe assentar divinamente.

Fiquei em silêncio, mas tomei a resolução de, custasse o que custasse, arranjar o convite pelo qual tanto suspirava o pobre Elliott. Depois do almoço Edna levou seus amigos para o jardim e tive assim a oportunidade desejada. Em certa ocasião eu ali me hospedara durante alguns dias e conhecia a disposição dos aposentos. Achei que deviam ter sobrado alguns convites e que estariam na sala da secretária. Escapuli para aquele lado, pretendendo enfiar um no bolso, escrever no envelope o nome de Elliott e mandá-lo em seguida pelo correio. Sabia que Elliott estava doente demais para comparecer, mas o fato de ser convidado teria suma importância para ele. Levei um choque quando, ao abrir a porta, dei com a secretária de Edna sentada à escrivaninha, pois a julgara ainda ao almoço. Era uma escocesa de meia-idade, chamada miss Keith, de cabelos cor de areia, rosto sardento, pincenê e ar de resoluta virgindade. Dominei-me.

– A princesa levou o grupo todo para o jardim, de modo que tive a ideia de vir fumar um cigarro com a senhora.

– À vontade.

Miss Keith falava com acentuada pronúncia escocesa e, quando condescendia em fazer uso do humor seco que reservava para os seus prediletos, chegava a fazer observações sumamente espirituosas; mas, quando a pessoa desatava a rir, ela a fitava com ar de consternada surpresa, como se a considerasse idiota por achar graça nos seus ditos.

– Com certeza a festa lhe está dando um trabalhão, miss Keith – disse eu.

– De fato. Nem sei para onde me virar.

Certo de que podia confiar nela, fui direto ao assunto.

– Por que é que a velha não convidou mr. Templeton? Miss Keith permitiu que um sorriso lhe abrandasse as feições.

– O senhor sabe como ela é. Tem uma queixa contra mr. Templeton. Ela mesma riscou o nome dele na lista.

– Elliott está morrendo, sabe. Não se levantará mais. Ficou sentidíssimo por ter sido excluído.

– Se ele queria continuar em bons termos de amizade com a princesa, devia ter tido a inteligência de não andar dizendo a todo mundo que ela dorme com o chofer. Ainda mais tendo ele mulher e três filhos.

– E ela dorme?

Miss Keith fitou-me por cima do pincenê.

– Sou secretária há vinte e um anos, prezado senhor, e sempre tive como norma acreditar que meus chefes são puros como a neve. Confesso que, quando uma de minhas patroas se viu grávida de três meses, tendo o lorde seu marido partido seis meses antes para caçar leões na África, minha fé sofreu rude golpe; mas ela fez uma viagensinha a Paris, e uma viagensinha bem cara, e tudo entrou nos eixos. Minha patroa e eu soltamos juntas um profundo suspiro de alívio.

– Miss Keith, não vim aqui para fumar um cigarro com a senhora. Vim surripiar um convite para mr. Templeton.

– Teria sido muito pouco escrupuloso da sua parte.

– De acordo. Seja camarada, miss Keith. Dê-me um convite.

Ele não virá, e isto irá causar enorme prazer ao pobre velho. A senhora não tem nada contra ele, tem?

– Não; sempre foi muito delicado comigo. É um cavalheiro; esta verdade eu digo dele – e é mais do que se pode dizer da maioria das pessoas que aqui vêm encher a pança à custa da princesa.

Todas as pessoas importantes têm, em sua companhia, um subordinado de confiança. Estes dependentes são muito susceptíveis e, quando não são tratados com a consideração a que se julgam com direito, com constantes e oportunas indiretas envenenam o espírito dos patrões contra as pessoas que incorreram no seu desagrado. Vale a pena a gente estar de bem com eles. Mais do que ninguém, Elliott sabia disso e sempre tinha

uma palavra amável ou um sorriso cordial para o parente pobre, a velha ama, a secretária de confiança. Eu tinha certeza de que muitas vezes ele tagarelara agradavelmente com miss Keith, e que no Natal não se esquecera de lhe mandar uma caixa de chocolates, um porta-pó ou uma bolsa.

– Vamos lá, miss Keith, seja boazinha.

Miss Keith firmou mais ainda o pincenê no nariz proeminente.

– Tenho certeza de que o senhor não deseja que eu proceda deslealmente para com a minha patroa, mr. Maugham; além do mais, aquela vaca velha me despediria se descobrisse que lhe desobedeci. Os convites estão na escrivaninha, dentro dos envelopes. Vou até a janela, em parte para espichar as pernas, ameaçadas de câimbra pelo fato de eu estar sentada há muito tempo, e em parte para admirar a beleza do panorama. Pelo que acontecer enquanto eu estiver de costas, nem Deus nem as criaturas poderão responsabilizar-me.

Quando miss Keith voltou ao seu lugar, o convite estava no meu bolso.

– Tive muito prazer em vê-la, miss Keith – disse eu estendendo-lhe a mão. – De que pretende fantasiar-se na noite da festa?

– Sou filha de um ministro, prezado senhor – replicou ela. – Deixo essas futilidades para as classes elevadas. Depois de certificar-me de que aos representantes do *Herald* e do *Mail* foi servida uma boa ceia e uma garrafa do nosso champanhe de segunda, meu dever estará cumprido e procurarei o refúgio do meu quarto, para gozar as delícias de um romance policial.

8

Dois dias mais tarde, quando fui visitar Elliott, encontrei-o todo sorridente.

– Olhe aqui – disse ele. – Chegou o meu convite. Recebi-o hoje de manhã. – Tirou o cartão debaixo do travesseiro e mostrou-mo.

– Vê que eu tinha razão – repliquei. – Seu nome começa com T. Com certeza só agora a secretária chegou a esta letra.

– Ainda não respondi. Vou responder amanhã. Experimentei urna sensação de pânico ao ouvi-lo dizer isto.

– Não quer que eu responda por você? Posso pôr no correio, quando sair daqui.

– Não; que ideia foi esta? Sou muito capaz de responder eu mesmo aos meus convites.

Felizmente, pensei, os envelopes seriam abertos por miss Keith e ela teria a inteligência de dar um sumiço naquele. Elliott tocou a campainha e disse:

– Quero mostrar-lhe a minha fantasia.

– Você não pretende ir, Elliott?

– Claro que pretendo. Não a usei desde o baile dos Beaumont.

Joseph apareceu e Elliott lhe disse que trouxesse a fantasia. Veio em papel de seda, dentro de uma caixa larga e chata. Meias compridas de seda branca, calções acolchoados, em lamê dourado com listras de cetim branco, gibão combinando, uma capa, um rufo para ser usado à volta do pescoço, gorro chato de veludo, e uma longa corrente de ouro de onde pendia a ordem do Tosão de Ouro. Percebi que fora copiada da suntuosa vestimenta de Filipe 11, no retrato por Ticiano, que está no Museu do Prado; e, quando Elliott me disse que era exatamente o traje que o conde de Lauria usara no casamento do rei da Espanha com a rainha da Inglaterra, não pude deixar de refletir que ele estava dando asas à imaginação.

Na manhã seguinte, quando eu estava tomando o meu café, chamaram-me ao telefone. Era Joseph, para me avisar que Elliott tivera outro ataque durante a noite. O médico, chamado às pressas, duvidava de que ele passasse daquele dia. Pedi o carro e fui para Antibes. Encontrei Elliott inconsciente. Ele se opusera terminantemente a que chamassem uma enfermeira, mas fiquei satisfeito por encontrar uma a seu lado. Fora mandada pelo médico e viera do hospital inglês que havia entre Nice e Beaulieu. Saí para telefonar a Isabel; com Gray e as crianças, ela fora passar o verão na modesta praia de La Baule. A distância era grande e receei que eles não chegassem a tempo. A não ser pelos dois irmãos de Isabel, que fazia anos Elliott não via, era ela sua única parenta viva.

Mas o desejo de viver era intenso nele, ou talvez os remédios do médico tivessem produzido efeito – o fato foi que melhorou durante o dia. Apesar de profundamente abatido, procurou fazer-se de forte e divertiu-se importunando a enfermeira com perguntas indecentes sobre sua vida sexual. Passei com ele grande parte da tarde; no dia seguinte, ao voltar, encontrei-o bem mais alegre, se bem que bastante fraco. A enfermeira não me permitiu ficar muito tempo a seu lado. Eu estava aborrecido por não ter recebido resposta ao meu telegrama. Não sabendo qual o endereço de Isabel em La Baule, mandara-o para Paris e receei que a *concierge* tivesse demorado a reexpedi-lo. Somente dois dias mais tarde me veio a resposta: eles iam embarcar imediatamente. Por cúmulo do azar Isabel e Gray tinham ido fazer uma excursão pela Bretanha e só naquele momento tinham recebido o meu telegrama. Examinei o horário dos trens e vi que não poderiam chegar senão dali a trinta e seis horas.

No dia seguinte de manhã Joseph telefonou-me novamente, dizendo que Elliott passara muito mal a noite e desejava ver-me. Dirigi-me para lá apressadamente. Joseph chamou-me de lado.

– Monsieur vai me desculpar por tocar num assunto tão delicado – disse ele. – Sou, naturalmente, livre-pensador, e acho que a religião não passa de uma conspiração por parte dos padres

para dominarem o povo, mas monsieur sabe como são as mulheres. Minha esposa e aos últimos sacramentos, e não há dúvida de que o tempo é curto. – Fitou-me, um tanto envergonhado, e continuou: – Além do mais, a gente nunca sabe, talvez seja preferível, antes de morrer, regularizar a situação com a Igreja.

Compreendi-o perfeitamente. Por mais que zombem da Igreja, quando chega a hora da morte geralmente os franceses preferem fazer as pazes com a religião que beberam com o leite materno.

– Deseja que eu lhe fale sobre isso?

– Se monsieur quisesse ter a bondade.

Não era tarefa agradável, mas afinal de contas Elliott fora durante anos fervoroso católico e era natural que se conformasse com os deveres da sua fé. Subi para vê-lo. Estava de costas, pálido e emurhecido, mas perfeitamente lícido. Pedi à enfermeira que nos deixasse a sós.

– Infelizmente acho que você está muito mal, Elliott – disse-lhe eu. – Estive pensando, estive pensando se você não gostaria de ver um padre?

Ele me fitou em silêncio, durante alguns segundos. E depois:

– Quer dizer que vou morrer?

– Oh! espero que não. Mas é sempre bom a gente se garantir.

– Compreendo.

Ficou em silêncio. Momento terrível esse em que a gente tem que dizer a uma pessoa aquilo que eu acabara de dizer a Elliott. Não tive coragem de olhar para ele. Cerrei os dentes, pois tive medo de chorar. Estava sentado na beira da cama, de frente para ele, com o braço estendido para ampará-lo.

Ele deu-me um tapinha na mão.

– Não fique perturbado, caro amigo. *Noblesse oblige*, você sabe.

Ri histericamente.

– Você é uma criatura ridícula, Elliott.

– Agora sim. Chame o bispo e diga-lhe que quero confessar-me e receber a extrema-unção. Eu ficaria grato se ele me

mandasse o abade Charles, que é meu amigo.

O abade Charles era o vigário-geral que já tive ocasião de mencionar. Desci e telefonei. Falei com o próprio bispo.

– É urgente? – perguntou ele.

– Muito.

– Providenciarei imediatamente.

O médico chegou e contei-lhe o sucedido. Ele subiu com a enfermeira para o quarto de Elliott e eu fiquei esperando no andar de baixo, na sala de jantar. Leva-se mais ou menos vinte minutos, de automóvel, de Nice a Antibes; dali a meia hora e pouco um sedan preto parou à porta. Joseph veio procurar-me.

– *C'est monseigneur en personne, monsieur* – disse ele, todo afobado. – É o próprio bispo.

Saí para recebê-lo. Não vinha, como de costume, acompanhado pelo vigário-geral e sim, não sei por quê, por um jovem padre que carregava um estojo que continha, creio eu, os objetos necessários à administração dos sacramentos. O chofer vinha em seguida, com uma surrada valise preta. O bispo me apertou a mão, apresentando o seu companheiro.

– Como vai o nosso pobre amigo?

– Infelizmente creio que está muito mal, monsenhor.

– Tenha a bondade de nos indicar um quarto, para nos paramentarmos.

– A sala de jantar fica aqui, monsenhor, e a sala de visitas no andar de cima.

– A sala de jantar servirá perfeitamente.

Levei-os até lá; Joseph e eu ficamos esperando no hall. Dali a pouco a porta abriu-se e o bispo apareceu, seguido pelo padre que segurava em ambas as mãos o cálice onde estava a pátena com a hóstia consagrada, coberta com um pano de cambraia tão fino que chegava a ser transparente. Eu nunca vira o bispo a não ser em algum almoço ou jantar, e ótimo garfo era ele, sabendo apreciar um petisco e um bom vinho, e contando com muito espírito histórias engraçadas e às vezes até mesmo imorais. Então me

parecera um homem forte, atarracado, de estatura mediana. Mas agora, de sobrepeliz e estola, achei-o não somente alto, mas imponente. O rosto vermelho, em geral enrugado por um riso malicioso, mas afável, tinha agora uma expressão grave. Nada na sua aparência lembrava o oficial de cavalaria que ele fora; dava impressão de ser aquilo que realmente era, um dos grandes dignitários da Igreja. Não me admirei de ver Joseph fazer o sinal da cruz. O bispo inclinou ligeiramente a cabeça.

– Conduzam-me ao quarto do doente – disse.

Afastei-me para lhe dar passagem, mas ele fez sinal para que eu o precedesse. Subimos em solene silêncio. Entrei no quarto de Elliott.

– Foi o próprio bispo quem veio, Elliott. Ele fez um esforço para sentar-se.

– Monsenhor, não ousei esperar tão grande honra.

– Fique à vontade, meu amigo – disse o bispo. Virou-se para a enfermeira e para mim: – Deixe-nos. – E dirigindo-se ao padre: – Eu o chamarei quando estiver pronto.

O padre olhou à volta e percebi que estava procurando um lugar para depositar o cálice. Empurrei para um lado as escovas de tartaruga que estavam sobre o penteador. A enfermeira desceu e eu levei o padre para o quarto contíguo, que Elliott usava como escritório. As janelas ali estavam abertas para o céu azul; ele aproximou-se de uma delas. Sentei-me. Havia uma corrida de barcos e o branco das velas rebrilhava ao sol. Uma grande escuna de casco negro e velas vermelhas lutava contra a brisa, em direção à baía. Vi que era um barco de lagostas, trazendo um carregamento da Sardenha, para que os jantares de gala, nos cassinos, tivessem o seu prato de peixe. Através da porta fechada, eu distinguia um abafado murmúrio de vozes. Elliott confessava-se. Eu estava louco por um cigarro, mas fiquei com medo de escandalizar o padre. Ele continuava imóvel, olhando para fora. Rapaz delgado, de grossos e ondulados cabelos negros que lhe traíam a origem italiana. Havia no seu aspecto a vivacidade da gente do Sul, e fiquei a imaginar que fé poderosa, que intenso

desejo o tinham induzido a abandonar as alegrias da vida cotidiana, os prazeres próprios da sua idade e a satisfação dos sentidos para dedicar-se ao serviço de Deus.

Subitamente as vozes do quarto contíguo calaram-se; a porta abriu-se e o bispo apareceu.

– Venha – disse ele ao padre.

Fiquei só. De novo ouvi a voz do bispo e percebi que ele estava recitando as orações que a Igreja ordena sejam ditas à cabeceira dos agonizantes. Depois, novo silêncio; compreendi que Elliott estava recebendo o Corpo e o Sangue de Jesus. Devido a não sei que sentimento, herança talvez dos meus antepassados, embora não seja católico nunca posso assistir à missa sem experimentar, ao ouvir a campainha que anuncia a Elevação da Hóstia, uma trêmula sensação de temor; e também agora estremeci, como se tivesse sentido um calafrio – estremeci de medo e admiração. De novo a porta abriu-se.

– Pode entrar – disse-me o bispo.

Entrei. O padre estava cobrindo, com a pala, o cálice e a pátena onde estivera a hóstia consagrada. Os olhos de Elliott luziam.

– Acompanhe o monsenhor até o carro – disse ele. Descemos as escadas. Joseph e as criadas esperavam no hall.

As mulheres choravam. Eram três; adiantaram-se, cada uma por sua vez e, caindo de joelhos, beijaram o anel do bispo. Ele as abençoou com dois dedos. A mulher de Joseph deu no marido uma cotovelada e também ele deu um passo à frente, ajoelhou-se e beijou o anel. O bispo sorriu levemente.

– Você é livre-pensador, meu filho?

Percebi que Joseph fazia um esforço sobre si mesmo.

– Sim, monsenhor.

– Não se perturbe por isso. Você foi um bom e fiel servo.

Deus relevará os erros do seu modo de pensar. Acompanhei o bispo até a rua e abri a porta do seu carro. Ele inclinou a cabeça e, ao entrar, sorriu com indulgência.

– Nosso pobre amigo está muito mal. Seus defeitos eram superficiais; tinha um coração generoso e foi bom para seus semelhantes.

9

Achando que, depois da cerimônia, Elliott havia de preferir ficar só, dirigi-me para a sala de visitas e comecei a ler; mas, nem bem me instalara, apareceu a enfermeira dizendo que ele desejava ver-me. Subi até o seu quarto. Não sei se graças a uma injeção que o médico lhe dera para ajudá-lo na provação por que teria de passar, ou se devido à excitação, encontrei-o calmo, alegre e de olhos cintilantes.

– Uma grande honra, caro amigo, uma grande honra – disse ele. – Entrarei no reino dos céus com uma carta de apresentação de um príncipe da Igreja. Creio que todas as portas se me abrirão.

– Receio que você vá encontrar ali certa mistura – repliquei sorrindo.

– Não tenha essa ilusão, caro amigo. Diz a Sagrada Escritura que, assim como na terra, existem distinções de classe no céu. Há serafins e querubins, anjos e arcanjos. Sempre frequentei a melhor sociedade da Europa e tenho certeza de que o mesmo se dará no céu. Nosso Senhor disse: “A Casa de meu Pai tem muitas mansões”. Não seria nada correto alojar o *hoi polloi* num estalo a que não está habituado.

Desconfiei que Elliott considerava as habitações celestiais como uma espécie de castelo de algum barão de Rothschild, com painéis do século xviii nas paredes, mesas Buhl, cômodas entalhadas e apartamentos em estilo Luís xv cobertos com legítimo *petit-point*. Depois de uma pausa ele continuou:

– Acredite-me, caro amigo, não haverá nenhuma dessa maldita igualdade no céu.

Caiu em repentina sonolência. Sentei-me e comecei a ler. Ele continuou dormindo. À uma hora a enfermeira apareceu para me avisar que Joseph ia servir o meu almoço. Encontrei Joseph muito humilde.

– Imagine, monsenhor vir em pessoa. Grande honra conferida ao nosso pobre patrão. O senhor me viu beijar o anel?

– Vi.

– Por mim não o teria beijado: fiz isso para contentar minha pobre esposa.

Passei a tarde no quarto de Elliott. Veio telegrama de Isabel, avisando que ela e Gray chegariam na manhã seguinte, pelo Trem Azul. Não tive esperança de que chegassem a tempo. O médico apareceu. Sacudiu a cabeça. Lá pelo cair da tarde, Elliott acordou e conseguiu comer alguma coisa, parecendo com isto criar momentânea força. Fez sinal para que eu me aproximasse da cama.

– Ainda não respondi ao convite de Edna – disse em voz sumida.

– Oh! não se incomode com isso agora, Elliott.

– Por que não? Sempre fui mundano; não há motivo para esquecer as boas maneiras só porque vou deixar o mundo. Onde está o convite?

Estava sobre a lareira; coloquei-o na mão de Elliott, mas não creio que o pudesse ver.

– Você encontrará um bloco no escritório. Se quiser ir buscá-lo, poderei ditar-lhe a minha resposta.

Fui ao quarto e voltei com o bloco e um lápis. Sentei-me na beirada da cama.

– Está pronto?

– Estou.

Elliott tinha os olhos fechados, mas havia nos seus lábios um sorriso malicioso. O que iria ele dizer?

– Mr. Elliott Templeton lamenta não poder aceitar o amável convite da princesa Novemali, devido a um prévio compromisso com o seu Bem-Amado Senhor.

Deu uma risada rouca, espectral. Seu rosto tinha uma cor azulada, horrível de se ver, e ele exalava o odor nauseabundo próprio da sua moléstia. Pobre Elliott, que tanto gostava de se borrifar com os perfumes de Chanel e Molyneux! Ainda tinha na

mão o convite furtado; temendo que o estivesse incomodando, tentei retirá-lo, mas Elliott segurou-o com mais força ainda. Sobressaltei-me ao ouvi-lo falar em voz alta.

– Aquela vaca velha.

Foram as últimas palavras que pronunciou. Caiu em estado de coma. A enfermeira permanecera a seu lado durante toda a noite anterior e parecia muito cansada; mandei-a para a cama, dizendo que ficaria com Elliott e prometendo chamá-la caso fosse necessário. Não havia realmente nada que se pudesse fazer. Acendi um abajur e li até meus olhos arderem; apaguei-o depois e fiquei sentado no escuro. Era uma noite quente e as janelas estavam completamente abertas. Com intervalos regulares a luz do farol varria o quarto com passageiro brilho. A lua – que dias mais tarde, quando cheia, iria iluminar a ruidosa e fátua alegria do baile de Edna Novemali – firmou-se no céu de um azul profundo, profundíssimo, onde inúmeras estrelas brilhavam com seu terrífico fulgor. Devo ter cochilado, mas meus sentidos continuaram atentos; subitamente acordei por completo ao ouvir um som apressado, raivoso, o mais apavorante som que uma pessoa possa ouvir: o estertor da morte. Aproximei-me da cama e à luz do farol tomei o pulso de Elliott. Estava morto. Acendi o abajur da cabeceira e olhei-o. O maxilar caíra. Os olhos estavam abertos e, antes de fechá-los, observei-os por alguns instantes. Eu estava comovido e creio que algumas lágrimas me correram pelas faces. Velho e bom amigo. Entristeci-me ao pensar como sua vida fora tola, vazia e inútil. Pouca importância tinha agora o fato de ter ele ido a tantas festas e convivido com todos aqueles príncipes, duques e condes. Já se tinham esquecido dele por completo.

Não achei necessário acordar a enfermeira e voltei, portanto, para a minha cadeira perto da janela. Quando ela apareceu, às sete da manhã, encontrou-me dormindo. Deixei-a, para que fizesse aquilo que achasse necessário e depois de tomar o meu café fui à estação, esperar Gray e Isabel. Contei-lhes que Elliott morrera e, como não havia lugar em sua casa, convidei-os para se hospedarem comigo, mas eles preferiram ir para um hotel. Voltei

para minha casa, para tomar banho, fazer a barba e trocar de roupa.

No período da manhã Gray me telefonou, dizendo que Joseph lhe entregara uma carta a mim endereçada, que Elliott lhe confiara. Como podia haver nela algo de confidencial, respondi que iria imediatamente para lá. Fui. No envelope estava escrito: *Para ser entregue logo após a minha morte*, e a carta dava instruções sobre o enterro. Eu sabia que Elliott desejava ardentemente ser sepultado na igreja por ele construída, e já prevenira Isabel disso. Ele queria ser embalsamado e indicava que firma devia encarregar-se do serviço. "Indaguei a respeito", continuava ele, "e informaram-me que eles trabalham muito bem. Confio em você, para verificar que tudo saia benfeito. Desejo que me vistam o traje do meu antepassado, o conde de Lauria, com a espada do lado e a Ordem do Tosão de Ouro no meu peito. Deixo a seu gosto a escolha do caixão. Deverá ser simples, mas adequado à minha posição. A fim de não causar desnecessário incômodo, desejo que Thomas Cock and Son se encarreguem do transporte do meu caixão, e que um dos seus empregados acompanhe meus restos mortais à sua derradeira morada."

Lembrei-me de que Elliott dissera que desejava ser enterrado naquela sua fantasia, mas julguei tratar-se de capricho passageiro e nunca pensei que falasse seriamente. Joseph insistia em que seus desejos fossem cumpridos à risca e não vi motivo para agirmos contrariamente a eles. O corpo foi devidamente embalsamado; depois fui com Joseph vesti-lo com aqueles trajes absurdos. Lúgubre tarefa. Calçamos nas pernas compridas as meias de seda branca, puxando sobre elas os calções dourados. Foi com grande dificuldade que lhe enfiámos o gibão. Colocamos no pescoço o rufo engomado, ajeitamos a capa de cetim em volta dos ombros. Finalmente, na cabeça, o barrete de veludo, e em volta do pescoço o colar do Tosão de Ouro. O embalsamador lhe pintara as faces e os lábios. Naqueles trajes, agora grandes demais para o seu corpo emaciado, Elliott parecia um corista de uma das primeiras óperas de Verdi. Pobre Dom Quixote com o seu

ideal vazio! Depois que os homens da agência funerária o puseram no caixão, coloquei entre as pernas, ao longo do corpo, a espada e no punho da espada as mãos de Elliott, a exemplo do que eu vira no túmulo esculpido de um cruzado.

Gray e Isabel foram para a Itália, assistir ao enterro.

Seis

1

Acho justo avisar o leitor que pode perfeitamente pular este capítulo sem perder o fio do pouco de romance que tenho para contar, pois na maior parte ele não passa da repetição de uma conversa que tive com Larry. Devo no entanto acrescentar que, não fosse por essa conversa, talvez eu não tivesse achado que valesse a pena escrever este livro.

2

No outono, alguns meses depois da morte de Elliott, passei uma semana em Paris, antes de ir para a Inglaterra. Depois da lúgubre viagem à Itália, Gray e Isabel tinham voltado para a Bretanha, mas estavam agora novamente instalados no apartamento da Rue St. Guillaume. Isabel contou-me os termos do testamento. Elliott determinara que reservassem certa quantia para que fossem ditas missas em prol de sua alma, na igreja por ele construída, e outra soma para a conservação da referida igreja. Deixara ao bispo de Nice um belíssimo legado, para ser aplicado em obras de caridade. Quanto a mim, deixou-me a duvidosa herança de sua biblioteca pornográfica do século xviii, e um belo desenho de Fragonard, representando um sátiro e uma ninfa entretidos num ato que é geralmente feito na intimidade. Era indecente demais para eu pendurar numa das paredes de minha casa, e não sou homem de me deleitar com obscenidades clandestinamente. Fora generosíssimo com os criados. Quanto aos sobrinhos, herdavam dez mil dólares cada um; o resto da fortuna ia para Isabel. Ela não me disse quanto era, nem lhe perguntei, mas pela sua atitude complacente percebi que devia ser muito dinheiro.

Já fazia tempo, desde que recuperara a saúde, que Gray estava ansioso por voltar para a América e recomeçar a trabalhar; embora Isabel se sentisse bem em Paris, a inquietação de Gray acabara por afetá-la. Durante meses mantivera ele correspondência a esse respeito com amigos, mas o melhor negócio que lhe fora oferecido dependia de grande entrada de capital. Ele não dispunha desse dinheiro, mas, com a morte de Elliott, Isabel herdara muito mais do que era necessário, e com o seu consentimento Gray entabulara o negócio, pretendendo, se tudo corresse como esperava, ir pessoalmente à América estudar de perto o assunto. Mas antes disso havia muito que fazer. Tinham chegado a um acordo razoável com o governo francês sobre os

impostos de transmissão *causa mortis*. Precisavam dispor da casa de Antibes e do apartamento da Rue St. Guillaume. Tinham de providenciar a venda, no Hotel Drouot, da mobília, quadros e desenhos de Elliott. Como eram valiosos, seria preferível esperar até a primavera, quando havia a probabilidade de os grandes colecionadores se acharem em Paris. Isabel não desgostou de ter que passar mais um inverno ali; suas filhas falavam, agora, o francês tão corretamente quanto o inglês, e agradava-lhe a ideia de vê-las frequentar durante mais alguns meses uma escola francesa. As duas meninas tinham crescido em três anos e eram agora duas criaturas magras, muito vivas, de pernas compridas, que no presente nada tinham da beleza da mãe; bem-educadas e de uma insaciável curiosidade.

Por enquanto, é só.

3

Encontrei-me com Larry por acaso. Pedira notícias suas a Isabel e ela me contara que pouco o tinham visto depois de voltar de La Baule. Isabel e Gray tinham agora um bom círculo de relações, gente da sua idade, e estavam muito mais comprometidos do que naquelas agradáveis semanas em que nós quatro saíamos tanto juntos. Certa noite fui ao Théâtre Français ver *Bérénice*. Já lera a peça, naturalmente, mas nunca a vira representada; e como é raramente levada ao palco não quis perder essa oportunidade. Não é das melhores peças de Racine, pois o assunto é fraco para se aguentar durante cinco atos; mas é comovente e há nela certos trechos merecidamente famosos. A história baseia-se numa breve passagem de Tácito: – Tito, que amava loucamente Bérénice, rainha da Palestina, tendo mesmo, segundo se julgava, chegado a prometer-lhe casamento, por razões de estado mandara-a embora de Roma nos primeiros dias do seu reinado, e isto contra o desejo de ambos. O Senado e o povo de Roma opunham-se violentamente à união do seu imperador com uma rainha estrangeira. A peça descreve a luta travada no coração do homem entre o amor e o dever e, quando no fim ele fraqueja, é Bérénice quem, certa de que é amada, reforça a resolução do imperador, separando-se dele para sempre.

Creio que somente um francês pode apreciar devidamente a graça e a grandeza de Racine, a música dos seus versos; mas, mesmo um estrangeiro, depois que se habitua à formalidade artificial do estilo, não pode deixar de se comover com a sua apaixonada ternura e a nobreza do seu modo de sentir. Racine conhecia, como poucos, o poder dramático da voz humana. Para mim, pelo menos, o som daqueles melífluos alexandrinos é suficiente substituto da ação; acho os longos discursos, elevando-se com infinita habilidade até o esperado ponto culminante, tão emocionantes como qualquer arrepiadora fita de aventuras.

No intervalo, depois do terceiro ato, saí para fumar um cigarro no *foyer* onde se vê o Voltaire de Houdon, com seu desdentado e sardônico sorriso. Alguém me bateu no ombro. Virei-me, talvez com ligeiro movimento de desagrado, pois desejava ficar só para gozar a exaltação que me tinham causado os versos sonoros, e dei com Larry. Senti, como sempre, prazer em vê-lo. Fazia um ano que não nos encontrávamos e sugeri tomarmos uma cerveja juntos, depois do espetáculo. Larry disse que estava com fome, pois não jantara, e propôs irmos a Montmartre. Conseguimos nos encontrar sem grande dificuldade e saímos para o ar livre. O Théâtre Français tem um odor de mofo que lhe é peculiar, impregnado do cheiro daquelas incontáveis gerações de mulheres de rosto azedo e pouco asseio, chamadas *ouvreuses*, que nos mostram o nosso lugar e ficam imperiosamente à espera da gorjeta. Foi um alívio sair dali; como estava fresco, fomos a pé. As lâmpadas da Avenue de l'Opéra brilhavam tão desafiadoramente que as estrelas lá em cima, orgulhosas demais para entrarem em competição, embaçaram seu brilho, protegidas pela infinita distância. Enquanto caminhávamos, fomos discutindo a peça a que acabávamos de assistir. Larry mostrou-se decepcionado. Gostaria que tivessem sido mais naturais os versos recitados em tom habitual, os gestos menos teatrais. Não concordei. Tratava-se de retórica, magnífica retórica, e eu era de opinião que devia ser recitada retoricamente. Agradava-me a cadência regular das rimas; e o apuro dos gestos, conservados pela tradição, parecia de acordo com aquela arte formal. Não pude deixar de refletir que era assim que Racine desejaria que sua peça fosse representada. Eu admirara a maneira com que os atores tinham conseguido ser humanos, apaixonados e sinceros, dentro dos limites em que se viam encerrados. A arte triunfa quando consegue servir-se do convencionalismo em benefício próprio.

Chegamos à Avenue de Clichy e entramos na Brasserie Graf. Já passava de meia-noite e o restaurante estava repleto, mas conseguimos arranjar uma mesa e encomendamos ovos com toucinho. Contei a Larry que vira Isabel.

– Gray vai ficar satisfeito de poder voltar para a América – disse ele. – Aqui é como um peixe fora d’água. E não se sentirá feliz, a não ser que recomece a trabalhar. Garanto que ainda vai ganhar muito dinheiro.

– Será então graças a você, que não somente o curou no físico, mas no espírito também. Fez com que tivesse de novo confiança em si.

– Fiz muito pouco. Apenas lhe mostrei como poderia curar-se a si próprio.

– Como aprendeu esse “pouco”?

– Acidentalmente. Na Índia. Estava sofrendo de insônia e por acaso mencionei o fato a um iogue meu conhecido e ele me disse que logo daria um jeito nisso. Fez exatamente o que você me viu fazer com Gray; naquela noite dormi como havia meses não dormia.

E então, um ano mais tarde, creio, estava eu no Himalaia com um meu amigo, um hindu, quando ele torceu o tornozelo. Impossível conseguir-se médico e ele estava sofrendo muito. Lembrei-me de experimentar aquilo que o iogue fizera comigo. Deu resultado. Acredite-me você ou não, a dor lhe passou por completo. – Larry riu e continuou: – Garanto que ninguém ficou mais admirado do que eu. Não é nada de extraordinário; basta meter a ideia na cabeça da pessoa que está sofrendo.

– É mais fácil dizer do que fazer.

– Você estranharia se o seu braço se erguesse da mesa sem nenhuma intervenção da sua vontade?

– MUITÍSSIMO.

– Pois vai levantar-se. Quando voltamos aos meios civilizados, meu amigo hindu contou o sucedido e trouxe muita gente para ver-me. Era-me suavemente desagradável fazer aquilo, pois eu não entendia muito bem o que se passava, mas eles insistiam. De um jeito ou de outro consegui ajudá-los. Verifiquei que podia livrá-los não somente da dor, mas do medo. Esquisito quanta gente sofre disso! Não me refiro somente a medo de espaços fechados e medo das alturas, mas medo da morte e, mais grave ainda, medo

da vida. Às vezes encontramos pessoas que parecem de ótimo estado de saúde, prósperas, sem nenhuma preocupação, e que no entanto se acham torturadas por esse medo. Cheguei mesmo a acreditar que era a coisa mais comum nas criaturas, e certa vez perguntei a mim mesmo se não teria origem em algum profundo instinto animal, que o homem herdou daquele “não-sei-quê” primevo que pela primeira vez sentiu a vibração da vida.

Eu ouvia interessado e em expectativa, pois era raro Larry estender-se sobre um assunto, e pareceu-me que, pelo menos por sua vez, estava de humor expansivo. É possível que a peça que acabáramos de ver tivesse libertado alguma inibição e que, assim como acontece com a música, as cadências sonoras lhe tivessem vencido a instintiva reserva. Subitamente percebi que alguma coisa estava acontecendo com a minha mão. Não dera importância à pergunta meio brincalhona de Larry, mas agora senti que minha mão já não estava apoiada na mesa, tendo-se erguido uma polegada acima dela, sem interferência da minha vontade. Sobressaltei-me. Baixei os olhos e vi que ela estava ligeiramente trêmula. Senti um estranho formigueiro nos nervos do braço, um leve tranco, e minha mão e antebraço se ergueram por si mesmos, sem que, pelo menos foi o que pensei, eu ajudasse ou resistisse, ficando várias polegadas acima da mesa. Depois senti erguer-se todo braço, desde o ombro.

– Que coisa esquisita! – comentei.

Larry riu. Fiz um pequeno esforço de vontade e meu braço caiu de novo sobre a mesa.

– Não é nada – disse ele. – Não dê a menor importância ao fato.

– Aprendeu isto com o iogue de quem nos falou ao voltar da Índia?

– Oh! não; ele não tinha paciência com essas coisas. Não sei se se julgava possuidor dos poderes que alguns iogues garantem ter, mas teria achado pueril usá-los.

Os ovos com toucinho chegaram. Comemos com apetite. Tomamos a nossa cerveja. Nenhum de nós dois falou. Larry

pensava não sei em quê, e eu pensava nele. Acabamos. Acendi um cigarro e Larry o seu cachimbo.

– Por que foi que, em primeiro lugar, pensou em ir à Índia? – perguntei à queima-roupa.

– Por acaso. Pelo menos assim o julguei na ocasião. Agora estou achando que foi o inevitável resultado dos anos que passei na Europa. Parece-me que conheci por acaso quase todas as pessoas que mais me interessavam, e no entanto, olhando o passado, tenho a impressão de que tais encontros tinham que se dar. Como se essas pessoas estivessem esperando a minha visita quando precisei delas. Fui à Índia porque queria descansar. Trabalhara muito e desejava coordenar meus pensamentos. Arranjei um lugar de marujo num desses navios de recreio que fazem a volta ao mundo. Íamos para o Oriente e depois para Nova York, pelo Canal do Panamá. Fazia cinco anos que não ia à América e estava com saudade. Sentia-me deprimido. Você se lembra de como eu era ignorante, quando nos conhecemos em Chicago, há tantos anos já... Eu lera muito, na Europa, e vira muita coisa, mas em nada me achava mais próximo daquilo que buscava.

Tive vontade de perguntar a Larry o que buscava ele, mas achei que daria uma risada, encolheria os ombros e diria que era coisa sem importância.

– Mas por que motivo foi como marujo? – perguntei. – Você tinha dinheiro.

– Pela experiência. Todas as vezes que me senti saturado espiritualmente, todas as vezes que assimilei tudo o que me foi possível assimilar na ocasião, achei útil fazer qualquer coisa nesse gênero. No inverno seguinte ao rompimento do meu noivado com Isabel, trabalhei durante seis meses numa mina de carvão, perto de Lens.

Foi aí que me contou aqueles fatos que narrei num capítulo anterior.

– Ficou desgostoso quando Isabel desmanchou o noivado?

Antes de responder, Larry me fitou com aqueles seus estranhos olhos negros, que neste momento tinham uma expressão introspectiva.

– Fiquei. Era muito moço. Estava resolvido a casar-me com ela. Tinha planejado a vida que íamos levar juntos. Achava que ia ser ótima. – Ele riu de mansinho. – Mas são precisos dois para um casamento, assim como são precisos dois para uma briga. Nunca me ocorreu que a vida que eu oferecia a Isabel fosse uma vida que a enchesse de consternação. Se eu tivesse um pouco de perspicácia, nunca teria feito tal proposta. Ela era moça demais e muito ardente. Não me era possível culpá-la. Não me era possível ceder.

Talvez o leitor se lembre que, ao fugir da fazenda, depois do grotesco encontro com a nora-viúva, Larry fora para Bonn. Eu estava ansioso por ouvir o resto, mas sabia que, na medida do possível, devia evitar perguntas diretas.

– Nunca estive em Bonn – comentei. – Quando rapazinho estudei durante algum tempo em Heidelberg. Creio que foi a época mais feliz da minha vida.

– Gostei de Bonn – disse Larry. – Passei lá um ano. Arranjei quarto na casa da viúva de um dos professores da Universidade, que tomava dois pensionistas. Ela e as duas filhas, ambas já maduras, cozinhavam e faziam todo o serviço. A princípio fiquei decepcionado ao ver que o outro pensionista era francês, pois eu só queria falar alemão; mas ele era alsaciano e falava o alemão, se não correntemente, pelo menos com melhor pronúncia do que o francês. Vestia-se como um pastor alemão e fiquei admirado quando, dias mais tarde, soube que era um monge beneditino. Obtivera licença para sair do mosteiro para fazer certas pesquisas na biblioteca da universidade. Era muito culto, mas não se julgaria isso pela sua aparência, a qual também não correspondia à ideia que eu fazia de um monge. Era um sujeito alto, forte, com cabelos cor de areia, olhos azuis meio saltados, rosto redondo e vermelho. Era tímido e reservado e parecia não querer saber de amizade comigo, mas era muito cortês, num estilo um tanto complicado; à

mesa tomava civilmente parte na conversa. Era onde eu o via; assim que acabávamos de jantar ele voltava ao seu trabalho, na biblioteca; depois da ceia, enquanto eu ficava na sala a praticar o meu alemão com qualquer das filhas que estivesse livre no momento, ele se retirava para o quarto.

Fiquei admirado quando, mais ou menos um mês depois de eu ter chegado a Bonn, certa tarde ele me convidou para um passeio a pé. Disse que me poderia mostrar na vizinhança lugares que provavelmente eu nunca viria a descobrir sozinho. Sou bom andarilho, mas o monge ganharia de mim a qualquer hora. Creio que caminhamos no mínimo vinte e cinco quilômetros naquele primeiro dia. Perguntou-me que fazia eu em Bonn e respondi que viera para aprender alemão e um pouco da literatura alemã. Ele conversava inteligentemente. Disse que teria prazer em ajudar-me no que lhe fosse possível. Depois disso, saíamos duas ou três vezes por semana para passeios a pé. Fiquei sabendo que ele ensinara filosofia durante alguns anos. Em Paris eu lera um pouco sobre isto, Spinoza, Platão e Descartes, mas nada acerca dos grandes filósofos alemães; era pois com prazer que o ouvia discorrer sobre eles. Certo dia, depois de termos feito urna excursão ao outro lado do Reno, enquanto tomávamos uma cerveja num bar ao ar livre ele me perguntou se eu era protestante.

– Creio que sim – respondi.

O monge me atirou um rápido olhar onde distingui a sombra de um sorriso. Começou a falar de Ésquilo; eu estudara grego e vi que ele conhecia os grandes trágicos como jamais tive esperança de os conhecer. Que prazer ouvi-la! Por que me teria feito aquela pergunta? Meu tutor, o tio Bob Nelson, era agnóstico, mas ia regularmente à igreja, pois seus clientes esperavam isso dele; pela mesma razão mandava-me no domingo à aula de religião. Martha, a nossa empregada, era uma rígida batista e costumava amedrontar-me, quando criança, falando do fogo do inferno a que os pecadores seriam condenados por toda a eternidade. Sentia verdadeiro prazer em descrever-me os sofrimentos reservados a

várias pessoas da aldeia que, por um motivo ou outro, tinham incorrido no seu desagrado.

Quando chegou o inverno eu já conhecia bem o padre Ensheim. Creio que era um homem extraordinário. Nunca o vi de mau humor. Tinha bom gênio, era afável, de ideias muito mais largas do que se podia supor, e infinitamente tolerante. Sua erudição era prodigiosa e ele devia ter percebido como eu era ignorante, mas conversava comigo como se minha cultura fosse igual à sua. Muito paciente; parecia não ter outro desejo que o de me ser útil. Certo dia, não sei por quê, tive um ataque de lumbago; frau Grabau, a dona da casa, insistiu em mandar-me para a cama, rodeado de bolsas de água quente. Tendo sabido que eu estava deitado, depois da ceia o padre Ensheim subiu para ver-me. A não ser pela dor, eu me sentia bem. Você sabe como são essas pessoas muito lidas – curiosas, em se tratando de livros; quando larguei o meu, ao ver entrar o padre, este apanhou-o para olhar o título. Era uma obra de Meister Eckhart, que eu encontrara numa das livrarias da cidade. Perguntou-me por que estava eu lendo aquela obra; contei-lhe então que andava interessado em literatura mística, e falei-lhe de Kosti, que despertara a minha curiosidade sobre o assunto. Ele me fitou com seus olhos saltados, e havia neles uma expressão que só posso descrever como ternura divertida. Pareceu-me que me achava um tanto ridículo, mas que a afeição que sentia por mim era tão grande que isto em nada a alterava. Além do mais, nunca me importei que os outros me achassem meio tolo.

“O que está procurando nesses livros?”, perguntou-me.

“Se eu soubesse, estaria pelo menos no meio do caminho.”
“Lembra-se de que lhe perguntei se você era protestante? Você respondeu que achava que sim. Que queria dizer com isto?” “Fui educado na religião protestante”, respondi.

“Você acredita em Deus?”

– Não gosto de perguntas pessoais e meu primeiro impulso foi dizer que isso não era da sua conta. Mas ele irradiava tanta bondade que não tive coragem de ofendê-lo. Fiquei sem saber o

que responder. Não queria dizer “não” nem tampouco “sim”. Não sei se devido à dor que eu sentia, ou porque havia nele qualquer coisa, comecei a falar... Contei-lhe tudo a meu respeito.

Larry hesitou por um momento e, quando continuou, percebi que não se dirigia a mim e sim ao monge beneditino. Esquecera-se da minha presença. Não sei se devido à ocasião ou ao ambiente, sua reserva natural quebrou-se, permitindo-lhe falar, sem que eu o aticasse, de coisas que até então guardara só para si.

– O tio Nelson era muito democrata e me pôs na escola pública de Marvin. Somente por insistência de Louisa Bradley foi que, quando completei catorze anos, me deixou ir para St. Paul. Eu não sobressaía nem nos estudos nem no esporte, mas dei-me muito bem lá. Creio que era um menino perfeitamente normal. Louco por aviação. Voava-se pouco, naqueles primeiros tempos, e o tio Bob estava tão entusiasmado quanto eu. Conhecia alguns dos aviadores e disse-me que, se eu quisesse aprender a voar, ele daria um jeito. Eu era alto para a idade; aos dezesseis anos podia perfeitamente passar por dezoito. O tio Bob me fez prometer segredo, pois sabia que todo mundo o criticaria, mas ajudou-me a ir para o Canadá, entregando-me uma carta de apresentação para um seu conhecido. O resultado foi que, aos dezessete anos, eu estava voando na França.

Os aviões que pilotávamos eram muito frágeis e cada vez que subíamos arriscávamos, por assim dizer, a vida. Comparadas com as de hoje, as alturas que atingíamos eram absurdas, mas naquele tempo era assim, e achávamos uma maravilha. Eu gostava de voar. Não teria sido capaz de descrever a sensação que me causava; sabia apenas que me sentia orgulhoso e feliz. No ar, bem alto, eu sentia que fazia parte de alguma coisa muito grande e muito bela. Não sabia do que se tratava; sabia apenas que, a seiscentos metros de altura, não estava mais só, embora desacompanhado, sentia que estava no meu elemento. Não é culpa minha se isto parece tolice. Quando voava sobre as nuvens, que lá embaixo pareciam enormes rebanhos de ovelhas, eu me sentia em casa com a imensidade.

Larry fez uma pausa. Olhou-me lá das covas dos seus olhos impenetráveis, mas não sei se me teria visto.

– Sabia que centenas de milhares de homens haviam morrido, mas eu não os vira morrer. Isto não me atingia grandemente. Depois vi um morto, com meus próprios olhos. Aquilo me encheu de vergonha.

– Vergonha? – exclamei involuntariamente.

– Vergonha, sim, porque aquele rapaz, apenas três ou quatro anos mais velho do que eu, que tivera tanta energia e coragem, que momentos antes dera provas de tão grande vitalidade, que fora tão bom, não passava agora de carne lacerada que parecia nunca ter vivido.

Fiquei calado. Quando estudante de medicina eu vira muitos cadáveres, e durante a guerra mais ainda. O que mais me consternara fora notar como eles pareciam insignificantes. Não tinham dignidade. Fantoches que o dono do espetáculo atirara fora.

– Aquela noite não dormi. Chorei. Não estava com medo, e sim indignado; o que mais me abateu foi a maldade de tudo aquilo. A guerra acabou e voltei para casa. Sempre gostara de mecânica e, se não houvesse lugar para mim na aviação, pretendia ir trabalhar numa fábrica de automóveis. Fora ferido e tinha que levar tudo na calma durante algum tempo. Depois eles quiseram que eu arranjasse emprego. Impossível aceitar o tipo de trabalho que me ofereciam. Parecia-me inútil. Eu tivera muito tempo para refletir; perguntava frequentemente a mim mesmo qual seria a finalidade da vida. Pensando bem, era por acaso que eu estava vivo; queria fazer alguma coisa da minha em Deus; agora ele começou a preocupar-me. Não podia compreender a razão da existência do mal no mundo. Sabia que eu era muito ignorante; queria aprender, mas não tinha a quem recorrer, de modo que comecei a ler ao acaso.

Quando contei tudo isto ao padre Ensheim, ele me perguntou: “Está então lendo há quatro anos? Aonde chegou?”.

“A parte alguma”, respondi.

– Ele me fitou com ar de tão radiante benevolência que fiquei desconcertado. Que fizera eu para provocar tão intensa maneira de sentir? Ele tamborilou de mansinho na mesa, como se refletisse sobre alguma coisa. Depois disse:

“Nossa sábia Igreja ensina que, se você agir como se tivesse fé, a fé lhe será concedida; se você rezar duvidando mas sinceramente, suas dúvidas se dissiparão; se você se submeter à beleza da liturgia, cujo poder sobre o espírito humano foi provado pela experiência de séculos, a paz descera sobre sua alma. Logo regressarei ao mosteiro. Por que não vem passar umas semanas conosco? Poderá trabalhar nos campos, com os nossos irmãos conversos; poderá ler na nossa biblioteca. Não será experiência menos interessante do que trabalhar numa mina de carvão ou numa fazenda da Alemanha.”

“Por que me faz essa sugestão?”, perguntei-lhe.

“Há três meses que o estou observando”, respondeu o padre.

“Talvez eu o conheça melhor do que você se conhece a si próprio. A distância que o separa da fé não é maior que a espessura do papel de um cigarro.”

– Fiquei calado. Experimentei uma sensação esquisita, como se alguém tivesse dado um repuxão nas cordas do meu coração. Finalmente respondi que ia refletir. Ele não tocou mais no assunto. Durante o resto da estada do padre Ensheim em Bonn, nunca mais falamos de coisa que se relacionasse com religião, mas ao despedir-se ele me deu o endereço do mosteiro, dizendo que, se eu resolvesse ir visitá-los, bastava escrever-lhe, que se encarregaria de tudo. Ele me fez mais falta do que eu pensara. Acabou-se o ano; estávamos em pleno verão. Eu gostava de Bonn. Li Goethe, Schiller, Heine. Li Hölderlin e Rilke. Mesmo assim, não chegara a parte alguma. Refleti muito sobre o que me dissera o padre Ensheim e finalmente resolvi aceitar-lhe o convite.

Ele me esperava na estação. O mosteiro ficava na Alsácia. Bela região. O padre Ensheim apresentou-me ao abade e levou-me depois à cela que me fora designada. Tinha uma estreita cama de ferro, um crucifixo na parede e, como mobília, as coisas

estritamente necessárias. Soou a sineta do jantar; dirigi-me para o refeitório. À porta estava o abade com dois monges, um dos quais segurava uma bacia e o outro uma toalha; o abade borrifou algumas gotas de água nas mãos dos hóspedes, como a lavá-las, e enxugou-as depois na toalha que um dos monges lhe entregou. Havia mais três hóspedes, dois padres que tinham passado por ali e parado para jantar, e um francês velho e rabugento que estava fazendo retiro.

O abade e os dois priores sentaram-se na ponta do refeitório, cada qual à sua mesa; os padres, ao longo das duas paredes; ao passo que os noviços, os irmãos conversos e os hóspedes sentaram-se no meio. Dita a ação de graças, iniciamos a refeição. Um noviço foi para o seu lugar perto da porta e em voz monótona recitou algumas páginas de uma leitura edificante. Quando acabamos, foi novamente dita a ação de graças. O abade, o padre Ensheim e outro monge encarregado de nós, os hóspedes, fomos para uma salinha, onde tomamos café e conversamos sobre coisas banais. Depois voltei para a minha cela.

Fiquei três meses no mosteiro. Sentia-me muito feliz ali. Era exatamente a vida que me convinha. A biblioteca era boa e eu lia muito. Nenhum dos padres tentou influenciar-me, mas tinham prazer em conversar comigo. Fiquei profundamente impressionado com sua erudição, piedade e desprendimento das coisas deste mundo. Não pense que levavam vida ociosa. Estavam ocupados o tempo todo. Eles mesmos lavraram a terra, aceitando, satisfeitos, o meu auxílio. Apreciei a magnificência dos serviços religiosos, mas o que mais me encantou foram as Matinas. Às quatro da manhã. Emocionantíssimo ficar sentado na igreja quando ainda era noite, enquanto os monges, misteriosos nos seus hábitos e de capuz na cabeça, cantavam com vozes fortes e viris os singelos cantos da liturgia. Havia qualquer coisa de tranquilizador na rotina diária e, apesar de toda a energia desprendida, apesar da atividade de pensamento, a gente tinha uma permanente sensação de repouso.

Larry teve um sorriso meio melancólico.

– Como Rolla, nasci muito tarde num mundo velho demais. Devia ter nascido na Idade Média, quando a fé era aceita naturalmente; teria então visto claramente o meu caminho e entrado para o convento. Mas eu não podia crer. Tinha esse desejo, mas não podia acreditar num Deus que não era melhor do que um homem bom. Os padres me disseram que Deus criara o mundo para sua própria glória. Não me pareceu um objetivo muito apreciável. Teria Beethoven criado suas sinfonias para sua própria glória? Não acho possível. Na minha opinião criou-as porque a música em sua alma exigia expressão e, depois, só o que tentara fora torná-las perfeitas, na medida do possível.

Eu ficava a ouvir os monges quando recitavam o padre-nosso. Como podiam eles, sem apreensão, continuar a pedir ao Pai Celestial que lhes desse o pão de cada dia? Por acaso as crianças pedem ao seu pai terrestre que as alimente? Esperam isto dele; não sentem, nem precisam sentir gratidão; e não há quem não censure o homem que põe filhos no mundo quando não pode ou não quer sustentá-los. A mim me parecia que, se um criador onipotente não podia prover às necessidades materiais e espirituais das criaturas, teria então sido preferível não criá-las.

– Caro Larry, acho que foi bem melhor você não ter nascido na Idade Média – disse eu. – Provavelmente teria sido queimado.

Ele sorriu e continuou:

– Você teve bastante sucesso como escritor. Mas gostaria de ser elogiado na sua cara?

– Isto apenas me constrangeria.

– Foi o que imaginei. Não achei crível que Deus desejasse tal coisa. Na aviação não prezávamos grandemente o sujeito que conseguia um emprego macio pelo fato de adular seus superiores. Era-me difícil acreditar que Deus tivesse em grande conta o homem que tentasse conseguir a salvação por meio de tão vil lisonja. Na minha opinião, a mais agradável forma de adoração seria cada um agir da melhor maneira possível, de acordo com o seu código de honra.

Mas não era isso o que mais me incomodava. Eu não podia concordar com aquela preocupação do pecado que, ao que me parecia, estava sempre presente no pensamento dos padres. Conheci muitos sujeitos na aviação. Claro que se embriagavam quando se apresentava a oportunidade, e estavam com mulheres sempre que podiam, e usavam palavrões; tivemos um ou dois que não prestavam; um deles foi preso por tentar passar cheques sem fundo e condenado a seis meses de prisão.

Mas não era tanto por sua culpa; nunca tivera dinheiro e, quando se viu com mais do que sonhara ter, perdeu a cabeça. Eu conhecera homens maus, em Paris, e fiquei conhecendo outros depois que voltei para Chicago; mas geralmente a maldade tinha por causa a hereditariedade, de que eles não tinham culpa, ou o ambiente, que eles não haviam escolhido – não sei mesmo se a sociedade não seria mais responsável pelos crimes desses homens do que eles próprios. Se eu fosse Deus, não teria coragem de condenar ao fogo eterno nem mesmo o pior deles. O padre Ensheim tinha ideias largas; achava que o inferno era privação da presença de Deus. Mas se isto é castigo tão intolerável, a ponto de ser chamado inferno, pode alguém conceber que seja infligido por Deus? Afinal de contas foi ele quem criou os homens e, se os criou susceptíveis de pecar, foi porque assim o quis. Se eu ensinasse um cachorro a pular no pescoço de qualquer desconhecido que entrasse no meu quintal, não seria justo bater-lhe por fazer isso.

Se foi um Deus bom e todo-poderoso que criou o mundo, por que motivo criou o mal? Diziam os frades: Para que o homem, dominando os instintos maus, resistindo à tentação, aceitando a dor, a tristeza e a infelicidade, como provações enviadas por Deus como instrumentos de purificação, se tornasse finalmente merecedor da graça. Isto me parecia o mesmo que mandar um sujeito com um recado a determinado lugar e depois, para dificultar-lhe a tarefa, construir um labirinto por onde se veria forçado a passar, cavar um fosso que ele teria que atravessar a nado, e finalmente erguer um muro que ele seria obrigado a escalar. Não estava em mim acreditar num Deus sábio que não

tinha senso prático. Não vi razão para não se acreditar num Deus que não tivesse criado o mundo, mas que procurasse corrigir, na medida do possível, aquele que encontrara; um ser infinitamente melhor, mais sábio e maior que o homem, que lutava contra o mal que não fora criado por ele, podendo-se esperar que no fim chegasse a vencê-lo. Mas, por outro lado, não vi também razão para se acreditar em tal Deus.

As respostas que os bons padres davam às perguntas que me deixavam perplexo não me satisfaziam o cérebro nem tampouco o coração. Meu lugar não era ao lado deles.

Quando fui despedir-me do padre Ensheim, ele não me perguntou se eu tirara da experiência o proveito que ele esperava que eu tirasse. Fitou-me com ar bondoso.

“Infelizmente creio que o decepcionei, padre”, disse eu. “Não”, respondeu ele. “Você é um homem profundamente religioso que não acredita em Deus. Deus o procurará. Você voltará. Se para cá, ou para outro lugar, só Deus poderá dizer.”

4

– Instalei-me em Paris para o resto do inverno – continuou Larry. – Não entendia coisa alguma de ciência e achei que era tempo de adquirir pelo menos algumas noções. Li muito. Não sei se fiquei sabendo grande coisa, a não ser que a minha ignorância era incomensurável. Mas isso não era novidade para mim. Quando chegou a primavera fui para o campo; hospedei-me numa estalagemzinha à beira de um rio, perto de uma dessas lindas e antigas cidades francesas que em duzentos anos não parecem ter progredido.

Calculei que devia ser esse o verão que Larry passara com Suzanne Rouvier, mas não o interrompi.

– Depois fui para a Espanha. Queria ver as obras de Velásquez e El Greco. Imaginei que talvez a arte me mostrasse o caminho que a religião não pudera indicar-me. Vaguei durante algum tempo e voltei para Sevilha. Gostei da cidade e resolvi passar o inverno.

Também eu visitara Sevilha, quando tinha vinte e três anos, tendo gostado de lá. Gostei das ruas brancas e tortuosas, da catedral, da larga planície de Guadalquivir; mas gostei também das moças andaluzas com sua graça e alegria, brilhantes olhos negros, de cravo nos cabelos a acentuar-lhes o negror e, por contraste, parecendo ainda mais vivo; gostei do rico colorido da pele e da provocante sensualidade dos lábios. Aí, sim, ser moço era uma felicidade. Larry fora para lá apenas um pouco mais velho do que eu, quando lá estivera, e fiquei a conjecturar se seria possível que tivesse permanecido insensível à fascinação de tão encantadoras criaturas. Ele respondeu à pergunta que eu não formulara.

– Lá encontrei um pintor francês que eu conhecera em Paris, um sujeito chamado Auguste Cottet, que durante algum tempo vivera com Suzanne Rouvier. Viera a Sevilha para pintar e estava vivendo com uma moça que ali ficara conhecendo. Certa noite

convidou-me para ir com eles a Eretania ouvir um cantor *flamenco*, e trouxeram uma amiga. Era a coisinha mais linda deste mundo. Tinha apenas dezoito anos. Perdera-se com um rapaz da sua aldeia e vira-se obrigada a sair de lá, porque ficara grávida. O rapaz estava fazendo o serviço militar. Quando a criança nascera ela a entregara aos cuidados de uma ama; arranjava depois emprego na fábrica de cigarros. Levei-a comigo para casa. Era muito alegre e muito meiga; dali a alguns dias perguntei se não queria vir morar comigo. Respondeu que sim, de modo que tomamos dois quartos numa *casa de huéspedes*: um dormitório e uma saleta. Disse-lhe que podia deixar o emprego, mas a pequena não quis; aliás isso me convinha, porque eu ficava assim com os dias livres. Tínhamos o direito de usar a cozinha, de modo que ela preparava o meu café da manhã antes de sair para o trabalho; ao meio-dia voltava e fazia o meu almoço; à noite jantávamos num restaurante e íamos depois a um cinema ou dançar em algum lugar. Parecia considerar-me maluco só pelo fato de eu ter uma banheira de borracha e insistir em tomar banho frio todas as manhãs. O bebê estava numa fazenda a alguns quilômetros de Sevilha e aos domingos costumávamos ir visitá-lo. Ela não fazia segredo do fato de estar morando comigo para ganhar bastante dinheiro para poder mobiliar o apartamento que iam tomar quando o seu namorado acabasse o serviço militar. Era um amor de criatura e não duvido que tenha dado uma boa mulherzinha para o seu Paco. Alegre, bem-humorada e afetuosa. Considerava aquilo que nós delicadamente chamamos relações sexuais como qualquer outra função natural do corpo. Sentia nisso prazer e ficava satisfeita de causar prazer. Era, naturalmente, um animalzinho; mas um animal encantador, atraente, domesticado.

E então, certa tarde ela me disse que recebera carta de Paco, do Marrocos espanhol onde ele fazia o serviço, dizendo-lhe que o terminara e que dali a dois dias chegaria a Madri. Na manhã seguinte ela empacotou suas coisas, enfiou o dinheiro na meia, e eu acompanhei-a à estação. Deu-me um beijo ruidoso quando a instalei no vagão, mas estava por demais excitada com a

perspectiva de tornar a ver o amante para pensar em mim, e tenho certeza de que nem bem o trem saía da estação já ela se esquecera da minha existência.

Continuei em Sevilha e no outono iniciei a viagem que me levou à Índia.

5

Estava ficando tarde. A frequência diminuía no café e havia somente algumas mesas ocupadas. As pessoas que estavam ali sentadas por falta de melhor distração já haviam voltado para casa. E também aqueles que depois do teatro ou do cinema tinham vindo comer ou beber qualquer coisa. De vez em quando aparecia um retardatário. Vi um sujeito alto, indubitavelmente um inglês, entrar com um moço valentão. Tinha o rosto comprido, desanimado, e os cabelos ondulados e escassos do intelectual inglês, e provavelmente mantinha a ilusão, comum a tantos, de não ser reconhecido pelo fato de estar no estrangeiro. O valentão comeu gulosamente um prato de sanduíches, enquanto seu companheiro o observava com divertida benevolência. Que apetite! Vi um sujeito que eu conhecia de vista, por frequentarmos o mesmo barbeiro, em Nice. Atarracado, idoso e grisalho, com um túmido rosto vermelho e olhos empapuçados. Era um banqueiro americano que, depois da crise, preferira deixar sua cidade natal a sujeitar-se a uma investigação. Não sei se cometera algum crime; se tal acontecera, com certeza era muito pouco importante para que as autoridades se dessem ao trabalho de lhe pedir a extradição. Tinha o ar pomposo e a falsa cordialidade do político barato, mas a expressão dos seus olhos era amedrontada e infeliz. Nunca estava completamente bêbado, nem completamente sóbrio. Sempre em companhia de alguma rameira que evidentemente procurava arrancar dele o que podia; estava agora com duas mulheres pintadas, já maduras, que o tratavam com acintosa zombaria, ao passo que ele, mal entendendo o que elas diziam, ria tola e alegremente. A vida alegre!... Fiquei a conjecturar se não teria sido preferível ele ter ficado na sua terra e aceito o castigo. Chegaria o dia em que as mulheres o teriam depenado por completo, e nada mais lhe restaria a não ser o rio, ou uma dose excessiva de veronal.

Entre as duas e três horas houve um aumento na frequência; com certeza os cabarés estavam-se fechando. Surgiu um grupo de americanos, barulhentos e embriagados, mas não se demoraram. Não muito longe de nós, duas mulheres gordas e taciturnas, metidas em roupas de corte masculino, bebiam uísque com soda, em lúgubre silêncio. Apareceu um grupo em trajes a rigor, pessoas que os franceses chamam de *gens du monde*; evidentemente tinham dado uma volta pelos cabarés e queriam agora terminar a noite com uma ceia. Entraram e saíram. Minha curiosidade se aguçara com a presença de um homem pequeno, discretamente vestido, ali sentado havia mais de uma hora, a ler o jornal com um copo de cerveja à frente. Tinha uma barba preta, bem aparada, e usava pincenê. Finalmente chegou uma mulher e sentou-se à sua mesa. Ele cumprimentou-a com a cabeça, sem cordialidade; provavelmente estava aborrecido porque ela o fizera esperar. Era moça, malvestida, mas exageradamente pintada e parecia muito fatigada. Dali a segundos vi-a abrir a bolsa e entregar ao homem qualquer coisa. Dinheiro. O homem olhou e seu rosto tornou-se taciturno. Dirigiu-lhe palavras que não pude ouvir, mas que julguei insultuosas, pela atitude dela, que me pareceu estar a desculpar-se. Subitamente o homem inclinou-se e deu-lhe um ressonante tapa na cara. A moça soltou um grito e começou a chorar. Atraído pelo barulho, o gerente veio saber do que se tratava. Tive a impressão de que lhes dizia que fossem embora, se não soubessem comportar-se. A moça virou-se para ele e em voz alta, a ponto de se poder ouvir cada palavra, em linguagem obscena lhe disse que não se metesse no que não era da sua conta.

– Se ele me esbofeteou foi porque mereci ser esbofeteada – gritou ela.

Mulheres!... Sempre pensei que, para viver à custa do dinheiro imoralmente ganho por uma mulher, fosse preciso um sujeito vistoso e forte, com *sex-appeal*, ágil com a faca ou com o revólver; extraordinário que aquele sujeitinho raquítico, que a julgar pela aparência poderia ser empregadinho de algum escritório de

advocacia, tivesse conseguido lugar numa profissão onde era tão grande a concorrência!

6

O garçom que nos servira ia sair e para receber sua gorjeta veio apresentar-nos a conta. Pagamos e pedimos café.

– Então? – disse eu.

Senti que Larry estava disposto a falar, e eu estava disposto a ouvir.

– Não o estou chateando?

– Não.

– Pois bem, chegamos a Bombaim. O navio ia ficar ali três dias, para os turistas terem oportunidade de admirar as vistas e fazer excursões. Como tinha folga na tarde do terceiro dia, fui para terra. Andei durante algum tempo, observando a multidão. Que miscelânea! Chineses, maometanos, hindus, tamues negros como carvão; e aqueles enormes bois de bossa e longos chifres, que puxam as carroças! Fui depois a Elefanta, ver as grutas. Um hindu se juntara a nós em Alexandria, para vir até Bombaim, e os turistas sentiam certo desprezo por ele. Era um homem gordo e baixo, de rosto trigueiro e redondo; usava um terno grosso de casimira, de xadrez preto e verde, e colarinho eclesiástico. Certa noite eu estava no tombadilho, tomando ar, quando ele se aproximou e me dirigiu a palavra. Naquele momento eu não queria conversar com ninguém, queria ficar só; ele me fez várias perguntas e creio que respondi um tanto bruscamente. Em todo caso, contei-lhe que era um estudante que estava trabalhando para ganhar a minha passagem para a América.

“Você devia ficar na Índia”, disse ele. “O Oriente pode ensinar ao Ocidente mais do que o Ocidente julga.”

“Não diga!”, repliquei.

“Em todo caso não deixe de ir ver as grutas em Elefanta”, continuou ele. “Garanto-lhe que não se arrependerá.”

Larry interrompeu-se para me fazer uma pergunta:

– Já estive na Índia?

– Nunca.

– Pois bem, eu estava contemplando a colossal imagem, com suas três cabeças, a maior atração de Elefanta, e procurando imaginar que significação tinha, quando ouvi alguém dizer atrás de mim: “Vejo que seguiu o meu conselho”. Virei-me e levei alguns segundos para reconhecer a pessoa que me dirigia a palavra. Era o homenzinho de pesado terno xadrez e colarinho eclesiástico; só que, agora, usava a longa túnica açafão que mais tarde vim a saber que era a túnica dos *swamis* de Ramakrishna; e em vez do sujeitinho engraçado, gaguejando, que eu conhecera, ele era agora imponente e deslumbrante. Ambos examinamos o busto colossal.

“Brama, o Criador”, disse ele. “Vichnu, o Conservador, e Siva, o Destruidor. As três manifestações da Realidade Final.”

“Creio que não entendo muito bem”, disse eu.

“Não é de admirar”, respondeu ele com um sorrizinho nos lábios e um brilho nos olhos, como se zombasse levemente de mim. “O Deus que pode ser compreendido não é Deus. Quem poderá explicar, por palavras, o Infinito?”

– Juntou as palmas das mãos e, com uma apenas perceptível inclinação de cabeça, afastou-se. Continuei ali, a contemplar as três misteriosas cabeças. Talvez por estar em disposição receptiva, sentia-me estranhamente emocionado. Você sabe como às vezes a gente tenta lembrar um nome; está na ponta da língua, mas não vem; foi justamente o que senti na ocasião. Quando saí das cavernas, sentei-me por muito tempo nos degraus e fiquei a contemplar o mar. Do bramanismo eu só conhecia aqueles versos de Emerson; procurei lembrá-los. Fiquei exasperado por fracassar e, quando voltei para Bombaim, entrei numa livraria, a ver se encontrava o livro de poesias onde os lera. Estão no *Oxford Book of English Verse*. Lembra-se?

*They reckon ill who leave me out;
When me they fly, I am he wings;*

*I am the doubter and the doubt,
And I the hymn the Brahmin sings.*

Jantei numa tasca nativa e depois, como não precisava voltar para o navio antes das dez horas, fui para o Maidan e fiquei apreciando o mar. Nunca vira tantas estrelas no céu; depois do calor que fizera durante o dia, o frescor da noite era delicioso. Encontrei um jardim público e sentei-me num dos bancos. Muito escuro ali; silenciosos vultos brancos agitavam-se para lá e para cá. O maravilhoso dia de sol ardente, a multidão ruidosa, colorida, o cheiro acre e aromático do Oriente encantaram-me; e, como se fosse um complemento, mancha de cor que o pintor acrescentasse à sua obra para finalizá-la, aquelas três misteriosas cabeças de Brama, Vichnu e Siva, davam ao todo misteriosa significação. Meu coração pôs-se a bater descompassadamente, pois de repente eu adquirira a intensa convicção de que a Índia tinha, para dar-me, algo que eu precisava ter. Pareceu-me que me era oferecida uma oportunidade e que eu precisava agarrá-la ali mesmo, ou nunca mais se me depararia. Tomei rápida decisão. Não voltaria para bordo. Nada deixara ali, a não ser algumas coisas numa maleta. Voltei lentamente para o bairro nativo e procurei um hotel. Não tardei a encontrá-lo; tomei um quarto. Tinha as roupas do corpo; no bolso uns miúdos, meu passaporte e minha letra de câmbio; experimentei tal sensação de liberdade que cheguei a rir alto.

O navio partia às onze e por precaução fiquei no quarto até essa hora. Fui depois para o cais e vi-o desatracar. Dirigi-me então para a Missão Ramakrishna e procurei o *swami* que falara comigo em Elefanta. Não sabendo o seu nome, disse que desejava ver o *swami* que acabara de chegar de Alexandria. Contei-lhe, então, que desejava ficar na Índia e perguntei o que me aconselhava a ver. Tivemos uma longa conversa e afinal ele me contou que partia aquela noite para Benares, perguntando-me se queria ir com ele. Peguei no ar. Fomos de terceira classe. O vagão estava repleto de pessoas que comiam, bebiam, falavam. Calor insuportável. Não consegui pregar o olho e na manhã seguinte me sentia exausto,

mas o *swami* estava fresco como um botão de rosa. Perguntei-lhe como conseguira conservar-se assim e ele respondeu:

“Meditando sobre aquele que não tem forma; encontrei descanso no Absoluto”. Fiquei sem saber o que pensar, mas podia ver com meus próprios olhos que ele estava lépido e animado, como se tivesse dormido a noite toda num leito confortável.

Quando chegamos a Benares, um rapaz da minha idade veio ao encontro do meu companheiro e este lhe pediu que me arranjasse um quarto. Chamava-se Mahendra e era professor da universidade. Sujeito afável, bom, inteligente; pareceu simpatizar comigo tanto quanto eu com ele. Levou-me naquela noite a passear de barco pelo Ganges. Que emoção! Muito bonito, ver a cidade amontoada até quase a margem do rio; bonito e impressionante. Mas na manhã seguinte tinha coisa melhor para me mostrar. Veio buscar-me no meu hotel e levou-me de novo para o rio. Vi um espetáculo que nunca julgara possível; milhares e milhares de pessoas vindo tomar seu banho lustral e rezar. Vi um sujeito alto e emaciado, com uma massa de cabelos emaranhados e barba desalinhada, tendo apenas uma tanga a lhe cobrir a nudez, permanecer de pé com seus longos braços estendidos, de cabeça erguida, e em voz alta orar ao sol nascente. Não sei dizer-lhe que impressão isso me causou. Passei seis meses em Benares e voltei inúmeras vezes ao Ganges, de madrugada, para apreciar o estranho espetáculo. Nunca me cansei de admirá-lo. Aquela gente não acreditava tibiamente, com restrições ou dúvida inquietante, e sim com todas as fibras do seu ser.

Foram todos muito bons para mim. Quando perceberam que eu não viera para caçar tigres, comprar ou vender alguma coisa, tudo fizeram para ajudar-me. Ficaram satisfeitos de eu querer aprender hindustani e me arranjam professores. Emprestaram-me livros. Jamais se cansaram de responder às minhas perguntas.

“Conhece alguma coisa de hinduísmo?”

– Muito pouco – respondi.

– Acho que lhe interessaria. Poderá haver coisa mais estupenda do que a concepção de um mundo que não tem

princípio nem fim, mas que passa indefinidamente do desenvolvimento ao equilíbrio, do equilíbrio à decadência, da decadência à dissolução, da dissolução ao desenvolvimento, e assim por diante, por toda eternidade?

– E qual é, na opinião dos hindus, o objetivo dessa perpétua repetição?

– Parece-me que dizem ser esta a natureza do Absoluto. Compreenda-me, eles acham que a finalidade da criação é servir de palco para o castigo ou recompensa dos atos cometidos pelas almas em existências anteriores.

– Isto pressupõe crença na transmigração das almas.

– É uma crença compartilhada por dois terços da humanidade.

– O fato de muita gente acreditar numa coisa não é garantia de sua veracidade.

– Realmente: mas pelo menos torna-a digna de consideração. A cristandade assimilou tanto do neoplatonismo que poderia facilmente ter assimilado isto também; para ser exato, houve mesmo nos primeiros tempos do cristianismo uma seita que tinha essa crença, mas foi declarada herética. Não fosse por esse motivo, os cristãos acreditariam nisso tão piamente como acreditam na ressurreição de Cristo.

– Significa então que a alma passa de um corpo ao outro, numa sucessiva desigualdade de condições humanas, conforme o mérito ou demérito de trabalhos anteriores?

– Creio que sim.

– Mas, você vê, não sou somente espírito, mas também corpo; e quem pode determinar até que ponto eu, o meu eu individual, estou subordinado ao acidente do meu físico? Teria Byron sido Byron sem o seu pé torto, ou Dostoievski sido Dostoievski sem a sua epilepsia?

– Os hindus não chamariam isto de acidente. Responderiam que foram seus atos, em vidas anteriores, que fizeram com que sua alma habitasse um corpo imperfeito. – Larry tamborilou distraidamente na mesa, imerso nos próprios pensamentos, o olhar perdido no espaço. Depois, com um leve sorriso nos lábios e

expressão pensativa no olhar, continuou: – Alguma vez lhe ocorreu que a reencarnação explica e ao mesmo tempo justifica o mal existente no mundo? Se os males que sofremos são consequência de pecados cometidos em vidas passadas, podemos aceitá-los com resignação – e esperança de melhor vida futura, se nesta nos esforçamos por ser virtuosos. Mas não é assim tão difícil suportar os nossos próprios males – para isso basta um pouco de energia; o que é intolerável é o mal, às vezes aparentemente tão imerecido, que se abate sobre os outros. Se nos convenceremos de que é a inevitável consequência do passado, poderemos sentir pena, fazer o possível para aliviar, e é esta a nossa obrigação, mas não haverá motivo para ficarmos indignados.

– Mas por que não criou Deus um mundo livre de sofrimentos e de tristezas, no princípio, quando não havia no indivíduo mérito nem demérito para determinarem seus atos?

– Os hindus diriam que não houve princípio. A alma individual, coexistente com o universo, sempre existiu e deve sua natureza a alguma existência precedente.

– E essa teoria da transmigração das almas tem algum resultado prático na vida daqueles que acreditam nela? Afinal de contas, é este o teste.

– Creio que tem. Vou lhe falar de um homem que conheci pessoalmente e em cuja vida teve resultado prático. Nos primeiros dois ou três anos que passei na Índia, vivi a maior parte do tempo em hotéis nativos, mas de vez em quando alguém me convidava para me hospedar em sua casa, e uma ou duas vezes vivi esplendorosamente como hóspede de um marajá. Por intermédio de um dos meus amigos de Benares, fui convidado para passar uns tempos num dos menores estados do norte. A capital era linda; “cidade cor-de-rosa quase tão velha quanto o mundo”. Eu fora recomendado ao ministro das Finanças. Educara-se ele na Europa e cursara Oxford. Ao conversar com ele a gente tinha a impressão de um homem progressista, inteligente e esclarecido; tinha fama de ser ministro muito eficiente e político hábil, astucioso. Vestia-se à moda europeia; sempre muito elegante.

Sujeito bonito, mais para gordo – tendência que têm todos os hindus quando chegam à maturidade –, com um bigodinho curto, benfeito. Frequentemente me convidava à sua casa. Havia ali um grande jardim; sentávamo-nos à sombra das árvores copadas e conversávamos. Era casado e tinha dois filhos crescidos. Qualquer um o tomava pelo tipo comum, inglesado, de hindu, e fiquei atônito ao saber que dali a um ano, quando chegasse aos cinquenta anos, ia demitir-se do seu ótimo emprego, dividir seus bens entre a esposa e os filhos e sair pelo mundo afora, como mendigo errante. Mas o mais extraordinário era que seus amigos, assim considerando-a naturalíssima.

Certo dia eu lhe disse:

“Você, que é tão liberal, que conhece o mundo, que leu tanto sobre ciência, filosofia, arte, literatura, diga-me com toda a sinceridade: Acredita mesmo na reencarnação?”.

– Seu rosto transformou-se, adquirindo expressão de um visionário.

“Caro amigo, se não acreditasse, a vida para mim não teria significação.”

– E você acredita, Larry? – perguntei-lhe.

– Pergunta difícil de responder. Não creio que seja possível para nós, ocidentais, acreditar tão implicitamente como acreditam os orientais. Para eles está no sangue. No nosso caso pode ser apenas uma opinião. Não creio nem descreio.

Fez uma pausa, o rosto apoiado na mão, e olhou a mesa. Depois se recostou na cadeira.

– Gostaria de lhe contar um estranho fato que se deu comigo. Certa noite eu estava praticando meditação, no meu quartinho do *ashrama*, como meus amigos hindus me haviam ensinado. Acendera uma vela e concentrava minha atenção na chama; depois de algum tempo vi, através da flama, mas distintamente, uma longa fila de pessoas, uma atrás da outra. A da frente era uma senhora idosa, com touca de renda e cachos grisalhos que lhe caíam sobre as orelhas. Usava corpete justo e saia preta, rodada – tipo de roupa, creio, que se usava em 1870, e me olhava

de frente, numa atitude graciosa, tímida, os braços caídos contra o corpo, de palmas viradas para mim. A expressão do seu rosto enrugado era amável, meiga, suave. Imediatamente atrás dela, mas de lado, de modo que eu lhe podia ver o perfil, estava um judeu magro, de nariz adunco e lábios grossos, metido numa capa amarela e com um solidéu amarelo sobre os grossos cabelos negros. Tinha um aspecto de homem erudito, e um ar de dura e ao mesmo tempo apaixonada austeridade. Atrás dele, mas de frente para mim, de modo que eu o podia ver tão distintamente como se não houvesse ninguém entre nós, estava um rapaz de alegre semblante vermelho, que ninguém podia deixar de reconhecer como sendo um inglês do século xvi. Estava bem firme nos pés, de pernas ligeiramente entreabertas e tinha uma expressão atrevida, temerária e dissoluta. Todo vestido de vermelho, ricamente, como se fossem trajes da corte, com sapatos de veludo, de bico largo, e gorro chato na cabeça. Atrás desses três, em interminável procissão, como fila à porta de um cinema, vi inúmeras pessoas, vagamente, sem poder julgar de sua aparência. Percebia apenas os vultos imprecisos e seus movimentos, como trigo ao sopro de uma brisa de verão. Dali a pouco, não sei se dentro de um minuto, ou cinco, ou dez, eles foram-se perdendo gradualmente na escuridão da noite e nada restou, a não ser a contínua luz da vela.

Larry sorriu de leve.

– Claro que existe a possibilidade de eu ter cochilado e sonhado. É possível que a minha concentração naquela débil chama tenha determinado uma espécie de estado hipnótico, e que os três vultos que eu vira tão claramente como estou agora vendo você fossem lembranças de quadros, retidas pelo meu subconsciente. Mas é possível que fossem eu, em vidas anteriores. É possível que, em passado não muito remoto, eu tenha sido uma velha senhora da Nova Inglaterra, e antes disso um judeu levantino e, tempos antes, logo depois de Sebastian Cabot ter saído de Bristol, algum elegante da corte de Henrique, príncipe de Gales.

– O que aconteceu com o seu amigo da cidade cor-de-rosa?
– Dois anos mais tarde, estava eu num lugar do sul, chamado Madura, quando certa noite no templo alguém me tocou no braço. Virei-me e vi um homem de barba e longos cabelos pretos, só de tanga, com o cajado e a tigela de esmolas dos homens santos. Mas só quando me dirigiu a palavra foi que o reconheci. Era o meu amigo. Fiquei tão admirado que não soube o que dizer. Perguntou-me que andava eu fazendo. Conte-i-lhe. Quis saber para onde eu ia, e respondi que ia para Travancore. Disse-me, então, que fosse ver Shri Ganesha. “Ele lhe dará aquilo que você procura”, declarou. Pedi-lhe que me descrevesse Shri Ganesha, mas ele sorriu, dizendo que eu descobriria tudo que fosse necessário quando viesse a conhecê-la. Tendo voltado a mim da minha surpresa, perguntei-lhe o que estava ele fazendo em Madura. Respondeu-me que estava numa peregrinação a pé pelos lugares santos da Índia. Perguntei-lhe como comia e dormia. Contou-me que, quando alguém lhe oferecia abrigo, dormia na varanda; caso contrário, embaixo de uma árvore, nas imediações de algum templo. Quanto à comida, se alguém lhe oferecia um prato, ele comia; se não, ficava sem comer. Fitei-o. “Você emagreceu”, comentei. Riu-se, dizendo que se sentia melhor assim. Despediu-se em seguida – e era cômico ouvir aquele sujeito de tanga dizer “Bom, até logo, meu velho”, e entrou no recinto do templo onde não me seria permitido acompanhá-la.

Fiquei durante algum tempo em Madura. Creio que é o único templo na Índia onde o homem branco pode movimentar-se livremente, contanto que não penetre no santo dos santos. À noite ficava repleto. Homens, mulheres, crianças. Os homens, nus até a cintura, usavam *dhoties*; tinham a testa, e às vezes também o peito e os braços cobertos com a cinza esbranquiçada de estrume de vaca queimado. A gente os via em atitudes reverentes neste ou naquele altar, deitando-se às vezes ao comprido no chão, de rosto para baixo, na posição ritual de prostração. Oravam e recitavam ladainhas. Cumprimentavam-se, brigavam, discutiam

calorosamente uns com os outros. Havia uma balbúrdia ímpia, e no entanto Deus parecia próximo e real.

A gente vai passando por longas naves, com colunas esculpidas que suportam o teto, vendo-se ao pé de cada coluna, sentado, um mendigo religioso; cada qual tem à sua frente uma tigela de esmolas, ou um tapetinho onde de vez em quando os fiéis atiram uma moeda de cobre. Alguns estão vestidos, outros quase que completamente nus. Alguns olham vagamente para a pessoa que passa; outros leem, silenciosamente ou em voz alta, parecendo alheios à ondulante multidão. Procurei entre eles o meu amigo: nunca mais o vi. Creio que continuou a jornada, para alcançar o seu objetivo.

– E isso era?...

– Libertar-se do cativeiro da reencarnação. De acordo com os vedantistas, a identidade pessoal, que eles chamam de *atman* e nós de alma, é distinta do corpo e seus sentidos, distinta do cérebro e sua inteligência; não faz parte do Absoluto, pois o Absoluto, sendo infinito, não pode ter partes, é o próprio Absoluto. É incriada; sempre existiu e, quando finalmente despir os sete véus da ignorância, voltará à imensidade de onde veio. É como uma gota-d'água que subiu do mar e num aguaceiro caiu numa poça, resvalando depois para um regato, e dali para um rio, passando por desfiladeiros e vastas planícies, insinuando-se aqui e ali, malgrado o obstáculo de rochas e árvores caídas, até chegar aos ilimitados mares de onde proveio.

– Mas, depois de ter-se unido novamente ao oceano, esta pobre gotinha-d'água certamente perdeu a sua individualidade.

Larry sorriu.

– A gente quer provar açúcar, não quer transformar-se em açúcar. O que é a individualidade, senão a expressão do nosso egoísmo? Enquanto a alma não se libertar disso por completo, não poderá unificar-se com o Absoluto.

– Você fala com muita naturalidade do Absoluto, Larry, e é palavra imponente. O que significa para você?

– Realidade. A gente não pode dizer o que ele é; só pode dizer o que não é. É indefinível. Os hindus chamam-no de Brama. Não está em parte alguma e está em toda parte. Todas as coisas estão ligadas a ele e dependem dele. Não é pessoa, não é coisa, não é causa. Não tem atributos. Transcende perpetuidade e alteração; todo e parte, finito e infinito. É eterno porque seu acabamento e perfeição não têm relação com o tempo. É a verdade e a liberdade.

“Puxa”, pensei com os meus botões. E dirigindo-me a Larry:

– Mas como pode uma concepção puramente intelectual ser um conforto para a sofredora raça humana? Os homens sempre desejaram um Deus pessoal, a quem possam, na desgraça, pedir consolo e coragem.

– É possível que, num futuro mais longínquo, um maior discernimento os ensine a procurar consolo e coragem em suas próprias almas. Por mim acho que a necessidade de adoração não passa de uma reminiscência dos velhos tempos em que deuses cruéis tinham que ser propiciados. Creio que Deus está dentro de mim, ou não está em parte alguma. Sendo isso verdade, a quem devo então adorar? A mim mesmo? Os homens estão em planos diferentes de desenvolvimento espiritual e, portanto, a imaginação dos hindus ampliou as manifestações do Absoluto, que é conhecido por Brama, Vichnu, Siva e centenas de outros nomes. O Absoluto tanto está em Isvara, criador e senhor do mundo, como no humilde fetiche diante do qual o camponês, no seu campo batido de sol, coloca a oferenda de uma flor. Os inúmeros deuses da Índia não passam de meios para se chegar à compreensão de que a identidade pessoal está unificada com a identidade suprema.

Olhei pensativo para Larry.

– O que será que o atraiu para essa fé austera? –perguntei-lhe.

– Creio que poderei dizer-lhe. Sempre achei que havia algo de patético nos fundadores de religiões que impunham, como condição para a salvação, a crença na doutrina que pregavam. É

como se tivessem necessidade da nossa fé para ter fé em si próprios. Fazem a gente lembrar-se daqueles antigos deuses pagãos que ficavam lânguidos e desfalecentes quando não os sustentavam as oferendas dos devotos. Advaita não nos pede que aceitemos coisa alguma em confiança; pede-nos apenas que tenhamos o desejo ardente de conhecer a Realidade; afirma que podemos sentir a Deus da mesma maneira que sentimos a dor ou a alegria. E há hoje na Índia centenas de homens que têm certeza de que isto aconteceu com eles. Pareceu-me maravilhosamente satisfatória a ideia de se poder alcançar a Realidade pelo conhecimento. Mais tarde, reconhecendo a fraqueza humana, os sábios da Índia admitiram a possibilidade de se conseguir a salvação pelo caminho do amor e do trabalho, mas jamais negaram que o caminho mais nobre, se bem que o mais árduo, é o do conhecimento, pois o seu instrumento é a mais preciosa faculdade do homem: a razão.

7

Faço uma pausa para declarar que não estou absolutamente tentando descrever o sistema filosófico conhecido como Vedanta. Não tenho competência para isso e, mesmo que a tivesse, não seria este o lugar apropriado. Nossa conversa foi longa e Larry me disse muito mais do que achei possível registrar nesta obra que, afinal de contas, pretende passar por romance. É Larry quem me interessa. Eu não teria tocado em assunto tão complicado se não tivesse achado que, sem dar pelo menos uma ideia de suas especulações e dos singulares acontecimentos que talvez tenham sido por elas ocasionados, eu não poderia tornar plausível a linha de conduta que Larry adotou, e da qual o leitor logo ficará ciente. Irrita-me não poder descrever o tom agradável da sua voz, que tornara convincentes as frases menos importantes, ou dar uma ideia da sua constante mudança de expressão, que ia de grave para suavemente alegre, de pensativa para brincalhona, acompanhando-lhe os pensamentos como o murmurar do piano quando os violinos, em movimento majestoso, entoam os vários temas de um concerto. Embora falasse de assuntos sérios, exprimia-se com naturalidade, em tom de conversa, com certa timidez, mas sem constrangimento, como se estivesse a discutir o tempo ou as próximas colheitas. Se dei a entender que havia na sua atitude algo de didático, a culpa é inteiramente minha. Sua modéstia era tão evidente quanto a sua sinceridade.

Havia agora muito pouca gente no café. Fazia tempo que os turbulentos tinham desaparecido. As pobres criaturas que traficam com o amor tinham ido para suas sórdidas moradas. De vez em quando um homem de ar cansado entrava e encomendava um copo de cerveja e um sanduíche, ao passo que outro, que mal parecia acordado, vinha tomar um café. Operários de colarinho branco. Um trabalhara na turma da noite e voltava para casa, para dormir; o outro, arrancado ao leito pelo ruído estridente do

despertador, ia enfrentar de má vontade um longo dia de trabalho. Larry não parecia ter noção da hora, nem do ambiente. No decorrer da minha existência tenho-me visto em estranhas situações. Mais de uma vez estive bem próximo da morte. Em inúmeras ocasiões respirei uma atmosfera de romance, tendo disto certeza no momento. Viajei a cavalo através da Ásia Central, pela estrada que Marco Polo tomou para chegar às fabulosas terras de Catay; tomei um copo de chá russo num correto salão de Petrogrado, enquanto um homenzinho de paletó preto e calças listradas me contava, na sua voz macia, como assassinara um grão-duque; sentado numa sala de visitas de Westminster, ouvi a serena perfeição de um trio de Haydn, ao piano, enquanto as bombas explodiam lá fora; mas não creio que me tenha encontrado em mais estranha situação do que naquele momento, sentado numa das cadeiras de estofamento vermelho do alegre restaurante, durante horas a fio, enquanto Larry falava de Deus e da eternidade, do Absolut e das cansadas rodas de interminável reprodução.

8

Larry ficou em silêncio durante alguns minutos. Não desejando apressá-lo, esperei. Dali a pouco ele me atirou um sorrisinho amigo, como se novamente se tivesse apercebido da minha presença.

– Quando cheguei a Travancore, vi que não precisava ter pedido informações a respeito de Shri Ganesha. Não havia quem não o conhecesse. Vivera durante anos numa gruta das montanhas, mas finalmente o tinham convencido a mudar-se para a planície, onde uma pessoa caridosa lhe dera um pedaço de terra, construindo para ele uma casinha de adobe. Ficava longe da capital, Trivandrum; levei o dia inteiro, primeiro de trem, depois de carro de boi, para chegar ao *ashrama*. Encontrei um rapaz, na entrada, e perguntei-lhe se podia falar com o iogue. Eu levava uma cesta de frutas, a oferenda habitual. Dali a minutos o rapaz voltou e me conduziu para uma longa sala com janelas em toda a volta. Shri Ganesha estava sentado a um canto, num estrado coberto por uma pele de tigre, em atitude de meditação. “Eu o esperava”, disse-me ele. Admirei-me, mas provavelmente o meu amigo de Madura lhe falara sobre mim. Mas, quando mencionei o seu nome, Shri Ganesha sacudiu a cabeça. Ofereci minha cesta de frutas e ele disse ao rapaz que a levasse. Ficamos sós. Fitou-me sem nada dizer. Não sei quanto durou o silêncio. Meia hora, talvez. Eu já lhe descrevi o seu aspecto, assim que voltei da Índia, mas não lhe falei da serenidade que ele irradiava, bondade, paz, desprendimento. Eu estava fatigado e encalorado depois da viagem, mas pouco a pouco comecei a me sentir maravilhosamente descansado. Antes de ele dizer qualquer outra coisa, compreendi que era o homem que eu estava procurando.

– Ele falava inglês? – perguntei a Larry.

– Não. Mas, você sabe, tenho aptidão para línguas; além do mais, adquirira suficiente conhecimento de tamul para poder

entender e me fazer entender no sul. Finalmente ele falou.

“Para que veio aqui?”, perguntou-me.

– Comecei a contar-lhe como viera parar na Índia, onde estava havia três anos; como, ouvindo falar da santidade e sabedoria deste e daquele homem santo, eu visitara um e outro, não encontrando quem me desse aquilo que eu buscava. Ele interrompeu-me.

“Tudo isto eu sei. Não precisa dizer-me. Para que veio aqui?”

“Para que o senhor seja o meu guru”, respondi.

“Somente Brama é o guru”, disse ele.

– Continuou a fitar-me com estranha fixidez e de repente seu corpo tornou-se rígido, os olhos pareceram virar para dentro e vi que ele caíra em transe, naquilo que os hindus chamam *samadhi* e em que eles adquirem a dualidade de sujeito e o objeto desaparece e a pessoa se torna Saber Absoluto. Eu estava sentado no chão, de pernas cruzadas, diante dele, e meu coração começou a pulsar violentamente. Depois de não sei quanto tempo ele suspirou e percebi que voltara ao seu normal. Atirou-me um olhar meigo e afetuoso.

“Fique”, disse-me. “Eles lhe dirão onde você deve dormir.”

– Deram-me a choça onde Shri Ganesha morara quando viera para a planície. A sala onde ele agora passava os dias e as noites fora construída depois que os discípulos o rodearam e que muita gente, atraída por sua fama, começou a visitá-lo. Para não chamar atenção, adotei o confortável traje indiano e fiquei tão queimado que, a não ser que me observassem por qualquer motivo, eu poderia ter passado por um dos nativos. Eu lia muito. Meditava. Ouvia Shri Ganesha, quando ele estava disposto a expandir-se; não falava muito, mas estava sempre pronto a responder a qualquer pergunta, e era uma maravilha ouvi-lo. Suas palavras eram música para os ouvidos. Embora na mocidade tivesse praticado toda espécie de mortificações, não as impunha aos seus discípulos. Procurava livrá-los da escravidão da individualidade, paixão e sentimento, dizendo-lhes que a libertação poderia ser conseguida pela tranquilidade, repressão, renúncia, resignação,

pela constância e um ardente desejo de liberdade. Vinham vê-lo da cidade vizinha, a cinco ou seis quilômetros de distância, onde havia um templo para onde uma vez por ano acorria muita gente, na ocasião do festival; vinham de Trivandrum e de outros lugares longínquos, para contar-lhe suas mágoas, pedir-lhe conselho, ouvir-lhe os ensinamentos; e não havia quem não partisse com ânimo mais forte e em paz consigo mesmo. Era muito simples o que ele ensinava. Dizia que somos maiores do que pensamos, e que a sabedoria é o caminho da liberdade. Dizia que para se salvar não é necessário a pessoa retirar-se do mundo, mas apenas renunciar à individualidade. Dizia que o trabalho feito desinteressadamente purifica o espírito, e que os deveres são oportunidades dadas ao homem para abafar a própria individualidade e identificar-se com a individualidade universal. Mas o que mais impressionava não era a doutrina, e sim o homem, sua benevolência, grandeza de alma, santidade. Sua presença era uma bênção. Sentia-me muito feliz em sua companhia. Compreendi que finalmente encontrara o que queria. As semanas, os meses passaram-se com incrível rapidez. Eu tinha intenção de ficar até ele morrer (e Shri Ganesha nos dissera que não pretendia habitar por muito tempo o seu corpo perecível) ou até me sentir iluminado – e por isso se entende aquele estado em que finalmente o homem quebra os grilhões da ignorância e sabe com indiscutível certeza que se uniu ao Absoluto.

– E depois?

– Depois, se o que eles dizem é verdade, não existe mais nada. Está terminado o curso da alma no mundo, e a ele não voltará.

– E Shri Ganesha morreu?

– Não que eu saiba.

Ao responder, Larry percebeu o que estava subentendido na minha pergunta e deu uma risadinha. Continuou depois de um momento de hesitação, mas de tal maneira que no princípio cheguei a supor que queria evitar que eu fizesse a segunda

pergunta que ele sentira na ponta da minha língua – e a pergunta era, naturalmente, se ele tinha recebido iluminação.

– Eu não ficava todo tempo no *ashrama*. Tive a sorte de travar conhecimento com um guarda-florestal nativo, cuja residência permanente era nos arredores de uma aldeia na base da montanha. Era devoto de Shri Ganesha e quando podia deixar o trabalho vinha passar dois ou três dias conosco. Bom sujeito; conversávamos muito. Gostava de praticar comigo o seu inglês. Tempos depois ele me contou que o serviço de silvicultura tinha um bangalô no alto da montanha, e que se algum dia eu desejasse ir lá sozinho ele me daria a chave. De vez em quando eu me valia do convite. Levava dois dias para chegar lá. Primeiro eu tinha que tomar o ônibus até a aldeia do guarda; o resto do trajeto era feito a pé. Mas, depois que chegava lá, era uma maravilha – tal a grandeza e a solidão. Eu enfiava o que podia num saco e tomava um carregador para levar algumas provisões, lá ficando até elas se acabarem. Nada mais era que uma cabana de madeira com cozinha atrás; como mobiliário só havia uma cama de armar onde a gente atirava a manta de dormir, uma mesa e duas cadeiras. Fazia frio, naquelas alturas, e era agradável acender o fogo à noite. Era para mim uma sensação maravilhosa saber que não havia viva alma numa distância de trinta quilômetros. À noite, muitas vezes ouvia o rugido do tigre ou o barulho dos elefantes que iam abrindo caminho na floresta. Fazia longos passeios através da mata. Havia um lugar onde eu gostava de ficar sentado, porque de lá podia ver as montanhas estenderem-se à minha frente e, baixando o olhar, um lago onde de tardezinha os animais selvagens vinham beber – veados, javalis, bisões, elefantes e leopardos.

Dois anos depois de estar no *ashrama*, fui para o meu retiro da floresta, por uma razão de que você vai sorrir. Queria passar lá o meu aniversário. Cheguei na véspera. Ainda estava escuro quando acordei no dia seguinte, e tive vontade de ir ver o nascer do sol, lá daquele lugar que lhe acabo de descrever. Conhecia o caminho de olhos fechados. Sentei-me embaixo de uma árvore e esperei.

Ainda era noite, mas as estrelas brilhavam palidamente no céu; o dia estava próximo. Experimentei uma estranha sensação de expectativa. Tão gradualmente, que mal a percebi, a luz começou a filtrar-se pela escuridão; de mansinho, como um vulto misterioso a insinuar-se por entre as árvores. Meu coração começou a bater como se pressentisse a aproximação do perigo. Nasceu o sol.

Larry fez uma pausa e um sorriso desajeitado brincou-lhe nos lábios.

– Não tenho talento descritivo, não sei que palavras usar para pintar um quadro, e não posso portanto fazer com que você veja a beleza do espetáculo ante meus olhos. Aquelas montanhas, com suas densas selvas; a neblina ainda emaranhada na copa das árvores; o lago profundo, lá embaixo, bem longe. O sol refletiu-se no lago, através de uma fenda nas montanhas, e este teve um brilho de aço polido. Fiquei maravilhado com a beleza do universo; nunca sentira tanto júbilo, nem tão grande êxtase. Experimentei estranha sensação, um formigueiro que me subiu dos pés à cabeça; pareceu-me que de repente eu me libertara da matéria, compartilhando, como espírito puro, de uma beleza com que jamais sonhara. Tinha a impressão de ser possuidor de uma sabedoria sobrenatural, de modo que tudo que me parecera confuso se aclarou, tudo que me deixara perplexo se explicou. Felicidade tão intensa que chegava a ser dolorosa; procurei libertar-me dela, pois sentia que, se durasse mais um momento, eu morreria; e no entanto era um êxtase tão grande que seria preferível morrer a ter que renunciar a ele. Como explicar tal sensação? Não há palavras para descrever a minha bem-aventurança. Quando voltei a mim, estava exausto e trêmulo. Adormeci.

Era dia ia alto quando acordei. Voltei para o bangalô, sentindo-me tão leve que tinha a impressão de que mal tocava o solo. Preparei uma refeição – Céus, se estava com fome! – e acendi o cachimbo.

Larry acendeu neste momento o seu cachimbo e continuou: – Não ousei acreditar que eu, Larry Darrell, de Marvin, Illinois, recebera a iluminação pela qual, apesar de uma vida austera e mortificada, outros ainda esperavam.

– Por que julga você que foi isso, e não um estado hipnótico, produzido pela sua disposição de espírito, aliada à solidão, ao mistério da madrugada e ao aço polido do seu lago?

– Devido à minha sensação de intensa realidade. Afinal de contas, era uma sensação igual a que os místicos têm tido em todo mundo, através dos séculos. Brâmanes na Índia, sufis na Pérsia, católicos na Espanha, protestantes na Nova Inglaterra; e, ao descreverem da melhor maneira possível aquilo que é indescritível, fizeram-no em termos semelhantes. Não se pode negar a existência do fenômeno; a dificuldade está em explicá-lo. Se por um momento me unifiquei com o Absoluto, ou se foi uma irrupção do subconsciente, ou uma afinidade com o espírito universal, latente em todos nós, é coisa que não sei dizer.

Larry fez uma pausa e me atirou um olhar indagador.

– Por pensar nisso, você consegue fazer o polegar tocar no mínimo? – perguntou-me.

– Claro – respondi rindo e provando-o com o gesto apropriado.

– Sabe que é uma coisa que somente o homem e os primatas conseguem fazer? É devido ao fato de ser o polegar oposto aos outros dedos que a mão é um instrumento tão admirável. Você não acha possível que o polegar, provavelmente em forma rudimentar, tenha se desenvolvido em alguns indivíduos entre os remotos antepassados do homem e do gorila, e que era uma característica que só se tornou comum a todos depois de inúmeras gerações? Não acha também possível que esses fenômenos de união com a Realidade, que tenha acontecido a pessoas tão diversas, indiquem o desenvolvimento de um sexto sentido que no futuro, num futuro muito distante, será comum a todos os homens, a ponto de permitir que eles tenham tão direta percepção do Absoluto como temos agora dos objetos materiais?

– E de que maneira acha você que isto os afetaria?

– Quanto a isso, não estou em condições de lhe dizer nada mais do que a primeira criatura que descobriu que podia tocar o mínimo com o polegar poderia ter dito das inumeráveis consequências de ato tão insignificante. Só o que posso garantir-lhe é que ainda perdura em mim a intensa sensação de paz, alegria e segurança, de que me senti possuído naquele momento de exaltação, e que o espetáculo da beleza do universo está tão vívido na minha lembrança como na ocasião em que meus olhos ficaram por ele ofuscados:

– Mas, Larry, certamente a sua concepção do Absoluto o obriga a acreditar que o mundo e sua beleza não passam de uma ilusão – criação de Maya.

– É um erro acreditar que os hindus consideram o mundo uma ilusão; não dizem isso; acham apenas que não é real no sentido em que o é o Absoluto. Maya é apenas uma invenção daqueles ardentes pensadores, para explicarem como o Infinito pode produzir o Finito. Samkara, o mais sábio de todos eles, declarou que era mistério insolúvel. Você vê, a dificuldade está em explicar por que haveria Brama – que é Ser, Bem-aventurança e Inteligência, que é imutável, que é eterno, que está perpetuamente em repouso, a quem nada falta e que não tem necessidade de coisa alguma, não conhecendo portanto nem alteração nem luta, que é perfeito –, por que haveria Brama de criar o mundo. Pois bem, se alguém faz esta pergunta, em geral lhe respondem que o Absoluto criou o mundo por esporte, sem objetivo de espécie alguma. Mas, ao pensar em inundações, fome, terremotos, furacões e todos os males a que está sujeita a humanidade, a gente se revolta com a ideia de que tanta coisa má tenha sido criada por divertimento. Shri Ganesha era bom demais para apoiar essa teoria; considerava o mundo como a expressão do Absoluto e o transbordamento de sua perfeição. Ensinava ele que Deus não pode deixar de criar, e que o mundo é a manifestação da sua natureza. Quando lhe perguntei por que motivo – uma vez que era a manifestação da natureza de um ser perfeito – o mundo era tão odioso, a ponto de fazer com que o

melhor objetivo do homem fosse libertar-se de seus grilhões, Shri Ganesha me respondeu que as alegrias do mundo são transitórias e que somente o Infinito proporciona felicidade duradoura. Mas perpetuidade não faz com que o bom se torne melhor, nem faz o branco ficar mais branco. Mesmo que ao meio-dia a rosa perca a beleza que teve de madrugada, sua beleza naquele momento foi real. Nada no mundo é permanente, e somos tolos em desejar que uma coisa perdure, mas mais tolos ainda seríamos se não a apreciássemos enquanto a temos. Se mutabilidade é da essência da existência, nada mais natural do que fazer dela a premissa da nossa filosofia. Não podemos pisar duas vezes as mesmas águas de um rio, mas o rio corre continuamente e as outras águas que pisamos são também frescas e agradáveis.

Quando entraram na Índia pela primeira vez, os árias viram que o mundo que conhecemos não passa de uma semelhança do mundo que desconhecemos, mas souberam apreciar a sua beleza e encanto; somente séculos mais tarde, quando o esforço da conquista e o clima debilitante lhes sugaram a vitalidade, tornando-os vítimas das hordas invasoras, foi que viram apenas mal na vida, desejando ardentemente libertar-se do jugo da reencarnação. Por que motivo nós, ocidentais, e principalmente nós, americanos, havemos de temer a decadência e a morte, a fome e a sede, a velhice, a tristeza, a desilusão? É forte em nós o instinto de viver. Ali sentado na cabana de madeira, a fumar o meu cachimbo, mais do que em qualquer outra ocasião senti que vivia. Fervia em mim uma energia que queria ser despendida. Não era minha vocação abandonar o mundo e retirar-me ao claustro, e sim viver no mundo e amar as coisas do mundo, não por causa delas e sim por causa do Infinito que está nelas. Se naqueles momentos de êxtase eu realmente me unificara com o Absoluto, então, se fosse verdade o que eles diziam, nada poderia atingir-me e, depois de ter cumprido o *karma* da minha existência atual, eu não voltaria ao mundo. Tal pensamento consternou-me. Eu desejava viver, e tornar a viver. Estava disposto a aceitar fosse que vida fosse, com suas tristezas e dores; meu ardor, energia e

curiosidade só poderiam satisfazer-se com uma vida após outra, e outra após outra.

Na manhã seguinte desci a montanha e no outro dia cheguei ao *ashrama*. Shri Ganesha admirou-se ao ver-me em trajes europeus. Eu os vestira no bangalã do guarda-florestal, antes de galgar a montanha, porque lá era fresco, e não pensara em trocá-los.

“Vim dizer-lhe adeus, mestre”, declarei. “Vou voltar para a minha gente.”

– Ele nada disse. Estava, como sempre, sentado de pernas cruzadas, na pele de tigre, sobre o estrado. Havia no ar um leve perfume de incenso, que se queimava no braseiro em frente dele. Estava só, como da primeira vez em que eu o vira. Fitou-me com expressão tão penetrante que me pareceu que podia ler o mais íntimo dos meus pensamentos. Vi que estava ciente do que acontecera.

“Está certo”, disse ele. “Você já esteve fora bastante tempo.”

– Ajoelhei-me e ele me deu a bênção. Quando me levantei, meus olhos estavam cheios de lágrimas. Homem nobre e santo.

Hei de sempre considerar um privilégio o fato de tê-lo conhecido. Despedi-me dos devotos. Alguns estavam lá havia anos; outros tinham chegado depois de mim. Deixei meus livros e outros objetos, achando que poderiam ser úteis a alguém e, com o meu saco de viagem às costas, vestindo as mesmas velhas calças e o paletó marrom com que chegara, com um *topee* amassado na cabeça, regressei à cidade. Uma semana mais tarde tomei o vapor em Bombaim e fui parar em Marselha.

Ficamos em silêncio, cada um de nós preocupado com os próprios pensamentos. Embora eu estivesse muito cansado, ainda havia uma coisa que queria saber. Fui, portanto, o primeiro a falar.

– Larry, meu velho, essa sua longa pesquisa começou com o problema do mal. Foi o problema do mal que o incitou. Até agora, nada do que você disse indica que tenha chegado nem mesmo perto de uma solução.

– Talvez não haja solução, ou talvez eu não seja bastante inteligente para encontrá-la. Ramakrishna considerava o mundo um esporte de Deus. “É como um jogo”, disse ele. “Nesse jogo há alegria e tristeza, virtude e vício, saber e ignorância, bem e mal... O jogo não poderá continuar se o pecado e a tristeza forem completamente banidos da criação.” Não concordo com tal teoria. A melhor sugestão que posso fazer é que, quando o Absoluto se manifestou no mundo, o mal era a natural correlação do bem. Sem o incalculável horror de uma convulsão na crosta terrestre, jamais teríamos tido a maravilhosa beleza do Himalaia. O artífice chinês que faz um vaso de porcelana finíssima pode dar-lhe um elegante formato, ornamentá-lo com belíssimos desenhos, colori-lo de lindos tons e dar-lhe lustre perfeito, mas, devido à própria natureza do vaso, não pode impedir que seja frágil. Se cair no chão, quebrar-se-á em inúmeros pedaços. Não acha você possível que, da mesma forma, os valores que prezamos neste mundo só possam existir combinados com o mal?

– É uma ideia engenhosa, Larry. Mas não creio que seja muito satisfatória.

– Nem eu – replicou sorrindo. – Mas quando a gente chega à conclusão de que uma coisa é inevitável, o melhor é conformar-se de cara alegre.

– Quais são, atualmente, os seus planos?

– Tenho que terminar um trabalho aqui e voltarei depois para a América.

– Para fazer o quê?

– Viver.

– Como?

Ele respondeu serenamente, mas com um brilho travesso no olhar, pois calculava perfeitamente a surpresa que sua resposta iria causar-me.

– Com calma, paciência, compaixão, abnegação e continência.

– Quanta coisa! – disse eu. – Mas por que continência? Você é moço, Larry; acha acertado abafar aquilo que, conjuntamente com a fome, é o mais forte instinto animal?

– Felizmente sou pessoa para quem o ato sexual é mais um prazer do que uma necessidade. Sei por experiência própria que nunca os sábios da Índia acertam tanto como quando afirmam que a castidade intensifica extraordinariamente o poder do espírito.

– Pensei que a sabedoria estivesse em estabelecer um equilíbrio entre as necessidades do corpo e as do espírito.

– Isto é justamente o que os hindus afirmam que nós, ocidentais, não fizemos. Acham que com nossas inúmeras invenções, fábricas, máquinas, e tudo o que elas produzem, procuramos a felicidade em coisas materiais, mas que a felicidade não está na matéria e sim nas coisas espirituais. E acham que o caminho que escolhemos conduz à destruição.

– E você acha que a América é lugar apropriado para pôr em prática as virtudes que acaba de mencionar?

– Não sei por que não. Vocês, europeus, nada conhecem da América. Pelo fato de amontoarmos grandes fortunas, acham que é só dinheiro que nos interessa. Pouco ligamos a ele; assim que o possuímos tratamos logo de gastá-lo, às vezes bem, às vezes mal, mas em todo caso o gastamos. Dinheiro nada significa para nós; é apenas o símbolo do sucesso. Somos os maiores idealistas do mundo; só que, no meu modo de pensar, pusemos o nosso ideal onde não devia estar; acho que o maior ideal que um homem possa ter é o seu próprio aperfeiçoamento.

– É um nobre ideal, Larry.

– Não acha que vale a pena tentar viver de acordo com ele?

– Mas por acaso acredita que você, um homem só, possa ter influência sobre um povo irrequieto, independente, intensamente individualista como é o povo americano? Seria mais fácil tentar deter com as mãos as águas do Mississippi.

– Não há mal em tentar. Foi um homem que inventou a roda; foi um homem que descobriu a lei da gravidade. Nada do que acontece deixa de ter consequência. Quando a gente atira uma pedra num tanque, o mundo não é exatamente o mesmo que era antes. É um erro pensar que aqueles homens santos da Índia levam vidas inúteis. São como luz a brilhar na escuridão.

Representam um ideal que é um conforto para seus semelhantes; o vulgo pode não alcançar esse ideal, mas todos o respeitam e ele afeta a vida para sempre. A influência de um homem que se tornou puro e perfeito é tão grande, espalha-se de tal forma, que aqueles que buscam a verdade se sentem naturalmente atraídos para esse homem. É possível que a vida que pretendo levar afete a de outras pessoas; o resultado talvez não seja maior que a borbulha causada pela pedra atirada no tanque, mas uma borbulha produz outra, e esta uma terceira, e é possível que algumas pessoas vejam que o meu modo de viver proporciona felicidade e paz, e que por sua vez ensinem a outros o que aprenderam.

– Será que você imagina as dificuldades que terá que enfrentar, Larry? Faz muito tempo que, para abafar as opiniões que temiam, os filistinos abandonaram os instrumentos de tortura; descobriram muito mais perigosa arma de destruição – a zombaria.

– Sou um sujeito duro – sorriu Larry.

– Bom, só me resta dizer que é uma sorte você ter fortuna particular.

– Sim, tem me valido muito. Do contrário, eu não teria podido fazer o que fiz. Mas o meu aprendizado está findo. Daqui por diante ela será apenas um estorvo. Vou dispor dela.

– Seria uma leviandade. Independência financeira é a única coisa que pode tornar possível a vida que você pretende levar.

– Pelo contrário; independência financeira tiraria a essa vida toda a significação.

Não pude conter um gesto de impaciência.

– Isto talvez dê certo com o mendigo errante da Índia; pode dormir sob uma árvore, e é de boa vontade que, para adquirir mérito, os piedosos lhe encham de comida a tigela de esmolas. Mas o clima da América está longe de ser favorável a noites ao ar livre e, embora eu não tenha a pretensão de conhecer bem a América, de uma coisa estou certo: seus compatriotas são unânimes em achar que quem quer comer tem que trabalhar. Meu

pobre Larry, antes de você tomar impulso, já o teriam mandado como vagabundo para o asilo.

Ele riu.

– Sei disso. A gente tem de se adaptar ao ambiente e naturalmente pretendo trabalhar. Quando chegar à América, procurarei arranjar emprego em alguma garagem. Sou bom mecânico e não creio que isso seja difícil.

– Você não estaria despendendo energia que poderia ser mais utilmente aproveitada?

– Gosto do trabalho manual. Depois de temporadas em que me fartei de estudar, tenho sempre experimentado isto por algum tempo e achado que revigora o espírito. Lembro-me de que, ao ler uma biografia de Spinoza, achei tolice do autor considerar uma pena Spinoza ter que polir lentes para ganhar seu sustento. Garanto que isso auxiliava sua atividade intelectual; quando menos, distraía a sua atenção do árduo trabalho de pesquisa. Quando estou lavando um carro ou lidando com um carburador, tenho o espírito livre e, ao terminar, experimento a agradável sensação de ter feito alguma coisa. Claro que não quero ficar indefinidamente numa garagem. Faz muito tempo que saí emprego como chofer de caminhão; assim poderei, com o tempo, viajar de um lado ao outro do país.

– Talvez você se tenha esquecido da maior vantagem do dinheiro: economiza tempo. A vida é curta e há tanto para fazer que não podemos perder um só minuto. Pense no tempo desperdiçado para você ir a pé de um lugar a outro, em vez de ir de ônibus, ou indo de ônibus em vez de ir de táxi.

Larry sorriu.

– Tem razão; não tinha pensado nisso. Mas posso aparar a dificuldade tendo o meu próprio táxi.

– O que quer dizer com isso?

– Pretendo, mais tarde, fixar residência em Nova York, principalmente por causa das bibliotecas; não preciso de muito para viver, não faço questão de dormir aqui ou acolá e contento-me com uma refeição por dia; quando tiver visto da América tudo

o que pretendo ver, provavelmente terei juntado bastante dinheiro para comprar um táxi e trabalhar como chofer.

– Você devia ser internado, Larry. Está louco varrido.

– Absolutamente. Sou muito sensato e muito prático. Como chofer de táxi não precisarei trabalhar mais que um certo número de horas, para ter cama e comida e me prevenir contra a depreciação do carro. Poderei dedicar o resto do tempo a outros trabalhos e, quando tiver pressa de ir a um ou outro lugar, sempre poderei ir no meu táxi.

– Mas, Larry, tanto quanto uma apólice do governo, um táxi é uma posse – disse eu para troçar com ele. – Como chofer de táxi você seria um capitalista.

Ele riu.

– Não; o meu táxi seria apenas um instrumento de trabalho, equivalente ao cajado ou à tigela de esmolas do mendigo errante.

Com essa nota de gracejo ficou encerrada a nossa conversa. Nos últimos momentos eu notara que ia chegando gente com mais frequência. Um homem em traje a rigor sentou-se não muito longe de nós e encomendou um pequeno almoço substancial. Tinha a expressão cansada, mas satisfeita, de quem relembra complacentemente uma noite entregue a passatempos amorosos. Alguns senhores idosos, madrugadores porque a velhice não carece de muito sono, tomavam o seu *café au lait* vagarosamente, lendo, através das grossas lentes dos óculos, o jornal da manhã. Moços, uns lépidos e bem-vestidos, outros metidos em surrados paletós, entravam apressados para devorar um pãozinho e engolir uma xícara de café, a caminho de uma loja ou de um escritório. Uma velha de rosto encarquilhado entrou com uma pilha de jornais e ofereceu-os de mesa em mesa, aparentemente sem resultado. Olhei pelas largas vitrinas da frente e vi que já era dia. Um ou dois minutos mais tarde alguém apagou as luzes elétricas do restaurante, com exceção da parte traseira. Olhei o meu relógio. Mais de sete horas!

– Que tal encomendarmos o nosso café da manhã? – sugeri a Larry.

Comemos *croissants* quentinhos e quebradiços, recém-saídos do forno, e tomamos *café au lait*. Eu estava cansado e sem energia e tinha certeza de que parecia um trapo, mas Larry estava mais animado do que nunca. Seus olhos brilhavam, não havia uma ruga no seu rosto, e ele não parecia ter mais de vinte e cinco anos. O café me reanimou.

– Permite que lhe dê um conselho, Larry? É coisa que raramente faço.

– É coisa que raramente aceito – replicou ele sorrindo.

– Promete refletir bastante antes de dispor dos poucos bens que possui? Quando os tiver perdido, estarão perdidos para sempre. Talvez chegue o dia em que você precise de dinheiro, ou para você ou para outras pessoas, e então se arrependerá de ter sido tão idiota.

Quando ele respondeu havia nos seus olhos um brilho de zombaria, mas sem malícia.

– Você dá mais importância ao dinheiro do que eu.

– Não duvido – respondi azedamente. – Você sempre o teve, e eu não. O dinheiro me deu aquilo que mais prezo no mundo: independência. Não imagina que prazer sinto em pensar que, se me desse na veneta, eu poderia mandar todo mundo às favas.

– Mas a questão é que não desejo mandar ninguém às favas – replicou Larry. – E, se o desejasse, não seria a falta de uma conta no banco que me impediria. O dinheiro para você significa liberdade; para mim significa escravidão.

– Você é um sujeito teimoso, Larry.

– Sei disso. Não é minha culpa. Em todo caso, terei bastante tempo para refletir, pois não vou para a América antes da primavera. O pintor Auguste Cottet, que é meu amigo, emprestou-me o seu bangalô, em Sanary, e pretendo lá passar o inverno.

Sanary é uma desprezível praia da Riviera, entre Bandol e Toulon, bastante frequentada por artistas e escritores que não apreciam a vistosa artificialidade de Saint-Tropez.

– Você gostará de lá, se não se importar de ficar num lugar triste como um cemitério.

– Terei bastante trabalho. Estive coligindo várias notas e vou escrever um livro.

– Sobre quê?

– Você verá quando for publicado – replicou ele sorrindo. – Se quiser mandar-me depois de terminado, creio que lhe poderei arranjar um editor.

– Não se incomode. Uns amigos meus, americanos, têm uma tipografiuzinha em Paris e vão me imprimir o livro.

– Mas você não pode esperar que um livro publicado desta forma tenha saída, nem que os críticos se ocupem dele.

– Não faço questão de crítica e não espero que tenha saída. Vou mandar imprimir apenas o número suficiente para mandar aos meus amigos da Índia, e algumas pessoas aqui na França, a quem julgo que poderá interessar. Nada de muito importante. Vou escrevê-lo apenas para me livrar daquelas notas, e publicá-lo porque acho que a gente só pode julgar uma coisa depois de vê-la impressa.

– Acho que o seu ponto de vista está certo. Terminamos a refeição e pedi a nota ao garçom. Entreguei-a em seguida a Larry.

– Já que você vai atirar o seu dinheiro no lixo, pode perfeitamente pagar o meu café.

Ele riu e pagou. Eu estava com os membros duros de ficar sentado durante tanto tempo; doíam-me os lados quando saí do restaurante. Agradável respirar o ar puro daquela manhã de outono. Céu azul. A Avenue Clichy, sórdida à noite, tinha agora um ar garboso, lembrando a mulher pintada, abatida, que caminhasse com o passo vivo de uma moça – e a impressão nada tinha de desagradável. Fiz sinal a um táxi que passava.

– Quer que o deixe em algum lugar? – perguntei a Larry.

– Não. Vou descer até o Sena, para nadar numa daquelas casas de banho; irei depois até a Bibliothèque, pois tenho que colher uns dados.

Apertei-lhe a mão e observei-o quando atravessou a rua com seus passos largos, despreocupados. Quanto a voltei para o hotel. Quando entrei na minha saleta, vi que eram mais de oito horas.

“Bonita hora para um senhor idoso entrar em casa”, disse eu, em tom de censura, para a dama nua (sob a redoma) que desde o ano de 1813 estava deitada em cima do relógio, em posição que sempre considerei extremamente incômoda.

Ela continuou a contemplar, num espelho de bronze, o seu rosto de bronze, e só o que o relógio dizia era “tique, tique, tique”. Fui ao banheiro e abri a torneira de água quente. Depois de ter ficado no banho até a água amornar, enxuguei-me, tomei um comprimido para dormir e, levando para a cama *Le Cimetière Marin* de Valéry, que aconteceu estar no criado-mudo, li até pegar no sono.

Sete

4

Quando de novo passei por Paris, os Maturin já tinham partido e outras pessoas residiam no apartamento de Elliott. Sentia falta de Isabel. Ela agradava à vista e era pessoa com quem se tinha prazer em conversar. Pronta na resposta, e não levava nada a mal. Nunca mais a vi. Não sou amigo de escrever cartas nem Isabel era dada a isso. Quando não podia comunicar-se com uma pessoa por telefone ou telegrama, não se comunicava com ela. No Natal daquele ano recebi um cartão seu – uma bela casa com pórtico colonial, cercada por carvalhos, que tomei como sendo a casa da fazenda que eles tinham desejado vender quando precisavam do dinheiro, e que provavelmente agora tinham prazer de conservar. O carimbo indicava que viera de Dallas, de modo que deduzi que o negócio se concluíra satisfatoriamente e que estavam lá instalados.

Nunca estive em Dallas, mas não duvido que, a exemplo de outras cidades americanas que conheço, tenha o seu bairro residencial – a cômoda distância, de automóvel, do centro comercial e do *country club* – onde no meio de vastos jardins as famílias abastadas constroem seus lares, podendo-se apreciar, das janelas do *living*, a bela vista de um morro ou de um vale. Em tal bairro, e em tal casa, mobiliada à última moda, do porão ao sótão, pelo mais elegante decorador de Nova York, certamente vive Isabel. Desejo apenas que o seu Renoir, suas flores de Manet, sua paisagem de Monet e seu Gauguin não pareçam ali muito antiquados. A sala de jantar é provavelmente de tamanho adequado aos almoços que senhoras como ela dão frequentemente, e onde o vinho é bom e a comida excelente. Isabel aprendeu muito em Paris. Não se instalaria na casa, a não ser que de relance tivesse visto que o *living* serviria perfeitamente para as festas de debutantes que ela teria prazer em dar quando suas filhas ficassem mais velhas. Hoje Joan e Priscilla já devem

estar em idade de casar. Tenho certeza de que receberam esmerada educação; frequentaram as melhores escolas, e Isabel fez questão de que não lhes faltassem as prendas que as tornariam desejáveis aos olhos dos moços casadoiros. Embora eu suponha que Gray deva estar mais vermelho, com maior papada, mais calvo e mais pesado, não posso acreditar que Isabel tenha mudado. Ainda é mais bonita que as filhas. Os Maturin devem ser um dos orgulhos da comunidade e não duvido que gozem de merecida popularidade. Isabel é divertida, gentil, condescendente e fina; e Gray é, naturalmente, o tipo perfeito do Sujeito Igual.

1

Seis meses mais tarde, em abril, estava eu certa manhã escrevendo no meu escritório, no sótão da minha casa, em Cap Ferrat, quando uma criada veio me avisar que a polícia de St. Jean (a aldeia vizinha) estava embaixo e desejava ver-me. Fiquei aborrecido com a interrupção e sem poder atinar com o motivo da visita. Tinha a consciência tranquila e já assinara na sua lista de caridade. Recebera por isso um cartão, que eu guardava no carro para que, se me fizessem parar por excesso de velocidade ou me encontrassem estacionado em lugar proibido, eu pudesse disfarçadamente fazer com que o vissem, ao apresentar minha carta de chofer, escapando assim com uma indulgente recomendação de cautela. Achei mais provável que um de meus empregados tivesse sido vítima de uma carta anônima – um dos prazeres da vida na França! – por não ter os documentos em ordem; mas, estando eu em bons termos com os policiais do lugar, que nunca tinham saído de minha casa sem o reconforto de um copo de vinho, não previ grandes dificuldades. Mas os dois policiais, pois trabalhavam aos pares, tinham vindo por motivo bem diverso.

Depois de nos termos apertado a mão, indagando quem chamavam *brigadier* e que tinha um dos mais respeitáveis bigodes que jamais vi, tirou do bolso um caderno de notas, virando as páginas com o sujo polegar.

– O nome de Sophie Macdonald significa alguma coisa para o senhor? – indagou ele.

– Conheço uma pessoa com este nome – respondi cautelosamente.

– Acabamos de nos comunicar por telefone com a delegacia de Toulon, e o inspetor-chefe lhe pede para ali comparecer (*vaus prie de vaus y rendre*) sem demora.

– Por que motivo? – perguntei. – Conheci mrs. Macdonald muito ligeiramente.

Conclui que Sophie estava metida em alguma complicação, provavelmente relacionada com ópio, mas não vi razão para me envolver no caso.

– Isto não é comigo – replicou o polícia. – Está provado que o senhor conheceu esta mulher. Parece que fez cinco dias que ela desapareceu de casa e agora tiraram da baía um corpo que a polícia julga ser o dela. Querem que o senhor o identifique.

Um calafrio percorreu-me a espinha. Não fiquei, no entanto, excessivamente admirado. Nada mais natural que, com a vida que levava, num momento de desespero Sophie tivesse desejado a morte.

– Mas com toda a certeza poderão identificá-la por suas roupas e documentos.

– Santo Deus! – exclamei horrorizado. Refleti durante alguns segundos. Provavelmente a polícia poderia obrigar-me a ir e era preferível aceder de boa vontade. – Está certo, tomarei o primeiro trem que puder – acrescentei.

Examinei o horário dos trens e vi que havia um que me faria chegar a Toulon entre cinco e seis horas. O *brigadier* disse que avisaria o inspetor-chefe e pediu-me que da estação fosse diretamente para a delegacia. Não trabalhei mais naquela manhã. Enfiei algumas roupas numa maleta e depois do almoço fui para a estação.

2

Quando me apresentei na delegacia central, em Toulon, fizeram-me entrar imediatamente para o gabinete do inspetor-chefe. Estava sentado a uma mesa: sujeito pesado, moreno, de aparência taciturna. Corso, pensei. Feriu-me, talvez pela força do hábito, com um olhar suspeitoso, mas ao notar a fita da Legião de Honra que eu tivera a precaução de colocar na lapela, com um sorriso untuoso convidou-me a sentar, desculpando-se profusamente por ter sido obrigado a incomodar pessoa tão distinta. Adotando o mesmo tom, asseverei-lhe de que nada me causava maior prazer do que o fato de lhe poder ser útil. Chegamos então ao que importava e ele reassumiu a sua atitude brusca, insolente mesmo. Olhando os documentos à sua frente, disse:

– Negócio sórdido. Parece que esta tal Macdonald tinha péssima reputação. Era bêbada, viciada em drogas e ninfômana. Costumava dormir não somente com os marinheiros que chegavam ao porto mas com a ralé da cidade. Como se explica que uma pessoa como o senhor, de sua idade e respeitabilidade, conhecesse um tipo desses?

Tive vontade de dizer-lhe que não era da sua conta, mas graças à paciente leitura de centenas de romances policiais aprendi que vale a pena a gente estar de bem com a polícia.

– Conheci-a muito ligeiramente – respondi. – Foi-me apresentada em Chicago, quando era ainda mocinha, tendo depois casado com um rapaz de boa posição. Encontrei-a de novo em Paris, no ano passado, por intermédio de amigos comuns.

Estivera procurando adivinhar de que maneira chegara o inspetor a me associar com Sophie, mas nisto ele empurrou um livro para a frente.

– Este livro foi encontrado no quarto dela. Se tiver a bondade de examinar a dedicatória, verá que absolutamente não indica que

suas relações com a morta fossem tão superficiais como o senhor quer dar a entender.

Vi que se tratava da tradução do meu romance que Sophie vira na vitrina de uma livraria, pedindo-me para autografá-la. Sob o meu nome eu escrevera: "*Mignonne, allons voir si la rase*", por ter sido a primeira coisa a me ocorrer. Parecia realmente um tanto íntimo...

– Se o senhor está insinuando que fui seu amante, engana-se redondamente.

– Não seria da minha conta – replicou o inspetor. E depois, com um brilho nos olhos: – E, sem querer absolutamente ofendê-lo, devo acrescentar que, pelo que ouvi dela, não creio que o senhor fosse o seu tipo. Mas é evidente que não iria dizer *mignonne* a uma desconhecida.

– Esta frase, *monsieur le commissaire*, é a primeira de uma célebre poesia de Ronsard, cujas obras garanto que um homem da sua educação e cultura não desconhece. Escrevi-a por ter quase certeza de que ela já lera a poesia e se lembraria dos versos seguintes, que lhe dariam a entender que a vida que levava era, no mínimo, indiscreta.

– Claro que li Ronsard no colégio, mas com todo trabalho que tenho, confesso que os versos a que se refere me fogem à memória.

Recitei a primeira estrofe, certo de que ele nunca ouvira o nome do poeta até o momento em que eu o citara, e não receando, portanto, que se lembrasse da última, que está longe de poder ser considerada como um estímulo à virtude.

– Aparentemente ela era mulher de certa educação. Encontramos inúmeros romances policiais no seu quarto e dois ou três livros de poesia. Havia um de Baudelaire e outro de Rimbaud e um terceiro de um inglês chamado Elliott. É conhecido?

– Muito.

– Não tenho tempo para ler poesia. Além do mais, não leio em inglês. Se ele é bom poeta, é pena que não escreva em francês, para que as pessoas instruídas possam lê-lo.

A ideia de ver o meu inspetor-chefe lendo *The Waste Land* encheu-me de gozo. De repente ele empurrou um instantâneo para o meu lado e perguntou:

– Sabe por acaso quem é esta pessoa?

Reconheci Larry imediatamente. Estava em traje de banho e creio que a fotografia, bem recente, fora tirada em Dinard, naquele verão em que ele lá estivera ao mesmo tempo que Isabel e Gray. Meu primeiro impulso foi dizer que não sabia quem era, pois nada me seria mais desagradável do que envolver Larry naquele detestável incidente; mas refleti que, se a polícia lhe descobrisse a identidade, a minha negativa faria parecer que eu achava que havia alguma coisa a ocultar.

– É um cidadão americano chamado Laurence Darrell.

– Foi a única fotografia encontrada entre os objetos da mulher. Qual a ligação entre eles?

– Eram ambos da mesma cidade, perto de Chicago. Foram companheiros de infância.

– Mas esta fotografia foi tirada, relativamente há pouco tempo, numa praia no norte ou oeste da França, creio eu. Quem é este indivíduo?

– Um escritor – respondi ousadamente. O inspetor ergueu levemente as sobrancelhas e percebi que não tinha em grande conta a moralidade dos membros da minha profissão. – Com fortuna própria – acrescentei, para dar um ar mais respeitável.

– Onde está ele agora?

Tive novamente a tentação de dizer que não sabia, mas achei que isto só serviria para piorar a situação. A polícia francesa pode ter muitas falhas, mas seu sistema lhe permite encontrar sem demora seja lá quem for.

– Está morando em Sanary – respondi.

O inspetor ergueu o olhar, visivelmente interessado.

– Onde?

Eu me lembrara que Larry me dissera que Auguste Cottet lhe emprestara o bangalô, e no Natal, ao voltar, escrevi-lhe

convidando-o para passar uns dias comigo; mas, aliás como eu previra, ele recusou. Dei ao inspetor o seu endereço.

– Telefonarei para Sanary, para que o tragam aqui. Talvez valha a pena interrogá-lo.

Ocorreu-me que o inspetor julgara ter encontrado um suspeito. Tive vontade de rir; estava convencido de que não seria difícil a Larry provar que nada tivera com o caso. Estava aflito por saber mais alguma coisa do fim trágico de Sophie, mas o inspetor apenas me contou, um pouco mais detalhadamente, aquilo que eu já sabia. Dois pescadores tinham trazido o corpo. O policial da minha aldeia exagerara romanticamente ao afirmar que ela estava completamente nua. O assassino lhe deixara a cinta e a *brassière*. Se Sophie estivera vestida da mesma maneira em que eu a vira da última vez, bastara ao assassino tirar-lhe a calça comprida e o suéter. Não havendo coisa alguma que a identificasse, a polícia pusera uma notícia no jornal. Isto provocara o comparecimento, na delegacia, de uma mulher que tinha, numa ruela escusa, uma espécie de pensão, que os franceses chamam de *maison de passe*, onde os homens podem levar mulheres ou rapazinhos. Ela era paga pela polícia, que queria saber quem lhe frequentara a casa, e para quê. Sophie fora expulsa do hotel do cais onde morava quando eu a encontrara, pois o seu procedimento acabara por escandalizar até mesmo o tolerante proprietário. Propusera alugar um quarto e uma saleta na casa da mulher a que me referi. Era mais vantajoso alugá-los duas ou três vezes por noite, pelo espaço de algumas horas, mas Sophie oferecera preço tão alto que a mulher consentira em alugar por mês. A dona da casa compareceu na polícia para avisar que fazia cinco dias que sua inquilina desaparecera; não se preocupava com isso, pensando que ela fora a Marselha ou Villefranche, onde ultimamente tinham chegado navios da esquadra inglesa, acontecimento que sempre atraía as mulheres, velhas e moças, de todo litoral; mas depois lera a descrição da morta, no jornal, e achara que podia aplicar-se à sua inquilina. Tinham-na levado para identificar o cadáver e depois de ligeira hesitação ela afirmara tratar-se de Sophie Macdonald.

– Mas, se o cadáver foi identificado, para que então precisam de mim? – perguntei.

– Madame Bellet é uma mulher muito respeitável e de ótimo caráter, mas talvez tenha, para identificar o cadáver, razões que desconhecemos; em todo caso acho que a morta deva ser vista por pessoa com quem tenha tido contato mais íntimo, para que haja confirmação.

– Há probabilidade de encontrar o assassino? O inspetor encolheu os ombros maciços.

– Estamos, naturalmente, investigando. Interrogamos inúmeras pessoas, nos bares que ela costumava frequentar. É possível que tenha sido assassinada por algum marinheiro ciumento cujo navio já deixou o porto, ou por algum bandido que quisesse roubar o que ela tivesse consigo. Pelo que ouvi dizer, sempre carregava uma quantia que pareceria importante a um homem dessa classe. É possível que algumas pessoas desconfiem de quem é o culpado, mas nos círculos em que ela se movia é pouco provável que alguém fale, a não ser que veja nisso vantagem. Convivendo com o tipo de gente com quem convivia, não é de admirar que tenha tido tal fim.

A isso nada pude responder. O inspetor pediu-me que voltasse na manhã seguinte às nove horas, pois até lá já teria conversado com o “cavalheiro da fotografia”; depois um policial nos conduziria ao necrotério, para vermos o cadáver.

– E quanto ao enterro?

– Se, depois de identificarem o corpo, os senhores o reclamarem como amigos da morta, estando dispostos a fazer frente às despesas do enterro, a necessária autorização lhes será dada.

– Posso garantir-lhe que mr. Darrell e eu gostaríamos de ter essa autorização o mais depressa possível.

– Compreendo perfeitamente. É um fato muito triste, e é preferível que a pobre mulher descanse em paz sem demora. Isto me faz lembrar que tenho aqui o cartão de um agente funerário

que arranjará tudo com presteza e a preços razoáveis. Vou escrever uma linha, para que ele lhes dê o máximo de atenção.

Tinha eu certeza de que o digno inspetor ia ganhar sobre isso uma comissão, mas agradeci-lhe calorosamente e, depois de ele me ter acompanhado até a porta com mostras de grande consideração, fui procurar o endereço indicado. O agente era vivo e eficiente. Escolhi um caixão, nem o mais barato nem o mais caro, e aceitei o seu oferecimento de me encomendar duas ou três coroas num florista seu conhecido – “para poupar a monsieur um dever penoso e em homenagem à morta”, disse ele – e combinei para o carro fúnebre estar no necrotério no dia seguinte, às duas horas. Não pude deixar de admirar a eficiência do homem quando me assegurou que não precisaria ter trabalho de procurar uma sepultura; ele faria tudo que fosse necessário; e “provavelmente madame era protestante”, de modo que, se eu assim o desejasse, providenciaria para que um pastor estivesse à espera no cemitério, para ler o ofício dos mortos. Mas, sendo eu um desconhecido, e estrangeiro, tinha eu certeza de que eu não me ofenderia se me pedisse um cheque adiantado. Disse uma cifra maior do que eu esperara, pensando naturalmente que eu iria pechinchar, mas percebi no seu rosto uma expressão de surpresa, talvez mesmo de decepção, quando puxei meu livro de cheques e enchi um, sem hesitar.

Tomei quarto num hotel e no dia seguinte voltei à delegacia. Fizeram-me esperar durante algum tempo; vieram depois dizer-me que podia entrar no gabinete do chefe. Vi Larry, sério e tristonho na cadeira onde eu me sentara na véspera. O inspetor cumprimentou-me alegremente, como se fôssemos velhos companheiros.

– Bom, *mon cher monsieur*, seu amigo respondeu a todas as perguntas que era de meu dever fazer-lhe. Não tenho motivo para duvidar de sua afirmação, que há dezoito meses não vê a pobre mulher. Prestou conta, de maneira que me satisfez, dos seus atos na semana passada, tendo também explicado a razão de ter sido a sua fotografia encontrada no quarto da vítima. Foi tirada em

Dinard e aconteceu tê-la no bolso, num dia em que almoçaram juntos. De Sanary deram-me ótimas informações desse rapaz; além do mais, digo-o sem vaidade, considero-me bom juiz das criaturas; estou convencido de que seria incapaz de cometer um crime dessa natureza. Ousei dar-lhe os meus pêsames pelo fato de ter uma sua companheira de infância, educada com todas as vantagens de uma sadia vida de família, tido fim tão lamentável. Mas é assim a vida. E agora, prezados senhores, um dos meus homens os acompanhará ao necrotério; depois de terem identificado o cadáver, poderão dispor do seu tempo à vontade. Desejo-lhes um bom almoço. Tenho aqui um cartão do melhor restaurante de Toulon; vou apenas escrever uma linha, para que o *patron* os trate com a máxima consideração. Uma garrafa de vinho lhe fará bem, depois de tão desagradável acontecimento.

O homem desmanchava-se agora em amabilidades. Fomos a pé até o necrotério, acompanhados de um polícia. O movimento ali era dos maiores. Apenas um corpo, numa das mesas. Aproximamo-nos e o encarregado lhe descobriu a cabeça. Espetáculo em nada agradável. A água do mar alisara os cabelos platinados agora colados ao crânio. Rosto terrivelmente intumescido, horrível de se ver; mas não havia dúvida de que era Sophie. O empregado abaixou o lençol para exhibir aquilo que teríamos preferido não ter visto, o pavoroso corte no pescoço, indo de orelha a orelha.

Voltamos para a delegacia. O inspetor-chefe estava ocupado, mas dissemos ao seu auxiliar o que tínhamos que dizer; ele nos deixou na sala, voltando dali a pouco com os documentos necessários, que fomos levar ao agente funerário.

– Vamos agora tomar qualquer coisa – sugeri.

Larry não pronunciara uma palavra desde que tínhamos saído da delegacia para o necrotério, a não ser quando lá voltamos, para declarar que identificava o corpo como sendo o de Sophie Macdonald. Levei-o para o cais e sentei-me no café onde me sentara com ela. Soprava um forte mistral e a baía em geral tão lisa estava salpicada de espuma branca. Os barcos de pesca

baloçavam-se suavemente. O sol brilhava esplendorosamente e, como sempre acontece quando há mistral, todos os objetos pareciam mais nítidos, como se fossem vistos através de lentes admiravelmente focalizadas. Emprestava uma vitalidade latejante, enervante, a tudo que a gente via. Tomei conhaque com soda, mas Larry não tocou no que eu encomendara para ele. Continuou em tristonho silêncio, que eu não quis perturbar.

Mais tarde consultei o relógio.

– É melhor irmos comer qualquer coisa – disse eu. – Temos que estar no necrotério às duas horas.

– Estou com fome; não tomei nada de manhã. Achando, pela aparência do inspetor, que ele devia saber onde se comia bem, levei Larry ao restaurante por ele indicado.

Como Larry raramente provava carne, encomendei uma omelete e lagosta grelhada; pedi em seguida a lista dos vinhos, escolhendo, ainda a conselho do inspetor, um vinho velho de boa qualidade.

Quando veio a garrafa, enchi o copo de Larry.

– Com os diabos, beba um pouco – disse eu. – Talvez lhe dê um pouco mais de assunto.

Ele me atendeu obedientemente.

– Shri Ganesha costumava dizer que o silêncio também é conversa – murmurou.

– Isto faz lembrar uma alegre reunião social dos mui intelectuais lentes da Universidade de Cambridge.

– Infelizmente acho que você terá que aguentar sozinho as despesas do enterro – disse Larry. – Não tenho dinheiro.

– Estou de pleno acordo – respondi. Nisso percebi o verdadeiro significado de suas palavras. – Não me diga que você fez mesmo o que disse que ia fazer?

Ele não respondeu imediatamente. Notei o brilho caçoísta do seu olhar.

– Você não dispôs de sua fortuna? – perguntei.

– Até o último níquel, com exceção do necessário para me aguentar até o meu vapor chegar.

– Que vapor?

– O dono do bangalô pegado ao meu, em Sanary, é agente, em Marselha, de uma linha de vapores de carga, que vão do Oriente Próximo para Nova York. Mandaram-lhe um cabograma, de Alexandria, dizendo que tinham sido obrigados a deixar lá dois marinheiros doentes, que vinham para Marselha, e pediram-lhe que arranjasse dois substitutos. Ele é meu camarada e me prometeu que eu seria um deles. Vou dar-lhe o meu velho Citroën, como presente de despedida. Ao chegar a bordo não terei nada mais que as roupas do corpo e algumas coisas que vou levar numa maleta.

– Bom, o dinheiro é seu. Você é maior e livre.

– Livre exprime bem. Nunca me senti mais feliz nem mais independente em toda a vida. Ao chegar a Nova York terei o meu ordenado, viverei com isso até arranjar emprego.

– E o seu livro?

– Oh! está pronto e impresso. Fiz uma lista das pessoas a quem quero que sejam enviados exemplares, e você deve receber um deles dentro de um ou dois dias.

– Obrigado.

Não tínhamos muita coisa para dizer e terminamos a refeição em agradável silêncio. Pedi café. Larry acendeu o cachimbo e eu um cigarro. Fitei-o, pensativo. Ele sentiu o meu olhar e me relanceou o seu, onde havia um fulgor brejeiro.

– Se está com vontade de dizer que sou um idiota, não faça cerimônia. Não me importo, absolutamente.

– Não, não tenho essa vontade. Estou apenas imaginando se sua vida não teria seguido um curso mais normal se você se tivesse casado e tido filhos como todo mundo.

Ele sorriu. Devo ter comentado pelo menos vinte vezes a beleza do seu sorriso, tão natural, confiante e doce, refletindo a candura, a sinceridade de sua ótima índole; mas faço-o novamente, pois agora, além de tudo isso, havia nele um quê de terno e melancólico.

– É tarde demais para isso. A única mulher com quem poderia ter me casado foi a coitada da Sophie.

Fitei-o, atônito.

– Você ainda diz isso, depois de tudo o que aconteceu?

– Sophie tinha uma bela alma – ardente, sonhadora e generosa. Seus ideais eram sinceros. Houve mesmo uma trágica nobreza na maneira com que procurou a destruição.

Fiquei em silêncio, sem saber o que dizer a tão estranhas afirmações.

– Por que motivo não se casou com ela?

– Era uma criança. Para ser franco, quando eu ia até a casa do seu avô para lermos poesia, juntos, sob o olmo, nunca me ocorreu que naquela menina magricela existisse a semente da beleza espiritual.

Estranhei que neste momento ele não mencionasse Isabel. Afinal de contas, tinham sido noivos. Mas talvez considerasse o episódio como tolice, sem consequência, de duas crianças que não tinham sabido o que queriam. Estava eu certo de que nunca lhe passara pela cabeça que Isabel se consumia de amor por ele.

Estava na hora. Fomos a pé até o largo onde Larry deixara o seu carro, agora bem surrado, e dirigimo-nos para o necrotério. O agente funerário cumpriu a sua palavra. A eficiência com que tudo foi feito, sob aquele céu brilhante, com o vento forte a dobrar os ciprestes no cemitério, acrescentou uma nota ainda mais trágica aos acontecimentos. Depois de tudo terminado, o homem nos apertou cordialmente a mão.

– Bom, cavalheiros, espero que estejam satisfeitos. Correu tudo muito bem.

– Muito bem – concordei.

– Monsieur não se esqueça de que estou sempre à sua disposição, se precisar dos meus serviços. Distância não é obstáculo.

Agradei-lhe. Ao chegarmos ao portão do cemitério, Larry perguntou-me se eu precisava dele para mais alguma coisa.

– Não.

- Gostaria de voltar para Sanary o mais depressa possível.
- Deixe-me no meu hotel, sim?

Não trocamos uma palavra durante o trajeto. Quando chegamos, desci. Apertei-lhe a mão e ele seguiu o seu caminho. Paguei a conta, apanhei minha maleta e tomei um táxi até a estação. Também eu desejava partir.

3

Dias mais tarde segui para a Inglaterra. Minha intenção era ir diretamente, mas depois do que acontecera eu fazia questão de ver Isabel; resolvi, portanto, passar vinte e quatro horas em Paris. Telegrafei perguntando se poderia vê-la de tarde e ficar para o jantar. Ao chegar a meu hotel encontrei um bilhete seu, dizendo que ela e Gray iam jantar fora, mas que teria muito prazer em receber-me se eu não fosse antes das cinco e meia, pois tinha hora marcada na costureira.

Fazia frio e de vez em quando caía uma pancada forte, de modo que achei que Gray não teria ido jogar golfe em Mortefontaine. Isso não me convinha, pois desejava ver Isabel a sós; mas assim que cheguei ao apartamento ela me contou que Gray fora jogar bridge no clube.

– Disse-lhe que não viesse muito tarde, se quisesse estar com você. Só vamos jantar às nove, o que quer dizer que não precisamos chegar lá antes de nove e meia, de modo que temos bastante tempo para conversar. Tenho muita coisa para lhe contar.

Eles tinham sublocado o apartamento, e a venda dos objetos de Elliott devia realizar-se dali a quinze dias. Querendo estar presente, iam passar alguns dias no Ritz.

Embarcariam depois para a América. Isabel pretendia vender tudo, a não ser os quadros modernos que Elliott tivera em sua casa de Antibes. Embora não os apreciasse grandemente, achava, e com razão, que iriam dar valor ao seu futuro lar.

– Pena o coitado do tio Elliott não ter sido mais adiantado. Picasso, Matisse e Ronault, você sabe. Creio que seus quadros são bons, até certo ponto, mas receio que vão parecer um tanto fora de moda.

– Se eu fosse você, não me preocuparia com isso, Isabel. Outros pintores daqui a alguns anos, e Picasso e Matisse não parecerão mais modernos do que os seus impressionistas.

As negociações de Gray estavam quase concluídas; com o capital fornecido por Isabel ele ia entrar, como vice-presidente, num negócio que estava em pleno desenvolvimento – qualquer coisa relacionada com petróleo. Iam morar em Dallas.

– A primeira coisa que faremos será procurar uma casa. Quero um bom jardim, para Gray ter com que se distrair quando voltar do trabalho, e eu preciso de uma sala bem grande para poder receber.

– Não sei por que não leva a mobília de Elliott.

– Não creio que ficasse bem. Quero tudo moderno, talvez com qualquer coisa de mexicano aqui e ali, para dar uma nota diferente. Assim que chegar a Nova York, vou procurar saber quem é o decorador da moda.

Antoine, o criado, entrou com uma bandeja cheia de garrafas. Com o seu tato habitual, não ignorando que quase todos os homens estão convencidos de que sabem preparar um coquetel melhor do que qualquer mulher (e com razão), Isabel me pediu que fizesse a mistura. Verti o gim e o Noilly-Prat, e acrescentei uma gota de absinto que transforma o corriqueiro martíni seco em bebida pela qual os deuses do Olimpo indubitavelmente teriam abandonado o néctar do seu fabrico – bebida essa que sempre imaginei muito parecida com Coca-Cola. Ao entregar a Isabel o seu coquetel, notei um livro sobre a mesa.

– Olá, o livro de Larry – exclamei.

– Sim, chegou hoje de manhã. Mas tenho andado tão ocupada, tinha mil coisas para fazer antes do almoço, e ainda ia almoçar fora, e à tarde tinha que experimentar o meu vestido em Molyneux, que não sei quando poderei lê-lo.

Pensei com amargura que um escritor passa meses escrevendo um livro, pondo talvez nele seu coração e seu sangue, e depois ele fica jogado sobre uma mesa, para ser lido quando a pessoa não tiverem nada de melhor para fazer. Era um volume de trezentas páginas, bem impresso e bem encadernado.

– Com certeza você sabe que Larry passou em Sanary todo inverno? Viu-o, por acaso? – perguntou-me Isabel.

- Sim, estivemos juntos, um dia destes, em Toulon.
- Verdade? O que foram fazer lá?
- Enterrar Sophie.
- Ela morreu? – exclamou Isabel.
- Se não tivesse morrido, não haveria razão para a enterrarmos.
- Não acho graça. – Isabel fez uma pequena pausa. E depois:
 - Não vou fingir que sinto a sua morte. Resultado de álcool e drogas, com certeza.
 - Não; foi degolada e atirada no mar completamente nua.
- Assim como o *brigadier* de St. Jean, não resisti à tentação de exagerar um pouco a sua nudez.
 - Que horror! Coitadinha. Claro que com a vida que levava tinha que acabar mal.
 - Foi o que o *comissaire de police* de Toulon disse.
 - Sabem quem é o culpado?
 - Não; mas eu sei. Acho que foi você quem a matou. Isabel lançou-me um olhar admirado.
 - O que é que você está dizendo? – Depois, com a sombra de um sorriso: – Adivinhe novamente; tenho um ótimo álibi.
 - Encontrei-me com ela, em Toulon, no verão passado. Tivemos uma longa conversa.
 - Estava sóbria?
 - Mais ou menos. Contou-me como fora que desaparecera tão estranhamente dias antes da data marcada para o casamento.
- Notei que o rosto de Isabel enrijeceu. Continuei a falar, contando-lhe exatamente o que Sophie me contara. Ela ouvia com ar cauteloso.
 - Tenho refletido muito sobre essa história e, quanto mais reflito, mais convencido fico de que há nela qualquer coisa de esquisito. Almocei aqui vinte vezes, e ao almoço nunca você serviu licores. Você almoçara sozinha naquele dia. Por que motivo estaria uma garrafa de zubrovka na bandeja do café?
 - O tio Elliott acabara de mandar-me. Eu queria ver se era mesmo tão gostoso como me parecera no Ritz.

– Sim, agora me lembro do seu entusiasmo. Fiquei admirado; e mais ainda porque você nunca toma licor

– zela demais pela sua silhueta para arriscar-se a isso. Minha impressão foi que você estava tentando Sophie. Achei que era pura maldade.

– Agradecida.

– Em geral você é muito pontual. Por que teria saído de casa quando estava esperando Sophie para uma coisa tão importante para ela, e tão interessante para você, como a última prova de um vestido de casamento?

– Ela mesma lhe disse. Eu estava preocupada com os dentes de Joan. Nosso dentista tem enorme clientela e tive que aceitar a hora que ele me deu.

– Quando uma pessoa vai ao dentista, em geral já marca hora para a próxima vez.

– Realmente. Mas ele me telefonou de manhã, dizendo que precisava mudar minha hora e perguntando se eu poderia ir naquela tarde, às três; e eu, naturalmente, não quis perder a ocasião.

– A governanta não poderia ter levado Joan?

– Ela estava com medo, a coitadinha; eu sabia que ficaria mais contente se eu fosse.

– E você não ficou admirada quando voltou e viu a garrafa de zubrovka pela metade, tendo Sophie desaparecido?

– Julguei que se cansara de esperar e fora sozinha a Molyneux. Fiquei sem saber o que pensar, quando lá me disseram que ela não aparecera.

– E o zubrovka?

– Pois bem, notei que grande parte sumira; pensei que Antoine o tivesse bebido e quase lhe falei sobre isso, mas ele era pago pelo tio Elliott e era amigo de Joseph, de modo que achei melhor ignorar o fato. É um ótimo empregado e, se de vez em quando toma um traguinho, que mal há nisso?

– Como você é mentirosa, Isabel.

– Não acredita em mim?

– Absolutamente.

Isabel levantou-se e foi para perto da lareira. O fogo estava aceso, o que era agradável em dia tão sombrio. Ela apoiou o braço no beiral, numa atitude graciosa, que um dos seus maiores dons lhe permitia assumir sem que parecesse intencional. Como muitas senhoras francesas para o seu tipo, e naquela ocasião estava com um vestido de elegante simplicidade que realçava a elegância da sua silhueta. Tirou uma baforada do cigarro.

– Não há motivo para eu não ser franca com você – disse ela.
– Foi uma pena eu ter que sair e naturalmente Antoine não devia ter deixado o licor e o café na sala. Quando voltei e vi a garrafa quase vazia, percebi naturalmente o que acontecera; e quando Sophie não apareceu mais, achei que tinha caído na farrá. Não disse nada a Larry porque ele já estava preocupado e isso iria aborrecê-lo mais ainda.

– Tem certeza de que a garrafa não ficou ali por expressa ordem sua?

– Tenho.

– Não acredito.

– Pois então não acredite! – Isabel atirou furiosamente o cigarro no fogo; seus olhos estavam negros de cólera.

– Pois bem, se quer saber a verdade, saiba-a e vá para o inferno! Fiz de propósito e tornaria a fazê-lo. Não se lembra então que eu disse que estava disposta a tudo para impedir que ela se casasse com Larry? Você não queria fazer nada, nem tampouco Gray. Apenas encolhiam os ombros e diziam que era um grande erro. Vocês não ligavam a mínima. Eu ligava.

– Se você a tivesse deixado em paz ela ainda estaria viva.

– E casada com Larry, que seria profundamente infeliz. Ele pensou que pudesse regenerá-la. Que idiotas são os homens! Eu sabia que cedo ou tarde ela cairia novamente. Isto saltava aos olhos. Você mesmo deve ter notado como estava nervosa no almoço do Ritz. Percebi que você a observava, quando ela tomou o café; estava tão trêmula que teve que segurar a xícara com as duas mãos. Viu como olhava o vinho, quando o garçom nos

servia? Seguia a garrafa com aqueles seus pavorosos olhos aguados, como uma serpente a acompanhar os movimentos de uma franguinha nova; e eu teria jurado que ela venderia a alma por um trago.

Isabel estava agora de frente para mim; seus olhos chispavam de cólera, sua voz era dura, áspera. As palavras não lhe saíam com a rapidez desejada.

– A ideia me ocorreu quando o tio Elliott fez tamanho escarcéu sobre aquela maldita bebida polonesa. Achei-a péssima, mas fingi que era a coisa mais deliciosa deste mundo. Tinha certeza de que, se Sophie pilhasse uma oportunidade, não saberia resistir-lhe. Foi por isso que a levei ao desfile de modelos. Foi por isso que lhe ofereci o vestido de casamento. Naquele dia da última prova eu disse a Antoine que queria tomar zubrovka depois do almoço. Avisei-o que estava esperando uma senhora, recomendando-lhe que lhe pedisse que esperasse por mim e lhe oferecesse café e, caso ela tivesse vontade, um cálice de licor. Levei realmente Joan ao dentista, mas claro que não tínhamos hora marcada e ele não pôde atender-nos, de modo que fomos a um cinema. Eu estava resolvida, se Sophie não tivesse tocado na bebida, a me conformar e procurar ser sua amiga. Juro que é verdade. Mas, quando cheguei em casa e vi a garrafa, compenetrei-me de que agira acertadamente. Ela sumira e eu estava pronta a apostar fosse o que fosse que sumira de uma vez.

Isabel parou, ofegante.

– Foi mais ou menos o que imaginei – disse eu. – Vê, pois, que eu tinha razão; você é tão responsável pela sua morte como se tivesse empunhado a faca que lhe cortou o pescoço.

– Ela era má, má, má. Estou contente por saber que morreu. – Isabel atirou-se numa cadeira. – Dê-me um coquetel, e vá para o inferno.

Levantei-me e preparei outro coquetel.

– Você é um miserável – disse ela ao agarrar o copo. Depois permitiu que um sorriso lhe aflorasse aos lábios. Sorriso de criança que sabe que foi travessa, mas que acha que com o seu encanto

pode desarmar qualquer um. – Você não contará a Larry, não é mesmo?

– É coisa que nunca me passaria pela cabeça.

– Jura? Os homens são tão pouco dignos de confiança!

– Prometo-lhe que não. Mas, mesmo que quisesse contar, não teria oportunidade, pois creio que nunca mais tornarei a vê-lo.

Ela endireitou-se na cadeira.

– O que está dizendo?

– Neste momento Larry está num cargueiro, como marujo ou como estivador, a caminho de Nova York.

– Não me diga! Estranha criatura! Esteve aqui há algumas semanas, para ver na Biblioteca Pública qualquer coisa que se relacionava com o seu livro, mas nada disse sobre a ida à América. Boa notícia; quer dizer que podemos vê-lo de vez em quando.

– Duvido. A América de Larry estará tão distante da sua como o deserto de Gobi.

Contei-lhe então o que havia ele feito e o que pretendia ainda fazer. Isabel ouviu-me boquiaberta. Na sua fisionomia estava estampada a consternação. De vez em quando me interrompia com uma exclamação: “Ele está louco. Ele está louco”. Quando terminei ela abaixou a cabeça e duas lágrimas correram-lhe pelas faces.

– Agora, sim, de fato o perdi.

Virou a cabeça e, encostando a face no espaldar da cadeira, chorou. Seu belo rosto estava contorcido por uma dor que ela não se dava ao trabalho de ocultar. Eu nada podia fazer. Não sei que vãs, que contrastantes esperanças ela acalentara, que as minhas notícias vinham agora esfacelar. Ocorreu-me vagamente que o fato de vê-lo de vez em quando, de saber que ele pertencia ao seu mundo, fora para Isabel um elo, embora frágil, que com o seu procedimento Larry finalmente quebrara, de modo que ela agora se sentia para sempre despojada. Que vão arrependimento a afligiria? Far-lhe-ia bem chorar. Apanhei o livro de Larry e examinei o índice. Meu exemplar não havia ainda chegado quando eu saíra da Riviera e só me seria dado vê-lo dali a muitos dias. Não era

absolutamente o tipo de livro que eu esperara. Coleção de ensaios mais ou menos do mesmo tamanho dos de Lytton Strachey em *Eminent Victorians*, sobre pessoas famosas. A escolha de Larry deixou-me perplexo. Havia um de Sila, ditador romano que, tendo conseguido o poder absoluto, abdicou para levar vida retirada; um de Akbar, conquistador mongol, que obteve um império; um de Rubens, um de Goethe e um sobre Lord Chesterfield das *Cartas*. Claro que cada um desses ensaios o obrigara a enorme esforço de leitura e não me admirei de Larry ter levado tanto tempo para escrever o seu livro, mas não vi razão para ter achado que valia a pena dedicar-lhe tanto tempo, nem para estudar especialmente aqueles homens. Depois me ocorreu que à sua maneira cada um deles tinha tido imenso sucesso na vida e pareceu-me que fora isso que interessara Larry. Ele ficara curioso para ver qual fora, no fim, o resultado.

Virei uma página para ver como escrevia. Estilo caprichado, mas claro e fluente. Nada da pretensão e pedantismo que tantas vezes caracterizam a obra do amador. Via-se que frequentara os melhores autores com a mesma assiduidade com que Elliott frequentara a alta sociedade. Um suspiro de Isabel interrompeu-me. Ela endireitou-se na cadeira e com uma careta terminou o coquetel, agora morno.

– Se eu não parar de chorar, meus olhos vão ficar pavorosos, e hoje temos que jantar fora. – Tirou um espelho da bolsa e examinou ansiosamente o rosto. – Sim, meia hora de descanso com uma bolsa de gelo sobre os olhos é do que estou precisando. – Empoou o rosto e avivou os lábios. Depois me fitou pensativa. – Você vai ficar com pior opinião de mim por causa disto?

– Você se importaria?

– Por mais estranho que lhe pareça, sim, eu me importaria. Quero que você pense bem de mim.

Dei uma risada.

– Querida, sou uma criatura muito imoral – respondi.

– Quando gosto realmente de uma pessoa, embora deplore seus atos maus, nem por isso deixo de gostar dela. Você no fundo não

é má, e é graciosa e sedutora. Não aprecio menos a sua beleza pelo fato de saber quanto ela deve à feliz combinação de um gosto perfeito e uma vontade de ferro. Você só carece de uma coisa para ser com pletamente encantadora.

Ela sorriu e esperou.

– Meiguice – terminei.

O sorriso gelou nos seus lábios e ela me atirou um olhar que nada tinha de suave; mas, antes que pudesse voltar a si e dar-me uma resposta, Gray entrou pesadamente na sala. Naqueles três anos vividos em Paris, Gray engordara consideravelmente, seu rosto tornara-se mais vermelho, os cabelos mais raros, mas ele estava muito bem de saúde e deveras animado. Mostrou sincero prazer ao ver-me. A conversa de Gray era composta de clichês. Por mais surrados que fossem, pronunciava-os com a evidente convicção de que era a primeira pessoa a pensar neles. Gray nunca ia para a cama, e sim para os braços de Morfeu, onde pretendia dormir o sono dos justos; se estava chovendo, chovia canivetes; e até o fim Paris foi para ele a Cidade-Luz. Mas era tão bondoso, desprendido, correto e digno de confiança, tão simples, que era impossível a gente não gostar dele. Eu sentia verdadeira afeição por Gray. Estava excitado com a próxima partida.

– Céus, vai ser bom recomeçar a trabalhar – disse ele.

– Já estou de novo sentindo o gostinho da luta.

– Está então tudo decidido?

– Ainda não assinei na linha de pontinhos, mas está no papo.

O rapaz com quem vou entrar foi meu companheiro de quarto no colégio, e é um sujeito igual; tenho certeza de que não me faria uma ursada. Mas, assim que chegar a Nova York, vou de avião para o Texas, para examinar de perto o negócio; ficarei de olhos abertos, antes de espirrar os cobres de Isabel, para ter certeza de que ali não há dente de coelho.

– Saiba que Gray é um bom negociante – disse-me Isabel.

– Não nasci ontem – sorriu ele.

Começou a falar, um tanto longamente, sobre o negócio em que ia entrar; mas pouco entendo desses assuntos e o único fato

concreto que percebi foi que ia ter oportunidade de ganhar muito dinheiro. Interessou-se tanto pelo que dizia, que dali a pouco se voltou para Isabel:

– Escute aqui, por que não damos o fora nessa droga de festa e não vamos a um jantar correto, nós três, no Tour d’Argent?

– Oh! meu bem, não podemos fazer uma coisa dessas. A festa é em nossa honra.

– Além do mais, agora já eu não poderia ir – interrompi. – Quando soube que vocês estavam comprometidos para esta noite, telefonei a Suzanne Rouvier e combinamos sair juntos.

– Quem é Suzanne Rouvier? – perguntou Isabel.

– Uma das garotas de Larry – respondi para troçar com ela.

– Sempre desconfiei que Larry tivesse uma loirinha escondida em algum canto – disse Gray com a risada gostosa dos gordos.

– Tolice – disse bruscamente Isabel. – Conheço toda a vida sexual de Larry. Não existe.

– Bom, vamos então tomar mais um drinque, antes de nos separarmos – sugeriu Gray.

Foi o que fizemos; depois me despedi. Acompanharam-me até o vestíbulo; enquanto eu vestia o sobretudo, Isabel enfiou o braço no do marido e, aconchegando-se a ele, fitou-o com expressão que imitava perfeitamente a meiguice que eu a acusara de não ter.

– Diga-me, Gray – com toda a franqueza –, acha que sou dura?

– Não, querida, pelo contrário. Por quê? Alguém andou dizendo isso?

– Não.

Isabel virou o rosto de forma a não ser vista por ele e, em mímica que Elliott teria certamente achado muito pouco elegante, mostrou-me a língua.

– Não é a mesma coisa – murmurei quando saí, fechando a porta atrás de mim.

5

Continuei a ver Suzanne Rouvier de tempos em tempos, até que uma inesperada mudança na sua condição de vida a obrigou a sair de Paris, e também ela desapareceu da minha vida. Certa tarde, mais ou menos dois anos depois dos acontecimentos que acabo de relatar, após ter passado uma hora agradável examinando livros nas galerias do Odéon, não tendo nada que fazer no momento, resolvi visitar Suzanne. Fazia seis meses que não a via. Ela abriu a porta, de palheta na mão e pincel entre os dentes, metida num avental manchado de tinta.

– *Ah, c'est vous, cher ami. Entrez, je vous en prie.* Fiquei admirado com essa cerimoniosa maneira de me receber, pois geralmente nos tratávamos por *tu* e não por *vous*, mas entrei no aposento que servia tanto de sala como de estúdio. Vi uma tela no cavalete.

– Estou tão ocupada que nem sei para onde me virar; mas sente-se, que continuarei a trabalhar. Não posso perder um só momento. Você talvez não acredite, mas vou fazer, sozinha, uma exposição em Meyerheim e preciso aprontar trinta quadros.

– Em Meyerheim? Ótimo! Mas como foi que o conseguiu? Minha surpresa era justificada, pois Meyerheim não é um desses intermediários da Rue de Seine que têm uma lojinha sempre na iminência de fechar, por falta de dinheiro para o aluguel. Meyerheim tem uma bela galeria do lado endinheirado do Sena e sua reputação é internacional. O artista que conta com sua proteção está a caminho da fortuna.

– Monsieur Achille trouxe-o para ver os meus trabalhos e ele acha que tenho muito talento.

– *À d'autres, ma vieille* – repliquei, e creio que para isso a melhor tradução seria: “Vá contar isso ao bispo, menina”.

Ela me olhou de soslaio e riu baixinho.

– Vou casar-me.

– Com Meyerheim?

– Não seja idiota. – Suzanne largou a palheta e dos pincéis e disse: – Trabalhei o dia todo e mereço descansar um pouco. Vamos tomar um cálice de Porto que lhe contarei tudo como foi.

Uma das características menos agradáveis da vida na França é a gente correr o risco de ter que aceitar um avinagrado vinho do Porto nas horas mais impróprias. A gente tem que se resignar. Suzanne foi buscar uma garrafa e dois cálices, encheu-os e sentou-se com um suspiro de alívio.

– Estou de pé há horas e minhas varizes estão doendo. Pois bem, eis o que aconteceu. A esposa de monsieur Achille morreu no princípio deste ano. Era boa mulher e boa católica, mas não foi um casamento de amor, e sim de interesse; embora a estimasse e respeitasse, seria exagero dizer que a viuvez o deixou inconsolável. Seu filho está casado e vai indo bem na firma; agora a filha ficou noiva de um conde, belga, é verdade, mas autêntico, que tem um belo castelo nas vizinhanças de Namur. Monsieur Achille achou que sua pobre esposa não havia de querer que a felicidade de duas pessoas fosse adiada por sua causa, de modo que, apesar do luto, o casamento se realizará assim que terminarem os arranjos financeiros. Claro que monsieur Achille vai sentir-se muito só naquela casa de Lille, e precisará de uma mulher, não somente para zelar pelo seu conforto, como para dirigir a casa de acordo com a sua posição. Em resumo, pediu-me para tomar o lugar de sua pobre esposa, pois, como ele muito bem disse, “Casei-me da primeira vez para eliminar a competição entre duas firmas rivais e disso não me arrependo, mas não vejo razão para não me casar da segunda pelo meu prazer pessoal”.

– Parabéns – disse eu.

– Claro que vou sentir falta da minha liberdade; aproveitei-a bastante. Mas a gente tem que pensar no futuro. Cá entre nós, não me importo de lhe confessar que já passei dos quarenta. Monsieur Achille está numa idade perigosa; onde iria eu parar se de repente ele se lembrasse de correr atrás de uma mocinha de vinte anos? Além do mais, tenho que pensar na minha filha. Está

com dezesseis anos e promete ser tão bonita como o pai. Dei-lhe uma boa educação, mas não adianta a gente querer tapar o sol com uma peneira; ela não tem talento para ser artista, nem temperamento para ser uma mundana como sua pobre mãe. Digame, então: qual o seu futuro? Um lugar de secretária ou um empreguinho no Correio. Generosamente, monsieur Achille concordou em que ela venha morar conosco e prometeu dar-lhe um belo dote, para que possa fazer um bom casamento. Creia-me, amigo, os outros podem dizer o que quiserem, mas o casamento continua sendo a melhor profissão para a mulher. Claro que, estando em jogo o futuro de minha filha, eu não podia deixar de aceitar a proposta, muito embora sacrificando certos prazeres que, à medida que os anos forem passando, terei mais dificuldade em obter. Sim, senhor, pois faço questão de lhe dizer que depois de casada pretendo ser de uma virtude a toda prova (*d'une vertu farouche*), pois a longa experiência me ensinou que a melhor garantia de felicidade, no casamento, é a fidelidade mútua.

– Sentimento muito nobre, minha bela – disse eu. – E monsieur Achille continuará fazendo suas visitas quinzenais a Paris?

– *Oh la la*, por quem me toma, queridinho? A primeira coisa que eu disse a monsieur Achille, quando pediu a minha mão, foi: “Escute aqui, meu bem, quando você vier a Paris, para as suas reuniões de diretoria, fica desde já assentado que eu também virei. Não vou deixá-lo solto aqui sozinho”. E ele respondeu: “Espero que você não pense que vou fazer loucuras na minha idade”. “Monsieur Achille”, repliquei, “você é um homem ainda em pleno vigor, e ninguém melhor do que eu conhece o seu temperamento apaixonado. Você tem um belo físico e um ar distinto; tem tudo para agradar a uma mulher. Em resumo, acho preferível que não se exponha à tentação.” Finalmente ele concordou em dar seu lugar na diretoria ao filho que virá a Paris no lugar do pai. Monsieur Achille fingiu que me achava desarrazoada, mas na realidade ficou muitíssimo lisonjeado. –

Suzanne soltou um suspiro satisfeito. – A vida seria dura para nós, pobres mulheres, se não fosse a incrível vaidade dos homens.

– Tudo isto é muito bonito, mas qual a relação com a sua exposição em Meyerheim?

– Você está hoje um pouco obtuso, amigo. Não lhe estou dizendo, há anos, que monsieur Achille é um homem muito inteligente? Tem que pensar em sua posição, e o povo de Lille é exigente. Monsieur Achille quer que eu tome na sociedade o lugar que, como esposa de um homem importante, terei o direito de ocupar. Você sabe como são esses provincianos; gostam de meter o nariz nos negócios dos outros e a primeira coisa que vão perguntar será: Quem é Suzanne Rouvier? Pois bem, terão a sua resposta. É a distinta pintora que, em recente exposição na Galeria Meyerheim, obteve extraordinário e merecido sucesso. “Com a coragem que caracteriza nossas mulheres francesas, madame Suzanne Rouvier, viúva de um oficial do Exército colonial, com o seu talento durante anos sustentou-se a si e à sua encantadora filha prematuramente privada da proteção do pai, e é com prazer que anunciamos que breve o público terá ocasião de apreciar a delicadeza das suas pinceladas, e a firmeza da sua técnica, nas galerias do sempre perspicaz monsieur Meyerheim.”

– Que baboseira é essa? – perguntei, subitamente alerta.

– Isto, meu caro, é a antecipada propaganda que monsieur Achille está fazendo. Aparecerá em todos os jornais importantes da França. Ele foi admirável. Os termos de Meyerheim são onerosos, mas monsieur Achille aceitou-os como se fossem uma bagatela. Haverá *champagne d’honneur* no *vernissage* e o ministro da Educação, que deve favores a monsieur Achille, inaugurará a exposição com um eloquente discurso, no qual fará elogiosas referências às minhas virtudes como mulher e ao meu talento como artista, e terminará participando que o estado, cujo dever e privilégio é recompensar o mérito, comprou um de meus quadros para a coleção nacional. Toda Paris comparecerá; Meyerheim se encarregou pessoalmente dos críticos. Garantiu-me que as notícias serão não somente favoráveis, mas extensas. Os pobres coitados

são tão mal remunerados que é uma caridade dar-lhes oportunidade de ganhar um pouco por fora.

– Você merece tudo isso, querida. Sempre foi boa pessoa.

– *Et ta soeur* – replicou ela, que é intraduzível. – Mas ainda não acabei. Monsieur Achille comprou em meu nome uma vila na costa de St. Rafael, de modo que tomarei meu lugar na sociedade de Lille não somente como conhecida artista, mas como pessoa de recursos. Daqui a dois ou três anos ele pretende aposentar-se; iremos então viver na Riviera como gente fina (*comme des gens bien*). Ele poderá remar no mar e pescar camarões, ao passo que eu me dedicarei à minha arte. Venha agora ver os meus quadros.

Havia anos que Suzanne estava pintando, tendo-se servido nas escolas de todos os seus amantes para chegar a um estilo próprio. Continuava não sabendo desenhar, mas adquirira boa noção de colorido. Mostrou-me paisagens que pintara durante as visitas feitas à mãe, na província de Anjou, trechos dos jardins de Versailles e da floresta de Fontainebleau, cenas de rua que lhe tinham chamado a atenção nos subúrbios de Paris. Sua pintura era vaporosa e impalpável, mas tinha uma graça leve e até mesmo uma certa despreocupada elegância. Houve um quadro que me agradou e, achando que ela ia ficar satisfeita, ofereci-me para comprá-la. Não me lembro se se chamava *Clareira na Floresta* ou *Echarpe Branca* e um exame posterior me deixou até hoje na incerteza. Perguntei o preço, que achei razoável, e disse que ficaria com o quadro.

– Você é um anjo! – exclamou Suzanne. – Minha primeira venda. Claro que só poderá retirá-lo depois da exposição, mas farei com que os jornais deem a notícia de que foi comprado por você. Afinal de contas, um pouco de publicidade não lhe fará mal. Estou satisfeita por você ter escolhido este; acho que é um dos melhores. – Apanhou um espelho e examinou o reflexo do quadro. – Tem encanto – continuou, apertando os olhos. – Isso ninguém pode negar. E esses verdes... que riqueza e que delicadeza! E aquela nota branca no meio, um verdadeiro achado; finaliza a

obra, dá-lhe distinção. Ali há talento, disso não há dúvida; verdadeiro talento.

Vi que Suzanne estava bem adiantada no caminho que trilham os pintores profissionais.

– E agora, queridinho, já tagarelamos bastante; tenho que continuar a trabalhar.

– E eu tenho que ir caminhando.

– A propósito, o coitado do Larry ainda está lá no meio dos peles-vermelhas?

Sim, era dessa maneira desrespeitosa que habitualmente ela se referia aos habitantes do País Dileto de Deus.

– Sim, pelo que me consta.

– Deve ser duro para pessoa tão meiga e delicada como ele. Se formos acreditar no cinema, a vida lá deve ser terrível, com todos aqueles *gangsters* e *cowboys* e mexicanos. Não digo que os *cowboys* não tenham certa atração física que bole com a gente. *Oh la la!* Mas parece que é *perigosíssimo* uma pessoa aventurar-se nas ruas de Nova York sem um revólver no bolso.

Ela me acompanhou até a porta e beijou-me em ambas as faces.

– Passamos horas agradáveis juntos. Guarde de mim uma boa recordação.

6

Aqui termina a minha história. Não tive mais notícias de Larry nem esperei tê-las. Já que geralmente ele cumpria o que dizia, acho provável que, ao chegar à América, tenha arranjado emprego numa garagem, indo depois guiar um caminhão até ficar conhecendo, como queria, a pátria da qual se ausentara durante tantos anos. É bem possível que tenha, depois, posto em prática a louca ideia de se tornar chofer de táxi; verdade que foi apenas uma sugestão atirada a esmo através de uma mesa de café, mas não me admiraria se a levasse a cabo – e em Nova York nunca tomei um táxi sem relancear o olhar para o chofer, na esperança de encontrar o sorriso grave e os olhos encovados de Larry. Rebentou a guerra. Ele já não estaria em idade de voar, mas é provável que se pusesse de novo a guiar um caminhão, em sua pátria ou fora dela; ou talvez esteja trabalhando numa fábrica. Apraz-me supor que, nas horas de lazer, ele esteja escrevendo um livro, no qual procurará registrar seja o que for que a vida lhe ensinou, e também a mensagem que deseja transmitir a seus semelhantes: assim sendo, talvez ainda demore a terminá-lo. Tem muito tempo, pois nele os anos não deixaram marca, e para todos os efeitos Larry ainda é um moço.

Não tem ambição, nem desejo de se tornar célebre; distinguir-se aos olhos do público lhe seria sumamente desagradável; é, portanto, admissível que se contente em levar a vida que escolheu e ser apenas ele mesmo. É excessivamente modesto para se patentear como exemplo aos olhos dos outros: mas é possível que julgue que algumas almas indecisas – para ele atraídas como mariposas para a chama – chegarão, com o tempo, a compartilhar de sua maravilhosa crença de que a verdadeira felicidade só pode ser encontrada nas coisas do espírito, e que esteja convencido de que, trilhando com abnegação e renúncia o caminho da perfeição,

está praticando o bem tão positivamente como se estivesse escrevendo livros ou discursando a multidões.

Mas tudo isso são hipóteses. Sou desta terra, e terrestre; é-me apenas dado admirar o esplendor de tão rara criatura; não posso assumir-lhe a personalidade e devassar-lhe a alma, como às vezes creio poder fazer com pessoas mais parecidas com o comum dos homens. Conforme o seu desejo, Larry incorporou-se naquela tumultuosa conglomeração de criaturas entregues a interesses tão contraditórios, perdidas na confusão do mundo, tão amantes do bem, tão arrogantes na aparência, tão tímidas no íntimo, tão boas, tão duras, tão confiantes e tão desconfiadas, tão mesquinhas e tão generosas, que formam o povo dos Estados Unidos. É só o que posso dizer dele; reconheço que é muito pouco satisfatório; o que posso eu fazer?... Mas, ao terminar este livro com a incômoda sensação de que tenho que deixar o meu leitor no ar, e não vendo maneira de evitar o mal, percorri com os olhos do espírito esta minha longa narrativa, a ver se poderia ter inventado melhor fim, e com surpresa verifiquei que, sem a menor intenção, eu não escrevera nada mais nada menos que uma história de sucessos. Sim, pois todas as pessoas de quem me ocupei conseguiram o que almejavam: Elliott, prestígio social; Isabel, boa posição, garantida por sólida fortuna, numa comunidade ativa e culta; Gray, um emprego certo e bem remunerado, com um escritório onde pode trabalhar das nove às seis, todos os dias; Suzanne Rouvier, segurança; Sophie, a morte; e Larry, a felicidade. E, por mais desdenhosas que sejam as críticas dos intelectuais, nós, o público, no fundo do coração, amamos uma história que acaba bem. Donde se conclui que talvez o meu final não seja assim tão pouco satisfatório.

Suplemento de leitura

O fio da navalha – somerset maugham

O fio da navalha é um romance atípico na obra de Somerset Maugham. Aliás, o autor começa o livro dizendo que não se trata de uma obra de ficção, mas que de fato tudo aquilo teria acontecido. Publicado em 1944, portanto ainda durante a Segunda Guerra Mundial, é provável que com isso Maugham quisesse dar um aspecto de documento à história visivelmente pacifista que criara.

O livro descreve a crise que Larry, um piloto militar americano que atuou durante a Primeira Guerra Mundial, vive. Desiludido e traumatizado, ele resolve afastar-se da vida comum para procurar autoconhecimento e paz espiritual. Para isso, desiste de um emprego e do casamento e viaja para a Europa. Depois de um período de boemia, em que convive com algumas pessoas pouco convencionais, conhece um monge beneditino que o convence a ir para a Índia, onde vive então diversas aventuras espirituais. De volta a Paris, em uma cena surpreendente e muito inspirada, Larry discute com o próprio autor várias questões sobre a vida, o

Oriente, a paz interior. No final, uma série de acontecimentos faz com que o destino reserve a cada personagem uma circunstância compatível com suas atitudes. As pessoas parecem viver conforme suas ações, o que renova a esperança de Somerset Maugham, mesmo em um momento crítico da história, no ser humano. *O fio da navalha*, portanto, confirma seu lugar de grande escritor humanista.

I – Texto

Larry, a personagem principal, aparece depois de algumas dezenas de páginas. No início, já dentro do romance, o que lemos é uma espécie de confissão do autor, que afirma ter sentido grande apreensão em todo o processo de redação. O autor aparece em alguns outros momentos do livro. Com isso, ele tenta fazer seu livro não parecer um romance, mas sim quase uma narrativa historiográfica, ou talvez biográfica. Dadas essas afirmativas, as suas impressões de leitura e mais a informação de que *O fio da navalha* foi publicado em 1944, responda às questões a seguir:

1. Por que Somerset Maugham acha que o livro seria mais eficaz ao não se parecer com um romance?
2. O procedimento de confundir o autor com o narrador torna, na sua opinião, a história mais verossímil?
3. Na sua opinião, um documento histórico seria mais eficaz que um romance para passar uma mensagem pacifista?

Ao ser apresentado ao leitor, Larry é mostrado como uma pessoa exótica e pouco convencional, talvez até um equivocados. Depois, essa descrição muda com o decorrer do livro. Faça uma lista de cinco adjetivos com que Larry é descrito no início, e depois mais cinco com os que o qualificam no final.

Na segunda parte do livro, Larry e Isabel discutem sobre literatura e filosofia. Pode-se dizer que os dois têm uma visão oposta do ato de ler. Qual seria a visão de Larry? E a de Isabel? A certa altura, Isabel faz uma observação incisiva para Larry, reproduzida a seguir:

“Larry, se você não possuísse um níquel, mas tivesse um emprego que lhe rendesse três mil dólares por ano, eu não hesitaria em me casar com você. Eu cozinaria, arrumaria as camas, pouco me importaria com vestidos, faria qualquer sacrifício e acharia tudo divertidíssimo, pois estaria certa de que seria apenas uma questão de tempo, até você acabar vencendo. Mas isso que você quer significa viver miseravelmente, sordidamente, a vida inteira, sem uma esperança pela frente. Eu seria uma escrava até o dia da minha morte. E para quê? Para que você pudesse passar anos procurando respostas a perguntas que você mesmo considera insolúveis. Está errado. Um homem tem que trabalhar. É para isso que está no mundo. É assim que ele contribui para o bem-estar da comunidade.” Você concorda com a visão de mundo e de vida dela?

Justifique sua resposta.

Na trama do livro, o autor distingue claramente o Oriente do Ocidente e reserva a cada um desses espaços geográficos diferentes visões de mundo. Que visões são essas? Por que Larry encontra no Oriente o que precisava para sua vida?

Na parte 3, ficamos sabendo que o autor/narrador passou dez anos sem contato com Larry. Nesse intervalo, muita coisa mudou. Liste algumas dessas alterações e justifique por que ele se diz tão mais feliz agora.

No trecho a seguir, é possível encontrar algumas passagens que demonstram a ascensão social da personagem Isabel. Selecione ao menos três dessas passagens.

“No dia seguinte ao de minha chegada, telefonei a Isabel perguntando se podia ir tomar uma xícara de chá em sua companhia, às cinco horas. Fazia dez anos que não a via. Quando o circunspecto mordomo me introduziu na sala, ela estava lendo um romance francês. Levantou-se, tomou-me ambas as mãos, recebendo-me com um sorriso caloroso e amável. Em toda a minha vida eu não a vira mais que uma dúzia de vezes, e apenas duas a sós, mas ela me fez, imediatamente, sentir como se fôssemos velhos amigos e não apenas conhecidos. Os dez anos decorridos haviam diminuído o abismo que separara a mocinha do homem maduro, e eu já não sentia a disparidade de idade entre nós. Com a lisonjeira delicadeza de uma dama da sociedade, tratou-me como se eu fosse seu contemporâneo, e dali a cinco minutos tagarelávamos com a naturalidade e franqueza de companheiros habituados a um convívio diário. Ela adquirira desembaraço, domínio sobre si e segurança.”

A passagem a seguir é uma das últimas do livro. Leia-a e depois responda às perguntas.

“Não tem ambição, nem desejo de se tornar célebre; distinguir-se aos olhos do público lhe seria sumamente desagradável; é, portanto, admissível que se contente em levar a vida que escolheu e ser apenas ele mesmo.”

Qual a vida que Larry escolheu?

Contando todos os acontecimentos, é possível dizer que ele foi bem-sucedido?

II – Linguagem

O trecho a seguir apresenta frases na ordem direta, redigidas com clareza e objetividade. Ele corresponde ao estado de espírito da personagem. Que estado de espírito é esse e por que ele exige uma estrutura assim?

“Comentaram o último escândalo. Reduziram os amigos à expressão mais simples. Citaram grandes nomes a torto e a direito. Pareciam íntimos de todo mundo. Não havia segredo que

desconhecessem. Quase no mesmo fôlego, falaram da peça teatral da moda, da costureira da moda, do pintor da moda, da última amante do ministro da moda. Era de se pensar que não havia o que elas ignorassem. Isabel escutava deliciada. Tudo aquilo lhe parecia maravilhosamente civilizado. Aquilo, sim, era vida. Experimentou a emoção de quem sente que está compartilhando de coisas de interesse. Aquilo era real. O cenário, perfeito.”

A metalinguagem caracteriza-se pela utilização do discurso para refletir sobre o próprio discurso. É possível dizer que esse é um dos principais recursos utilizados por Somerset Maugham em *O fio da navalha*. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta.

III – Redação

No trecho a seguir, não sem certa ironia, o narrador descreve como seria a casa de Isabel, que se tornara uma senhora com preocupações burguesas. Ele fala de jantares e festas de debutantes. Baseando-se nele, escreva uma narração contando como poderia ser um desses jantares ou dessas festas. Caracterize as personagens conforme você imagina o ambiente descrito por Maugham.

“A sala de jantar é provavelmente de tamanho adequado aos almoços que senhoras como ela dão frequentemente, e onde o vinho é bom e a comida excelente. Isabel aprendeu muito em Paris. Não se instalaria na casa, a não ser que de relance tivesse visto que o *living* serviria perfeitamente para as festas de debutantes que ela teria prazer em dar quando suas filhas ficassem mais velhas.”

IV – Pesquisa

Na parte 3 do livro, Maugham faz uma afirmação forte: “No dia 23 de outubro de 1929 deu-se o pânico na Bolsa de Nova York”. Pesquise o que foi esse acontecimento histórico e o resuma em uma ou duas páginas.

Pode-se dizer que Larry é de alguma forma uma pessoa traumatizada por sua experiência na guerra. A violência de conflitos armados costuma deixar muitos traumas nas pessoas que participam direta ou indiretamente deles. Pesquise quais podem ser alguns desses traumas e liste seus sintomas. O livro *Um soldado brasileiro no Haiti* pode dar bons subsídios.

V – Atividade interdisciplinar

O centro da trama de *O fio da navalha* são os traumas causados pela Primeira Guerra Mundial. Apesar de ter ficado menos famosa que a segunda, essa guerra foi também muito violenta e deixou um grande número de vítimas. Com a ajuda do seu professor de história, redija uma cronologia dessa guerra com os principais acontecimentos, os países envolvidos, as batalhas mais importantes e os eventos finais.

VI – Sugestões de leitura

Hesse, Herman. *O lobo da estepe*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
Maugham, Somerset. *Um gosto e seis vinténs*. Rio de Janeiro: Record, Altaya, 2000.

VII – Sugestão de filmes

O fio da navalha, de Edmund Goulding, 1946.
O fio da navalha, de John Byrum, 1984.
Na natureza selvagem, de Sean Penn, 2007.